

JOSUÉ DE CASTRO:

O SOCIÓLOGO DA FOME

Autor: Renato Carvalheira do Nascimento

Dissertação apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília /UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Brasília, outubro de 2002

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Dissertação de Mestrado

**JOSUÉ DE CASTRO:
O Sociólogo da Fome**

Autor: Renato Carvalheira do Nascimento

Orientadora: Doutora Maria Francisca Pinheiro Coelho (UnB)

Banca:

**Prof. Doutor Brasilmar Ferreira Nunes (UnB)
Prof(a). Doutora Anna Maria de Castro (UFRJ)
Prof(a). Doutora Maria Angélica Madeira
(Suplente/ UnB)
Prof. Doutor Roberto Sabato Cláudio Moreira
(Suplente/UnB)**

À

**André, Gil, Elimar, Maria Cristina e
Janaina, razões da minha e à Érika
Soares do Nascimento *in memoriam*.**

Agradecimentos

Trabalho de pesquisa apoiado pela CAPES durante dois anos que me proporcionou condições mínimas para se realizar com pleno êxito a dissertação. Agradecimentos institucionais também ao Centro Josué de Castro, em nome de Arlindo Soares, e à FAO, representação no Brasil, em especial à Hilda Guimarães que contribuiu enormemente para a atualização dos números da fome no País.

Agradeço também a todos os que de forma direta ou indireta me deram apoio e assim fizeram deste projeto uma realidade: aos amigos Francisco Kaq, que me orientou na biblioteca do Senado; Cristian Lira; Nildo Luzio; Carlos Henrique Araújo; aos colegas da Sociologia; aos professores Brasilmar F. Nunes, Roberto Sabato C. Moreira, Stela Porto, Carlos Benedito, Bárbara Freitag, Christiane Girard e Sadi del Rosso.

Agradecimentos mais que especiais a Elimar Pinheiro do Nascimento, que além de ter me dado um apoio paterno e amigo também foi, é e será o meu grande professor; à minha mãe querida Maria Cristina Pinto Carvalheira do Nascimento, que com sua arte tanto me inspirou; ao meu irmão André Carvalheira do Nascimento, que com sua imaginação "cinematográfica" tanto me motivou; à minha amada Janaina Sabino de Oliveira, que com seus "toques atonais" tanto me enriqueceu; à Mariza Veloso, minha primeira orientadora; à Maria Francisca Pinheiro Coelho, quem aceitou continuar minha orientação; ao professor José Drummond pela tradução; ao Chiquinho, que em muito me ajudou na formação de minha biblioteca acadêmica; à professora Fátima do Ministério da Saúde, que clareou a atual política na área de alimentação; à Sílvio Tandler e seu maravilhoso vídeo *Josué de Castro: cidadão do mundo*; à Maria Clara Dourado, pelo apoio bibliográfico; à Anna Maria de Castro, pela atenção e carinho; à Tânia Elias Magno da Silva pelo grande apoio e incentivo e, por fim, à Francisco de Assis França, mais conhecido como Chico Science (*in memoriam*), quem me deu a inspiração inicial para a escolha de se trabalhar com Josué de Castro.

RESUMO

Esta dissertação visa elucidar o pensamento de Josué Apolônio de Castro (1908-1973), intelectual pernambucano, reconhecido nacional e internacionalmente pelos seus estudos sobre a problemática da fome. A abordagem utilizada na construção da biografia de Castro procura dialogar com temas e autores das Ciências Sociais.

Nesse sentido, o pensamento sociológico de Josué de Castro sobre a fome, seu principal tema, foi desenvolvido com base em três eixos: a *vida*, a *obra* e a *atualidade*. Por meio do método biográfico se buscou compreender a trajetória de vida do autor que abrange desde sua infância nos bairros pobres de Recife até o exílio em Paris, quando vem a falecer em 1973. Sua obra é analisada partindo dos temas e métodos que caracterizam os aspectos principais de seu pensamento, dando origem, assim, a uma Sociologia da Fome. Já a atualidade do autor é analisada quando se compara seus conceitos às reflexões sobre o desenvolvimento, exclusão e representação social, e a incidência da fome no Brasil.

Assim, a recuperação da trajetória intelectual de Josué de Castro e da sua temática central evidencia a necessidade que se tem de retomar, no debate sociológico, temas recorrentes para a melhor compreensão da realidade brasileira. Conhecer Josué de Castro significa, portanto, decodificar a lógica do fenômeno social da fome que aniquila milhares de seres humanos no mundo a cada minuto.

ABSTRACT

This dissertation examines the writings and ideas of Josué Apolônio de Castro (1908-1973), a Brazilian intellectual born in the state of Pernambuco, nationally and internationally renowned for his studies about the problem of hunger. The approach used in the construction of Castro's biography includes a dialogue with topics and authors of the Social Sciences.

In this sense, this investigation of Castro's sociological reflection about hunger, his major topic, followed three pathways: his *life*, his *work* and the *contemporary nature* of his views. Using the biographical method, the trajectory of the author was examined, from his childhood in the poor neighborhoods of Recife to his exile in Paris and passing away, in 1973. His works are analyzed from the perspective of the topics and methods which characterize the main aspects of his thought, giving rise to a Sociology of Hunger. The contemporary nature of the author is analyzed by comparing his concepts with the more general reflections about development, social exclusion and representation, and the occurrence of hunger in Brazil.

Thus, the retrieval of Castro's intellectual trajectory and of his central topic shows how important it is to make the sociological debate focus on recurrent topics, so that the Brazilian reality can be better understood. Therefore, to understand Castro is to decode the logic of the social phenomenon of hunger, which kills thousands of human beings all over the world by the minute.

RESUMÉ

Cette recherche a pour but d'essayer de comprendre la pensée de Josué Apolônio de Castro (1908-1973), intellectuel né dans l'État de Pernambuco, connu nationalement et internationalement à travers ses études sur la problématique de la faim. L'approche de la biographie de Castro essaye de dialoguer avec les thèmes et les auteurs de la Science sociale.

Dans ce sens, la pensée sociologique de Josué de Castro sur la faim, son principal thème, a été développée sur trois axes: la vie, l'œuvre et l'actualité. Par la méthode biographique, l'étude a cherché à raconter la trajectoire de la vie de l'auteur dès l'enfance dans les quartiers pauvres de Recife jusqu'à son exil à Paris, quand il est décédé en 1973. Son œuvre est analysée à partir des thèmes et méthodes qui caractérisent les principaux aspects de sa pensée, en faisant surgir, ainsi, une Sociologie de la faim. L'actualité de l'œuvre de l'auteur est mise en évidence à travers ses concepts par rapport aux réflexions sur le développement, l'exclusion et la représentation sociale et la permanence de la faim au Brésil.

Ainsi l'étude de la trajectoire intellectuelle de Josué de Castro et de son thème central rend évident la nécessité de reprendre, dans le débat sociologique, le thème de la faim pour mieux comprendre la réalité brésilienne. Connaître Josué de Castro signifie, donc, décoder la logique du phénomène social de la faim qui tue des milliers d'êtres humains dans le monde à chaque minute.

SUMÁRIO

Lista de Siglas / IX

Lista de Figuras / XI

Lista de Tabelas / XII

Introdução / 01

CAPÍTULO I - Construindo um Método Biográfico / 19

- 1.1. Distinguindo conceitos / 19
- 1.2. Origem e evolução / 23
- 1.3. O método biográfico e a Sociologia / 28
- 1.4. O caso de Josué de Castro / 33

CAPÍTULO II - Trajetória de Josué de Castro / 36

- 2.1. A infância / 36
- 2.2. A formação em medicina / 40
- 2.3. O reconhecimento em Recife / 44
- 2.4. O recomeço e a consagração no Rio de Janeiro / 50
- 2.5. O Auge: Geografia e Geopolítica da Fome / 62
- 2.6. O Político / 72
- 2.7. Um homem expatriado / 82

CAPÍTULO III - A Sociologia de Josué de Castro / 88

- 3.1. O caráter humanista / 93
- 3.2. Por uma medicina social / 95
- 3.3. A fome como fenômeno social / 98
- 3.4. O pensamento de esquerda / 103
- 3.5. A questão do subdesenvolvimento / 107
- 3.6. A dualidade como instrumento de interpretação do Brasil / 111
- 3.7. Crítica à Robert Malthus e a seus discípulos / 115
- 3.8. Uma nova abordagem metodológica / 118
- 3.9. Ecologismo como novo modelo de civilização / 124
- 3.10. A forma ensaística / 128

CAPÍTULO IV - A Atualidade do Pensamento de Josué de Castro / 134

- 4.1. Para um desenvolvimento mais humano / **137**
- 4.2. Números da fome no Brasil de hoje / **139**
- 4.3. Fome e exclusão social / **148**
- 4.4. Representação social dos famintos / **152**

Considerações Finais / 158

Bibliografia / 162

Anexo

Obras de Josué de Castro / 174

- 1. Livros / **174**
- 2. Estudos e publicações em co-autoria e/ou coletâneas / **175**
- 3. Prefácios de livros / **176**
- 4. Projetos e relatórios / **177**
- 5. Artigos produzidos e/ou publicados / **178**
- 6. Poesias / **190**
- 7. Discursos, declarações, reportagens, entrevistas, debates, conferências, manifestos e mensagens / **190**
- 8. Obras inacabadas e/ou planejadas / **200**

Lista de Siglas

ASCOFAM	Associação Mundial de Luta Contra a Fome
BEMFAM	Sociedade Civil para o Bem-Estar
CAPES	Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior
CEBRAP	Centro Brasileiro de Análise e Pesquisa
CGT	Confederação Geral do Trabalhadores
CID	Centre International pour le Developpement
CNA	Centro Nacional de Alimentação
CNRS	Centre National des Recherches Scientifiques
DHS	Pesquisas de Demografia e Saúde
FAO	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FINFi	Faculdade Nacional de Filosofia
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FUB	Fundação Universidade de Brasília
ENDEF	Estudo Nacional Demográfico e Familiar
IBASE	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IBESP	Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Políticos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INAN	Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição

IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IRFED	Institut International de Recherche et de Formation Education Développement
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
LBA	Legião Brasileira de Assistência
MIT	Massachutes Institut of Tecnology
MS	Ministério da Saúde
OIT	Organização Intemacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPENO	Operação Nordeste
PDS	Partido Democrático Social
PNDS	Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde
PNSN	Pesquisa Nacional de Saúde
PNUD	Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC	Pontificia Universidade Católica
SAPS	Serviço de Alimentação da Previdência Social
SESI	Serviço Social da Indústria
SNA	Serviço Nacional de Alimentação
STAN	Serviço Técnico de Alimentação Nacional
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UNE	União Nacional dos Estudantes

Lista de Figuras

- Figura 1 **Porcentagem de Energia Requerida relacionada à Taxa de Crescimento / 143**
- Figura 2 **Evolução da Prevalência Ponderal em Crianças Menores de 5 Anos por Grandes Regiões. Brasil, 1975, 1989 e 1996 / 145**
- Figura 3 **Evolução da Prevalência de Déficit Estatural em Crianças Menores de 5 Anos por Grandes Regiões. Brasil, 1975, 1989 e 1996 / 146**
- Figura 4 **Evolução da Prevalência de Déficit Estatural em Crianças Menores de 5 Anos, segundo Estratos Urbanos e Rurais, por Grandes Regiões. Brasil, 1975, 1989 e 1996 / 147**
- Figura 5 **Distribuição de Renda 1992 e 1999 / 149**

Lista de Tabelas

Tabela 1	Taxas da Incidência da Pobreza no Brasil, 1996 / 140
Tabela 2	Expectativa de Vida ao Nascer 1991-2000 / 141
Tabela 3	Mortalidade Infantil por Regiões do Brasil (taxa por 10.000 nascidos) 1992, 1997 e 1999 / 141

INTRODUÇÃO

Num dia chuvoso de setembro de 1973, sob o discurso inflamado de Barbosa Lima Sobrinho, é enterrado, no cemitério carioca São João Batista, sem grandes cerimônias oficiais, Josué Apolônio de Castro. Sendo apenas mencionado por alguns jomais da época, não poderíamos imaginar que estávamos perdendo, naquele dia, o maior teórico e pensador que o Brasil já conhecera com relação à questão da fome. Talvez até o maior teórico da fome do mundo, sendo respeitado e aclamado lá fora pelos inúmeros países que visitou: China, México, Itália, França, Suíça, Suécia, Estados Unidos, Canadá, ex-União Soviética, entre outros.

✓ Foi um dos autores brasileiros mais renomados internacionalmente. Seu reconhecimento se traduziu nos prêmios que recebeu, sendo dois dos principais o Prêmio Roosevelt da Academia de Ciência Política dos E.U.A, em 1952, e o Prêmio Internacional da Paz da ex-U.R.S.S, em 1954. Significando, com isso, a sua grande importância e respeito dados tanto pelo capitalismo quanto pelo chamado bloco socialista.

✶ Já nacionalmente não teve tanta sorte assim. Com o regime militar, implantado em abril de 1964, quando tinha 56 anos, foi exilado, morrendo em virtude dessa separação abrupta de sua casa, de seu País.

O combate à fome, durante toda sua vida, foi palco de suas preocupações. Tomou-o como verdadeira missão a cumprir em vida! Procurou vários caminhos entre a arte, a Ciência e a política para desvendar e dar soluções a esse mistério que tanto o assolava: como e por que tantas pessoas passam fome no mundo? Ao eleger o tema como seu principal objeto de estudo, Castro nota que a fome é considerada um verdadeiro “tabu” na sociedade contemporânea, ocidental e urbana.

É chocante a exigüidade da bibliografia mundial sobre o assunto, em contraste com a abundância de livros e artigos publicados sobre outros temas de importância social bem mais secundária. Quais as razões ocultas desta quase abstenção de nossa cultura em abordar o problema da fome, em estudá-lo mais a fundo, não só em seu aspecto estrito de sensação – impulso e instinto que têm

servido de força motriz à evolução da humanidade – como em seu aspecto mais amplo, de calamidade universal? (1968b: 46).

Para ele vários fatores estariam ligados a essa “conspiração do silêncio” em torno da questão. O principal deles obedeceria a um princípio de ordem moral. Assim como o sexo, a fome nos causa uma certa repulsão, pois está ligada aos instintos mais primitivos do homem, um “instinto primário”, contrário a nossa cultura racionalista que procura por todos os meios impor o predomínio da razão sobre os instintos¹. Era o que Freud também percebia quando falava sobre a questão do sexo em nossa sociedade, isto é, um tabu que moldava fortemente comportamentos individuais, trazendo grandes influências sobre o meio social. Como diria Câmara Cascudo, sintetizando o assunto, em sua obra *História da Alimentação no Brasil*, “*toda a existência humana decorre do binômio Estômago e Sexo. A Fome e o Amor governam o mundo*” (1983: 21).

Castro observava, também, que a própria ciência e a técnica ocidental não se mostravam dispostas para tratar do fenômeno da fome, já que não se sentiam “*à vontade para confessar abertamente o seu quase absoluto fracasso em melhorar as condições de vidas dessas massas esfomeadas e, com seu reticente silêncio sobre o assunto, faziam-se, consciente ou inconscientemente, cúmplices dessa mesma conspiração mental*”. (1968b: 14).

Josué de Castro lutou contra essa “conspiração do silêncio”, mas sofreu muito com ela. Como observa Ronaldo Aguiar, na obra *Pequena Bibliografia Crítica do Pensamento Social Brasileiro*:

Há disponível uma quantidade enorme de artigos, teses e livros sobre determinados pensadores sociais; são os casos, por exemplo, de Euclides da Cunha, Gilberto Freire, Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Silvio Romero e Florestan Fernandes, que mereceram, com razão, extensos estudos sobre os mais diferentes ângulos da sua obra e da sua fortuna intelectual. Em relação a outros, tão ilustres quanto aqueles, a bibliografia existente é lamentavelmente escassa e apresenta grandes lacunas. É o que acontece, por exemplo, com Eduardo Prado, João Francisco Lisboa, Guerreiro Ramos, João Cruz Costa, Roquete-Pinto, Artur Ramos, Manoel Bonfim e Celso Furtado, para citar alguns nomes. Mas o caso de Josué de Castro foi o que mais me chamou a atenção. (2000: 13).

¹ Consultar *Fisiologia dos Tabus* (1939) ou a introdução de *Geopolítica da Fome* (1968b).

Por essa razão e pelo caráter comprometido e acusatório de suas obras, Josué de Castro foi mantido longe do País, a partir de 1964, pelo regime militar. Por esse novo regime, seus livros foram proibidos assim como de outros intelectuais de esquerda. Não interessava para a ideologia desenvolvimentista do regime militar mostrar a verdadeira cara do país ao mundo: a cara da fome. O tema da fome ficou renegado a segundo plano frente a outros, tais como progresso, industrialização e modernização.

Mas, a partir da abertura democrática do país e, principalmente, nos anos 1990 o que se observou foi um crescente interesse pelo autor, tanto no meio acadêmico quanto fora dele, a começar pela divulgação do Mapa da Fome no Brasil em 1993 pelo IPEA. Segundo o estudo, um pouco mais de 32 milhões de brasileiros passavam fome e quase 70% da população não se alimentava suficientemente bem para ter saúde e uma vida digna.

O crescente interesse por Josué de Castro, bem como pelo seu principal tema de estudo, também se deu com o cinquentenário, em 1996, da mais importante obra do autor, *Geografia da Fome*. Ocasão em que diversos artigos publicados nos principais jornais do Brasil.

Outros fatos também demonstram esse crescente interesse pelo autor e a questão da fome: a campanha nacional *Ação da Cidadania Contra a Fome e pela Vida*, iniciada em 1992 e comandada pelo sociólogo Betinho, que tinha Josué de Castro como mestre; o documentário *Josué de Castro: cidadão do mundo* de Silvio Tandler, realizado em 1995; evento promovido em Brasília pelo Governo do Estado de Pernambuco e pelo Governo do Distrito Federal em novembro de 1996 denominado *Homenagem à Josué de Castro/ Cinquentenário de Geografia da Fome*; lançamento dos discos *Da Lama ao Caos* e *Afrociberdelia* pelo grupo musical de Recife, Chico Science e Nação Zumbi, que tratam de questões afins com Josué de Castro, chegando até a citá-lo; o lançamento, em outubro de 1996 pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, do selo comemorativo ao cinquentenário de *Geografia da Fome*; a realização pelo Centro Josué de Castro em Recife, do seminário de comemoração ao cinquentenário de *Geografia da Fome*; o Instituto de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ passou a

ser chamado Instituto de Nutrição Josué de Castro a partir de 1996; a publicação do livro *Fome: uma (Re)Leitura de Josué de Castro* de Rosana Magalhães em 1997; a tese de doutorado *Josué de Castro: Para uma Poética da Fome* defendida em 1998 pela professora Tânia Elias M. da Silva na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo; o lançamento na internet da página www.josuedecastro.com.br pelo Centro Josué de Castro, em Recife, em 1998.

Pode-se até afirmar que esse foi o segundo momento de uma significativa produção literária – e mesmo não literária – objetivando restabelecer a devida importância de Josué de Castro como intelectual brasileiro. O primeiro momento ocorreu a partir do ciclo de estudos sobre o autor ocorrido em Recife, em 1983, promovido pela Academia Pernambucana de Medicina e pela UFPE, ocasião do lançamento do livro *Fome: um tema proibido*, uma coletânea de artigos de Josué de Castro organizado pela filha e socióloga Anna Maria de Castro.

Assim sendo, esta dissertação também se insere nesse segundo momento de recuperação da memória, das idéias, da obra e da vida desse humanista. Parte-se do pressuposto de que se faz mister essa recuperação de Josué de Castro a fim de melhor conhecer um fenômeno fortemente sociológico: a fome. Longe de concluir e finalizar o debate acerca da obra de Josué de Castro – procurar-se-á ajudar na sistematização e mesmo na divulgação de suas idéias.

Apesar desse crescente interesse pelas obras e idéias dele, poucos estudos sistemáticos, abrangentes e profundos se fizeram sobre o autor e principalmente sobre a relação de Josué de Castro com a Sociologia. Em comparação com outros pensadores sociais como Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, como afirmou Ronaldo Aguiar, a produção sobre Josué de Castro é mínima para um autor de tantas profficuas idéias e contribuições para as Ciências Sociais.

Além disso, dentre os autores que trabalharam sobre Josué de Castro, seja do ponto de vista econômico, geográfico, nutricionista seja de outro qualquer, todos² são unânimes: a obra de Castro precisa ser melhor conhecida e estudada e o autor continua sendo uma fonte de idéias para uma questão tão atual quanto a

² Os autores que melhor trabalham com Josué de Castro serão mencionados a seguir.

fome, que ainda assola o Brasil. Fenômeno que é central para se compreender o País em que vivemos, já que ainda é, em parte, um país de famintos³.

Apesar dessa atualidade e da importância de Josué de Castro, o conjunto de sua obra ainda sofre com visões simplificadoras. Como afirma Magalhães (1997), persiste uma tendência – entre aqueles que escreveram sobre o autor, mas que o conhecem apenas superficialmente – a considerar suas obras como uma *“unidade homogênea, uniforme. Nesta visão continuísta, a produção intelectual de Josué de Castro aparece como um progressivo aprofundamento teórico-metodológico em torno da questão da fome, sem rupturas ou momentos de redefinição”* (p. 18).

O que de forma alguma é verdadeiro, pois analisando os diferentes caminhos percorridos pela própria vida de Castro nota-se que muitas vezes hesitou entre a Arte e a Ciência, entre a Ciência e a Política e entre a Política e a clínica médica. Abordando, portanto, a questão da fome não apenas do ponto de vista científico, muito menos seguindo um aprofundamento linear sobre o fenômeno. Algo que Magalhães bem percebe e que será incorporado pela dissertação.

Além da questão da fome, Josué de Castro trabalhou com outros temas. Aliás, dos mais diversos possíveis. O que de imediato já demonstra o seu caráter multidisciplinar e que por ser multidisciplinar implica numa certa dificuldade em se trabalhar com ele, posto que a sistematização de suas idéias tem que passar necessariamente por vários recortes. Seu pensamento está espalhado por inúmeras áreas científicas tais como Fisiologia, Nutrição, Endocrinologia, Medicina, Biologia, Geografia, História, Serviço Social, Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Economia e Relações Internacionais, além da Literatura.

É interessante observar a curiosidade ou a ânsia de conhecimento que Josué de Castro possuía. Dava um enorme valor para a educação. Desde cedo já se interessava por áreas tão diversas como a medicina, em que se formou, a Nutrição, a Saúde Pública, a Psicologia, o Cinema, a Literatura, as Línguas⁴ e

³ São cerca de 53 milhões de pessoas que sofrem do mal da fome (BARROS; HENRIQUES; MENDONÇA, 2001).

⁴ No final de sua vida sabia se comunicar em Italiano, Espanhol, Inglês e Francês.

depois, já mais maduro, migra para as áreas de Geografia, Economia, Antropologia e Sociologia.

Essa noção multidisciplinar ou transdisciplinar ou ainda interdisciplinar está muito presente no autor e se dá antes mesmo da discussão do paradigma do “pensar complexo” de Edgar Morin. Segundo o pensador francês, a Ciência passa por uma crise em seus fundamentos e já não mais se consegue dar respostas aos problemas que nos deparamos. Um desses problemas se refere a questão da separação ou da concepção da especialidade do conhecimento. Na segunda metade do século XX, com o surgimento da ecologia, gerou-se o conceito de ecossistema (diferentes interações entre diferentes seres vivos, animais, vegetais, unicelulares). Essa nova abordagem ecológica se contradiz frontalmente com a idéia, até então prevalecente na Ciência, de separação: para se conhecer era preciso, de acordo com Descartes, separar e sucessivamente resolver problemas por partes. O conhecimento era concebido de forma minuciosa, detalhada e linear.

O que Josué de Castro fez com a questão da fome foi justamente ao contrário. Ele a descontextualizou, retirou a questão do enfoque parcial e miniaturizado em que estava e abriu o fenômeno da fome em diferentes ângulos, detectando-o e articulando-o com a realidade do Brasil país subdesenvolvido ou em vias de desenvolvimento. Representando uma nova abordagem metodológica do autor que já escrevia sobre a fome de forma multidisciplinar a partir dos anos trinta. Uma verdadeira revolução no pensamento, como bem afirma Morin (citado por NASCIMENTO e PENA-VEJA, 1999).

Somente desse exemplo se percebe que através da preocupação principal de Josué de Castro, a erradicação da fome, o autor passou a abordar uma multiplicidade de temas – como veremos mais adiante. Isso leva, de antemão, a maior dificuldade para se trabalhar e entender, como um todo, o pensador pernambucano. Há um conjunto de mosaicos coloridos e multiformes que fazem

- Malaquias Batista Filho, médico com especialidade em nutrição e saúde pública, escreveu artigos e deu importantes depoimentos;
- Flávio Luiz S. Valente também médico de formação e responsável por significativas contribuições na área de Nutrição e Políticas Públicas, sua especialidade, e com importantes depoimentos acerca da obra do autor,
- Herbert de Souza que tem vários artigos sobre o tema fome e ajudou a disseminar as idéias do autor com campanhas nacionais de combate à fome juntamente com as ONGs FASE e Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) responsável pela criação da maior organização de combate à fome atualmente no Brasil: Campanha de Combate à Fome e a Miséria e pela Vida;
- José Arlindo Soares que tem importantes depoimentos a respeito da obra e que durante muitos anos foi diretor do Centro Josué de Castro em Recife, onde estão guardados os arquivos pessoais do autor (cartas, biblioteca do autor, etc.);
- Maria Cecília de Souza Minayo que além de artigos organizou a obra *Raízes da Fome*, que contém incursões no pensamento de Josué de Castro;
- Tânia Bacelar de Araújo que entre artigos e depoimentos escreveu em 2000 *Ensaio sobre o Desenvolvimento Brasileiro*, com o subcapítulo *Relendo Geografia da Fome*;
- Rachel de Queiroz que escreveu artigos sobre Castro além do livro que marcou época, *O Quinze*;
- vários autores do ciclo de estudos e depoimentos sobre Josué de Castro realizados em 1983 pela Academia Pernambucana de Medicina que se encontra em livro⁷;
- vários autores do simpósio comemorativo dos cinquenta anos de Josué de Castro em 1958 realizada pela Associação Mundial contra à Fome (ASCOFAM, seção brasileira) e que resultou na obra *Drama Universal da Fome*;
- a grande maioria dos autores, no entanto, deram rápidas contribuições através de artigos, depoimentos ou apenas rápidas citações, mas com grande

⁷ Consultar a bibliografia sobre o autor.

valia. Entre eles podemos encontrar nomes como Cristovam Buarque, Pearl Burck, John Boyd Orr, Milton Santos, Darcy Ribeiro, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Antonio Cândido, Osvaldo de Andrade, Mário de Andrade, Yves Lacoste, Max Sorre, Ignacy Sachs, Nelson Wemeck Sodré, Jorge Amado, Oswaldo Aranha, Orlando Paraim, Câmara Cascudo, Homero Homem, Barbosa Lima Sobrinho, José Nivaldo, Ronaldo Conde Aguiar, Odile Roulet, Magna Zanoni, entre outros.

Dentre esses nomes, Tânia Elias M. da Silva, Giuseppe di Taranto, Alain Tobelem, Manuel Correia de Andrade e Rosana Magalhães trabalharam sistematicamente e de forma mais aprofundada sobre as idéias de Josué de Castro, do ponto de vista sociológico.

Tânia Silva fez o levantamento mais completo das obras do autor e das obras que tratam sobre ele. Há inclusive uma parte da obra dedicada exclusivamente a questão da Sociologia da Fome em Josué de Castro. Nela a autora faz uma abordagem cronológica das obras que trataram de questões diversas na área da Sociologia.

O segundo autor, Giuseppe di Taranto, dá uma importante contribuição para a questão do desenvolvimento e subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro. Em sua obra também encontra-se um estudo, até então inédito, realizado por Josué de Castro em 1972, no quadro dos trabalhos desenvolvidos pelo Centre International pour le Developpement (CID), denominado *Contribuição ao Estudo da Planificação dos Recursos Humanos para o Desenvolvimento da América Latina*.

Já Alain Tobelem enfatiza a descoberta da fome por Josué de Castro, o caráter acusatório e revelador de sua obra e as soluções que procurou dar para a erradicação desse mal que tem abrangência mundial. Também faz interessantes associações entre o autor e a Sociologia.

Por fim, Manuel Correia de Andrade e Rosana Magalhães não trabalham com o autor de um ponto de vista sociológico, mas trazem importantes contribuições. O primeiro esclarece a influência da Geografia na obra do autor e a

segunda trabalha com a evolução do conceito de fome em Castro, enfatizando a relação entre o biológico e o social.

Estudar Josué de Castro através do método biográfico, em que se analisa a vida, a obra e a atualidade, estando entremeadas pela História e pela Sociologia, é o que se propõe aqui. Sugere-se a organização e a estrutura de análise em três partes: vida do autor, obra e atualidade, estando todas elas entremeadas pela História e pela Sociologia. Parte-se da hipótese, portanto, que o método biográfico aplicado em Josué de Castro se compreende melhor a partir dessa divisão: vida, obra e atualidade.

A primeira parte, que trata da vida de Josué de Castro, foi trabalhada por alguns autores: Manoel Correia de Andrade, Maria Yeda Linhares, Giuseppe di Taranto e Tânia Elias M. da Silva, sendo a biografia desta última a mais completa. Uma vida marcada por vários fatos, mas que nem tudo pode ser contemplado. Tudo o que ocorreu com Josué de Castro não é de interesse da Sociologia nem da própria biografia. Segundo Sérgio Paulo Rouanet uma boa obra biográfica não é aquela que busca a *“reconstituição exaustiva de uma vida a partir da soma de todos os acontecimento que a compõem”* e sim aquela *“que elege os mais expressivos e os ordena de modo mais coerente”* (1993: 390).

Uma coerência em que os elementos dispostos convergem para os temas e interesses das Ciências Sociais. Assim, na pesquisa aqui realizada tanto a vida do autor quanto a obra buscam uma aproximação com a Sociologia. Dialogam com essa área do conhecimento.

Ainda sobre a vida do autor, parte-se da hipótese de que Josué de Castro recebeu influências da infância que o perseguirão para o resto da vida e que se tomaram bases de sua personalidade e de sua obra sociológica. A infância foi uma fase da vida marcante, ao ponto de escolher o tema da fome a partir das experiências que sofreu no bairro da Madalena em Recife, sua cidade natal.

Não foi na Sorbonne, nem em qualquer outra universidade sábia, que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife”, na lama dos mangues da capital pernambucana, “fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos

de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. Seres anfíbios, habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. (1968e: 12).

Outros dois traços marcantes foram também a separação dos pais e o fato de ser filho único. Acontecimentos que lhe causaram um enorme sentido de independência, vendo-se desde cedo obrigado a ajudar a mãe que ganhava poucos recursos como professora secundária.

Como não poderia deixar de ser, Josué de Castro, como bom nordestino, sempre teve contato com o cristianismo, ou melhor, com preceitos cristãos, apesar de nunca ter sido um grande devoto. Marcado pela pobreza, fome e miséria desenvolveu valores ligados à ética cristã, como a solidariedade, amor ao próximo, compaixão, caridade etc. Valores não apenas pregados nos discursos e obras de Josué de Castro, mas plenamente exercido durante sua vida inteira como médico, membro da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), professor, cientista e político. O que se chama simplesmente de humanismo, que reflete em seu pensamento como uma "medicina social".

A sua formação em medicina representou uma grande luta que teve o apoio fundamental tanto do pai, que o patrocinou, quanto da mãe, que sempre o motivou para os estudos.

Já um pouco mais adulto aproximou-se da esquerda, chegando a se eleger pelo PTB, em duas eleições, como deputado federal por Pernambuco. Uma escolha que o fez sofrer quando do golpe de Estado em 1964 pelos militares. Além disso, a aproximação com a esquerda o levou também a uma aproximação com o marxismo.

Por fim, ao final de sua vida recebe a notícia que não poderia voltar ao país e instala-se em Paris. Três cidades marcam profundamente Josué de Castro tanto por laços afetivos quanto por profissionais, a saber: Recife, Rio de Janeiro e Paris. É o triângulo que se fecha: Recife por ser sua cidade natal, Rio de Janeiro por ser a cidade em que conseguiu se firmar como profissional além de ser a cidade em que seus filhos nasceram e, por fim, Paris por ter sido a cidade que o acolheu.

Durante toda sua vida Josué de Castro formou uma rede de relações extremamente complexa. Transitando pela política, ciência e mesmo a arte.

Fazendo amigos e inimigos, sempre deixando a marca de um grande pensador, firme em suas convicções. Essa rede de relações do autor se estabeleceu principalmente nessas três cidades, o que implica na importância em mapear o “campo intelectual” e “campo político” da época em que Josué de Castro viveu, enfocando principalmente o Brasil, país em que mais tempo permaneceu.

Com relação à obra, algumas questões são consideradas chaves no entendimento do pensamento desse intelectual que tanto contribuiu para o Pensamento Social Brasileiro. São elas: quais são os temas tratados e as ideologias da obra e do pensamento do autor? Quais são as principais características e categorias de seu pensamento, ou melhor, o núcleo teórico e metodológico do que permite compreender a obra como um todo? Duas questões que preenchem uma maior: quais são as principais idéias e contribuições que oferece para a ciência ou qual a contribuição dada para a Sociologia?

As idéias de Josué de Castro já possuem um certo mapeamento, mas ainda apresentam lacunas, o que é absolutamente normal diante de uma obra tão vasta e multidisciplinar como foi a do autor.

Dentre essas lacunas, considera-se que uma importante diz respeito aos pressupostos metodológicos e teóricos que estão presentes na maioria dos temas trabalhados por Josué de Castro. Compreendendo esses pressupostos tem-se uma melhor noção do que está nas entrelinhas da obra do autor ou do que está subjacente ao discurso dele. Categorias quase sempre expressas ou latentes nos textos do teórico da fome.

Em Josué de Castro, os pressupostos teóricos e metodológicos se fazem compreender pela sua Sociologia da Fome, composta pelas seguintes categorias fundantes: o caráter humanista de sua obra; idéia de uma medicina social e de cura da sociedade; o pioneirismo ao focar a fome como fenômeno social; o pensamento esquerda e a teoria marxista; a questão do subdesenvolvimento tão discutida a partir dos anos 50; a dualidade como instrumento de interpretação do Brasil; a crítica à Robert Malthus e a seus discípulos; nova abordagem metodológica; a questão ecológica; por fim, a forma ensaística de expressão de suas idéias.

Esses elementos que compõem sua Sociologia da Fome constituem uma outra hipótese da dissertação, uma forma, entre outras, de se compreender o autor, que durante toda sua vida sempre se envolveu com vários temas:

- Arte, quando escreveu ainda muito jovem sobre o cinema e mais tarde quando escreve o romance *Homens e Caranguejos*, além de sua obra ser marcada por um estilo bastante literário;

- Medicina, Endocrinologia e Nutrição, quando da sua formação em Medicina e da época em que clinicava;

- Psicologia, principalmente quando trata do tabu da fome em nossa sociedade ocidental e da Teoria Pavloviana para explicar as conseqüências psíquicas da fome;

- Geografia Humana, com temas como migração, estudo geográfico das línguas e religiões, habitação, demografia, taxa de mortalidade, controle de natalidade, a cidade do Recife, Nordeste como área geográfica, econômica, social e cultural, indo posteriormente para os temas do Terceiro-Mundo e da América Latina;

- Antropologia, quando trabalha a questão da raça e da cultura alimentar do nordestino, como as proibições alimentares por exemplo;

- Ciência Política, quando luta pelo estabelecimento do salário mínimo, quando representa o Estado de Pernambuco na qualidade de Deputado Federal e quando surge o golpe de estado em 1964;

- Ecologia, tratando da Amazônia e mesmo quando participou, em 1972, do primeiro simpósio promovido pela ONU para discutir o meio-ambiente em Estocolmo (Suécia);

- Economia, principalmente sobre as conseqüências do capitalismo para os países menos desenvolvidos;

- Relações Internacionais, quando trata da geopolítica da fome e questões afins como guerra, desarmamento e paz;

- Epistemologia, principalmente sobre a questão da racionalidade e da multidisciplinaridade;

- Educação, especialmente com relação à organização das universidades até porque durante muito tempo de sua vida trabalhou como professor universitário;

- Sociologia, com desenvolvimento e subdesenvolvimento (inclusive desenvolvimento sustentável), pobreza e exclusão social, juventude como geradora das grandes transformações sociais em 1968, Reforma Agrária, a seca nordestina, entre outros.

Mas nenhum desses temas teve a relevância do combate ou da erradicação da fome. Esse não foi apenas o objeto de estudo mas uma verdadeira missão a cumprir em vida. Muitos comentadores e analistas da obra de Castro, como por exemplo Tânia Silva, o consideram como um autor de um único tema. Não resta dúvida de que a fome é a temática que dá o sentido de “totalidade” à sua obra, posto que aglutina direta ou indiretamente os demais, estabelecendo vínculos com as questões mais periféricas (GOLDMANN, 1991: 52).

Com Josué de Castro o significado da fome passa de fenômeno meramente nutricional e biológico para um fenômeno geográfico, econômico, político e social, o que inclui a própria evolução do conceito que, segundo Magalhães (1997), não se fez sem dúvidas e rupturas.

Também se interessou pela relação entre a fome e o desenvolvimento, mais precisamente a fome como resultado imediato do subdesenvolvimento, processo que traz graves resultados para a população dos países mais pobres⁸.

Ⓐ A questão do subdesenvolvimento e de suas mazelas que nos remete ao tema da exclusão social, tão atual nos debates travados nas ciências sociais, pode ser observado em Josué de Castro. Ele já percebia, na década de 40, que a fome era socialmente construída, isto é, algo fabricado pelos homens contra outros homens, sendo o desenvolvimento a grande ideologia por trás disso tudo. Os progressos científicos, tecnológicos, econômicos e sociais, nos moldes em que se apresentavam no mundo, eram responsáveis por grandes massas esfomeadas ou excluídas. Sequer tinham direito à condição básica e mínima para a sobrevivência humana: o alimento.

⁸ Giuseppe di Taranto (1993) foi o único autor que escreveu de forma mais aprofundada a respeito.

Um trecho que ilustra muito bem a questão da exclusão social é uma passagem muito citada pelos leitores do autor que se encontra no livro organizado pela socióloga e filha, Anna Maria de Castro:

Este fosso econômico divide hoje a humanidade em dois grupos que se entendem com dificuldade: o grupo dos que não comem, constituído por dois terços da humanidade, e que habitam as áreas subdesenvolvidas do mundo, e o grupo dos que não dormem, que é o terço restante dos países ricos, e que já não dormem com receio da revolta dos que não comem. (1996: 108).

Ainda dentro desse tema, Josué de Castro se detém sobre as suas conseqüências psicológicas, fisiológicas, econômicas, políticas, culturais e sociais da fome. No que interessa à Sociologia é bastante interessante investigar no autor as conseqüências sociais e culturais da fome, como a violência, a convulsão social, o messianismo, enfim, o que Castro chamou de *caráter revolucionário da fome*. Tema também de interesse de Roger Bastide, um dos intelectuais com o qual Castro manteve uma grande proximidade.

Obviamente que trabalhar com cada tema relacionado às ciências sociais representaria um trabalho imenso, posto que ainda resta muito a se fazer sobre Josué de Castro. O que se propõe aqui, portanto, é trabalhar com os pressupostos enunciados e complementar a análise sobre seu principal tema, o da fome, com os números atuais da desnutrição e da má alimentação no Brasil.

Proposta que se encontra no capítulo IV sobre a atualidade do autor. Nesse capítulo, reflete-se sobre o que o faz atual depois de 55 anos de sua mais importante obra: *Geografia da Fome*. Essa questão envolve, é claro, os números da fome nos dias de hoje, ainda bastante alarmantes num país de grandes riquezas naturais, com um significativo parque industrial, estando entre as 10 (dez) maiores economias do mundo, mas com um terço da população passando fome, qualitativa ou quantitativamente ou, o que é pior, a combinação de ambas.

Além disso, procura-se pontuar a questão do desenvolvimento sustentável em Josué de Castro, algo que o autor já trabalhava desde os anos 60. Ele tinha uma preocupação com o meio ambiente desde os anos 30. Inclusive, sua bibliografia no final de sua vida (1973) tende muito para essa questão, ao ponto de

participar em 1972 do primeiro encontro realizado pelas Nações Unidas sobre o tema.

As temáticas meio-ambiente, ecologia e desenvolvimento sustentável, que surgiram a partir dos anos 60 e principalmente nos 70, foram trabalhadas e inseridas no seu tema principal: a fome. O autor, então, passa a retrabalhar nessas décadas a questão da fome sob o novo enfoque ambiental, de grande importância na agenda política das nações, pois já era claro que o tipo de desenvolvimento capitalista, levado principalmente pelos EUA, provocaria grandes danos à natureza e, conseqüentemente, ao homem.

A análise que a dissertação faz sobre Josué de Castro parte do método biográfico e a partir dele subdivide a análise em três partes fundamentais: análise da vida de Josué de Castro nos diversos contextos em que viveu; as categorias fundamentais para se entender a obra do autor, o que traz contribuição para a Sociologia, e uma última pertinente às atualidades do autor com números atuais da fome no Brasil e com uma reflexão sobre as questões do meio-ambiente, da exclusão social e da representação social.

Além das partes vida, obra e atualidades, a dissertação ainda se compõem de mais duas. A primeira sendo uma introdução à questão do método biográfico e seu uso na Sociologia, que ajudará no entendimento da biografia construída sobre Josué de Castro, e a segunda, uma discussão necessária para balizar os preceitos teóricos e metodológicos de uma biografia, trajetória de vida ou como prefere definir Aguiar, "biografia sociológica" (2000a)⁹.

Uma outra e definitiva parte encerra a dissertação e se refere à bibliografia, referências bibliográficas utilizadas na dissertação, e ao anexo, bibliografia de Josué de Castro, representando um trabalho de pesquisa realizado a partir do que já foi coletado na tese de doutorado de Tânia Elias Magno da Silva. Além disso representou também uma visita ao Recife, no Centro Josué de Castro, em 1998 e visitas a algumas bibliotecas: Universidade de Brasília, do Senado Federal, da

⁹ Para o autor o conceito se explica de uma forma muito simples: "*Biografia porque se centra na vida de um personagem; sociológica porque procura, através da obra desse personagem, investigar o jogo conflituoso dos interesses políticos e os traços marcantes de um campo intelectual e político numa determinada época histórica*" (2000a: 22).

Câmara dos Deputados, do Ministério da Justiça, do IPEA (Brasília) e da USP (Faculdade de Filosofia e Letras).

Uma pesquisa bibliográfica que também alcançou outras fontes pouco convencionais, como discos, documentários, discursos, reportagens e fotos, isto é, fonte de dados orais, escritos e audiovisuais. Necessário ao melhor entendimento do autor.

Vale esclarecer que não se pretende nessa dissertação analisar a obra do autor como num movimento linear, coeso e homogêneo, mas antes estabelecer uma interpretação, reconhecendo neste processo que cada leitor lê uma obra de um lugar determinado, com concepções ou visões de mundo que lhe são próprias.

Portanto, fruto de um longo processo de pesquisa, essa dissertação procura elucidar o legado que Josué de Castro deixou, e que não soubemos aproveitá-lo, para um aperfeiçoamento dos métodos, conhecimentos e aprendizado sociológico. Ela representa o resgate de um autor marginalizado nas Ciências Sociais que não teve, mas até que enfim está tendo a atenção e o interesse que merece¹⁰.

¹⁰ A editora Civilização Brasileira relançou recentemente *Geografia da Fome e Homens e Caranguejos*.

CAPÍTULO I

Construindo um Método Biográfico

Este capítulo procura refletir sobre o método biográfico utilizado na pesquisa científica das Ciências Sociais, em particular na Sociologia. Com essa reflexão estabelecem-se as bases teóricas e as linhas de análise que compõem o método biográfico sobre Josué de Castro.

Mas antes de iniciar a reflexão propriamente dita sobre o método biográfico faz-se mister a definição de biografia e a distinção com alguns termos e conceitos que lhe são próximos, a saber, história de vida, trajetória de vida, autobiografia, história oral e estudo de caso.

1.1. Distinguindo Conceitos

Na acepção mais simples e corrente do termo, biografia é a “descrição da vida de uma pessoa”. O termo compõe-se de dois elementos: *bio* e *grafia*. O primeiro designa vida e o segundo escrita, ou seja, é a transcrição dos principais acontecimentos e fatos da vida de alguém, já que descrever tudo é meramente impossível. Portanto, o trabalho do biógrafo implica desde já, além da escolha do sujeito a ser estudado, determinar ou selecionar os principais fatos que caracterizam sua vida.

A biografia representa uma prática humana muito antiga, encontrada em qualquer civilização do passado e do presente. O comportamento individual possui um valor de mediação entre o sujeito e seu contexto social, constitui uma prática sintética e concreta da história e da estrutura social, desenvolvida em um tempo e em um espaço determinados.

O termo história de vida é ambíguo e polissêmico, incluindo autobiografias, biografias, memórias e confissões. Designa qualquer tipo de documento pessoal que acumule informação sobre a vida objeto de estudo. Essa polissemia está diretamente relacionada com a diferente utilização que, desde diversas disciplinas e enfoques, se faz deste instrumento de investigação.

De maneira geral, a história de vida é utilizada para se referir à narração da vida de uma pessoa realizada por ela mesma, diferenciando-se da autobiografia em dois aspectos: sua construção e iniciativa. A história de vida se constitui sobre o próprio relato do interessado à outro, geralmente um cientista social ou historiador.

De acordo com Howard Becker, a história de vida

não representa um dado para a Ciência Social convencional, embora constitua-se numa tentativa de reunir material útil para a formulação de teorias sociológicas gerais. Tampouco é ela uma autobiografia convencional, ainda que compartilhe com a autobiografia sua forma narrativa, seu ponto de vista na primeira pessoa e sua postura abertamente subjetiva. (...) A história de vida se dedica mais às nossas propostas do que as do autor e se interessa menos por valores artístico do que por um relato fiel da experiência e interpretação por parte do sujeito do mundo no qual vive. (...) O sociólogo logo mantém o sujeito orientado para os temas nos quais a Sociologia está interessada, questiona-o sobre acontecimentos que acompanhe os assunto dos registros oficiais e os materiais fornecidos por outras pessoas familiarizadas com os indivíduos, acontecimentos ou lugares descritos. (BECKER, 1999: 101, 102 e 103).

A história de vida, no entanto, não é somente História, ela surge com a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia, ou seja, o termo história de vida é um termo científico, ou melhor, uma técnica de pesquisa com múltiplos discursos, como diria Foucault. A diferença entre história de vida e biografia, pura e simples, estaria na cientificidade. A história de vida seria mais sistemática e teria como fundamento principal a busca pela verdade enquanto a biografia não necessariamente se baliza por essa preocupação.

Uma outra maneira de perceber a distinção entre ambas é definido por Maurois:

Enquanto a História trata de fragmentos do vasto quadro de eventos em nossa vida, tratando imparcialmente de um grande número de pessoas e sempre começando abruptamente e terminando no meio de existências inquietas, mergulhadas em múltiplos affaires, a biografia, ao contrário, é um estudo claramente definido por dois eventos: um nascimento e uma morte, e a centralidade da narração, o 'herói central'. (1930: 87).

Pierre Bourdieu, em seu artigo denominado *A Ilusão Biográfica* faz uma importante ressalva:

A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico; inicialmente, sem muito alarde entre os etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço entre os sociólogos. Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e (...) o relato dessa história. É exatamente o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas (...), ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um cursus, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a 'mobilidade'), que tem um começo (uma 'estréia na vida'), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade ('ele fará seu caminho' significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história. (BOURDIEU, in AMADO e FERREIRA, 1998: 183).

Ainda de acordo com Bourdieu, a história de vida apresenta algumas armadilhas para o pesquisador que a utiliza como fonte e narrativa. A entrevista que recompõe a história de vida – “*récit de vie*” – organiza a vida como uma história, segundo uma ordem cronológica, com princípio, meio e fim bem definidos e, quase sempre, com um sentido, um objetivo claro. Ora, as vidas humanas raramente têm essa organização, esse sentido claro, essa racionalidade.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica. Para escapar desta ilusão Bourdieu propõe a noção de trajetória, como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. (BOURDIEU, in AMADO e FERREIRA, 1998: 185 e 6).

Ou seja, uma trajetória – noção que substituiria a idéia de história de vida – só pode ser compreendida a partir de um quadro de interações sociais. A trajetória de um indivíduo é avaliada a partir do confronto com outros indivíduos num determinado momento e contexto ou “campo”, assim como define Bourdieu (1974).

Estaria assim definido o termo trajetória de vida. Um outro termo a definir seria o de autobiografia que significa simplesmente uma biografia feita por si mesmo ou pelo próprio biografado. Para André Maurois, em sua obra intitulada *Aspects de la Biographie* (1930), a autobiografia representa um método que implica maiores problemas que a biografia, já que as recordações da infância

singularidade, diferenciando-a das outras metodologias em uso, ao mesmo tempo em que lhe afirmavam o caráter histórico. (AMADO e FERREIRA, 1998: xii).

Por fim, o último termo que se confunde com o de biografia é o de estudo de caso. Um termo que, de acordo com Becker,

vem de uma tradição de pesquisa médica e psicológica, que se refere a uma análise detalhada de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada; o método supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso. Adaptado da tradição médica, o estudo de caso tornou-se uma das principais modalidades de análise das Ciências Sociais. O caso estudado em Ciências Sociais é tipicamente não o de um indivíduo, mas sim de uma organização ou comunidade. (...) Os estudos de caso individuais também são, é claro, realizados por cientistas sociais, sobretudo na forma de história de vida; mas tais estudos (...) são hoje relativamente raros. O cientista social que realiza um estudo de caso de uma comunidade ou organização tipicamente faz uso do método de observação participante em uma de suas muitas variações, muitas vezes em ligação com outros métodos mais estruturados tais como entrevistas. (1999: 117-8).

Em todos esses métodos, portanto, percebe-se que o objeto de estudo é o indivíduo na sua singularidade. Esse é o aspecto incontornável e marcante dessa metodologia. O levantamento da vida de um autor pode fazer-se com base em biografias, autobiografias, mas igualmente em diários, portfólios, fotografias e outras fontes de informação similares, inclusive orais. É enorme a riqueza e complexidade da informação recolhida. Essa é a razão pela qual esse tipo de estudo é também designado de intensivo, em oposição ao de natureza extensiva, que recorre a técnicas como os questionários estandarizados destinados a grupos mais ou menos extensos.

A escolha do sujeito é parte fundamental do estudo biográfico. Geralmente a escolha se faz em torno de grandes personalidades que tiveram alguma relevância para a história seja de um país ou de uma comunidade, seja da arte ou da ciência, da religião ou do esporte.

1.2. Origem e Evolução

Uma outra forma de se compreender a biografia é pela sua história. De acordo com Ezequiel Ortega, em *Historia de la Biografia*, uma obra que trata do surgimento e desenvolvimento da biografia, "*a produção biográfica é um índice e*

um símbolo de cada tempo. Conhecer os homens que fizeram a História através de sua biografia é compenetrar-se da essência humana de hoje e de ontem..." (1945: 382). Para Ortega já existiam traços da biografia antes mesmo da História, como conhecimento sistemático do passado, que se inicia com os gregos. As figuras do herói, do soberano déspota e dos homens de armas centralizaram a atenção.

A primeira biografia, como a entendemos hoje, só iria aparecer com Xenofonte, em sua obra *Agésiláo*, numa forma comovedoramente humana, elogiosa, anedótica que tornava o biografado numa espécie de arquétipo, numa figura com características já existentes e pré-formuladas.

Depois da época helenística surge o período romano, com quadros políticos e sociais mais complexos. Apareceram novos relatos biográficos, primeiro em torno do guerreiro Alexandre e de figuras de filósofos. Mais tarde, passou-se ao triunfo do espírito religioso, a época medieval, concentrando-se nos personagens de santos. Daí surge o Renascimento e com ele os artistas e suas novas abordagens biográficas sobre os reis absolutos.

Pouco depois, no século XVIII, surge a discussão sobre a própria possibilidade da biografia. Aliás, a dúvida sobre ela é um fator recorrente, como afirma Levi (in AMADO; FERREIRA, 1998). O século XVIII colocou explicitamente a questão de que aquilo que era tido como socialmente determinante e comunicável apenas encobria, de maneira bastante inadequada, o que a própria pessoa considerava essencial. Parece evidente, segundo Levi se referindo à Marcel Mauss, que em certas épocas a noção de si socialmente construída foi particularmente restrita.

Foi também esse século o que viu o primeiro romance moderno surgir *Tristram Shandy*, de Sterne. Moderno "*por ressaltar a extrema fragmentação de uma biografia individual. Tal fragmentação se traduz pela constante variação dos tempos, pelo recurso a incessantes retomos e pelo caráter contraditório, paradoxal, dos pensamentos e da linguagem dos protagonistas*"³. (Idem: 170).

³ Dostoiévsky e Marcel Proust, intérpretes de interessantes estados espirituais, foram os grandes exemplos da nova literatura moderna.

André Maurois (1930) também trabalha com a questão de uma biografia moderna e cita algumas características dela: a busca da veracidade; o caráter educativo em contraposição às biografias elogiosas das épocas vitorianas por exemplo; a preocupação com a complexidade da pessoa e a inquietude do homem moderno, que não mais vê a biografia como campo de certezas, mas antes como campo em que se levantam dúvidas.

Em todo caso, do século XVIII ao XIX, ainda se tinha, ou se tem, uma confiança na capacidade da biografia para descrever o que era mais significativo em uma vida. *"Tal confiança culminaria aliás no positivismo e no funcionalismo, com os quais a seleção de fatos significativos iria acentuar o caráter exemplar e tipológico das biografias, privilegiando a dimensão pública em vez da dimensão privada e considerando insignificantes os desvios dos modelos propostos"* (LEVI in AMADO; FERREIRA, 1998: 172).

Ezequiel Ortega também cita as influências de Comte e Durkheim para a biografia. A corrente positiva de Comte resultou na diluição dos autores e criadores. Agora, o sujeito não é o principal agente da história, mas o sujeito determinado por forças que lhe são exteriores. *"Na teoria, ao menos, parecia que reconstruir o passado era fácil: o homem recorria sucessivamente e com matemática precisão às etapas teológicas, metafísica e a positivista (atual). Seus continuadores, Durkheim por exemplo, foram acreditando que podiam existir um determinismo social"* (ORTEGA, 1930: 387).

O século XX manifestou novos paradigmas que se colocaram em todos os campos científicos: crise da concepção mecanicista na Física; surgimento da Psicanálise, da Sociologia; novas tendências na literatura etc. Já não são mais as propriedades e sim as probabilidades que constituem o objeto da descrição.

A evolução dos métodos biográficos se deu com a Escola de Chicago. Mais precisamente, as histórias de vida como objeto de pesquisa científica deram origem a um notável conjunto de estudos logo a seguir à 1ª. Guerra Mundial. A forma de encarar as histórias de vida, muda então radicalmente. O relato de um percurso singular toma-se uma janela aberta para entender o outro. O primeiro

estudo de referência foi o de W.I.Thomas e F. Znaniecki, intitulado *The Polish Peasant in Europe and America* (1918-1920).

Mas as contribuições mais significativas para esta nova perspectiva se deu na Escola de Chicago que influenciada por Robert Park, produziu um notável conjunto de estudos, onde é patente o interacionismo simbólico de George Herbert Mead (1863-1931). Mead trouxe para as ciências sociais uma nova maneira de pensar o comportamento social dos indivíduos. O indivíduo deixa de ser visto como algo unitário, uma pessoa que existe como se fosse completamente independente dos outros, e passa a ser encarado como um ser complexo com várias dimensões diferentes, construído a partir das suas relações com aquilo que ele designa por "outros significantes", cujo comportamento têm importância social ou conseqüências para nós. As ações humanas inserem-se assim, no interior de um processo comunicativo.

Entre meados dos anos trinta e dos anos cinquenta, o método biográfico é deixado de lado na pesquisa social, em favor dos métodos quantitativos, mais econômicos e práticos. As histórias de vida caem em desuso por sua limitada aplicação, pela dificuldade em obtê-las e pela complexidade de seu manejo. As histórias de vida somente tinham um papel complementar ao método estatístico que ocupava uma posição central⁴.

A nova etapa dos estudos biográficos nos Estados Unidos surge associada à Erving Goffman⁵, especialmente a obra *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* de 1956. Contudo, a nova etapa se impulsionará a partir dos anos 80, após longo período de ênfase nos estudos das estruturas sociais, da longa duração e da recusa da história individual.

⁴ G. W. Allport negava o status de método ao 'método de casos', relegando-lhe a um mero passo do método científico; H. Blumer afirmava o papel suplementar das histórias de vida como dados estatísticos.

⁵ A teoria de Goffman parte do pressuposto que o comportamento humano tem pouco de instintivo, ele é essencialmente o resultado de um processo de socialização. Ao longo da vida de um indivíduo as mudanças do seu comportamento refletem, sobretudo, os diversos grupos que integra e as novas regras e padrões que adota. Seguindo o seu percurso e as suas reações em diferentes situações, descobrimos os diversos grupos sociais. A dimensão individual do comportamento dilui-se na sua dimensão social.

Hoje, as Sociologias americana e europeia voltaram a se interessar pela biografia, a tendência é tomar um personagem sobre o qual existe um grande número de informações, documentos e que seja um “grande homem”. Os estudos biográficos são vistos como a forma de introdução de novas concepções e da renovação sociológica e historiográfica.

Contudo, o método biográfico coloca um vasto conjunto de problemas sobre a sua cientificidade que não se pode ignorar: será esse método adequado à análise da realidade social? Como se pode apreender o social a partir daquilo que é único: a subjetividade de cada indivíduo?

A forma de encarar essas questões repousa no conjunto de pressupostos filosóficos adotados sobre a sociedade, que nem sempre são explicitados. Duas concepções de sociedade estão quase sempre presentes nos estudos biográficos, os quais determinam, em última análise, a forma como são encarados o sujeito biografado:

a) **Concepção de uma sociedade atomizada:** as ações e os processos sociais são entendidos como agregações complexas de ações individuais. A tarefa do investigador é, neste caso, a de reconstituir a sociedade a partir das diversas perspectivas dos seus membros.

b) **Concepção de uma sociedade totalizadora:** as ações e processos individuais são entendidos como “reflexos” ou “homologias” de um dado grupo social ou de uma dada sociedade. A vida dos indivíduos é, assim, portadora de um sentido que os ultrapassa. Interpretar uma história de vida é descobrir, nesta perspectiva, um grupo social ou mesmo uma sociedade. Franco Ferrarotti surge como o principal teórico desta corrente, sustentando que a biografia é em si mesma uma micro-relação social, através da qual se pode ler uma sociedade, não toda, mas uma parte da mesma, isto porque cada indivíduo totaliza a mediação do seu contexto social, dado pelos grupos restritos, os grupos primários, tais como, a família, os grupos de trabalho, a vizinhança, a classe social.

Segundo Levi (in AMADO; FERREIRA, 1998), o método biográfico se desenvolveu no século XX de forma controversa e problemática, pois relegou a segundo plano aspectos ambíguos e irresolutos que lhe parecem constituir, hoje,

um dos principais focos de discussão na História⁶. Dentro da História ela apresenta-se ambígua, como bem observa Giovanni Levi:

Em certos casos, recorre-se a ela (biografia) para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida; já em outros, ela é vista como o terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais. (in AMADO & FERREIRA, 1998: 167).

1.3. O Método Biográfico e a Sociologia

Na Sociologia trabalha-se com o método biográfico num campo denominado, pelo filósofo alemão Max Sheler nos anos 20 e consolidado por Mannheim em 1929, de Sociologia do Conhecimento⁷. No entanto permanece muito ligada às questões estruturais, às ideologias, à superestrutura, enfim às grandes linhas de pensamento macro-sociais que acabam por esquecer do indivíduo em seu cotidiano, das redes intrincadas dos personagens que compõem o mundo micro-social. O que representa o primeiro problema apresenta por Levi ao comentar os aspectos ambíguos e irresolutos da biografia. “*O papel das incoerências entre as próprias normas no seio de cada sistema social; em segundo lugar, o tipo de racionalidade atribuído aos atores quando se escreve uma biografia; e, por fim, a relação entre um grupo e os indivíduos que o compõem*” (LEVI, in AMADO & FERREIRA, 1998: 179).

Com relação ao primeiro problema, que considero mais relevante para a Sociologia, Levi observa que

Parece-me (...) que deveríamos indagar mais sobre a verdadeira amplitude da liberdade de escolha. Decerto essa liberdade não é absoluta: culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada, ela continua sendo no entanto uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores. (...) A meu ver a biografia é por

⁶ A História é sem dúvida a disciplina que mais estuda a questão biográfica. Ezequiel Ortega chega a afirmar que a biografia se confunde com a história e André Maurois a considera como “*branche particulière de l’histoire*” (MAUROIS, 1930: 27).

⁷ O sociólogo húngaro afirma que a “*Sociologia do Conhecimento busca compreender o pensamento no contexto concreto de uma situação histórico-social de onde só muito gradativamente emerge o pensamento individualmente diferenciado*” (MANNHEIM, 1982: 31).

isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter intersticial – e todavia importante – da liberdade de que dispõem os agentes para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições. Obtém-se assim uma perspectiva diferente – mas não contraditória – daquela adotada pelos que preferem salientar mais os elementos de determinação, necessários e inconscientes, como faz, por exemplo, Pierre Bourdieu. Há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-relações. (p. 180).

Uma problemática que também encontra ecos em outros autores, como, por exemplo, em Bernardo Ricupero que trabalhando com Caio Prado Júnior comenta:

se encaram as idéias como que dadas pelo ambiente em que apareceram, não há como fazer diferenciação entre elas. Exagerando, já que haveria uma causalidade inequívoca, em que o contexto gera as idéias, todas as idéias, fruto do mesmo ambiente, seriam quase que iguais. É característica dessa postura a seguinte afirmação de Mannheim: 'somente num sentido muito limitado o indivíduo cria por si mesmo o modo de falar e de pensar que lhe atribuímos. Ele fala a língua de seu grupo, pensa do modo que seu grupo pensa'. Conseqüentemente, se fôssemos aceitar a tese de Mannheim não haveria grande motivo para estudar separadamente o pensamento de um indivíduo... (2000: 40).

Mannheim percebe como insustentável a origem do texto a partir de um sujeito individual e privilegia as condições de produção do discurso. Mas ao privilegiar as condições de produção do discurso retira-se do sujeito sua importância.

Para sair desse dilema entre biografia (ou texto) e contexto, Antonio Candido dá algumas dicas e aponta para o fato de que,

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que a explicava pelos atores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (...). Sabemos ainda, que o externo (no caso o social) importa, não como causa nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tomando-se, portanto, interno. (1965: 4).

De certa forma, essa resolução entre texto e contexto ou entre biografia e História também se encontra em Sérgio Paulo Rouanet que propõe um possível ponto de equilíbrio entre biografia centrada exclusivamente nos fatos e atos da vida do biografado destituída de qualquer valor sociológico, e a biografia fundada

Além dessas questões-problemas, os estudos biográficos na Sociologia também se balizam e se apóiam fortemente em dois importantes sociólogos, a saber, Pierre Bourdieu e Wright Mills. O primeiro sugere as noções de “campo do poder”, “campo intelectual” e “*habitus* de classe” na obra *A Economia das Trocas Simbólicas*, e o segundo, o conceito de imaginação sociológica na obra que recebe o mesmo nome.

Iniciando por Bourdieu o autor critica frontalmente a posição estruturalista de se abordar a biografia e a obra de um intelectual. A postura estruturalista permite, de acordo com Bourdieu, formar uma Sociologia sem sujeito, sem autor que ignora o esforço por reinserir a obra ou o autor singular num sistema de relações sociais do qual faz parte.

É preciso situar o corpus (uma obra individual ou uma obra de um autor particular ou mesmo um aspecto particular de uma ou de outra) assim constituído no interior do campo ideológico de que faz parte, bem como estabelecer as relações entre a posição desse corpus nesse campo e a posição no campo intelectual do grupo de agentes que o produziu. (1974:1 86).

O esquema produzido por Bourdieu nos permite, portanto, ver a dinâmica interna do campo intelectual em que há uma concorrência entre os seus pares em busca de prestígio, dinheiro, etc. Isto é, há confronto de idéias e prestígios entre intelectuais numa determinada época, tendo esse campo intelectual uma autonomia relativa, pois, fortemente influenciado pelo campo político, também com sua organização própria. E o sujeito insere-se nesses campos ora como dominante ora como dominado (*habitus* de classe) segundo disposições e tomadas de posição de um par frente aos demais pares e frente aos demais indivíduos que compõem o campo político. Isto é, o esquema bourdieuniano nos permite entender as relações de poder em que uma obra e um autor se inserem. Nos permitem ver o singular frente ao plural ou mesmo ver os vários plurais num singular.

O outro sociólogo muito citado em estudos biográficos e que também traz uma importante contribuição para a questão do binômio biografia e contexto, mas que avança um pouco mais na discussão, é Wright Mills. A biografia e o contexto, ou História, como prefere Mills, são elementos que não se dissociam, ambos

devem estar articulados no fazer Sociológico. E essa não dissociação é alcançada a partir do recurso metodológico da imaginação sociológica. “A *imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade. Essa a sua tarefa e a sua promessa*” (1965: 12).

Para o autor a imaginação sociológica é um instrumento metodológico que estabelece uma ponte de ida e volta entre “as perturbações pessoais originadas no meio mais próximo” e “as questões públicas da estrutura social”. Um instrumental que nos ajuda a usar informações e a desenvolver a razão, permitindo compreender a História e a biografia e as relações entre ambas.

Para Mills, nenhum estudo social que não se volte para os problemas da biografia, da História e de duas interseções dentro da sociedade terminou sua jornada intelectual. A biografia, portanto, é base essencial de sua teoria.

A Sociologia englobaria em suas análises, portanto, três lógicas. A primeira é a lógica da vida, ligada às questões psicológicas de um indivíduo e seu contexto histórico e social. A segunda é a lógica da obra ou, como diria Lucien Goldmann, a totalidade de uma obra, que seria:

As respostas que um pensador dá aos diferentes problemas com que depara não são independentes umas das outras e, mais ainda, nem mesmo são independentes da maneira pela qual ele encara as questões mais periféricas e subordinadas que inevitavelmente ele encontra em seu caminho. Entre as maneiras de encarar as mais diferentes coisas, entre as respostas que o pensador dá às questões mais afastadas, existe um vínculo que faz do conjunto dessas respostas e dessas maneiras de ver uma totalidade, ou pelo contrário, um amontoado eclético de fragmentos esparsos. (GOLDMANN, 1991: 52).

Ou seja, toda obra tem uma coerência interna que segue a visão de mundo do autor, suas experiências, os momentos históricos em que viveu, enfim o que presenciou em vida e que trouxe influências no modo de agir e pensar. Além disso, toda obra possui um discurso ou um contra-discurso como diria Foucault, já que ela fala de algo, de algum lugar e para determinado público.

Por fim, a última lógica é a da História com seus eventos e estilos de pensamento que marcam épocas como diria Mills, isto é, a física newtoniana, o darwinismo social, o keynesianismo.

É partindo, então, dessas três lógicas que se estrutura o pensar sociológico, de Castro, atentando para o fato de que elas não estão dissociadas umas das outras. Existe uma rede de relações que as fazem dependentes. A vida não está separada da obra, assim como a obra e a vida não estão separadas da História e da sociedade em que se encontram.

Portanto, a biografia, com fins sociológicos, nunca deve ser um fim em si mesma, deve vir sempre aliada com outras técnicas e métodos, já que o objetivo da Sociologia é entender menos o indivíduo e mais a sociedade, que tem como único substrato concreto o próprio indivíduo.

A valorização que se faz do método biográfico não é estranha às conseqüências sociais da modernidade. Esta ao imprimir uma orientação social para o individualismo, acentuou as tendências narcísicas e de auto-referencialidade. Interpretes destas tendências sociais profundas, muitos investigadores dos fenômenos sociais em face de um mundo caótico procuraram descobrir o sentido das biografias e narrativas pessoais de cada indivíduo.

No entanto, essas questões implicam obstáculos, desvios, dificuldades que devem ser melhor compartilhados entre os cientistas sociais, principalmente os sociólogos. Sem dúvida, a biografia traz benefícios para a Sociologia e é pelo seu estudo que se enriquecem temas, conteúdos, métodos e técnicas.

1.4. O Caso de Josué de Castro

Concentrando-se sobre as três lógicas de Mills (1965) é que construí a biografia de Josué de Castro, sendo que a lógica história está dissolvida na própria construção da vida, no segundo capítulo, e nas atualidades, no quarto, que é na verdade a perpetuação das obras e idéias de um intelectual. Mills ainda não fala sobre a não separação entre vida e obra, mas somente por motivos didáticos: é que o fiz dessa maneira: uma parte estando no segundo capítulo e o outro no terceiro.

Outros elementos que compõem a biografia de Josué de Castro fazem-se necessários para sinalizar o caminho a percorrer entre os vários possíveis quando

nos deparamos com uma biografia. E o que escolhi parte de três eixos norteadores. O primeiro refere-se à cronologia da vida do autor seguindo uma história das idéias no Brasil. Trata-se de contar a vida de Josué de Castro ordenada segundo a sucessão no tempo¹⁰ e as idéias, eventos e quaisquer outros fatos tentando relacioná-los aos discursos que foram capazes de gerar consenso, sentido de pertencimento e práticas institucionais entre os intelectuais brasileiros¹¹ desde o final dos anos 20, quando Castro inicia sua produção intelectual. Obviamente que a vida possui uma cronologia que muitas vezes não está devidamente elucidada nas fontes disponíveis e que também não possui grande significação para o campo das Ciências Sociais. O que resulta numa seleção prévia dos acontecimentos a se narrar e a se estabelecer entre os interesses sociológicos.

O segundo eixo diz respeito ao uso do conceito de Instituição, tomado em seu sentido mais amplo de Instituição Social, como fio condutor da biografia de Josué de Castro ou aplicado a outro intelectual que se deseja construir sua biografia. O conceito funciona como intermédio da biografia e do contexto. Representa uma hipótese de trabalho nos inúmeros caminhos que se pode dar a uma biografia de interesse sociológico.

O conceito utilizado é de Instituição Social parte do texto de Peter Berger e Brigitte Berger, intitulado *O que é uma Instituição Social* (1980). O termo refere-se a “um padrão de controle, uma programação da conduta individual imposta pela sociedade”. Os autores procuram caracterizá-la baseando-se no conceito de fato social de Durkheim e de suas características: exterioridade, objetividade, coercitividade, autoridade moral e historicidade.

Geralmente se cita como exemplo organizações que abrangem indivíduos, em grande número ou não, como um Hospital, uma prisão, uma universidade etc.

¹⁰ Como vimos, Bourdieu alerta sobre uma suposta ilusão retórica e biográfica ao pensarmos uma vida como um relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção. Em função disso, incluí a obra e as atualidades de Josué de Castro como forma de quebrar essa ilusão de uma biografia com começo, meio e fim. Trabalhar com as idéias de um intelectual permite extrapolar os limites temporais de sua época. No campo das idéias é onde se encontram o passado, o presente e o futuro.

Também se observa as grandes entidades sociais como o Estado, o sistema financeiro, o sistema educacional etc. Sendo a linguagem e a família as instituições sociais fundamentais a que todas as demais. As primeiras instituições com que se defronta o indivíduo.

Assim, a biografia de Josué de Castro parte da família, passando pela escola e pela universidade, retomando depois à universidade, mas desta vez como professor e assim por diante.

Já o terceiro, e último eixo, envolvido ainda pelo segundo mas que requer uma atenção especial, procura relacionar a vida do autor à História das Ciências Sociais no Brasil. Essa história marca profundamente o autor que se torna professor tanto no Recife quanto no Rio de Janeiro nas primeiras tentativas de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Sua profissão de professor catedrático em Sociologia, Geografia, Antropologia, Medicina e Nutrição correspondem e dialogam com esse contexto de institucionalização da própria Ciência no Brasil¹².

Entender o autor é entender essa institucionalização e vice-versa. Suas obras e idéias fazem parte desse contexto, dialogam com uma *intelligentsia* incipiente, que procurava compreender o país e construir uma nação, que de acordo com Monteiro Lobato, "se faz com homens e livros", como costumava afirmar.

É seguindo esse mapa cronológico das instituições, portanto, que se analisará a vida de Josué de Castro, relacionada à história das idéias sociais, principalmente brasileiras, entre o início do século XX, quando nasceu, até os dias de hoje.

¹¹ Ou como define Mannheim: "em cada sociedade, há grupos sociais cuja tarefa específica consiste em dotar aquela sociedade de uma interpretação do mundo. Chamamos tais grupos de *intelligentsia*". (1982: 38).

¹² Duas periodizações da formação e institucionalização da Ciência brasileira foram tomadas como orientação na dissertação: a de Maria Isaura Pereira de Queiroz, que dá uma ampla visão da história das Ciências Sociais no País, dividindo em gerações nossa intelectualidade e dela extraindo os temas mais debatidos de cada época (1989), e a de Daniel Pécaut, que se encontra logo no início de *Os Intelectuais e a Política no Brasil* (1990).

CAPÍTULO II

Trajetória de Josué de Castro

2.1. A Infância

Filho de classe média baixa, Josué Apolônio de Castro nasceu em Recife, perto dos mangues do Capibaribe, no dia 05 de setembro de 1908.

Nasci no Recife, no número 1 da rua Joaquim Nabuco¹, o grande abolicionista dos escravos, nos tempos do Império. Numa casa de grande terreno por cujos fundos entrava o mangue onde hoje é o Hospital da Restauração. (...) Mudei-me depois para outro bairro mais perto do rio. Fomos morar na madalena, numa velha casa colonial de um só andar, com seis grandes janelas de frente (...). Casa grande, acachapada com sua pesada massa arquitetônica, montada como uma fortaleza em seus altos batentes, por onde subiam os caranguejos em tempos de cheia até o terraço entrando mesmo até dentro das salas. (CASTRO, in SILVA, 1998: 4).

De origem sertaneja, cujo avô paterno foi retirante da forte seca de 1877², que assolou terrivelmente o Nordeste, Josué de Castro era filho único de Manuel Apolônio de Castro, mercador de gado e leite, além de proprietário de terras em Cabaceiras, e de Josefa de Castro, apelidada de Dona Moça, filha de criação, conforme a prima Ilda de Castro, de donos de engenho na zona da mata pernambucana, Carneiro da Cunha (SILVA, 1998: 10 e 16).

④ Seu pai contava-lhe sobre os tempos difíceis no sertão, nunca deixando o menino Josué esquecer as imagens dos retirantes e da fome. Aliás, passava férias no sertão paraibano algumas vezes, o que o faz, desde a infância, ter o sertão e a cidade como constitutivos de sua própria identidade³.

Seu avô paterno fugiu do interior da Paraíba para a cidade do Recife que era, na virada do século, a terceira maior cidade do País com uma população de quase 200.000 habitantes. A capital pernambucana aliava a fato de ser um centro administrativo e, ao mesmo tempo, comercial de expressão, já que seu porto

¹ Essa rua se localiza no Bairro do Espinheiro, um dos mais antigos do Recife.

² A histórica seca de 1877 cravou o tema na consciência nacional. A esse respeito consultar a obra de Marco Antônio Villa, denominada *Vida e Morte no Sertão* (2000). Toda a família paterna de Castro foi forçada a abandonar o município de Cabaceiras, sertão paraibano.

³ Em relação a essa dualidade entre sertão e litoral consultar a obra de Nísia Trindade Lima (1999).

atendia grande parte da região nordestina. A economia do Estado se destacava principalmente como produtora de açúcar e de algodão, mas também pela importante indústria têxtil.

A política da ex-cidade maurícia era controlada por grandes proprietários de terra e donos de usinas de açúcar aliados aos comerciantes exportadores e importadores. Na época era forte a influência da cultura francesa, sendo o francês a língua mais difundida entre as pessoas cultas e Paris o grande centro de atração para as viagens das classes ricas cujo filhos iam para Europa aperfeiçoar seus conhecimentos.

Josué, menino-neto da seca e da fome, deparou-se desde cedo, quatro anos de idade, com a separação dos pais. Idade suficiente para afirmar que nunca os conhecera juntos, o que o fez, nas suas palavras, uma criança infeliz.

Provavelmente devido às poucas condições da mãe, que se mantinha com poucos recursos provenientes das aulas que ministrava a filhos de operários que pouco pagavam, Josué de Castro foi morar com o pai que também morava na Madalena.

Cresceu numa velha casa colonial de um só andar e com seis janelas de frente, num sítio onde o pai criava umas cabeças de gado e comercializava leite. Como era filho de pais separados procurava, segundo seu próprio depoimento, evitar as amizades que o pudessem questionar sobre sua situação familiar. Seus amigos de infância eram os meninos pobres da rua, para os quais essa particularidade de sua vida pouco ou nada importava (SILVA, 1997: 130). *“Durante um bom pedaço (talvez o melhor pedaço) de minha vida morei perto dos dois bem junto à zona dos mocambos da Madalena: dos 8 aos 14 anos”*. (CASTRO, in SILVA, 1998: 7).

O contraste entre a fartura existente na casa paterna e as dificuldades da mãe para garantir sua sobrevivência deixou marcas nas imagens que o acompanharam por toda a vida. Soube desde cedo lidar com os dois mundos: o da fartura e o da carestia, dualidade⁴ que o autor levará para a fase adulta,

⁴ A questão da dualidade é uma marca em Castro, como observaremos no capítulo seguinte. Aliás não só dele mas também parte constitutiva do pensamento social brasileiro.

percebendo que essas duas lógicas são socialmente construídas e, portanto, passíveis de serem refeitas, mudadas.

Castro estudou no Recife em colégios tradicionais) como o Ginásio Pernambucano, o segundo colégio secundário oficial mais antigo do país, depois de freqüentar o colégio Chateaubriand, dirigido pelo professor Charles Koury, ao qual não se deu muito bem devido ao seu gênio difícil de menino pobre acostumado à liberdade das ruas do bairro da Madalena.

Foi durante este tempo que o menino Josué personificou duas atitudes estereotipadas: uma foi a de anjo, a outra, a de demônio. A de demônio se deveu ao contraste de dois mundos bem diferentes: o mundo das brincadeiras com seus amigos de bairro e o mundo da disciplina no colégio. O primeiro era o mundo da infância do seu bairro localizado “numa espécie de Hong Kong da América”, ao lado dos mocambos, onde teve o primeiro contato com o fenômeno da fome, não de forma direta, mas de forma indireta, já que os meninos com que brincava participavam desta angústia diariamente.

O segundo mundo, de acordo com suas próprias palavras, tinha uma lógica diferente que se chocava de frente com o primeiro. *“Arrancado de minha selvageria de banho no rio, de jogo de pião e de castanha, de pés descalços na rua para a disciplina rigidamente estúpida de um colégio, onde o aluno interessava apenas como um contribuinte ao seu orçamento, me rebelei profundamente e personifiquei o menino mau”* (CASTRO, entrevista, 1963: 4).

No Ginásio Pernambucano a situação melhorou devido ao educador Pedro Augusto Carneiro Leão, mestre de várias gerações de pernambucanos, possuidor de uma penetração psicológica que lhe dava um domínio sobre aquele menino que tomou gosto pela leitura depois dos doze anos de idade.

Seu colega de infância, Otávio Pernambucano, conta que Castro escrevia mal, mas fez um grande esforço para superar sua dificuldade. Aliás, tudo que conseguiu na vida foi com muito esforço e estudo.

Já a personificação de anjo se deveu ao pedagogo Carneiro Leão. *“Este grande pedagogo, profundo conhecedor da alma infantil não pretendeu dominar a fera pela força, quebrando-lhe o ímpeto selvagem com castigos, mas captar o seu*

interesse e desviar a sua inquietação para objetivos mais nobres. E conquistou-me". (Idem).

Mas não foi no ginásio que teve suas primeiras aulas, mas nos mangues lamacentos do Capibaribe cujas águas, fluindo diante de seus olhos ávidos de criança, pareciam sempre contar-lhe estórias do sertão árido. Foi o rio o seu primeiro professor de História do Nordeste. Histórias de homens e mulheres que viviam o flagelo da fome e chegando na capital sobreviviam da caça ao caranguejo.

Não foi na Sorbonne, nem em qualquer outra universidade sábia, que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife", na lama dos mangues da capital pernambucana, "fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. Seres anfíbios, habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. (CASTRO, 1968e: 11).

Nunca mais esqueceria estas imagens da infância, povoada de miséria e pobreza. Percebendo mais tarde que o mangue era apenas mais uma área, dentre outras, que perecia de fome. Era até uma região relativamente abundante frente outras, como a da zona da mata nordestina, onde imperava a monocultura açucareira que devastava outros cultivos de fundamental importância para a sobrevivência do homem do brejo. Fato esse observado na sua principal obra, *Geografia da Fome*, publicada pela primeira vez em 1946⁵ e traduzida para mais de vinte idiomas. Um marco profundo no pensamento social brasileiro, reconhecida mundialmente como um dos principais livros do período pós-guerra, como pensa o sociólogo francês Ignacy Sachs.

O contato com os amigos e com o cotidiano da miséria marcou profundamente Josué de Castro, ao ponto de afirmar: *"Não posso negar que esse contato direto com o povo, com a paisagem humana do Recife e com os seus humildes moradores, serviu para me orientar nos estudos de categorias sociais que iriam mais tarde encher os meus dias de trabalho". (CASTRO, in SILVA: 9, 1998).*

⁵ Pela editora O CRUZEIRO.

Ainda criança, durante a 1ª Guerra Mundial viria a idéia do uso da alimentação como parte essencial da segurança nacional. Essa idéia, juntamente com as conseqüências da guerra que trazia a fome como fator primordial em seu bojo, provocaria uma explosão de estudos sobre nutrição, entretanto, ainda de forma pouco sistematizada.

Ainda em relação à guerra, vale observar que ela trouxe à nossa *intelligentsia* uma desconfiança nos princípios e teorias vindos da Europa. O velho continente sucumbiu frente à realidade. Ao contrário do período precedente, em que o parâmetro civilizador foi buscado no mundo europeu, a partir da década de 20, delineou-se um movimento de resgate da “identidade nacional”. A década colocou os profissionais das várias especialidades – médicos, engenheiros, literatos e educadores – no centro do debate sobre a redefinição cultural do homem brasileiro.

2.2. A Formação em Medicina

Em parte devido à convivência com o mundo da fome e, na maior parte, para satisfazer a vontade da mãe que gostaria de vê-lo médico, Josué de Castro resolveu seguir os estudos de medicina. Terminado o curso preparatório precocemente encaminhou-se para a Bahia onde cursou 3 anos de medicina. *“Acabei meus preparatórios com 15 anos. Falsificaram-me a idade para que eu pudesse entrar na faculdade. Me formei com vinte anos e meio. Papai, com sacrifício, queria que eu estudasse na Bahia.”* (CASTRO, in SILVA, 1998: 29).

Ávido de novas oportunidades e novos conhecimentos, transfere-se para o Rio de Janeiro⁶, apesar da resistência do pai. Direciona, então, seus estudos para as áreas de Fisiologia e Nutrição.

Entretanto, essas Faculdades desapontaram-no por completo. } Segundo suas explicações tinha entrado *“com um grande entusiasmo e saído com o interesse quase morto pela maioria dos assuntos, na forma em que eram apresentados”* (CASTRO, entrevista, 1963: 17). Poucos professores lhe

entusiasmaram ou chamaram sua atenção, lembrando-se da influência de Pirajá da Silva e Aristides Novis, na Bahia, e Antônio Austregésilo, no Rio.

Mais que os professores, dois de seus colegas lhe influenciaram de maneira decisiva: Teotônio Brandão e Artur Ramos⁷. Com o primeiro discutia, com Artur Ramos ouvia.

E ouvíamos coisas esmagadoras, nomes arrevesados de venerados sábios alemães. Teorias frescas trazidas diretamente dos centros europeus por misteriosos caminhos para o sisudo discípulo de Freud na Baixa do Sapateiro. (...) Um dia ele nos fez a revelação suprema, que sairia um estudo seu sobre Augusto dos Anjos e a psicanálise, num dos suplementos dominicais do O Jomal. Isto na província em 1925 me pareceu a glória. Fomos convidados até o Plano Inclinado a comprar o tal número do O Jomal, desdobramos as páginas com unção e lá encontramos o artigo com título e nome do autor. Tudo aureolado pela letra de fôrma tipo grosso. Não me contive. Veio-me a alma uma inveja doida de tanta glória. Fui também ao Freud – um Freud de terceira classe, já comentado em tradução – e lancei um ensaio tremendo, o meu primeiro ensaio, intitulado A Doutrina de Freud e a Literatura Moderna, que saiu flamejante na Revista de Pernambuco⁸. Senti-me igual e no ano seguinte passei a ir ao cinema com mestre Ramos. (CASTRO, in SILVA, 1998: 32).

Esse seu primeiro artigo marca o início da vida literária de Josué de Castro. É um texto rebuscado, com várias citações em inglês, francês e espanhol, característico de um jovem em busca de reconhecimento e prestígio. Aprendera línguas muito em função de um traço marcante na época, a saber, o autodidatismo. Aliás, os intelectuais brasileiros utilizavam o método autodidata para aprender não apenas línguas, mas também conhecimentos que se constituíam na Europa, em particular as Ciências Sociais, recém surgida.

Era a “geração autodidata” de que fala Costa Pinto e Edson Carneiro:

Creemos estar constatando um fato, mesmo sem a preocupação de emitir qualquer juízo de valor, ao afirmar que os pioneiros dos estudos superiores de

⁶ Como bem afirma Tânia Silva (1998) a transferência para o Rio de Janeiro é mais uma passagem na vida de Josué de Castro sem grandes explicações.

⁷ Arthur de Araújo Pereira Ramos foi médico legista, professor e, acima de tudo, antropólogo com grande importância no pensamento social brasileiro. Nasceu em Pilar (Alagoas) em 1903 e faleceu em Paris (França) em 1949. Foi um importante intelectual na década de trinta com escritos sobre a questão racial numa época em que se pregava a superioridade da raça branca. Escreveu, entre outros, *Loucura e Crime, Introdução à Antropologia Brasileira, O Negro na Cultura Brasileira*. Inclusive é um autor que também se encontra no rol dos esquecidos em nosso pensamento social brasileiro.

⁸ Setembro de 1925.

Ciências Sociais no Brasil foram aqueles autodidatas que começaram a fazê-los embora não tivessem a preparação sistemática necessária para tanto; aqueles que se especializaram no estudo de disciplinas cuja existência não era reconhecida pela organização oficial da cultura nacional; aqueles que, diplomados em medicina, especializavam-se em Antropologia ou Psicologia; formados em Engenharia, dedicavam-se a pesquisas econômicas ou demográficas; bacharéis em direito estudavam Sociologia ou Etnologia. (1955: 13).

Nesse ensaio referido, de Castro, encontra-se uma discussão muito em voga nas ciências sociais da época, a saber, a questão racial e as contribuições que as três raças trouxeram para a cultura e a identidade brasileira.

Pois bem, o homem brasileiro tem o seu subconsciente entumescido de idéias formidáveis e formações agigantadas. Borbulha no seu cérebro regado pelo sangue caldeado de três raças, um entusiasmo que ferve, não como fervem friamente os líquidos em fermentação, mas com a efervescência escaldante dos metais que se derretem (...). E o próprio instinto brasileiro é o instinto multiplicado de três raças (...). Reina dentro do 'eu' este calor tropical do nosso sol, da nossa carne, da nossa terra... (CASTRO, in SILVA, 1998: 175).

Nesse ensaio, escrito três anos após a Semana de Arte Moderna, afirma Tânia Silva, *"firmará posições que continuará a defender ao longo de sua vida: a defesa da mestiçagem como um fator positivo em nossa cultura e no desenvolvimento da sociedade brasileira, a valorização do nacional e o compromisso com o que chamará de arte comprometida"*. (SILVA, 1998: 176).

⊗ Mais tarde, em 1927, publica outras duas crônicas⁹, apresentando uma delas – *Arte e Ciência*¹⁰ – com forte temática psiquiátrica. Uma temática que teve influência de seu amigo Artur Ramos. É dessa época, ainda quando moço, que publica alguns ensaios, contos, além de fazer crítica cinematográfica e outras incursões no campo da arte (teatro, artes plásticas e literatura). Nomes como Freud, Kretschmer, Augusto dos Anjos, Cícero Dias, Lula Cardoso Aires¹¹, Charles Chaplin, Edgar A. Poe, Goethe, Tolstoi, Ortega y Gasset, José Vasconcellos, Einstein, Keyserling, entre outros, apareciam nos seus escritos.

Seu interesse pela psiquiatria aliava-se ao gosto pelo cinema, literatura, teatro e artes plásticas. Chega, inclusive, a publicar um poema na revista

⁹ Consultar a obra de Tânia Silva (1998) que comenta uma série de artigos dessa época.

¹⁰ Até então se escrevia *Sciencia*.

¹¹ Pintor que irá mais tarde ilustrar o livro *Geografia da Fome* com o quadro *Doida Mortandade*.

modernista de São Paulo, *Anthropofagia*. Entre os modernistas, tem uma relação mais próxima com Mário de Andrade, como demonstram as cartas que ambos se trocaram¹².

⊗ Os anos 20 no Rio de Janeiro era plena efervescência com todos os reflexos que o modernismo desencadeou. E Castro recebeu esses estímulos indo ao teatro, cinema, exposições, saraus, freqüentando também várias embaixadas, em especial, a do México. Foi a partir dela que fez amizade com o então embaixador Alfonso Reyes. Dessa amizade surgiu a possibilidade de uma viagem àquele país em 1929, chefiando uma delegação de estudantes em comemoração à posse do novo presidente mexicano, o ex-embaixador no Rio Pascual Ortiz Rubio. Na ocasião, deixa de comparecer a sua própria colação de grau, pois embarcara duas horas antes. Na hora da cerimônia pediu a alguém que respondesse por ele. "*Eram 480. Ninguém reparou.*" (CASTRO, in SILVA, 1998: 34).

Infelizmente, no dia da posse presidencial, Ortiz é ferido a bala e, dias depois, renuncia ao mandato. Após esse grave episódio, deixa os colegas e segue para os Estados Unidos onde permanece quatro meses estagiando na Universidade de Colúmbia e no *Medical Center* de Nova Iorque.

Nas anotações da viagem ao exterior há registros importantes. Um deles refere-se a um desastre de automóvel que sofreu, embora não grave, e outro refere-se a uma crise depressiva, obrigando-o a ficar de repouso por alguns dias. Como afirma seu amigo Otávio Pernambucano, aquela não foi a única nem a última crise que sofrera ou sofreria¹³.

O Rio representou, definitivamente, uma nova dinâmica em sua vida. No final da década de 20, ainda no Rio de Janeiro, participa da fundação do Chaplin

¹² No arquivo pessoal de Josué de Castro, que se encontra atualmente no Centro Josué de Castro, no Recife, há uma grande quantidade de cartas que ele trocou com vários intelectuais (historiadores, geógrafos, cientistas sociais), políticos, médicos, enfim, personalidade de renome. Entre elas observa-se um número significativo de cartas endereçadas para e respondidas por Mário de Andrade até sua morte. Aliás, Josué de Castro era uma importante referência e contato no Nordeste, mais uma região que foi explorado por Mário de Andrade, o "turista aprendiz".

¹³ Tânia Silva (1998) acredita que as depressões estariam ligadas a sua distância dos pais, pela condição de penúria da mãe e pelas novas responsabilidades que assumia. Além disso, sua personalidade sempre exigente de si mesmo pode ter certa influência sobre essas crises que iriam se repetir em outros momentos de sua vida.

Club¹⁴, escrevendo vários artigos sobre cinema, o que representou uma de suas grandes paixões (SILVA, 1997: 131).

Ⓢ É interessante observar esta dúvida que pairou no início da carreira de Castro entre a arte e a Ciência.) Inclusive a única tese de doutorado sobre o autor, de Tânia Silva, intitula-se, não por acaso, *Josué de Castro: para uma poética da fome*. Nessa tese a questão da arte ou de uma poesia nos escritos e idéias do autor é parte principal da discussão. (Essa relação entre arte e ciência, inclusive, é parte essencial da obra de Josué de Castro como um todo. Sem se observar essa relação não se compreende o autor.) Uma discussão feita mais adiante, no próximo capítulo.

2.3. O Reconhecimento em Recife

Ⓢ Após formar-se em Medicina e a recente viagem ao México e aos Estados Unidos, retorna à sua cidade natal em 1930, indo morar com a mãe¹⁵, a fim de iniciar sua carreira de médico.

Formado fui para Recife. Ia para a Secretaria da Educação. Olívio Montenegro, Sílvio Rabelo, Gilberto Freire e outros eram do grupo de José Maria Belo, que ia ser governador. Um cargo na Educação me estava destinado por todos eles. Foi quando estalou a Revolução de 30, com a vitória da revolução foram-se os sonhos de um bom emprego na administração de Pernambuco. Não houve posse e a coisa gorou. Abri então, consultório, para fazer nutrição. Eu, na realidade, queria era ser psiquiatra, mas o Ulhoa Cintra tinha dois aparelhos de metabolismo. Vendeu-me um. Resolvi fazer nutrição. Um só livro, O Tratado, de Umber, figurava na biblioteca. (CASTRO, in SILVA, 1998: 48).

Ⓢ Era o primeiro consultório especializado em doenças da Nutrição¹⁶, pois até então a clínica geral abrangia quase tudo. Tomou-se em pouco tempo o médico da moda, mudando até o endereço original da sua clínica – rua Duque de Caxias –

¹⁴ Fundado em 13/06/28, não há registro de quanto durou.

¹⁵ Escolhe morar com a mãe no bairro da Capunga, tirando-a das más condições em que estava na Madalena, apesar da indignação do pai. Mas tirar a mãe de uma condição "indigna" era prioritário para Josué de Castro.

¹⁶ Na época as especialidades não estavam bem definidas, misturava-se Nutrição com Endocrinologia, área esta que surgiu após os anos 40, portanto, após o consultório de Josué que envolvia essas duas áreas do conhecimento.

para um arranha céu na praça de Duque de Caxias, ambos no atual centro da cidade¹⁷.

Na época Recife vivia um período muito agitado, uma vez que ocorrera, em outubro de 1930, a chamada revolução liberal que depusera o governador do Estado, Estácio Coimbra, político da Velha República e um dos grandes usineiros do Estado. Castro, devido ao seu envolvimento com pesquisas e mesmo com sua futura mulher Glauce Rego Pinto¹⁸, com quem veio a se casar em 1934, acaba por não se envolver com a política; vindo a se engajar somente alguns anos mais tarde quando se tornaria deputado federal pelo seu Estado de origem.

A década de 30 vai marcar o pensamento social brasileiro com uma nova geração que se interessava pelas categorias de civilização, cultura e nação e não mais pelas de território, pátria e língua, como foi na primeira metade do século XIX nem pelas de raça e de meio como foi a da segunda metade daquele século e as duas primeiras décadas do XX. Surgem as obras de Paulo Prado, *Retratos do Brasil* em 1928; Gilberto Freire, *Casa Grande & Senzala* em 33; Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil* em 36. No ano de 1931 ocorre a Reforma Campos¹⁹, que alterou e lançou novas bases para o sistema nacional de ensino, ampliando e obrigando o estudo das ciências sociais, especialmente a Sociologia, na escola secundária, “conferia a essas ciências o papel de fundamento de uma nova atitude diante da vida, base de um novo humanismo, elemento essencial da integração do homem moderno na sociedade moderna” (PINTO; CARNEIRO, 1955: 18).

Nesse mesmo ano Castro escreve e publica vários artigos. Os que mais interessam às Ciências Sociais são *A Elite Brasileira* e *Ensaio sobre o Leite*, ambos publicados no jornal semi-oficial de Recife *A Província*. O primeiro destaca dois tipos de intelectuais: o intelectual *blasé*, que só faz lamentar os problemas do Brasil, e o intelectual denominado de patriota oficial, que se resume a propagar o

¹⁷ Na representação popular de Recife, e mesmo de outras cidades brasileiras, o centro da cidade é onde se encontra o maior fluxo de comércio na cidade, não significando propriamente o centro geográfico dela. Na maioria das cidades brasileiras corresponde também ao setor mais antigo.

¹⁸ Glauce foi sua aluna na Faculdade de Filosofia. Rompe um noivado para se juntar a ela. Do casamento teve três filhos: Josué Fernando de Castro, economista, Anna Maria de Castro, socióloga, e Sônia de Castro Duval, geógrafa.

¹⁹ Realização prática dos princípios ideológicos do movimento vitoriosos de 1930.

governo com seu falso otimismo. São possíveis faces que os intelectuais muitas vezes assumiam em sua época.

Quem discorre justamente sobre os intelectuais é Horácio Gonzalez (1984). Em seu livro *O que é Intelectual?* nos fala sobre as múltiplas faces que um intelectual pode assumir como resultado da realidade social em que está inserido.

Os intelectuais ocupam um leque de situações que vão desde querer redimir a todos, com algo de profetas, a querer mudar as injustiças, com propostas revolucionárias, ou a rejeitar sua própria condição com uma obra aniquiladora de seu próprio eu. Todas estas variações são as contradições da sociedade transcritas na consciência do intelectual. O intelectual é a demonstração, no nível das escrituras, dos símbolos, da criação de novos valores, de que esses fatos contraditórios existem como matéria-prima da realidade social. (GONZALEZ: 110).

A segunda crônica, apesar do título, fala sobre a questão da modernidade e a relação com a cidade de Recife, bem ao sabor do Movimento Regionalista que teve Gilberto Freyre como principal figura no 1º Congresso Regionalista do Recife, lançado em fevereiro de 1926²⁰. Uma resposta à Semana de Arte Moderna de São Paulo, ocorrida em 1922, que proclamava ter a chave de um Brasil novo e moderno, que procurava criar uma nova estética. Já o Movimento Regionalista não enfocava o estético, mas antes a história ou a tradição encarada pelo presente, que a revigora. O Nordeste passa a ser valorizado, como o berço da nação. O movimento se propunha a atingir e compreender o nacional por meio do regional. Para Freire, os termos nação e região não são se repelem, mas antes se complementam.

Além de Gilberto Freyre participam do movimento José Américo de Almeida, Jorge de Lima²¹, Pontes de Miranda, José Lins do Rêgo, Barbosa Lima Sobrinho, Cícero Dias, Olívio Montenegro e Sílvio Rabelo, estes dois últimos amigos de Castro. São eles que irão dar forma a escrita de Josué de Castro, que no dizer de Tânia Silva é uma linguagem “poética”.

²⁰ Consultar a obra organizada por Fátima Quintas (in FREIRE, 1996) intitulada *Manifesto Regionalista* que traz uma série de importantes informações sobre o evento ocorrido em Recife. Há uma série de artigos e mesmo reportagens sobre o movimento.

²¹ Personalidade muito estimada por Josué de Castro.

Em 1932, após dois anos de experiência como médico numa fábrica de Recife que lhe contratara para aumentar a produtividade de seus funcionários, constata o estado de penúria em que os mesmos viviam. Surge daí um inquérito denominado *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife*, publicado originalmente no livro *Alimentação e Raça* em 1935.

Pode-se dizer que esse estudo foi sua primeira obra de cunho sociológico, construindo uma metodologia em que aplicava 500 questionários sobre habitação, alimentação e vestuário com as famílias operárias divididas em três bairros da cidade: Santo Amaro, Encruzilhada e Torre. Era um estudo que procurava "*revelar aos dirigentes do país e aos interessados em conhecer nossas realidades como vive, ou melhor será dizer, como morre de fome a maioria de nossa população*". (CASTRO, 1968a: 68). Chega à conclusão que o trabalhador habitava mal e se alimentava pior ainda, quer do ponto de vista quantitativo quer do qualitativo.

¹ *Por esse estado de coisas, vê-se quanto é urgente a organização de um plano de combate à má alimentação que possa minorar os seus malefícios, produto de nossa defeituosa organização econômico-social e da orientação unilateral que até hoje se tem dado, entre nós, aos objetivos da higiene pública.* (CASTRO, 1968a: 79).

Esse inquérito teve forte impacto nos meios cultos da época, já que representou o primeiro inquérito desta natureza levado a efeito no país. Logo a seguir foram realizados estudos semelhantes em São Paulo, pela Escola Livre de Sociologia e Política (sob orientação de Horace Davis), Rio de Janeiro e em outros locais, todos sob os auspícios do Departamento Nacional de Saúde, que procurava estudar a alimentação do povo brasileiro²². Partindo desses inquéritos institucionalizou-se o salário mínimo no Brasil mediante de seu diploma normativo, o Decreto nº 2.162 de maio de 1940, sob o governo Vargas.

Desde então, assim como hoje, o salário não garantia, sequer, o mínimo existencial³ do trabalhador individual, agredindo-lhe a sobrevivência, a cidadania e sua dignidade de pessoa humana. (Castro já criticava esta quantia irrisória para o trabalhador, o que demonstra o livro *Salário Mínimo*, lançado por ele em 1935.)^(*)

²² Tais estudos faziam parte da Comissão de Inquérito para Estudo da Alimentação do Povo Brasileiro, criado pelo citado departamento.

Esse estudo pioneiro, assim como outros do início da carreira do autor, foi bastante caracterizado pelo discurso higienista, que teve a França como propagadora e resultou nas campanhas de Osvaldo Cruz. O final do século XIX e o início do século XX – início da República – viram a incorporação de um modelo de sociedade oriundo da Europa, o modelo puritano e ascético cujos valores foram traduzidos em formulações filosóficas e científicas que procuravam ter junto à sociedade um efeito moral, normatizador (COSTA, 1983). O arcabouço técnico da ciência era tido como a solução perfeita e fundamental para civilizar o país. Foi nesse horizonte que transcorreu a campanha higienista.

No processo de instalação da República ocorreu a gradual substituição do discurso dos bacharéis – que sustentavam o velho regime, com sua retórica – pelos saberes dos especialistas – detentores de um pragmatismo, homens de ciência envolvidos na remodelação do panorama social – principalmente médicos. Os médicos, além dos engenheiros e dos educadores, foram conduzidos à condição de intelectuais, munidos de saberes técnicos especializados capazes de indicar as diretrizes a serem seguidas pela sociedade brasileira. A mentalidade que passaram a difundir articulava medidas sanitarianas, propriamente medicinais, com cuidados arquitetônicos voltados à remodelação do espaço urbano, tendo sempre em vista o melhoramento da saúde do povo, objetivo definido em projetos que pretendiam, em última instância, reformar o espírito nacional sob uma concepção estritamente cientificista.

Ainda em Recife, com a tese de livre-docência *O Problema Fisiológico da Alimentação no Brasil* torna-se livre docente de Fisiologia da Faculdade de Medicina²³. A relação entre Biologia e Sociologia já pode ser notada. Uma relação que vai marcar toda a obra do autor, como bem identifica Magalhães (1992). Mas era ainda um Josué de Castro mais médico, nutricionista, endocrinologista e fisiologista que propriamente sociólogo.

No entanto, percebe-se, desde já sua crítica às teorias racistas, algo muito presente no pensamento social brasileiro dos anos 20 e 30, e seu caráter

²³ Em 1939 a tese é publicada com o título *O Problema da Alimentação no Brasil*, pela editora Nacional de São Paulo, recebendo o prefácio de Pedro Escudero, um dos maiores estudiosos de nutrição na época.

multidisciplinar, um método que irá adotar em toda sua vida em relação ao fenômeno da fome.

O problema da alimentação é, sob qualquer aspecto, um problema de fisiologia aplicada. O conhecimento do seu mecanismo fisiológico é base indispensável ao médico, ao higienista, ao sociólogo, para que procedam com segurança e critério científico ao aconselhar, prescrever ou indicar as variadas formas de alimentação sadia. (...) Muitas das conseqüências mórbidas incriminadas aos efeitos desfavoráveis do nosso clima são o resultado do pouco caso dado aos problemas da alimentação. (CASTRO, 1934: 121 e 123).

As obras publicadas a posteriori e cuja temática versam sobre problemas alimentares, como afirma Tânia Silva (1998), "gravitarão em torno de idéias bases lançadas nesse trabalho, aproximando-se delas ou afastando-se, conforme os avanços no campo da ciência médica e no campo da nutrição" (201).

Sempre ativo, Castro idealiza e funda a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife, em setembro de 1933, juntamente com Olívio Montenegro, Nelson Coutinho, Aníbal Bruno, Silvio Rabelo, Ulisses Pernambucano, entre outros. Essa Faculdade surge a partir das dificuldades que Josué de Castro e os demais intelectuais da época encontravam como pesquisador social, sem o trabalho de equipes capacitadas, sem disciplina de métodos e sem bibliotecas especializadas²⁴. Castro chega a ser inclusive um dos seus diretores e trabalha como professor catedrático de Geografia Humana entre 1933 e 1935.

Em 1933 foi chefe da Clínica das Doenças do Aparelho Digestivo e da Nutrição da Brigada Militar do Estado de Pernambuco e realiza um curso de especialização em Nutrição no Instituto de Nutrição na Argentina.

Com uma situação estável, com a clínica bem conceituada, a docência de Fisiologia na Faculdade de Medicina e a de Geografia Humana na Faculdade recém criada, muda-se para a rua Antenor Navarro, no bairro dos Afritos (SILVA, 1998: 55). Mas era hora de mudar, "*comecei a sentir que não interessava ganhar dinheiro. Achava tremendo isso de ficar emagrecendo senhoras gordas da*

²⁴ Segundo Olívio Montenegro a faculdade "*representava o primeiro núcleo de cultura sistematizada, de cultura não como luxo ou um arrebique de ciência, mas um método de interpretação e avaliação consciente dos valores humanos mais ansiosos de organização e de vida*" (in SILVA, 1998: 52).

sociedade, enquanto a cabeça me martelava com o problema da fome de tanta gente, com o ciclo do caranguejo." (CASTRO, in SILVA, 1998: 56).

2.4. O Recomeço e a Consagração no Rio de Janeiro

Em 1935 muda-se para o Rio de Janeiro²⁵ e atravessa um período difícil, lutando duramente pela subsistência. Escreve, tenta clínica, faz até um concurso de Estatística em que é bem sucedido na tese, na sua defesa, na escrita e na oral, mas fracassa definitivamente na prática. Aparece como resultado destes tempos difíceis *Alimentação e Raça*, um livro que já no título se percebe a temática. Ele está inserido justamente nesta nova etapa do pensamento social brasileiro que buscava outras categorias para explicar o País: civilização, cultura e nação.

Numa época em que se atribuía o atraso e a pobreza nacional a origens climáticas e étnicas, como bem afirma Manoel C. de Andrade, "*Josué afirmava que estes estigmas eram o resultado de razões sociais, de estruturas impostas à sociedade.*" (in CASTRO, 1996: 291). *Alimentação e Raça*, aliás, se encontra um apêndice a respeito da sugestão de Castro para a execução de um inquérito sobre as condições do trabalho agrícola no Brasil, ampliando assim a gama de suas preocupações, do Recife e do litoral para o interior do Brasil²⁶.

Aqui Castro desnuda de vez o conceito de raças inferiores ao explicar que a fome era a causa da suposta preguiça, indolência, pouca inteligência, pouca aptidão ao trabalho e outras degradações com relação ao índio e ao negro. Não é por acaso que o título da obra de Josué de Castro *Alimentação e Raça*²⁷ se parece muito com a de Oliveira Viana lançada em 1932, denominada *Raça e Assimilação*. É um diálogo que se estabelece com os propagadores da categoria raça como meio de explicação de nossa identidade.

²⁵ Essa mudança para o Rio de Janeiro representa mais uma lacuna na vida de Josué de Castro que não explicita as razões de sua mudança.

²⁶ Ver a respeito da relação litoral e interior a obra *Um Sertão Chamado Brasil* de Nísia T. Lima (1999).

²⁷ Nessa obra encontram-se referências bibliográficas de Gilberto Freire, Pedro Calmon, Araújo Lima, José Américo de Almeida, Franz Boas, Pitirim Sorokin, entre outros cientistas sociais.

Em geral os nossos trabalhadores são muito mais do que seria lícito esperar, a vista do pouco que consomem. Vivem, regra geral, em déficit fisiológico, que certos racistas aproveitam como argumento de valor. Eu continuo, no entanto, a pregar o mesmo sermão de há muitos anos: os males do cruzamento são males da fome e da miséria. (...) As pesquisas de Josué de Castro, enfeixadas neste volume, não podem ser perlustradas displicentemente. Sem falar no que existe aqui de interessante como divulgação de preceitos de higiene e de fisiologia aplicada, aquele aspecto antropológico e social do trabalho dá-lhe relevo particular que muito me honra desde já assinalar. (ROQUETE-PINTO, in CASTRO, 1935: 11 a 13)²⁸.

Foi nessa época, quando do surgimento da Aliança Nacional Libertadora²⁹, sob a liderança de Luís Carlos Prestes, e do novo regime varguista que Castro serviu ao Governo, na área de sua especialização, convivendo com o poder, como numerosos outros intelectuais brasileiros de então.

Os anos trinta são bastante turbulentos para Castro devido à morte do pai³⁰ e, ao mesmo tempo, bastante fecundos porque escreve vários artigos. Alguns dos mais importantes surgem na primeira edição de *Documentário do Nordeste* lançada inicialmente em 1937³¹, que representa uma coletânea de textos divididos em *A Paisagem Viva do Nordeste* – ceme do seu único romance *Homens e Caranguejos* de 1965 – e em estudos sociais e estudos biológicos sobre a região.

Na coletânea, vale destacar um artigo de grande importância para o campo das ciências sociais, talvez o mais conhecido artigo do autor, a saber, *O Ciclo do Caranguejo*³², no qual discorria sobre os habitantes dos manguezais que, ao mesmo tempo em que sobreviviam da caça ao caranguejo, davam de comer a eles através do próprio excremento, criando assim um ciclo. Segundo Giuseppe di Taranto, “*este trabalho, que se pode considerar, sob certos aspectos, uma*

²⁸ Roquete-Pinto (1884-1954), médico, antropólogo e etnólogo carioca iniciou os primeiros passos da Antropologia no Brasil. É reconhecido no meio intelectual principalmente pelas obras *Rondônia, Ensaio Brasileiro* e *Ensaio de Antropologia Brasileira*. No mesmo ano da obra de Josué de Castro lança *Manifesto Antinazista* juntamente com Artur Ramos, Gilberto Freire e outros intelectuais de advertência contra os riscos das teorias racistas difundidas pelos integralistas. Foi responsável também pela ampliação das atividades científicas do Museu Nacional entre outras ações. Foi mais uma grande referência para Josué de Castro.

²⁹ Josué de Castro, apesar de simpatizante da Aliança Nacional Libertadora e de ter artigos publicados em jornais ligados à mesma, não se filiou à esta corrente política e não foi vítima de perseguições durante o Estado Novo.

³⁰ Mais uma passagem na vida de Josué de Castro em que os acontecimentos são pouco comentados pelo autor, ao ponto dos filhos não saberem falar sobre o avô paterno.

³¹ As edições mais recentes já se encontram recheadas de outros textos como, por exemplo, um discurso proferido na Câmara Federal em 11 de julho de 1956.

antecipação literária de sua obra e que lhe custou a expulsão do Recife, porque subversivo, suscitou vivo interesse no Brasil, que assistia, naqueles anos, a uma repentina modificação das suas estruturas econômicas e sociais."³³ (1993: 12).

Ainda em 1935, Castro passa a chefiar no Rio de Janeiro o Serviço Central de Alimentação do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, considerado um marco na assistência alimentar ao trabalhador e que se transformaria no futuro Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), como observa Solange L'Abbate (1982). Como se observa na dissertação de mestrado de L'Abbate e na tese de livre docência de Anna Maria de Castro (1977), a história das políticas públicas na área de alimentação se confunde com a própria história de vida de Josué de Castro. (A figura de Josué de Castro é muito forte quando da criação das primeiras instituições públicas sobre a questão alimentar no País.

Outro fato sociologicamente importante refere-se à entrada de Josué de Castro na Universidade do Distrito Federal, sonho de cultura e pesquisa de Anísio Teixeira³⁴ e que se concretizou no governo de Pedro Ernesto, então prefeito do Rio de Janeiro. Quando Roquete-Pinto, convidado a dar aulas como professor de Antropologia da recém criada Universidade do Distrito Federal, recusa o convite por motivos de saúde indica o nome de Josué de Castro para substituí-lo. A influência de Roquete-Pinto na sua vida não se limitou ao campo da criação mental, mas transbordou para o campo das próprias preocupações materiais (CASTRO, entrevista, 1963). Não é por menos que lhe dedica o livro *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, de 1937.

³² De acordo com Taranto (1993: 12 e 139) o artigo foi publicado em Recife em 1930.

³³ O autor se refere às mudanças provocadas pelo governo Vargas, que implementou novas formas de relação Estado e sociedade ao implementar um vasto programa de reformas a favor dos trabalhadores.

³⁴ Anísio Spínola Teixeira foi um dos maiores educadores que o Brasil já teve. Baiano de Catité nasceu em 1900 e faleceu no Rio de Janeiro, cidade em que lhe consagrou, em 1971. Homem de pensamentos e ações esteve na frente de importantes projetos educacionais, como dirigente formulador ou ambos. Foi responsável pela fundação da UFRJ bem como da UnB. Entre suas principais obras, destacamos: *Educação não é Privilégio; Educação é um Direito; Cultura e Tecnologia; Educação e o Mundo Moderno.*

Dessa forma, Anísio Teixeira³⁵ que criava a universidade, na qual Josué de Castro fez parte, procurava implantar no país um sistema de ensino superior mais abrangente, não apenas profissionalizante, e que formasse quadros de pesquisadores e de cientistas “desinteressados”, isto é, preocupados em divulgar o saber, o conhecimento.

Seria uma réplica, até certo ponto, do que Armando de Sales Oliveira fizera em São Paulo com a criação da USP em 1934. Para compor o quadro docente da nova universidade, Anísio Teixeira mobilizou uma série de nomes expressivos no meio acadêmico: Mário de Andrade, Heitor Vila Lobos, Cândido Portinari, Jorge de Lima, Sérgio Buarque de Holanda, Álvaro Vieira Pinto etc. Na cátedra de Antropologia estavam presentes, além de Josué de Castro, Hermes Lima, Afonso Arinos de Melo Franco, Luís Freire e Gilberto Freire (ALMEIDA, in MICELI, 1989: 196).

Afrânio Peixoto, seu primeiro reitor, encarregou-se de contratar, na França, um elenco de professores estrangeiros composto por Emile Brehier (Filosofia), Eugene Albertin, Henri Hauser, Henri Tronchon (História), Pierre Deffontaines (Geografia) etc. Este último sendo substituído por Josué de Castro e que até por isso influencia o seu pensamento no que concerne à Geografia³⁶.

Porém, a vida dessa universidade foi curta em face ao movimento revolucionário de 1935, ocorrido em Natal, no Recife e no Rio de Janeiro que fez com que o prefeito do Rio, o pernambucano Pedro Ernesto, caísse em desgraça perante o Governo Federal. Getúlio Vargas, que tinha verdadeira fascinação pelo poder, utilizou a chamada Intentona Comunista para conseguir, de um Congresso amedrontado, uma série de leis que lhe desse margem de perseguir seus inimigos políticos ou os políticos que tinham coragem de se opor às suas ambições de perpetuação no poder.

³⁵ Texto extraído de um discurso realizado em 31 de julho de 1935 por ocasião da inauguração solene dos cursos da Universidade do Distrito Federal pelo então reitor. Transcrito de acordo com a norma culta atual.

³⁶ A respeito consultar sobre as influências do pensamento geográfico em Josué de Castro em três autores que melhor abordam essa questão: Tânia E. Magno da Silva (1998) no subcapítulo A Geografia da Fome; Manoel C. de Andrade (1996) que escreve uma biografia geográfica do autor e Luís Carlos R. Tavares (1997) que escreve também sobre Josué de um ponto de vista da Geografia em sua monografia de graduação.

Assim, em 1938, Alceu Amoroso Lima, responsável pela criação em 1932 do Instituto Católico de Estudos Superiores, futura Pontifícia Universidade Católica (PUC), ocupou a reitoria e dissolveu a Universidade do Distrito Federal criando em seu lugar a Universidade do Brasil³⁷.

Nessa universidade foi criada, em 1939, a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) e a área de ciências sociais foi constituída com o concurso de pensadores sociais de renome, mas simpáticos ou comprometidos diretamente com o Estado Novo, e de professores estrangeiros, basicamente franceses, ligados à corrente de pensamento católica. A Oliveira Viana foi oferecido uma cátedra que jamais chegou a ocupar; Artur Ramos tomou-se catedrático de Antropologia e Etnologia. Do estrangeiro vieram André Gros para a Política; Maurice Bye para Economia Política; Antoine Bon para História Antiga e Medieval; Jacques Lambert³⁸ para a cátedra de Sociologia e outros para cátedras de Literatura, Psicologia, Geografia. (ALMEIDA, in MICELI, 1989: 198).

Na Universidade do Brasil, que incorporou a maioria dos professores da antiga universidade dissolvida, Castro passa a ministrar aulas de Geografia Humana³⁹. Porém, se se efetivou no cargo de professor universitário em 1947 por meio de um concurso no qual defendeu a tese *Fatores de Localização da Cidade do Recife: um Ensaio de Geografia Urbana*⁴⁰, publicada em 1948 pela Imprensa Nacional. Juntamente com ele, outros nomes merecem destaque nos anos 40: Victor Nunes Leal, que foi indicado em 1943 para ocupar a cátedra de André Gros; Luiz A. Costa Pinto que substituiu Jacques Lambert na cátedra de Sociologia; Guerreiro Ramos, que juntamente com Costa Pinto foram os primeiros alunos a se

³⁷ Atualmente denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³⁸ Exerceu importante influência sobre Josué de Castro principalmente pela sua idéia "dual" da constituição da sociedade brasileira, como veremos no capítulo seguinte.

³⁹ Segundo o depoimento do ex-aluno de Castro no curso de Geografia na UDF, Orlando Valverde (in Academia Pernambucana de Medicina, 1983), a nomeação de Josué de Castro para a Universidade do Brasil deu-se por influência direta de Getúlio Vargas. "Josué era amigo de Getúlio e médico particular da família e muito amigo de Alzirinha, a filha de Getúlio" (in SILVA, 1998: 65). Por isso, é visto muitas vezes por seus colegas de universidade como um "populista". Sua filha, Anna Maria de Castro, numa entrevista à revista *Ecologia e Desenvolvimento* (1993), chega a citar Josué de Castro como assessor de Getúlio Vargas, mas não dá maiores detalhes, debrando a entender que foi no final dos anos 30 por ocasião da implementação do salário mínimo.

⁴⁰ Este trabalho recebe outro título: *A Cidade do Recife*, publicada no Rio de Janeiro pela editora Casa do Estudante do Brasil, em 1951.

formarem na FNFi; Djacir Menezes, que o influenciará nos estudos sobre o Nordeste⁴¹, entre outros.

Entre artigos em jornais e revistas nacionais e internacionais, além de ser constantemente convidado a proferir palestras, conferências, discursos e a prefaciar livros, o autor lança em 1937 o livro *Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, no qual já se configuram alguns traços para o seu mais importante livro: *Geografia da Fome*.

Se em *Alimentação e Raça* já inicia seu debate com aqueles que defendem as teses racistas e da determinação unívoca do meio, nesse outro livro se confirma e amadurece esse raciocínio contrário ao que denomina de "artificialismos decadentes de Gobineau".

No Brasil, mais do que a herança racial e a ação amolecedora do clima, agiram como estorvo à nossa evolução social, impedindo que ela tornasse velocidade como entre os norte-americanos, certas causas de fundo social econômico, como a rareza do elemento humano diluído em excesso em desmedidas extensões; como a implantação do regime latifundiário, por força mesmo desta baixa densidade demográfica; como a falta de meios de defesa contra o cortejo das chamadas doenças tropicais... (CASTRO, 1937: 124).

A questão da fome recebe aqui as várias dimensões que Castro irá trabalhar durante o resto de sua vida: *"o problema alimentar não constitui assunto de simples referência de sobremesa, mas estudo muito mais sério e complicado, com raízes mergulhadas profundamente no campo da Sociologia e da Filosofia, com influências projetadas longe, nos quadros mais variados de manifestações da vida"* (CASTRO, 1937: 17).

Ainda em 1937, preocupado em difundir os preceitos de uma alimentação saudável, elabora juntamente com Cecília Meireles, com desenhos de João Fahrion, uma cartilha para o público infantil denominado *A Festa das Letras*, em que cada letra representa uma lição alimentar, proporcionando com todo o alfabeto uma variedade necessária ao equilíbrio fisiológico humano.

No ano seguinte, Castro assiste a uma conferência proferida no Rio de Janeiro pelo professor Lorenzini, um italiano respeitado no meio acadêmico da

⁴¹ O livro que Josué de Castro cita em *Geografia da Fome* do autor é *O Outro Nordeste: Formação Social do Nordeste*, publicado no Rio de Janeiro pela José Olympio, em 1937.

nutrição na época, que o cita várias vezes sem saber que ali se encontrava. O encontro resultou no seu primeiro contato com a Europa, tendo estagiado no Instituto Bioquímico de Roma e dado palestras nas universidades de Roma, Nápoles e Gênova. Dessa experiência publica, em 1939, o estudo *Alimentazione e Acclimatazione Umana nei Tropici* em Milão. Às vésperas da II Guerra Mundial, Castro, que se encontrava com sua mulher Glauce Soares e a recém filha Anna Maria nascida em Roma, se viu obrigado a fugir da ameaça de guerra.

Essa obra, assim como as outras que virão, está relacionada diretamente com o que Castro fazia em sua vida: dando aulas (Antropologia, Geografia Humana, Medicina e Nutrição), ministrando palestras, exercendo cargos em instituições, cumprindo mandato como político, enfim, suas obras são expressões de cada momento desses.

Fruto de uma década em que trabalha incansavelmente lança, ainda em 1938, outros livros: *Science et Thecnique*⁴², publicação do Ministério da Educação para uma exposição em Paris, e *Fisiologia dos Tabus*, uma aproximação com a Psicologia, seu antigo interesse, e com a Antropologia, fruto de sua cátedra na universidade. Cita tanto Freud, Pavlov e Wundt quanto Nina Rodrigues, Roquete-Pinto e Frazer, intelectuais conhecidos em suas respectivas áreas de conhecimento. *Fisiologia dos Tabus* é a obra que também demarca Josué de Castro como autor definitivamente ligado às Ciências Sociais, uma vez que analisa certos hábitos alimentares brasileiros e a proibição da combinação de alimentos ou as restrições ao consumo destes, com uma base antropológica/etnográfica⁴³.

Por sinal, foi esse livro o primeiro estudo a ser traduzido para outras línguas. De certa forma, o marco inicial de sua consagração como intelectual internacional⁴⁴. Ainda lhe sobre tempo para graduar-se em Filosofia pela

⁴² Não há muitas informações sobre essa publicação.

⁴³ Cita pesquisas realizadas por Nunes Pereira, Roquete-Pinto, Artur Ramos e Mário Andrade.

⁴⁴ Vale notar que desde muito cedo Josué de Castro se volta para o exterior. É impressionante essa características de caixeiro viajante, uma vez que ele conhece quase todos os continentes: África, Europa, Ásia, América do Sul, Central e do Norte. Toma a partir dessas viagens um olhar estrangeiro sobre o seu próprio País, o que não significa de maneira alguma ter um interesse alheio ao Brasil, como muitas vezes foi acusado, injustamente, por seus adversários na Câmara dos Deputados desde meados dos anos 50 até o início dos 60 – época dos dois mandatos.

Universidade do Brasil. Pelo menos é o que consta na biografia escrita por ele próprio quando tomou posse na Câmara dos Deputados em 1955⁴⁵.

(Ao voltar da Itália, em 1939, publica *Geografia Humana*⁴⁶. Estudo da paisagem cultural do mundo, livro didático destinado ao 3º ano do ensino médio.) A apresentação é do professor Preston E. James, da Universidade de Michigan dos EUA, que lecionou por algum tempo no Brasil e teve influência sobre o pensamento geográfico de Josué de Castro.

Juntamente com *O problema da Alimentação no Brasil, Alimentação e Raça, Documentário do Nordeste, A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana e Fisiologia dos Tabus* esse livro é parte integrante para a confecção de sua mais divulgada obra, considerado por muitos como a obra síntese, a saber, *Geografia da Fome* (1946) e sua continuação, *Geopolítica da Fome* (1951).

No campo institucional, continua a ministrar cursos sobre alimentação e nutrição no Departamento Nacional de Saúde Pública e na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, coordenando, em 1940, o primeiro curso de especialização em nutrição da Universidade.

Sentindo necessidade de pôr em prática seus conhecimentos teóricos funda a Sociedade Brasileira de Alimentação em 1940, constituído de futuros dirigentes do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) criado em agosto do mesmo ano. Era uma criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio para fazer frente a um decreto-Lei de 1939 que estabelecia a obrigatoriedade das empresas com mais de 500 empregados a instalarem refeitórios para os trabalhadores (L'ABBATE, 1982: 4). "*As principais inovações do SAPS em relação à simples obrigatoriedade de instalação de refeitórios nas empresas dizem respeito, sobretudo, à criação de restaurantes populares, ao fornecimento de*

⁴⁵ Em todas as biografias do autor essa informação não é completa, isto é, não há maiores comentários. Ela passa despercebida, o que de forma alguma não é, pois ela dá uma nova guinada do autor em relação à sua aproximação com o pensamento social. Seu raciocínio torna-se mais complexo. Há um maior refinamento de suas idéias. Seus argumentos têm mais conteúdo.

⁴⁶ Na segunda edição o livro sofre algumas modificações, pois subdivide-se em duas partes: na primeira apresenta de forma condensada o conteúdo original do livro *Geografia Humana* e, na segunda acrescenta a tese para o concurso na cátedra de Geografia Humana na FNFi da Universidade do Brasil sobre a cidade do Recife, escrita nos rigorosos moldes de um trabalho acadêmico. Daí recebe o título de *Ensaio de Geografia Humana*, publicada em 1957.

alimentos por parte de alguns empregadores e à importância conferida à educação alimentar” (L’ABBATE, 1982: 5).

Com esses restaurantes estabelecia-se um “laço simbólico” entre o trabalhador e o Estado, bem ao estilo da época varguista.

Nos grandes restaurantes do órgão tínhamos os trabalhadores comendo juntos, conversando, trocando idéias, numa rara oportunidade de se sentirem cidadãos. A proposta não era só de dar comida. Era de oferecer uma refeição equilibrada, com orientações sobre alimentação que vinham no verso dos cardápios. (Anna Maria de CASTRO, 1993: 11 e 12).

O SAPS surge, então, como meio de atuação dos estudiosos da Sociedade Brasileira de Alimentação, dirigida por Josué de Castro. Até porque, em parte, o SAPS foi uma proposta apresentada por esse grupo que procurava colaborar com o Estado, tanto no sentido da execução de uma política pública, quanto do ponto de vista do apoio institucional necessário à elaboração de estudos e pesquisas que contribuíssem para o desenvolvimento de uma ciência da nutrição, que tratasse a alimentação sobretudo como questão social (L’ABBATE, 1982: 14).

Para Andrade, “era a oportunidade que passava a ter o professor e cientista de pôr em prática os seus conhecimentos teóricos. (...) Montava, desse modo, um forte esquema para o estudo da fome e dos problemas por ela causados no Brasil”. (in Anna de CASTRO, 1996: 293).

Além dessa experiência do SAPS⁴⁷ e de sua extraordinária produção científica e editorial, Castro, professor, trabalhador incansável e dinamizador de idéias, manteve de 1936 até 1955, no Rio de Janeiro, seu consultório médico, como clínico e especialista em doenças da nutrição. Sendo o seu primeiro consultório localizado na rua do Passeio. Era uma rotina fatigante. Como conta seu amigo Otávio Pernambucano,

Ele levantava cedo, lia, tomava o primeiro almoço, saía às 9, dava as aulas, visitava os doentes, saía do consultório às 20. Jantávamos em casa e saíamos os 3 (Otávio, Josué e Glauce) correndo para o cinema que era para ele um descanso; durante 10 horas era ator, produzia sua parte num script pesado,

⁴⁷ No governo Dutra o SAPS se enfraquece pois acaba por expandir suas ações (CASTRO, Anna Maria de, 1977). Mas seu fim viria a ocorrer somente em 1967 no governo Costa e Silva, que decretou a extinção das poucas dependências em funcionamento.

sentia necessidade de sentar 2 horas para assistir o desempenho de outros como se fosse real como o seu. (in SILVA, 1998: 70).

Em 1942 é convidado oficial do governo da Argentina para estudar problemas de alimentação e nutrição, o que viria a acontecer igualmente com outros países, como os Estados Unidos em 1943, México e República Dominicana em 1945, França em 1947 e Peru em 1950. Destas viagens tira alguns frutos, como a publicação no México de *La Alimentación en los Tropicos*, um rearranjo de *Alimentazione e Acclimatazione Umana nei Tropici*. Mais tarde é condecorado professor Honoris-Causa da Universidade de Santo Domingos, na República Dominicana, e da Universidade de San Marcos, na capital peruana, em 1950.

Também em 1942 funda a Sociedade Brasileira de Nutrição, vindo a deixar de presidi-la dois anos depois. Nesse ano outro marco na história das idéias sociais viria a acontecer com a publicação de Caio Prado Júnior – *Formação do Brasil Contemporâneo* – que seria a primeira análise marxista e dialética aprofundada sobre nossa realidade. O Brasil ganhava mais uma nova direção em suas linhas de interpretação⁴⁸.

Em 1943, Josué de Castro torna-se professor catedrático da cadeira de Nutrição do curso de Sanitaristas do Departamento Nacional de Saúde. É também designado diretor do Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN) da Coordenação de Mobilização Econômica, órgão mediante o qual o governo federal coordenava todas as atividades relacionadas aos assuntos econômicos nacionais, criado a partir do contexto da II Guerra Mundial.

Cabia ao STAN realizar pesquisas laboratoriais, experimentos, novos métodos de conservação de alimentos, enfim, voltava-se para a área de Tecnologia Alimentar

visando aumentar a produção interna de alimentos e também de produtos farmacêuticos. Embora de curta duração – a Coordenação e seus órgãos internos foram extintos em 1945 – suas atividades encontram-se, sem dúvida, integradas aos objetivos da política econômica vigente no período, no sentido de acelerar o processo de industrialização. (L'ABBATE, 1982: 40).

⁴⁸ O próximo capítulo trará uma breve análise sobre a relação Caio Prado Júnior, marxismo e Josué de Castro.

A STAN atuava tanto para o povo, com palestras pelo rádio, organizadas como um curso popular de alimentação, quanto para a comunidade científica com a primeira publicação de porte sobre questões de alimentação, denominada *Arquivos Brasileiros de Nutrologia*⁴⁹.

No esforço de aperfeiçoar a indústria brasileira que poderia aproveitar naquele momento de desestruturação da economia dos países que participavam da II Guerra Mundial, principalmente da Europa, é criado em 1944, por iniciativa do STAN, o Instituto de Tecnologia Alimentar que terá um carinho e uma atenção especial de Josué de Castro. Ao recordar das atividades e cargos exercidos até 1946 destaca sempre com orgulho a criação do Instituto⁵⁰.

Mas não quero esquecer de falar no famoso Instituto. Calcule você que, recebendo os Arquivos Brasileiros de Nutrição, onde eu publicava uma série de pesquisas, muito estrangeiro chegava aqui querendo ver o Instituto. Quando lhes mostrava as três salinhas do Edifício Brasília caíam para trás. Todos queriam saber: 'Onde é que você faz suas pesquisas?' A minha vocação era o social. Os que dizem que nunca peguei num provete não estão mentindo. Quando eu quis saber o conteúdo da macambira e do xiquexique foi porque meu pai desceu o sertão comendo farinha de macambira e eu queria saber por que motivo 'o sertanejo é, antes de tudo, um forte' se tantas vezes se alimentava daquilo. (in SILVA, 1998: 74).

Como afirma Manuel C. de Andrade: “Josué, atingia, assim, uma posição de destaque na hierarquia universitária, de vez que, além de diretor do instituto, participou do Conselho Universitário da UB e dirigiu o Departamento de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia” (in CASTRO, Anna Maria de, 1996: 296).

Além do enfoque do desenvolvimento da tecnologia para subsidiar a indústria de alimentos, o STAN também tinha propostas relacionadas à educação alimentar como o SAPS, uma idéia de “civilizar a população”, muito próxima dos higienistas e mesmo do governo Vargas, como bem explica Lúcia OLIVEIRA:

As transformações em curso na sociedade brasileira durante o governo Vargas, principalmente no Estado Novo, e o impacto da Segunda Guerra Mundial foram

⁴⁹ Com o fim da Coordenação de Mobilização Econômica em 1945 e, conseqüentemente, do STAN essa publicação passa para responsabilidade do Instituto de Tecnologia Alimentar. A publicação, que teve início em 1944, dura até 1968.

⁵⁰ Em 1946, ao término da II Guerra, o Instituto é incorporado à Universidade do Brasil (INUB), passando a se chamar Instituto de Nutrição. Recentemente passou a se chamar Instituto de Nutrição Josué de Castro da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

significativos para alterar a idéia de nação desejada. O Estado Novo (1937-1945), ao pretender ser novo e nacional, procurou juntar modernização e tradição, construindo uma doutrina, uma ideologia, na qual os intelectuais tiveram um papel de destaque. Eram eles considerados como capazes de perceber, antes dos demais, as tendências, as demandas do povo e da nação. Recuperando a denúncia à cópia dos anos 1920, retomando a descoberta do Brasil realizada pelos modernistas de 1922, os intelectuais do Estado Novo desenharam o Estado como tutor, como pai, diante de uma sociedade imatura, que necessitava ser orientada. (...) O povo seria uma matéria-prima a ser trabalhada pelo Estado. (in MADEIRA e SANTOS, 2001: 140).

Em 1945⁵¹, o STAN é substituído pela Comissão Nacional de Alimentação (CNA), que Josué de Castro passa também a dirigir até 1954. Era um órgão do Conselho Federal de Comércio Exterior que tratava de dar um caráter mais permanente às atividades iniciadas pelo STAN: educação alimentar e assistência à indústria nacional de alimentos, no tocante ao aperfeiçoamento de tecnologia alimentar também de base nacional (L'ABBATE, 1982: 40).

Entretanto, a CNA criada em 1945 só será regulamentada em 1951⁵², pois perde importância no governo Dutra (1946-1951), sendo transferida para o âmbito do Ministério da Educação e Saúde, com menor poder de atuação. No ano de sua regulamentação lhe é atribuída a função de Comitê Nacional da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), passando a atuar de acordo com as recomendações desse órgão da O. N. U. Ao que tudo indica, após o governo JK não se deu importância à política social em alimentação, *"o que em parte explica o esvaziamento pelo qual passou a comissão nos seus últimos anos, (...) extinta em 1972 pelo Decreto que instituiu o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN)"*, existente até 1997 (L'ABBATE, 1982: 60)⁵³.

⁵¹ Também em 1945, Josué de Castro participa da fundação do Hospital de Clínicas do Rio de Janeiro e passa a ser o primeiro vice-presidente. Acontecimento que repercutiu muito na imprensa da época.

⁵² Além da regulamentação, ao órgão também é atribuída funções no sentido de transformá-la em Comitê Nacional de Organização e Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, seguindo recomendações da FAO para todos os países membros (L'ABBATE, 1982: 49 e 50).

⁵³ Atualmente o INAN foi substituído pela Coordenação Geral da Política de Alimentação e Nutrição da Secretaria de Políticas de Saúde do Ministério da Saúde que desenvolve como programa principal o Bolsa-Alimentação.

Castro tinha um ritmo de trabalho intenso, não sobrava tempo para sua vocação literária como gostaria. Em uma carta endereçada a Thales de Azevedo⁵⁴ confessa:

Logo que li seus ensaios sobre os Gaúchos me veio um vivo desejo de escrever sobre eles alguma coisa, mas a minha vida sempre cheia de afazeres, sem vagares para pensar calmamente sobre qualquer coisa, não me deixou satisfazer imediatamente este desejo. Sem confiança nas minhas forças pra realizar o projeto, de fazer um longo artigo inspirado em seu trabalho, consciente de que há em mim hoje muito pouco da vocação de escritos que em tempos passados me levou a aventuras literárias, mas que a pressão das obrigações materiais conseguiu afogar quase que inteiramente. (in SILVA, 1998: 72).

Outrossim, Josué de Castro mantinha diálogos não apenas com Thales de Azevedo mas também com Pierre Deffontaines, Pierre Verger, Max Sorré, Roquete Pinto, Artur Ramos, Fernando Azevedo, Roger Bastide, Djacir Menezes, Donald Pierson, enfim teóricos que o ajudaram muito para sua percepção de globalidade e complexidade dos fenômenos sociais que iria se concretizar nas obras *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*⁵⁵.

2.5. O Auge: Geografia e Geopolítica da Fome

Em 1946⁵⁶, Castro publica, pela editora O Cruzeiro, sua obra de maior repercussão, *Geografia da Fome*⁵⁷. Esse livro ganha dimensão internacional não

⁵⁴ Autor de importantes obras nas ciências sociais, principalmente no campo da Antropologia, Thales de Azevedo nasceu na Bahia em 1904, formando-se em medicina também na Bahia e lá clinicando entre 1928 e 1942. Em 1943 passa a se dedicar ao ensino de Etnologia e Antropologia na Faculdade de Filosofia, hoje integrada à Universidade Federal da Bahia (UFBA). Exerceu o cargo de assistente para assuntos de saúde na gestão de Anísio Teixeira quando Secretário de Educação e Saúde do Estado. Foi um dos fundadores, em 1953 no Rio de Janeiro, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), existente até hoje. Entre suas obras destacamos: *Gaúchos; Povoamento da Cidade de Salvador; O Catolicismo no Brasil; As Elites de Cor; Democracia Racial*.

⁵⁵ Além deles Josué também manteve contato com Bandeira de Mello, Guimarães Rosa, Câmara Cascudo, Vargas, JK, Charles Chaplin, Sartre, Bertrand Russel, Rosselini, Abade Pierre, Darcy Ribeiro, Cristovam Buarque, Luiz Carlos Prestes, Hélio Jaguaribe, Guerreiro Ramos, Jorge Amado, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Anísio Teixeira, Alceu Amoroso Lima, Barbosa Lima Sobrinho, entre outras personalidades. A constelação de figuras importantes e de destaque no Brasil e no exterior que surgem na vida de Josué é impressionante.

⁵⁶ Nos anos 40, segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz (1977), o Brasil passa por uma forte mudança na história das idéias sociais com Roger Bastide, pois é ele o responsável por abrir um novo caminho para se interpretar o País. O autor não aceita os dualismos puros e simplistas dos primeiros sociólogos do Brasil: Nina Rodrigues com a oposição branco-negro; Euclides da Cunha com interior-litoral; Gilberto Freire com estrato superior branco e inferior negro. A diversidade e a

só pela seriedade e audácia com que enfrentou o grande “tabu da fome” como também pela denúncia que fez da situação em que vivia a maioria da população do país. Foi um livro que provocou um choque na geração pós-guerra. Como afirma Ignacy Sachs, “pertencço a uma geração para a qual a Geografia da Fome foi o livro de choque e de importância fundamental. Lançou uma revelação, mas não apenas isso, lançou também uma diretriz (in MINAYO, 1985:135).

Tratava-se de dar uma importância e uma atenção maior aos problemas sociais do Brasil, sendo a fome o mais absurdo e grave dentre eles. Josué de Castro advogava em favor do equilíbrio das políticas públicas do País entre “o pão e o aço”⁵⁸, ou seja, numa época em que a atenção do País voltava-se para a industrialização e a urbanização intensa o professor da Universidade do Brasil clamava pelas conseqüências desses dois processos que se uniam no grande projeto modernizador iniciado por Getúlio Vargas. Ao somente se dar atenção ao “aço” o País deixava de lado o “pão” ou as políticas voltadas especificamente para a questão social, sendo a fome o seu símbolo. Um flagelo já vivido naquela época por milhões de brasileiros. *“A solução do dilema não está no atendimento exclusivo ao pão ou ao aço, mas simultaneamente ao pão e ao aço, em proporções impostas em face das circunstâncias sociais e das disponibilidades econômicas existentes”.* (CASTRO, 1992: 296).

Além dos livros que precedem essa obra, já citados, *Geografia da Fome* também foi introduzida pelo artigo que deu a idéia fundamental da obra, como o título já esclarece: *Áreas Alimentares do Brasil*, publicada em 1945. Josué de Castro divergia da divisão do espaço brasileiro em grandes regiões naturais feita em 1943 por Fábio de Macedo Soares Guimarães (Manoel C. de ANDRADE, in CASTRO, 1996: 296). Para Castro o Brasil se dividia em cinco grandes regiões alimentares: a Amazônia, o Nordeste açucareiro, o Sertão nordestino, o Centro-Oeste e o Sul.

heterogeneidade da sociedade brasileira explicava muito mais o País. O dinamismo para Roger Bastide seria “a lei primeira do Universo”. A integração, portanto, inclui elementos conflituosos. E Castro não só se influencia pelo dualismo puro num primeiro momento como também vai incorporar essa idéia/ constatação bastideana da complexidade da sociedade brasileira, principalmente a partir de *Geografia da Fome*.

⁵⁷ Ganhador do prêmio José Veríssimo da Academia Brasileira de Letras de 1946.

Usando uma metodologia basicamente geográfica, mas buscando causas sociológicas, o autor analisou as características físico-naturais e econômico-sociais desta calamidade que ganhava particularidades em cada região do País. Todas as cinco regiões apresentavam características geográficas, sociais, econômicas, culturais e alimentares específicas, particulares, que encerravam realidades também únicas e que, portanto, requeriam políticas públicas distintas para cada uma. O fenômeno da fome ganhava particularidades, completava-se com análises econômicas, sociais, culturais, geográficas e alimentares, configurando a multidisciplinaridade como método de análise⁵⁸.

O teórico da fome enterrava definitivamente a visão do fenômeno como consequência de questões climáticas e raciais e estabelecia, de uma vez por todas na história do pensamento social brasileiro, a fome como um *"flagelo construído pelo homem, contra outros homens"*. Daí porque define-a como *"expressão biológica de males sociológicos"* relacionada, portanto, com distorções político-econômicas atuais e do passado da nossa colonização.

O livro consolida também o estilo literário-científico de Josué de Castro. As interpretações sobre o Brasil são feitas sob a forma ensaística, uma forma adotada desde Paulo Prado em *Retratos do Brasil* e que teve continuação com outros clássicos do pensamento social brasileiro como *Casa Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*. Como define Carlos Calil a respeito da obra de Paulo Prado: *"escrito por entre as dobras criadas pela superposição de erudição com imaginação, inaugura um gênero de interpretação história que se consagrará no decênio seguinte..."* (in PRADO, 1997: 30).

Dessa maneira, a posição alcançada na Universidade do Brasil e a repercussão e prestígio alcançado por Geografia da Fome, traduzido para mais de 10 idiomas, serviram de alicerce para o definitivo reconhecimento de Josué de Castro no cenário internacional. Tanto é que em 1947, proferiu, como convidado oficial do governo francês, uma série de conferências sobre "Os Problemas da Alimentação nas Regiões Tropicais" no *Centre National des Recherches*

⁵⁸ O subtítulo da obra é *Dilema Brasileiro: Pão ou Aço*.

⁵⁹ Com relação ao método de Castro, os comentários encontram-se no próximo capítulo.

Scientifiques (CNRS), importante centro de estudos no campo das ciências sociais.

Em 1948 é convidado a participar da Primeira Conferência Latino-Americana de Nutrição promovida pela FAO⁶⁰, ocorrida em Montevideu, onde foi recomendada a organização da assistência alimentar ao escolar para os países participantes. Josué de Castro era delegado do Brasil nesta conferência e, devido ao seu reconhecimento, foi escolhido membro do Comitê Consultivo Permanente de Nutrição desse mesmo organismo internacional.

Se *Geografia da Fome* constituiu um grande impacto, sobretudo para os grupos conservadores da época que não tinham interesse em demonstrar os reais problemas da fome e da miséria no país, maior impacto seria provocado, segundo Andrade, em 1948 com a primeira publicação de *Geopolítica da Fome*⁶¹, em que o autor mudou a escala de trabalho e passou a analisar esse problema no mundo inteiro. Uma espécie de continuação da obra lançada anteriormente e que tem uma publicação mais completa e definitiva em 1951, pela editora Brasiliense⁶².

Com prefácio de John Boyd Orr⁶³ – primeiro diretor-geral da FAO e Nobel da Paz – essa obra recebeu vários prêmios e elogios, como por exemplo o prêmio Franklin Roosevelt da Academia Americana de Ciências Políticas (1952) e o prêmio Internacional da Paz do Conselho Mundial da Paz (1954), sendo um dos raros livros do mundo consagrado, simultaneamente, com prêmios de destaque nos EUA e na URSS.

Com esses dois livros definia-se, incontestavelmente, a posição de luta política do intelectual pernambucano tanto nacional como internacionalmente. A teoria e a prática são intencional e propositalmente (con)fundidos na obra de Josué de Castro, ou melhor, para o autor não faz sentido existir a teoria sem uma finalidade prática, sem uma aplicabilidade. A fome é sem dúvida o grande mal a se

⁶⁰ Três anos depois da primeira conferência mundial ocorrida no Canadá, também promovida pela FAO.

⁶¹ CASTRO, Josué A. de. *Geopolítica da Fome: ensaios sobre os problemas de alimentação e de população do mundo*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948.

⁶² Fundada em 1943, teve como sócio Monteiro Lobato a partir de 46. Esta editora é a única que tem a coleção quase completa das obras de Josué de Castro.

combater tanto pela Ciência quanto pela política, seu novo campo de atuação a partir dos anos 40.

Coincidentemente ou não, aparece também a publicação de *Road to Survival*⁶⁴ de William Vogt, um biólogo americano que renovava o argumento de Robert Malthus sobre a questão da superpopulação. De acordo com Vogt, o mundo não estava suportando o crescimento populacional, por isso a fome. Sugere a partir de sua constatação que o mundo deveria ter mecanismos de controle de natalidade. Era o neo-malthusianismo surgindo.

Desde então, Josué de Castro volta-se, com grande ímpeto contra esse argumento neo-malthusiano que acabava por condenar os próprios famintos à morte. Acreditava que a atenção das políticas públicas não deveria estar no controle da natalidade, mas antes no combate à fome exclusivamente, pois ao combater a fome a taxa de natalidade mundial tenderia a diminuir naturalmente.

Na época também, cria-se no Chile a Comissão Econômica para América Latina (CEPAL), tendo Raúl Prebisch, economista argentino, como fundador e Celso Furtado como figura expoente. A CEPAL foi o órgão das Nações Unidas que inaugurou uma reflexão sobre as economias até então nomeadas de atrasadas e que passam a ser chamadas de subdesenvolvidas. Estas passam a não ser mais encaradas como uma etapa de evolução do sistema capitalista e sim um produto específico desde a expansão mercantilista da Europa em direção às colônias.

Josué de Castro incorpora essa reflexão cepalina, principalmente de Celso Furtado nos anos 50, de que a fome é uma consequência produzida pelos países desenvolvidos, como parte do funcionamento do sistema capitalista e como parte de estruturas arcaicas internas aos países subdesenvolvidos, representada principalmente por certos setores da agricultura (latifundiários e produção agrícola de subsistência). Para ambos, a reforma agrária⁶⁵ seria um importante instrumento

⁶³ Autor de uma importante obra que influenciou bastante Josué de Castro intitulada *Food, Health and Income* publicada em 1936, chamando a atenção do mundo para os aspectos sociais da nutrição.

⁶⁴ Vogt teve sua obra traduzida em 1951 com título de *O Caminho da Sobrevivência*.

⁶⁵ Com relação à questão da Reforma Agrária Josué dedica a esse assunto o livro *Sete Palmas de Terra e um Caixão*, tratando do tema particularmente no Nordeste.

capaz de romper com o subdesenvolvimento e, conseqüentemente, com o problema da fome das economias do terceiro-mundo, pois de imediato aumentaria a oferta de alimentos e, no longo prazo, criaria um mercado interno que amenizaria a dependência desses países para com os mercados externos além de ampliar o consumo de bens industriais.

Mas não somente Josué de Castro recebe influências cepalinas como também influencia esse grupo, principalmente Celso Furtado. Segundo Castro,

subdesenvolvimento (...) a palavra criei-a em 1949, mas não era com esse sentido que lhe dão hoje. (...) Criei a palavra mas ela já não é mais aquilo que eu pensava. (...) A minha idéia – quanto a esta palavra – hoje é a mesma, não mudou nada. (...) Subdesenvolvimento é um produto inevitável do desenvolvimento. É o outro lado da medalha. (SILVA, 1998: 160).

Isto é, essa questão do subdesenvolvimento já era tratada desde essa época por Josué de Castro, sendo que o primeiro livro de Celso Furtado só aparece em 1954, denominado *A Economia Brasileira*. O que havia de “atrasado” (produção agrícola de subsistência) nas economias em vias de desenvolvimento, para Celso Furtado, era extensão do setor “moderno” (setor exportador, a indústria, o meio urbano).

Essa idéia da contradição, sem negação, entre o “moderno” e o “atrasado” de Josué de Castro, Celso Furtado leva adiante e a aprofunda do ponto de vista econômico, como demonstra, por exemplo, a tese cepalino-furtadiana da inflação estrutural (OLIVEIRA, in FURTADO, 1983: 9).

Em 1950, ainda fruto de seu reconhecimento no Brasil e no exterior, Castro é escolhido para organizar a Segunda Conferência Latino-Americana de Nutrição da FAO no Rio de Janeiro, em Petrópolis⁶⁶. E é lá que se consolida a figura do teórico da fome como grande intelectual e grande líder em sua área de atuação. O presidente Eurico Gaspar Dutra demonstra interesse pessoal pela conferência, recebendo os delegados e observadores juntamente com Josué de Castro, que faz questão de mostrar-lhes o Instituto de Nutrição da antiga Universidade do Brasil.

⁶⁶ Josué de Castro tinha uma bonita casa nessa cidade, inclusive escreve boa parte dos livros *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome* e outros escritos lá.

Como resultado dessa conferência, Josué de Castro consolida sua ida à FAO dois anos mais tarde, sob a regência do diretor-geral Norris E. Dodd (1948-1953), passando a dirigir o Conselho Executivo da organização como presidente, permanecendo dois mandatos até 1956 quando finda a direção do terceiro diretor-geral, Philip Vincent Cardon (1954-1956).

A história da FAO se inicia em Roma com o Instituto Internacional de Agricultura criado em 1905 e que objetivava obter dados estatísticos sobre a produção de alimentos, sem preocupar-se, no entanto, com os aspectos sociais. Algo que só ocorrerá quando Franklin D. Roosevelt⁶⁷, em 1943, promove uma conferência em Hot Springs, na Virgínia, convocada para tratar do problema da subnutrição – ou simplesmente fome no discurso não oficial – no mundo.

Pela primeira vez na história 44 países se reuniam para discutir as estratégias de combate a esse problema mundialmente. Daí surge a proposta de criação de um organismo internacional permanente e especializado na questão da alimentação e da agricultura, o que vem a se concretizar em 1946⁶⁸.

Foi nesse organismo internacional que Castro se estimula ainda mais, como já vinha fazendo, a realização de conferências latino-americanas sobre Nutrição. É o que acontece em Caracas, em outubro de 1953, com a Terceira Conferência Latino-Americana sobre Nutrição. O caráter de fé na Ciência de Josué de Castro mais uma vez aflorava, pois acreditava que através da informação e da educação, da pesquisa e do apoio técnico aos países subdesenvolvidos o problema da fome poderia ser substancialmente solucionado.

Nesse organismo idealiza e desenvolve também a idéia de uma “reserva internacional contra a fome”, que procurava criar uma reserva alimentar para ajudar os países em casos de emergência em que sua população ficasse à

⁶⁷ Franklin D. Roosevelt, Albert Einstein e Alexander Fleming são três importantes personalidades para Josué de Castro, ao ponto de escrever sobre eles em 1955 na obra intitulada *Três Personagens: Einstein, Fleming, Roosevelt*, publicada no Rio de Janeiro pela editora Casa do Estudante do Brasil. Roosevelt tomou posse nos EUA em 1933, sendo reeleito em 1936, proclamando a erradicação da miséria como parte da liberdade. O presidente procurou “defender entre seus cidadãos uma reinterpretação do objetivo nacional e o apoio nas várias medidas de assistência e bem-estar social empreendidas no new deal” (Anna M. de CASTRO, 1977: 85).

⁶⁸ Inicialmente a sede da FAO estabelece-se nos EUA, em Washington (D.C.), mas em 1951 translada-se para Itália, em Roma. Talvez pelo já existente Instituto Internacional de Agricultura, localizado na mesma cidade.

mingua – guerras, desastres ecológicos, desequilíbrio econômico, etc. Além disso, sugere a idéia de uma Campanha Mundial Contra a Fome que será realizada em 1960, tomando-se diretor do comitê de organização desta campanha no mesmo ano.

Entretanto, nenhuma de suas orientações e sugestões consegue ter pleno êxito devido a falta de interesse por parte, principalmente, das grandes nações, não obstante seu esforço e de seus técnicos. No discurso de despedida da presidência do Conselho Executivo da FAO desabafa:

me sinto decepcionado diante da obra que realizamos. Decepcionado pelo que fizemos porque, a meu ver, não elaboramos até hoje uma política de alimentação realista que ponha em linha de conta, ao mesmo tempo, as desesperadas necessidades do mundo e nossos objetivos. Não fomos suficientemente ousados, não tivemos a coragem suficiente para encarar, de frente, o problema e buscar as suas soluções. (...) Precisamos, a meu ver ter a coragem de discordar de certas opiniões para aceitarmos a imposição das circunstâncias, resolvendo o problema no interesse da humanidade. (CASTRO, 1958d: 64 e 65).

Internamente é nomeado para a Comissão Nacional de Política Agrária, criada por Vargas⁶⁹ em julho de 1951.

Em outubro seguinte, sob a presidência do ministro do trabalho e a vice-presidência de Josué de Castro, constitui-se a Comissão Nacional de Bem-Estar Social, que tinha por finalidade 'a melhoria dos salários reais e da qualidade de vida, para muitos significando alimentação'. Contando com a colaboração da Assessoria Econômica da Presidência da República, a comissão reuniu pela primeira vez representantes dos diferentes setores ligados ao que então se denominava 'bem-estar social'. Dentre seus membros destacavam-se Alzira Vargas Amaral Peixoto, da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Euvaldo Lodi, do Serviço Social da Indústria (SESI) e Almir de Castro, do então Ministério da Educação e Saúde. No tocante à alimentação, a iniciativa mais importante da comissão foi uma pesquisa sobre o padrão de vida das populações brasileiras. (ABREU et al. [org.], 2001: 1252).

⊗ Em 1952, surge o Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Políticos (IBESP) que reunia economistas, cientistas sociais, filósofos e técnicos em administração pública, principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo. A revista *Cadernos do Nosso Tempo*, publicada entre 1953 e 1956, expressava propostas e estudos

⁶⁹ Com o reconhecimento de Castro a partir de suas obras *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome* Vargas, com quem tinha estreito relacionamento, oferece-lhe importantes cargos com grande prestígio e autonomia na esfera pública.

desse grupo de intelectuais que marcou a história das idéias sociais no Brasil. Hélio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodré,  lvvaro Vieira Pinto, Cândido Mendes de Almeida, Guerreiro Ramos, Miguel Reale, Roland Corbisier e Ignácio Rangel estavam entre os fundadores.

Esse grupo difundia uma visão de Terceiro-mundo, de uma terceira posi o entre os dois blocos liderados pelos Estados Unidos e pela ex-União Soviética, entre o liberalismo clássico e o pensamento marxista. Era uma visão terceiro-mundista que procurava escapar da divisão bipolar e dos efeitos da Guerra Fria, interessada no que acontecia nos novos países da África e da Ásia (OLIVEIRA, in MADEIRA e SANTOS, 2001: 147 e 148).

Nem todos os ibespianos tinham a mesma concep o, mas tinham pontos em comum, como a leitura de Mannheim, a influência da CEPAL e a absor o de distintas vertentes do existencialismo. Em busca de fontes mais estáveis de financiamento voltam-se para o Estado que por intermédio de Anísio Teixeira, diretor da Campanha de Aperfei amento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES), são incluídos no organograma do Estado brasileiro sob o nome de Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) com o decreto de Cândido Mota Filho, então ministro da Educa o no governo de Café Filho, que procurou implementar uma idéia de Alberto Torres, que consistia em criar um instituo de estudos dos problemas nacionais (OLIVEIRA, in MADEIRA; SANTOS, 2001: 147 e 148).

Ao longo de seus nove anos de existência o ISEB procurou cumprir suas determina es estatutárias através da promo o de Cursos, Conferências, Seminários de Estudos, Pesquisas etc. O público alvo era principalmente pessoas que ocupavam postos na burocracia estatal dentre eles representantes das Forças Armadas, do Conselho de Segurança Nacional, do Congresso Nacional, dos Ministérios. Houve também a participa o de setores da sociedade como empresários, líderes sindicais, parlamentares estaduais, professores e estudantes universitários, profissionais liberais, funcionários públicos. O trabalho dos membros permanentes estava associado   participa o de outros intelectuais como conferencistas eventuais. (LUZIO, 1997: 24 e 25).

Foi o que se deu com Celso Furtado e Josué de Castro, por exemplo. Este último foi convidado a ministrar duas conferências no instituto denominadas *A China Hoje*, em 28 de novembro de 1957, e *A Significa o Geopolítica de Brasília*,

como parte do Curso Extraordinário: Brasília e o Desenvolvimento Nacional, em 29 de março de 1960⁷⁰.

Com o grupo, Castro comunga a idéia da terceira via, isto é, a concepção de Estado brasileiro nem capitalista nem socialista. Também partilha a idéia da não neutralidade da ciência no campo das ciências sociais, ou seja, do engajamento e da militância em favor do fim da miséria, da desigualdade, da injustiça social e da fome, acima de tudo.

Entre os elementos motivadores dos intelectuais ligados ao Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Políticos (IBESP) estava

a crença na força das idéias e, mais ainda, no papel do intelectual como agente capaz de exercer liderança política nacional por seus próprios meios. (...) O IBESP, apesar da curta existência e da pouca produção teórica, constituiu-se na idéia matriz do que veio a ser o Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Os objetivos que motivaram os intelectuais que trabalharam pela construção do IBESP foram os mesmos que motivaram os esforços e as justificativas pela criação do ISEB, isto é, reunir intelectuais comprometidos com o nacionalismo e com uma visão modernizadora da nação, por meio da associação ciência e prática política. (LUZIO, 1997: 26).

Uma característica que Josué de Castro vai incorporar como intelectual inserido nos anos 50 em que se tinha uma perspectiva do Estado como agente responsável pela mudança, como agente da modernização, capaz de incorporar parcelas do povo excluídos pelo desenvolvimento desigual da nação.

2.6. O Político

Em 1950, Josué de Castro inicia sua carreira política se candidatando a Deputado Federal pelo Estado de Pernambuco pela coligação Democrática Pernambucana, a mesma que Gilberto Freire concorre. Na eleição obtém 4.770

⁷⁰ Segundo Nildo W. Luzio (1997) a história do ISEB foi demarcada por três fases distintas: a primeira que compreende o curto período que vai da criação do Instituto (1955) até o início do governo Kubitschek, a segunda que durou todo o governo do Presidente Kubitschek e a última fase que corresponde ao período de 1961 a 1964, quando após o golpe militar o ISEB foi oficialmente extinto. A segunda fase, de 1956 a 1960, período no qual Josué de Castro mais se aproximou dos isebianos, consistiu no momento de máxima projeção para a instituição. "Foi neste período que a maior parte dos textos escritos pelos isebianos foram publicados e que a realização de cursos e seminários aconteceram com regularidade. (...) e foi quando o nacionalismo tornou-se posição ideológica dominante no interior da instituição" (LUZIO, 1997: 27).

votos tomando-se o 16º lugar sem conseguir, no entanto, eleger-se (SILVA, 1998: 113).

Quatro anos mais tarde⁷¹, concorre novamente a deputado pelo seu Estado, mas dessa vez pela coligação Movimento Popular Autonomista contra a coligação Frente Democrática Pernambucana, e obtém 14.076 votos elegendo-se como o 7º mais votado da coligação que era composta pelo PTB e por outros partidos (SILVA, 1998: 113).

Na eleição Castro fez dobradinha com Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas e que se orgulhou muito de ter transferido votos para Josué de Castro. A partir dessa parceria a questão agrária recebe uma maior atenção por parte de Josué de Castro que culminará na obra *Sete Palmos de Terra e um Caixão* em 1965, último livro do autor publicado no Brasil e uma obra de referência para quem se dedica à questão.

Mas mesmo antes do contato mais estreito com Francisco Julião, Josué de Castro já tinha clara a noção da importância da reforma agrária, como demonstra uma passagem de *Geografia da Fome*, afirmando que era indispensável alterar substancialmente os métodos de produção agrícola, o que só seria possível reformando as estruturas rurais vigentes. Apresenta, desde modo, a reforma agrária como uma necessidade histórica: um imperativo nacional (1992: 300).

Mais do que isso, de acordo com Manoel Correia de Andrade, Josué de Castro

não defendia uma reforma agrária apenas distributiva, como pensavam alguns, mas uma reforma agrária moderna, racional, que levasse à agricultura familiar a assistência creditícia, agrônômica, técnica e a organização da comercialização do produto. Queria e lutava por uma sociedade agrária em que o produtor desfrutasse do produto do seu trabalho. (in CASTRO, 1996: 309).

Por entender que a reforma agrária é “um processo de revisão das relações jurídicas e econômicas, entre os que detêm a propriedade agrícola e os que trabalham nas atividades rurais” (1992: 300), Josué de Castro vai procurar criar e

⁷¹ 1954 também é o ano que Josué de Castro foi indicado para concorrer ao prêmio Nobel de Medicina, algo que se repetirá em 1963 e em 1970, mas nesses dois últimos anos concorrerá para o Nobel da Paz.

implementar leis modernas no poder legislativo federal do qual fez parte. Foi uma luta que travou nos dois mandatos como deputado federal.

→ Vê-se que o reconhecimento do autor com relação a essa temática ainda se faz presente, por exemplo, no atual Movimento dos Sem Terra, para quem a leitura do autor é imprescindível.

→ Voltando ao ano de 1953, Josué de Castro participa da Terceira Conferência Latino-Americana de Nutrição realizada em Caracas, Venezuela. Nessa conferência a temática da merenda escolar aparece muito fortemente, em função de experiências ocorridas nos países da América Central. No Brasil, com grande empenho de Josué de Castro, é implantado em março de 1955 a Campanha Nacional de Merenda Escolar, subordinada ao Ministério da Educação e Cultura. Uma campanha que também serviu para escoar os excedentes de produção do Canadá e dos EUA, que haviam alcançado grande desenvolvimento agrícola com a Revolução Verde. Através da “Lei dos Alimentos para a Paz” os Estados Unidos passam a regulamentar “doações” para os países subdesenvolvidos a fim de conterem os movimentos anti-imperialistas⁷².

→ É nessa conferência que Josué de Castro apresenta o Plano Nacional de Alimentação sob responsabilidade da CNA, órgão que presidia. Segundo L’Abbate “é praticamente o primeiro a ser proposto com a intenção de ser desenvolvido em todo o País”. Representou um marco na trajetória das políticas públicas em alimentação e nutrição no Brasil na medida que as experiências anteriores, a saber, STAN e SAPS (que continuava precariamente funcionando), referiam-se à necessidade de melhorar a situação alimentar do País de maneira geral, sem mencionar especificamente a necessidade de cuidar da desnutrição, *“problema número um da saúde pública que tem suas raízes mergulhadas profundamente na estrutura econômica e social da nação”* (1982: 55).

→ Essa campanha definirá daí em diante o discurso político que se fazia em torno das políticas públicas sobre alimentação. Agora, segundo L’Abbate, o discurso se direcionava praticamente para a categoria subnutrição e não mais para a categoria fome.

⁷² Sobre o assunto consultar a obra de Susan George, denominada *O Mercado da Fome*.

Ao insistir na necessidade de cuidar da desnutrição e da subnutrição como problemas de saúde, passa-se a se preocupar com o efeito (desnutrição), mas do que com a causa (fome). Aqui nos deparamos com uma das contradições vividas pelo intelectual que atua ao mesmo tempo na produção do saber e na condução da política: Josué de Castro pode falar da 'luta contra a fome' nos seus livros, não no Plano proposto pela CNA (...), aí só pode ser dito 'lutar contra a subnutrição'. (...) Isto porque lutar contra a fome implica em transformar a estrutura econômico-social que a gera e mantém, enquanto lutar contra a subnutrição significa amenizar os efeitos que a fome produz nos indivíduos, a nível biológico. (1982: 55 e 80).

Talvez em função também desse dilema⁷³, Josué de Castro tenha partido para a vida pública tomando-se, como já vimos, deputado federal pelo seu estado de origem.

A vida de Josué de Castro como político não foi fácil pelo fato de não ser um político profissional, mas um intelectual. Talvez por isso sofreu várias perseguições políticas. O acusavam até mesmo de não conhecer suficientemente o País, pois, viajava demais para o exterior.

Como confessa em 1957, em um dos seus diários que escrevia desde 1929, *"esta experiência de político militante em que me meti nos últimos anos constitui o fator mais negativo, mais degradante do sentido de minha vida."* (in SILVA, 1998: 88).

Para o amigo Bernardo Ludermir, faltavam-lhe as malícias próprias dos políticos carreiristas. Como prova dessa afirmação, lembra-se da repercussão de um discurso de Josué de Castro realizado em 1956 sobre os problemas causados pelas secas no Nordeste:

Que bomba representou esse discurso, em termos da política tradicional, quantos votos não perdeu Josué por pintar a realidade com cores reais, sem escondê-la através da seca. (...) E Josué essencialmente, foi um político anti-político, anti-conveniências, anti-situações estabelecidas. Foi um homem que teve um espírito criador. E esse espírito criador deslocou muitas aparentes realidades. (...) Ele era um tipo criador, que se colocava acima das realidades convencionais. (in SILVA, 1998: 399).

⁷³ Os cursos de nutrição analisados por Maria Lúcia M. Bosi, em *Face Oculta da Nutrição* (1988) também apresentam um discurso em que a questão da fome não é vista em profundidade, prefere-se falar em desnutrição. Questões sociais e econômicas que causam a fome não são preteridos, apesar dos alunos citarem com bastante ênfase Josué de Castro como um grande profissional na área.

No entanto, Manoel C. de Andrade, de forma esclarecedora, não o define como um político não profissional ou carreirista, não vocacionado, mas como um político ideológico:

Eu não digo que ele não servisse para político, porque eu acho que há dois tipos de político: há o político pragmático que se preocupa apenas com a sua ascensão política e desenvolve muito jogo de cintura (...) e há um político que é diferente, que é o político ideológico. Eu acho que Josué, por exemplo, era muito mais um político ideológico, (...) ele tinha um eleitorado certo de esquerda que o elegia deputado. Não era suficiente para eleger senador ou governador a não ser com acordo, mas para mim ele era um político. (...) Não estava preocupado com a carreira pessoal. É claro que ele conciliava uma coisa e outra (...). Para mim ele era um grande político, na linha política que se vê muito em Pernambuco. É a linha de Joaquim Nabuco, que é a linha de Nunes Machado. (in SILVA, 1998: 400).

Durante seu primeiro mandato, entre 1954 e 1959, Castro teve uma participação bastante profícua tomando-se membro da Frente Parlamentar Nacionalista⁷⁴, movimento pluripartidário fundado em 1957, juntamente, entre outros, com o jornalista amigo Neiva Moreira, que pregava uma política de defesa dos interesses nacionais contra a desnacionalização da economia e as influências extorsivas do capital estrangeiro. Essa posição, por sinal, seria um dos motivos da forte perseguição política que Castro sofreria por ocasião do golpe militar de 1964.

No início do governo Kubitscheck, Castro apóia, inicialmente, o programa desenvolvimentista do presidente. Com o passar do tempo, no entanto, considera o programa de Kubitscheck pouco satisfatório para a erradicação da fome e faz fortes críticas como parlamentar ao governo pela falta de empenho em investir no setor agrícola para equilibrar a economia com o setor industrial, já bastante enfocado.

Também em 1955, lança o livro *Três Personagens*⁷⁵, uma coletânea de seus discursos pronunciados enquanto político, como já diz o título, sobre três personagens que tinha grande admiração: Albert Einstein, Franklin Delano

⁷⁴ A Frente integrava o Grupo de Ação Política Pró-Desenvolvimento Econômico e Social do Brasil, constituído por mais de 100 parlamentares, tendo Bento Gonçalves como presidente, Dagoberto Sales como primeiro vice e Josué de Castro como segundo vice-presidente. O manifesto divulgado por ocasião da formação da Frente, segundo noticiários da época, teria sido redigido e coordenado por Josué de Castro.

⁷⁵ Vale lembrar que estes textos se encontram em *Ensaio de Biologia Social*.

Roosevelt e Alexander Fleming. Em todos eles Castro percebe o interesse que estes personagens tinham no futuro da humanidade, no valor que colocavam no indivíduo como portador de direitos, principalmente, à uma vida digna. Esse interesse faz do próprio teórico da fome um humanista, que também se preocupava pelo homem enquanto ser vivo, moral.

No campo editorial, participa em agosto com um grupo de 45 intelectuais, entre os quais Caio Prado Júnior, da fundação da Revista Brasiliense, importante núcleo aglutinador de idéias na área das ciências sociais que discutia o processo de desenvolvimento brasileiro.

Devido à sua capacidade de liderança, torna-se vice-líder do PTB e Presidente da Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados. Mesmo tomando-se vice-líder algum tempo depois, considerava, numa carta enviada a Arnaldo Marques em 19 de abril de 1954, que não era um homem de partido, *“um militante da política, mas apenas um convicto trabalhador pela implantação no Brasil de uma política trabalhista e uma política de renovação social”*. (CASTRO, in SILVA, 1998: 114).

É ainda no primeiro mandato que, em 1957, lança três livros, sendo o último de grande impacto: *Ensaio de Biologia Social, Ensaio de Geografia Humana* e *O Livro Negro da Fome*⁷⁶. As duas primeiras obras representam coletâneas dos mais variados assuntos. Já a terceira obra, *O Livro Negro da Fome*, apresentou um outro marco em sua carreira internacional, confirmando sua posição política anti-imperialista. Essa obra, por sinal, apresenta a melhor crítica a Malthus, seu grande rival no plano teórico. Escrito com um objetivo claro, procurava

objetividade apresentar a situação alimentar do mundo, com suas graves implicações políticas e sociais, e recomendar a necessidade urgente de que fosse coordenado um movimento de sentido internacional capaz de combater com eficácia os fatores que determinaram a existência da fome universal como a mais típica e a mais trágica manifestação do subdesenvolvimento econômico. O objetivo principal deste nosso ensaio fora o de demonstrar que fome e subdesenvolvimento são uma coisa só... (CASTRO, 1968d: 01).

⁷⁶ Apesar de ter sido publicado somente em 1960, este livro aparece inicialmente em 1957 como um manifesto, de 30 páginas apenas, recomendando a criação da Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM).

Juntamente com *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, é uma obra 1965 que apresenta uma maior aproximação com a Sociologia. As sugestões elaboradas para o combate à fome representam sua Sociologia da Fome, como demonstra seu artigo *Um Prefácio à Sociologia da Fome* de 1960 baseado justamente no prefácio dessa obra. Sua Sociologia da Fome é sinônimo de Sociologia do Desenvolvimento, ou melhor, do Subdesenvolvimento. É uma Sociologia comprometida e engajada que procura entender os mecanismos de transformação das sociedades em vias de desenvolvimento. Enfim, uma Sociologia que enfoca o setor agrícola como chave para desvencilhar o círculo vicioso da pobreza e da fome⁷⁷.

É também em 1957 que, ao deixar a presidência da FAO, funda em janeiro, coadjuvado por Abade Pierre, a Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM), da qual foi eleito presidente. Faziam parte desta associação Padre Pire, fundador da Universidade da Paz e prêmio Nobel da Paz, Padre Joseph Le Bret⁷⁸, os ministros Paul-Henri Spaak e Maurice Schumann, René Dumont, entre outros. No comitê brasileiro fazia parte Osvaldo Aranha. Nessa associação foram realizados importantes projetos, como um plano nacional de complementação protéica das populações mais vulneráveis, um filme sobre o

⁷⁷ Nesta época, Josué de Castro é bastante influenciado pelas idéias de André Gunder Frank e Gunnar Myrdal.

⁷⁸ Louis-Joseph Le Bret (1897-1966) nasceu na França, Le Minihic Sur Rance (Bretanha), em 1897. Quanto jovem, entrou na Marinha e participou ativamente da Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, decidiu entrar na Ordem Dominicana, mas não conseguiu terminar seu último ano de teologia devido a problemas de saúde, sendo mandado para se recuperar em St. Malo (França). Essa pequena cidade de pequenos pescadores decidiu a futura orientação de sua vida: ajudar o desenvolvimento econômico da comunidade. Sua constante preocupação em responder às necessidades dos homens o impulsionou a fundar, em 1936, o centro de estudos sociais e econômicos Economia e Humanismo – mesmo título que uma revista editada por ele – cuja finalidade fora a de pensar a economia em função dos homens. Sua fundação, o IRFED, que data de 1958, nasceu da urgência de preparar técnicos em questões sociais. No final dos anos 40 e ao longo dos anos 50 manteve um longo contato com o Brasil e com outros países da América Latina vendo a extrema pobreza da maioria da população. Além da América Latina, trabalhou junto aos governos do Vietnã, Ruanda, Senegal e Líbano. Le Bret também exerceu influência sobre a Igreja, na encíclica "Populorum Progressio" do Papa Paulo VI, foi diretor de investigações do Centre National de la Recherche Scientifique e doutor *honoris causa* da Universidade de São Paulo (1959). Le Bret faleceu em 1966 aos 69 anos. Principais publicações: *Manifesto por uma Civilização Solidária*; *Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente: problemas fundamentais de nossa civilização*; *Dinâmica Concreta do Desenvolvimento*; *O Drama do Século XX: miséria, subdesenvolvimento, inconsciência, esperança*; *Guide Pratique de L'Enquête Social*.

drama das secas na região Nordeste, um projeto de enriquecimento da farinha de mandioca também no Nordeste.

Ainda em 1957, ano bastante fecundo para suas atividades, viaja à China de Mao-Tse-Tung e fica impressionado com o plano do governo daquele país a fim de erradicar a fome e aumentar o nível de vida das populações menos abastadas, como era o caso dos trabalhadores rurais. Na obra *O Livro Negro da Fome*, Castro faz elogios ao governo comunista implantado a partir de 1949 naquele país.

Neste ano de 1957, Castro também participa da Segunda Conferência Internacional Sobre a Influência das Condições de Vida e do Trabalho Sobre a Saúde, em Cannes, apresentando o estudo *Food and Health*, que representa “*um relatório sintético acerca da influência do fator alimentar sobre a saúde dos povos...*” (CASTRO, in SILVA 1998: 217) e de uma outra conferência sobre armas atômicas, ocorrida no Canadá, a convite de Bertrand Russel.

A partir de então a preocupação ecológica vai se tornar uma questão cada vez mais presente na obra do autor. Na conferência sobre armas atômicas, por exemplo, preocupa-se com o perigo da ingestão dos produtos radioativos resultantes de experiências nucleares. A contaminação dos peixes na baía de Minamata no Japão e outros problemas ambientais começavam a preocupar o mundo, sendo incorporado no discurso e nas obras de Josué de Castro.

Um ano mais tarde se reelege, com o também apoio de Julião, tornando-se, desta vez, o mais votado deputado federal do Nordeste. Em função dessa votação expressiva, que só em Recife teve mais de 20.000 votos, o nome de Josué de Castro é cogitado para se candidatar à prefeitura de Recife. Segundo Tânia Elias da Silva,

Esse é um episódio controverso em sua carreira política, pois apesar de declarar várias vezes que não tinha ambição de ser prefeito da cidade do Recife, vários depoimentos apontam no sentido contrário. Nos jornais de 1959, existe muita especulação a esse respeito e segundo as notícias veiculadas, embora seu nome fosse muito cotado, acaba sendo preterido pelo de Miguel Arraes. (...) Episódio similar ocorreu com sua pretensão de candidatar-se ao governo de Pernambuco quando, novamente, o candidato escolhido foi Miguel Arraes. (1998: 115).

No segundo mandato como deputado federal, entre 1958 e 1962⁷⁹, defende uma reforma eleitoral que minimizasse a influência dos chefes políticos na decisão dos eleitores, através da utilização de uma chapa única a ser preenchida pelo eleitor na cabina de votação. Defende também idéias democráticas e populares, como a extensão do direto de voto ao analfabeto e o reatamento das relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética, rompidas durante o governo Dutra em 1947.

Na grande seca de 1958, promove uma discussão nacional que desemboca na criação da SUDENE⁸⁰ em 1959, fruto da Operação Nordeste (OPENO). Essa operação representava uma política governamental para desenvolver essa região, considerada por Castro como uma “colônia das regiões sul e sudeste”, mais industrializadas. Em função desse projeto foi criado um grupo parlamentar das regiões menos favorecidas do país, denominado União Parlamentar Norte-Nordeste, tendo Castro como presidente.

Em 1958 também, chega a ser nomeado Ministro da Agricultura por Kubitschek, mas o PTB pressionou e desfez o ato (in SILVA, 1998: 402). Tânia E. M. da Silva relata que o nome de Josué de Castro seria para substituir Mário Menegheti na pasta de agricultura. A imprensa veiculava a notícia de que havia indícios de veto ao seu nome por parte da ala conservadora da Igreja Católica e do PTB gaúcho.

Fato semelhante ocorreu no governo Jânio Quadros e no governo João Goulart⁸¹. Jânio chamou-o para assumir o Ministério da Agricultura, mas sob fortes pressões dos amigos, incluindo Bandeira de Mello, desiste de assumir. No caso de Jango o próprio Josué acaba inviabilizando sua candidatura porque, ingenuamente, anunciou-a antes que fosse oficializada. Devido a forte oposição de grupos conservadores do Partido Social Democrático e do próprio PTB, Castro foi impedido de assumir o Ministério mais uma vez.

⁷⁹ Josué de Castro vive intensamente a mudança da capital do país do Rio de Janeiro para Brasília, ministrando um curso extraordinário no ISEB, *Brasília e o Desenvolvimento Nacional*, em 29 de março de 1960, denominada *A Significação Geopolítica de Brasília*.

⁸⁰ Inicialmente presidida por Celso Furtado.

⁸¹ O fato é relatado no documentário *Josué de Castro, Cidadão do Mundo* (1995), de Sílvio Tandler, por Darcy Ribeiro que tinha um estreito relacionamento com Jango.

Pela ocasião do conflito desencadeado no Oriente Médio pela invasão da região do canal de Suez por Israel, apoiada pela França e Grã-Bretanha, Castro se pronuncia na Câmara dos Deputados contra essa invasão. Nesse mesmo discurso faz uma crítica ao estatuto das Nações Unidas que privilegiavam os países mais ricos quando eram chamados a se pronunciar no Conselho Econômico e Social, um dos principais órgãos da O.N.U. com capacidade de vetar suas ações. Debate esse que é bastante atual entre os estudiosos das Relações Internacionais:

O estatuto das Nações Unidas precisa ser reformado. O seu art. 109 prevê a revisão de sua Carta e essa revisão é necessária para acabar com o veto, que é privilégio de um pequeno número de Nações, contra o interesse da maioria, e para fazer das Nações Unidas, não um organismo internacional, mas supranacional, com estrutura jurídica para criação de uma legislação mundial... (CASTRO, 1968d: 263).

Desde o início dos anos 50, com a repercussão de *Geopolítica da Fome* e com a experiência na FAO, os temas globais ou com interesse e amplitude mundial se intensificam nos escritos de Josué de Castro.

No mesmo ano, durante a Revolução Cubana de 1959, o deputado pernambucano defende o princípio da autodeterminação dos povos e condena qualquer interferência externa em Cuba, apesar de numerosos políticos conservadores se mostrem simpáticos a uma intervenção naquele país.

Não foi omissa, também, por ocasião da renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República, quando líderes militares e políticos conservadores tentaram impedir a posse constitucional do vice-presidente, João Goulart. Para que ele fosse empossado foi feita uma conciliação entre as várias forças políticas pela qual se implantou o sistema parlamentarista de governo, inteiramente ausente da tradição política brasileira. Josué de Castro, como parlamentar, lutou pela volta imediata do sistema presidencialista e este foi restaurado em 1961. (Manoel de ANDRADE, in CASTRO, 1996: 301 e 302).

Em 1960 vale destacar, além da Campanha de Luta Contra a Fome já citada, a recepção de Sartre e Simone de Beauvoir por Josué de Castro. Como afirma a amiga Maria Thétis Nunes:

Eu lembro que foi na casa de Josué que eu conheci Sartre e Simone de Beauvoir, porque eles foram recepcionados por Josué quando estiveram no Brasil em 1960. O genro de Josué trabalhou no ISEB e era amigo nosso e ele nos convidou e nós fomos (...) lá conheci também Luiz Carlos Prestes. Sartre tinha vontade de conhecer o Luiz Carlos Prestes e o Josué era muito ligado a esse pessoal de esquerda. (in SILVA, 1998: 371).

Além disso, o ano de 60 também defende o projeto nº 1.861-C-60 que tratava da Fundação Universidade de Brasília (FUB), idéia de Darcy Ribeiro. O projeto, graças ao seu empenho, é aprovado em agosto de 1961⁸².

No final de 1960, em 2 de dezembro, funda com a colaboração de outros intelectuais, entre eles Jorge Amado, Celso Furtado, Vitor Nunes Leal, Barbosa Lima Sobrinho, Gustavo Capanema, Anísio Teixeira, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Darcy Ribeiro, Cândido Portinari, Vinícius de Moraes e Oscar Niemeyer, a Academia Nacional de Cultura em Brasília, que se destinava a velar pela cultura (SILVA, 1998: 337).

Em 1961 Josué de Castro sofre um acidente de avião em Brasília, sem graves conseqüências. Mas não seria o primeiro desastre, pois sofre mais dois, sendo o mais grave em 1962 *“quando ia do Brasil para Genebra, assumir seu cargo junto à ONU, o avião em que viajava, ao decolar do Galeão, caiu na Baía de Guanabara, causando a morte de seu neto, de apenas dois meses de idade”* (SILVA, 1998: 393).

A década de 60 marca um Josué de Castro cada vez mais polêmico e contundente e com propostas mais ousadas no campo político, mantendo seu nome na berlinda dos noticiários. A Cruzada Nacional Anti-Comunista, uma sociedade civil criada em 1933 em São Paulo⁸³, com forte apoio de vários jornais, entre eles, a Tribuna da Imprensa e Os Diários Associados, o acusava de “notório comunista”.

⁸² Em 15 de dezembro de 1961, o presidente João Goulart sancionou a lei que autorizava o Poder Executivo a instituir a fundação, que seria a mantenedora da futura Universidade. Em 15 de janeiro de 1962, através do decreto nº 500, foi instituída a FUB, aprovado seu estatuto e a estrutura da Universidade, que iniciou com três cursos: Direito, Economia e Administração.

⁸³ Uma associação de caráter civil destinada a impedir por tríplice ação de persuasão, vigilância e prevenção a infiltração e o possível desenvolvimento no Brasil de teorias consideradas extremistas, como o Bolchevismo e o Comunismo. Era a seção brasileira da *Entente Internationale contre la Illéme Internationale (Entente Internationale Anti-Comuniste)*.

2.7. Um Homem Expatriado

No final de 1962, com as posições políticas que tomara e com o já consagrado prestígio internacional, Castro foi designado pelo então presidente João Goulart, depois de ter sido cogitado para o cargo de Embaixador no Canadá, representante brasileiro, ou melhor, Embaixador-chefe da Delegação do Brasil junto a O.N.U., em Genebra⁸⁴. Cargo que também incluía a representação na Conferência de Desarmamento,

Sou chefe da delegação brasileira na Conferência do Desarmamento. Comitê dos 18. Lutamos para evitar que o mundo seja destruído por uma guerra atômica. As conferências, em geral, são para refazer o mundo; a nossa é para evitar que o mundo seja desteito. É esta responsabilidade que eu vivo hoje com maior emoção. Meus antecessores foram vultos da eminência de San Tiago Dantas, Afonso Arinos e Araújo Castro. (CASTRO, in SILVA, 1998: 131).

No ano de 1963 continua a desenvolver intenso trabalho, sendo muito solicitado para palestras, conferências, entrevistas, artigos e livros. Permanece à frente da ASCOFAM e é designado para exercer as funções de representante do Brasil junto ao Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em Genebra. Com essas tarefas nos organismos internacionais consolidava-se, assim, sua figura no meio internacional, sendo necessária sua renúncia ao mandato de Deputado Federal, ocorrendo em outubro do mesmo ano.

Com o golpe de estado desencadeado em 31 de março de 1964, João Goulart é deposto e uma junta militar assume o poder com o general Humberto de Alencar Castello Branco como seu representante (Ato Institucional nº 01). Imediatamente esta Junta realiza cassações de mandato, coagindo o Congresso Nacional. Essas medidas rapidamente se estenderam para os setores sociais sendo dissolvidas as organizações classificadas como "subversivas" (CGT, UNE, Ligas Camponesas).

Entre os cassados políticos, Miguel Arraes, Seixas Dória, Darcy Ribeiro, Celso Furtado, Leonel Brizola e, como não poderia deixar de ser, Josué Apolônio

⁸⁴ Diário Oficial da União em 3 de maio de 1962.

de Castro⁸⁵. Desta forma, demite-se do cargo de representação junto aos órgãos da ONU, em Genebra, e logo depois, em 9 de abril do mesmo ano, tem seus direitos políticos oficialmente cassados por dez anos. Mas não se afasta completamente da ONU, pois torna-se membro do Instituto de Formação Humana e Pesquisa dessa organização para tratar de assuntos sobre a fome.

No turbilhão de acontecimentos que agitavam o país, entre outubro de 1962 e fevereiro de 1964, Josué de Castro, escrevendo especialmente para o público norte-americano, publica *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, que teve a colaboração do sociólogo Alberto Passos Guimarães⁸⁶, principalmente no último capítulo. Especificamente se interessa pelos movimentos sociais a favor da reforma agrária e pelas mudanças nas relações de trabalho no campo.

O nosso estudo sociológico é um estudo de Sociologia participante ou comprometida. De uma Sociologia que não teme interferir no processo da mudança social com os seus achados, e, por isto mesmo, não tem o menor interesse em encobrir os traços de uma realidade social, cuja revelação possa acarretar prejuízos a determinados grupos ou classes dominantes. De uma Sociologia que estudando cientificamente a formação, a organização e a transformação de uma sociedade em vias de desenvolvimento, compreende e admite que os valores mais desejáveis por esta sociedade são os ligados à mudança e não à estabilidade... (CASTRO, 1969: 15).

É também em 1964 que, impedido de voltar ao país, Castro escolhe, dentre alguns convites⁸⁷, a cidade de Paris como seu novo refúgio. Sua acolhida foi enorme, a exemplo do que acontecera em 1953, quando tinha ganhado o prêmio Grande Medalha da Cidade de Paris em virtude de seu trabalho no campo da alimentação.

Dando continuidade à sua obra, passa a dirigir o Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID), entre 1965 e 1973. O centro era uma organização internacional, não-governamental e sem fins lucrativos, que assessorava os países subdesenvolvidos, principalmente africanos. Fundada em 1962, o centro

⁸⁵ Consultar a respeito do golpe de 1964 e suas conseqüências para a intelectualidade brasileira a obra de Daniel Pécaut, *Os Intelectuais e a Política no Brasil*, 1990.

⁸⁶ Autor de uma das maiores referências sobre a reforma agrária: *Quatro Séculos de Latifúndio*.

⁸⁷ O Chile foi o primeiro país a convidá-lo.

participa ativamente do movimento intelectual europeu⁸⁸ em defesa dos povos do Terceiro Mundo e realiza inúmeras conferências nas Américas, na Europa, na Ásia e na África.

Toma conhecimento do Ato Institucional nº 02, que dissolve os partidos políticos existentes e estabelece eleição indireta para a presidência da república. O resquício de democracia chegava ao fim. Achava que o golpe seria passageiro, mas algum tempo depois começou a mudar de idéia.

No primeiro ano de exílio já sentia a dor da proibição em voltar ao seu próprio país e acaba repensando a infância passada em Recife, inspirando-lhe uma incursão na área da literatura de que resultou o romance autobiográfico *Homens e Caranguejos*. Traduzido em várias línguas, foi, ainda, adaptado para o teatro por Gabriele Cousin com o título *Le Cycle du Crabe ou les Aventures de Zé Luis, Maria et leurs Fils João*⁸⁹. Nesta fase de introspecção e de grande sofrimento, era natural que o teórico recapitulasse um pouco sua vida, voltando seu interesse para a literatura, presente nos anos de sua juventude.

Nessa época também reelaborou edições de seus livros, atualizando seus principais trabalhos e publicou, além de artigos na imprensa especializada européia e americana, *Où en Est la Révolution en Amérique Latine?*, debate que travou com Claude Julien, Juan Arrocha e Mario Vargas Llosa, em 1965.

No ano de 1968, o mundo viria grandes agitações, principalmente na França, que ficaria conhecido como o ano da Revolução de Maio de 68⁹⁰. Castro preconiza essa situação antes mesmo de ocorrê-la ao escrever um texto em 1956 que enfatizava o papel político e social da juventude na sociedade ocidental contemporânea:

O que caracteriza por excelência estas fases revolucionárias da história é a desorientação geral das novas gerações que se sentem como que perdidas num

⁸⁸ Entre os fundadores estavam: Ângelo Angelopoulos (Grécia), Padre Joseph Leuret (França), James Patton (EUA), ex-presidente Léopold Senghor (Senegal).

⁸⁹ Transforma-se em livro em 1969, pela editora Gallimard.

⁹⁰ Tudo começou em janeiro na Universidade de Nanterre, quando 40 membros de um grupo anarquista, liderados pelo alemão Danny Cohn Bendit, protestavam entre os corredores da universidade com cartazes ridicularizando a polícia, a repressão, a formalidade, o conservadorismo, o racismo e tudo mais que representava um retrocesso em relação à democracia, à igualdade e à liberdade de fato e não apenas de direito.

mundo que ameaça desmoronar-se (...). É necessário que esta geração sinta a fundo esta contradição gigantesca de um mundo tenso de ameaças e de promessas oriundas ambas de um mesmo germe – o progresso científico e técnico alcançado pelos homens. (1968c: 145 e 146).

É também em 1968 que o autor publica *Latin American Radicalism*, um conjunto de ensaios – organizados por ele, Irving Louis Horowitz e John Gerassi – que procurava dar uma visão dos movimentos nacionalistas, bem como da esquerda latino americana sobre os problemas de um dos continentes mais pobres do mundo e suas possíveis implicações.

Lança também *A Explosão Demográfica e a Fome no Mundo*, um pequeno livro com mais uma crítica aos neo-malthusianos, como Vogt, e ao controle de natalidade sem critérios.

Por esses idos de final dos anos 60, o abatimento tomou conta de Josué de Castro, pois suas esperanças e planos de voltar ao país de forma definitiva começavam a desaparecer. O regime militar, ao invés de ter uma rápida passagem pelo poder como acreditara, só enrijecia de violência e terror.] Josué Montello percebeu isto com rara sensibilidade ao registrar em seu livro de memórias a visão de Josué de Castro andando nas ruas de Paris:

Nunca esquecerei o encontro que tive no Boulevard Saint Germain, numa fria tarde de outono, por entre folhas caídas e vento áspero, com Josué de Castro, de mãos enterradas nos bolsos laterais do sobretudo, o passo vagaroso, o olhar ensimesmado e distraído. (...) longe de sua pátria, longe de seus livros, longe de seus amigos. Para mim, que o conhecera extrovertido e fluente, sua figura alta e triste impressionou. Dir-se-ia que o exílio tinha-lhe tocado a fonte da vida. (in Anna Maria de CASTRO, 1996: 83).

Depois de um ano de docência, em 1969, o governo francês o designou Professor Estrangeiro Associado ao Centro Universitário Experimental de Vincennes (Universidade de Paris VIII), recém criado, lecionando também para alunos de pós-graduação no Instituto de Altos Estudos para a América Latina da Universidade de Paris I.

Em Vincennes era responsável pela cadeira de Geografia dos Países Subdesenvolvidos e no ano de 1970 institui e coordena o grupo de pesquisa em ecologia humana dessa mesma universidade. Passa a criticar fortemente o

relatório do Massachusetts Institute of Technology (MIT) dos EUA, além de se debruçar sobre a questão da Amazônia.

Entre 1969 e 1971, ainda em seu vigor intelectual, lança vários escritos, como *El Hambre — Problema Universal*⁹¹, em conjunto com outros autores *O Drama do Terceiro Mundo* e *O Brasil na Encruzilhada*, ambos de 1970. Nessa fase, sua preocupação com o desenvolvimento, o subdesenvolvimento e a inserção da América Latina no contexto internacional – temas discutidos naquela época entre os intelectuais da área de Ciências Sociais – se aguça e se aprofunda.

Depois disso Castro volta-se para a temática da Ecologia, sendo, segundo Teotônio dos Santos (in André BARROS, 1996: 1), um dos organizadores da reunião de cúpula sobre meio-ambiente e ecologia de Estocolmo em 1972 – a primeira reunião dos países neste sentido. Segundo Josué de Castro, duas vertentes se confrontavam na conferência:

A primeira preocupa-se como o desenvolvimento tecnológico antipoluição; a segunda, com a profilaxia e a preservação do que pode ser salvo. Alinho-me nesta segunda corrente (...), aliás, presido um grupo, na Universidade de Vincennes, que estuda a preservação da Amazônia de um mau tipo de desenvolvimento. (in SILVA, 1998: 158).

No período também inicia a escrita de um futuro livro *Survivre ou Périr Ensemble*, mas que permaneceu inacabado assim como outros⁹². Seria uma obra que versaria sobre as novas bases do pacto Homem e Natureza, precursora, portanto, da onda ecológica dos anos 80 e 90.

Meses depois, em 24 de setembro de 1973, falece Josué Apolônio de Castro, aos 65 anos de idade, alguns dias depois de Salvador Allende e na mesma semana de Pablo Neruda. Infelizmente, como bem afirma Anna Maria de Castro, vivemos num país que “*está permanentemente reiniciando sua história, na medida em que desconhece e nega seu passado e seus mortos que precisam urgentemente ser resgatados*” (Anna de CASTRO, in CASTRO, 1996: 6).

⁹¹ Esse livro encontra-se a disposição para leitura no endereço eletrônico www.elaleph.com.

⁹² Em anexo encontra-se, no final, a lista dessas obras inacabadas.

Ao falecer em Paris, sobre ele escreveu *Le Figaro*, em 25 de setembro de 1973: *“Cheio de flama e de paixão pela grande causa que ele servia, ajudando, por suas fórmulas marcantes, a tocar de perto as realidades do subdesenvolvimento, a tomar consciência do círculo vicioso no qual se encerrou o mundo, exerceu ele uma influência profunda e duradoura”* (in LINHARES, 1992: 336).

Apesar de ter visitado o Brasil durante três curtos períodos, entre a sua cassação e sua morte, teve seu visto negado várias vezes pela Embaixada do Brasil na França, comandada pelo então embaixador General Aurélio Lira Tavares.

Era o fim de uma vida dedicada ao trabalho de denunciar a pobreza como criação dos sistemas sociais e de alertar a opinião pública brasileira e terceiro-mundista contra as falácias das políticas de desenvolvimento econômico que enfatizavam o crescimento industrial e ignoravam a agricultura voltada para a produção de alimentos, bem como o próprio pequeno agricultor que emigrava para as grandes cidades: São Paulo, Caracas, Cidade do México, Lima, Rio de Janeiro, Recife etc. Hoje, capitais com graves problemas de violência.

CAPÍTULO III

A Sociologia de Josué de Castro

Na história do pensamento social brasileiro a questão da compreensão e interpretação do país se tornou desde cedo um dos temas principais. Tarefa que se colocou antes mesmo da institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Como afirma Roberto Sabato C. Moreira, essa preocupação de entender o país e a nossa cultura,

expressou-se de diferentes maneiras: pelos registros de eventuais observadores, como cronistas e viajantes; pelas diversas formas de manifestação artística, notadamente a literatura; na perspectiva propriamente político-institucional, ou ainda pelos caminhos das diferentes Ciências Sociais. (1993: 7).

Essa via das “diferentes Ciências Sociais” inclui os estudos de importantes autores e suas interpretações acerca da cultura e sociedade brasileira. Interpretações que ajudam a compreender a formação econômica do País, a escravidão, a fome.

Segundo a sugestão de Manoel Correia de Andrade, as obras mais importantes sobre nossa realidade seriam: *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freire; *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda; *Formação do Brasil Contemporâneo* de Caio Prado Júnior, *Os Donos do Poder* de Raymundo Faoro e, por fim, *Geografia da Fome* de Josué de Castro. Sem eles, afirma Andrade, não se pode conhecer a fundo o Brasil, país de enormes contrastes.

A obra de Castro inscreve-se no rol desses intelectuais que apresentaram formas originais de compreensão da realidade brasileira. No caso do sociólogo da fome, a imagem de um Brasil generoso, com sua natureza colossal e exuberante, onde supostamente não havia o problema da escassez de alimentos, veio a baixo. Essa imagem foi desconstruída. Sempre procurou alertar para um Brasil que de norte a sul estava, de forma direta ou indireta, marcado pelo problema da fome, não tanto devido às condições naturais, mas devido sobretudo ao próprio homem e a estrutura sócio-econômica implantada no País.

Até então não se tinha uma idéia plena da precariedade em que o País vivia. Pensava-se que, no geral, a população se alimentava bem, que a ocorrência da fome se dava apenas em áreas atingidas por problemas climáticos, como as secas periódicas do Nordeste, área epidêmica de fome. Não se tinha idéia das áreas endêmicas de fome, como o Norte e principalmente a região açucareira do Nordeste, onde o seu habitante mais popular tinha que lutar contra várias adversidades: o meio geográfico, a ineficiência dos políticos, a monocultura e o sistema latifundiário.

Conforme Adriano Moreira, *“a fome transformou-se numa categoria do pensamento moderno em grande parte pela ação de Josué de Castro”* (in SILVA, 1998: 441). Ele teria sido o responsável por inscrever a fome na agenda de intelectuais e políticos do mundo inteiro.

Nesse capítulo serão analisadas as principais idéias que, do ponto de vista sociológico, caracterizam o pensamento de Josué de Castro. Suas principais obras sociológicas são: *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife; O Problema da Alimentação no Brasil; Alimentação e Raça; A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana; Documentário do Nordeste; Fisiologia dos Tabus; Geografia da Fome; Geopolítica da Fome; Ensaios de Biologia Social; O Livro Negro da Fome; Sete Palmos de Terra e um Caixão; Ensaios de Geografia Humana* e o conjunto de ensaios organizados por Anna Maria de Castro, *Fome: um tema proibido*.

A Sociologia sempre esteve presente na obra de Josué de Castro, apesar de nunca ter sido professor dessa disciplina especificamente, apenas de áreas afins como Geografia Humana e Antropologia. Num texto publicado em 1935 no Arquivo Municipal de São Paulo, que se encontra na obra *Ensaios de Biologia Social*, deixa claro a idéia a respeito da Sociologia: *“na hierarquia dos conhecimentos humanos, a Sociologia, por sua complexidade e transcendência, ocupou sempre os degraus mais elevados da escala”* (1968c: 135).

A concepção que o autor tinha a respeito dessa ciência caminhava juntamente com a idéia de engajamento e de comprometimento com a realidade em que o sociólogo se encontrava. Uma idéia que fez parte não apenas de sua

concepção a respeito da Sociologia como também a respeito de sua própria vida, como será visto adiante.

Ainda com relação à sua concepção acerca da Sociologia, vale ressaltar sua distinção para com a concepção de Sociologia de Gilberto Freire. Uma concepção que Josué de Castro explicita também nesse ensaio e que diz respeito a valorização exagerada do elemento pitoresco:

foi a ditadura do decorativo que alguns soi-disants sociólogos impuseram dentro dos quadros ecológicos da Sociologia brasileira. Procurando recolher material para construção das suas doutrinas, os chefes desta nova Sociologia começaram por catar, por peneirar da massa dos elementos etnográficos, antropológicos e folclóricos, o que lhes parecia significação pictórica. Infelizmente não se pode e não se deve proceder assim quando se quer estudar cientificamente uma área cultural. É preciso saber dominar as preferências literárias porque, todos os elementos, todos os traços de uma cultura são significativos e exigem sociologicamente uma atenção igual e uma interpretação precisa. (idem: 136).

Era uma clara referência aos estudos de Gilberto Freire, que tinha lançado *Casa Grande & Senzala* em 1933. Era uma crítica ao fato do fenômeno da alimentação não ser estudado e não ter uma devida importância dentro das explicações sociais da época, já que era considerado um elemento pitoresco, para “inglês ver”.

Aliás, a relação entre Gilberto Freire e Josué de Castro é decisiva para se compreender a Sociologia da Fome. Uma relação marcada por oposições. Castro era de uma família modesta, tinha a tez morena, não estudou em grandes colégios e teve várias privações, enquanto Freire era branco, de origem rica, aprendeu línguas desde cedo, viajou para fazer seus estudos. Quando adultos, Freire e Castro pertenceram a facções políticas distintas: o primeiro se identificando com a aristocracia agrária nordestina e o segundo com a classe média urbano-industrial de Recife e do Rio de Janeiro. Além disso, enquanto o teórico da fome foi exilado em Paris, o discípulo de Franz Boas apoiou o regime que surgia no Brasil a partir de abril de 1964.

No campo das idéias, a discórdia de ambos, segundo Francisco Vasconcelos (2001), começou quando Josué de Castro apresentou a tese de livre-

docência para a cátedra de fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife em 1932¹. Disse Freire a respeito:

Inteiramente errado, ao nosso ver, o senhor Josué de Castro no seu trabalho (...), no qual chega, aliás, do ponto de vista fisiológico e através da técnica mais recente na sua especialidade, às mesmas conclusões gerais que o autor deste ensaio, pelo critério sociológico e pela sondagem dos antecedentes sociais do brasileiro, isto é, 'muitas das conseqüências mórbidas incriminadas aos efeitos desfavoráveis do nosso clima são o resultado do pouco caso dado aos problemas básicos do regime alimentar. (in VASCONCELOS, 2001: 322).

O pomo da discórdia estava na questão da alimentação do escravo e do senhor de engenho, considerado por Freire como melhor que a da classe intermediária dos trabalhadores livres e ex-escravos. Castro combateu essa idéia veementemente. A alimentação dos escravos era suficiente, pois o senhor alimentava bem o escravo para que ele produzisse mais (in VASCONCELOS, 2001: 325), nem a alimentação do senhor era boa em função da falta de conhecimentos, o que acarretava numa monotonia alimentar.

Mas apesar da discórdia, ambos tinham uma certa admiração e respeito um pelo outro, tanto é que Freire cita Castro em Sobrados & Mucambos e Castro cita Freire em *Geografia da Fome*. Como bem explica Manoel C. de Andrade:

Veja só o caso dos dois, eles se falavam, mas nunca se deram, ambos tinham projeção, ambos tinham as mesmas ligações, eram inteligentes, abordavam temas próximos e tinham ciurnadas, ciurnadas fortes. (...) Ambos eram vaidosos e cômicos de suas inteligências e brilhantismos. (in SILVA, 1998: 373 e 374).

Se com Gilberto Freire teve uma relação, apesar de tudo, cordial, com outros teve grandes desavenças: Aderbal Jurema, Osvaldo de Lima e Nelson Chaves, para citar os principais desafetos. Esse último um grande nutricionista responsável pela implantação da disciplina no Recife e na Universidade Federal de Pernambuco².

¹ Para SILVA, a intriga iniciou "com a crítica que Gilberto fez ao livro de Josué, *O Problema da Alimentação no Brasil*, e que recebeu, por parte de Josué, uma resposta na imprensa através do artigo publicado no *Diário da Manhã*, de Pernambuco, em 3 de fevereiro de 1934, intitulado *Casa Grande & Senzala*" (1998: 239).

² Sobre Nelson Chaves consultar a tese de doutorado (FIOCRUZ) de Francisco de A. Guedes de Vasconcelos intitulada *Como Nasceram os meus Anjos Brancos: a constituição do campo da Nutrição em Saúde Pública em Pernambuco* (1999).

Além disso, Josué de Castro também procurava distinguir sua Sociologia com uma preocupação em pintar a realidade social com cores fortes, com o preto e o branco da fome para contrastar com a Sociologia colorida e cheia de cheiros de Gilberto Freire, que procurava estabelecer uma Sociologia que destacasse os elos entre o índio, o negro e o branco a fim de encontrar a identidade brasileira adocicada pela monocultura da cana-de-açúcar, base do sistema de colonização da já miscigenada cultura portuguesa.

Para Josué de Castro a identidade brasileira escondia uma face escura, suja, que era a face de uma grande parte da população esfomeada, pálida, barriguda, cega, deformada, com baixa estatura, com baixo peso, problemas mentais, faminta e cheia de doenças causadas pelos distúrbios da alimentação. É aí que está a verdadeira preocupação sociológica de Castro.

Nas várias teorias de interpretação sociológica de nossa civilização, falava-se em ancestralismo, em mestiçagem, em fusão de culturas e patriarcalismo e outras coisas assim meio vagas, poéticas e sonoras, mas ninguém apontava a alimentação como causa capaz de influir nas diretrizes de nossa organização cultural. A intensa focalização do problema pela escola médica brasileira, veio provocar uma radical mudança de atitude da Sociologia entre nós. (in SILVA, 1998: 199).

Quando Josué de Castro adentrou no tema do desenvolvimento no final dos anos 40 percebeu que a fome fazia parte da estratégia de colonização dos países europeus de subjugar a população colonizada. A alimentação é um elemento chave no sistema colonial, que por sua vez é um elemento essencial para se entender o Brasil e seu povo.

A fome no Brasil, que perdura, apesar dos enormes progressos alcançados em vários setores de nossas atividades, é conseqüência, antes de tudo, de seu passado histórico, com os seus grupos humanos, sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. Luta, em certos casos, provocada e por culpa, portanto, da agressividade do meio, que iniciou abertamente as hostilidade, mas, quase sempre, por inabilidade do elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para os seus planos de aventura mercantil. (...). É o 'fique rico', tão agudamente estigmatizado por Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro Raízes do Brasil. (1992: 280 e 281).

Além disso, os elementos que formam sua Sociologia da Fome encontram-se nos sub-capítulos que virão: o caráter humanista; a idéia de cura da sociedade;

a fome como fenômeno social; a questão do subdesenvolvimento; a dualidade como instrumento de interpretação do Brasil; a crítica neo-malthusiana; uma nova abordagem metodológica; a forma ensaística e, por fim, a questão da arte e da ciência em sua obra³.

É bem verdade que Josué de Castro não chegou a fazer grandes indagações e formulações epistemológicas a respeito de uma possível Sociologia da Fome⁴. Não chegou a discutir com maior profundidade seus aspectos epistemológicos e teórico-metodológicos. Não chegou nem a afirmar o que teria de diferente a Sociologia da Fome e outros ramos da Sociologia. Enfim, Castro não chegou a aprofundar o debate, mas deixou como legado algumas pistas.

3.1. O Caráter Humanista

A influência do humanismo na obra do autor é inegável. Mas antes de comentá-lo, vale a pena esclarecer que tipo de humanismo o autor mais se familiarizou ou se apropriou como forma de pensamento e ação, já que existem, de acordo com Nogare, três sentidos fundamentais para o termo humanismo, relacionados entre si. O primeiro é o histórico-literário,

que lança suas raízes nos séculos XIII e XIV, conhece seu máximo esplendor durante os séculos XV e XVI e continua irradiando luz nos séculos XVII e XVIII. Caracteriza-se pelo estudo dos grandes autores da cultura clássica, grega e romana, dos quais tenta imitar as formas literárias e assimilar os valores humanos. (1985: 15).

O segundo, o especulativo-filosófico.

Em sentido lato, este humanismo filosófico pode significar qualquer conjunto de princípios doutrinários referentes à origem, natureza, destino do homem. (...). Em

³ Vale consultar a obra de Humberto Melotti publicada no México em 1969 que recebe o nome de *Sociologia del Hambre*. Uma obra que é claramente influenciada por Josué de Castro e toda a discussão que se fazia em torno da questão da fome nos anos 60. Analisa a fome global (quantitativa), fome específica (fome oculta ou qualitativa como fome de vitaminas, sais minerais, lipídios etc.) e a produção agrícola no mundo do período pós Segunda Guerra. No entanto, não faz grandes incursões epistemológicas e teórico-metodológicas a cerca do que seria uma Sociologia da Fome.

⁴ Apesar dos livros *Sete Palmos de Terra e um Caixão* e *O Livro Negro da Fome* terem suas principais formulações a respeito da Sociologia da Fome, suas idéias encontram-se espalhadas entre artigos e outros livros.

sentido estrito, o humanismo filosófico é qualquer doutrina que em seu conjunto dignifica o homem. E aqui é que os humanismos divergem e proliferam numa gama de graduação, que é difícil determinar (antigo, grego e romano; cristão; moderno de Descartes, Kant e Hegel; contemporâneos). (1985: 16).

Para estabelecer um denominador comum entre esses vários humanismos o autor adota a idéia de Sartre, "é humanista, filosoficamente, toda doutrina que atribui ao homem algo de característico, de específico em relação aos outros seres do universo". (idem: 15 e 16).

Por fim, o terceiro sentido, o humanismo ético-sociológico,

isto é, um humanismo que visa tomar-se realidade, costume e convivência social. (...) doutrina que atribui ao homem, à sua realização na sociedade e na história, o valor de fim, de forma tal que tudo esteja subordinado ao homem, considerado individual e socialmente, e que o homem nunca seja considerado como meio ou instrumento para algo fora de si. (idem: 16).

E é justamente esse terceiro sentido que Josué de Castro adota, pois ele tem um sentido prático para o autor muito forte. Desde os tempos do bairro da Madalena, quando a capital pernambucana era ainda cercada por manguezais, Castro teve contato direto com o fenômeno da fome. Ela estava presente entre seus amigos de rua, habitantes dos mocambos que viviam da pesca e da caça ao caranguejo. Estava impregnado de corpo e alma da vida desta terra e do sentimento de sua gente. Por isso mesmo o caráter humanista ético-sociológico de Josué de Castro se prestou desde muito cedo, quando escolheu a medicina, por exemplo, como curso universitário, afinal essa disciplina tem como principal fundamento o homem e sua saúde.

O caráter humanista também se expressou em suas obras. Aliás, pode-se dizer que senão em todas pelo menos na maioria de suas obras este caráter se encontra. Ao falar, por exemplo, sobre a questão do desenvolvimento, muito em voga a partir dos anos 50, Castro explica:

Só há um tipo de verdadeiro desenvolvimento: o desenvolvimento do homem. O homem, fator de desenvolvimento, o homem beneficiário do desenvolvimento. É o cérebro do homem a fábrica de desenvolvimento. É a vida do homem que deve

desabrochar pela utilização dos produtos postos à sua disposição pelo desenvolvimento. (1996: 93).

Esse caráter humanista liga-se, portanto, ao caráter pragmático. As obras de Josué tinham como principal objetivo não só ressaltar a importância da questão alimentar como também dar soluções ao problema da fome, numa busca de um padrão dietético racional para o país que respeitasse as particularidades de cada região. Fato esse que nunca escondeu, ao falar sobre o objetivo da obra *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*:

Este modesto trabalho individual, orientado dentro de um plano de finalidades pragmáticas, visa mostrar a importância da alimentação e solucionar as incógnitas do problema para elaboração de nosso padrão dietético racional (...) ele pretende abarcar as várias faces do problema e, através de um esforço de síntese e coordenação, destacar todo o interesse primordial da questão entre nós, obtendo nesta visão rotativa e totalitária do problema, a noção exata do que representa a alimentação na formação e evolução do nosso povo. Visa ainda, pelo conhecimento dos nossos hábitos alimentares, ressaltar os defeitos da alimentação regional e proceder à sua correção, dentro dos princípios fisiológicos da economia alimentar. (1937: 9)⁵.

3.2. Por uma Medicina Social

Elimar Nascimento, em artigo do Diário de Pernambuco de 15 de maio de 1997, sob o título *A Fome e seu Médico*, cita a idéia da medicina social de Josué de Castro que salientava a importância do saneamento, da vigilância sanitária relacionada à alimentação e da habitação para o combate à fome. A fome passa a ser tratada como uma questão de saúde pública.

Essa foi uma grande contribuição de Josué de Castro: ampliar os horizontes da questão da fome que antes dos anos 30, quando começa a escrever, era apenas tratada como uma questão nutricional, biológica ou médica, ou ainda, como uma questão literária.

Não é por menos que Rosana Magalhães (1992) escreve toda uma dissertação de mestrado justamente sobre essa passagem que o autor faz do tema da fome da Biologia para as Ciências Sociais.

⁵ Vale notar que sua obra caminhava no sentido contrário da tendência hegemônica nos anos 70, em que o conceito de estrutura é central. O homem como objeto de análise desaparece.

A Sociologia de Josué de Castro se aproxima muito da Sociologia de Émile Durkheim. Ambos diagnosticavam os problemas sociais e apresentavam soluções. Ambos procuravam, cada um a sua maneira, curar a sociedade de suas mazelas. Tratavam a sociedade como um corpo que precisa de cuidados e que adocece.

De certa forma, uma influência do pensamento positivista de Auguste Comte que relacionava a Sociologia com outras áreas do conhecimento ditas duras como a Física, a Biologia, a Química. As categorias de normal e patológico utilizadas por Durkheim são emblemáticas desse pensamento.

No caso de Josué de Castro, sua percepção do fenômeno da fome incluía a noção de uma ameaça ou mesmo de uma doença para toda a humanidade, que precisava o quanto antes ser extirpada, curada. Por ser socialmente construída por alguns homens contra outros homens a fome provoca um estado de revolta nos famintos, pois ao tomarem consciência que a fome que passam pode ser extinta e que há condições para isso passam a ser uma ameaça para os que não sofrem desse flagelo. Atitudes violentas com fins de mudar essa situação podem surgir daí. Era o que Josué de Castro designava de “caráter revolucionário da fome”.

Essa característica da medicina social na obra de Josué de Castro é fruto de sua formação como médico, obviamente, mas também é fruto do discurso higienista – mesclada com concepções positivistas que teve Benjamin Constant o seu maior expoente no Brasil – que tomou conta do País no início do século XX⁶. Um discurso em torno de idéias da medicina higiênica e da necessidade de se implementar uma política pública que substituísse e que lutasse contra a tutela meramente jurídico-administrativa herdada da Colônia. Devido as exigências higiênicas do caos urbano das grandes cidades do País, principalmente do Rio de Janeiro, do final do século XVIII e início do XIX essa medicina imprimiu neste espaço as “marcas de seu poder”. Ela conseguiu congrega harmoniosamente

⁶ A obra *Saneamento do Brasil* de 1917 marca o início do movimento higienista e a criação da Liga Pró-Saneamento. O fim do movimento data de 1929, quando se deu o fim da República e o início de um período de grandes transformações para o Brasil: a urbanização e a industrialização (LIMA, 2000).

interesses da corporação médica e objetivos da elite agrária dominantes nessa passagem dos séculos (COSTA, 1983).

Assim, através do discurso apresentado por essa medicina higiênica o controle da natalidade e a busca de uma boa alimentação ou de um “padrão dietético racional”, como afirmava Castro, passaram a fazer parte das normas de higiene pública. Com essa política procurou-se modificar o cotidiano dos cidadãos, modificar comportamentos arraigados. Única forma de melhorar a saúde da população, na percepção do autor.

os médicos que se dedicavam à saúde pública participaram ativamente do debate sobre regeneração. Falava-se da regeneração do homem, enfatizando-se o aprimoramento da moral e da solidariedade social. Os higienistas participaram dessa preocupação colocando-se como intérpretes do sentido a ser dado à pretendida regeneração da sociedade. (LIMA, 1999: 94).

Um discurso que também influenciou fortemente Durkheim⁷, pois alcançando notável desenvolvimento na França, antes mesmo do desenvolvimento da bacteriologia, a tentativa de normatizar a vida social a partir de preceitos ditados pela higiene foi um fenômeno tão notável que levou Pierre Rosanvalon a falar de um “Estado Higienista”. (Ibid).

As cruzadas de Osvaldo Cruz, Belisário Pena e Artur Neiva são ilustrativas dessa característica de um “Estado Higienista” no Brasil, na virada do século XIX para o XX. Era um País concebido como “um imenso hospital”, célebre frase proferida pelo médico Miguel Pereira em 1916. Noções essas que irão influenciar Josué de Castro nos anos 20, quando iniciou seus estudos de medicina na Bahia e posteriormente concluídos no Rio de Janeiro.

Outro ponto que relaciona a Sociologia de Durkheim com a de Josué refere-se a questão da solidariedade. Para o sociólogo francês a solidariedade é essencial para solucionar as anomias – ausências de regras para o convívio social – ou, simplesmente, as patologias da sociedade moderna.

Para o sociólogo pernambucano-carioca, a solidariedade é fundamental para se solucionar o grande mal da humanidade atual: a fome. É através do

⁷ O *Suicídio*, por exemplo, é marcado por temáticas análogas a dos higienistas.

conhecimento da realidade em que vivem dois terços da humanidade e da ajuda do outro terço mais rico que a fome poderá ser erradicada.

Essa categoria sociológica surge da influência, consoante Taranto (1993), do catolicismo social, que encontrará entre duas guerras a sua mais importante manifestação na Encíclica Quadragésimo Ano de Pio XI e, da filosofia espiritualista, o personalismo, que teve origem nos escritos de E. Mounier, cujo objetivo foi formular, além do individualismo ou do coletivismo, uma sociedade cuja economia estivesse a serviço do homem.

Do Brasil, sem dúvida, Josué de Castro também recebe influências, principalmente dos teóricos da teologia da libertação – corrente que deixou sua marca na história da América Latina durante a segunda metade do século XX. O apogeu desse movimento encontra-se em 1971 com a obra do padre peruano Gustavo Gutiérrez denominada Teologia da Libertação, apesar de sua gestação ocorrer já desde os anos 60 com as CEBs (Comunidade Eclesiástica de Base) e através de personalidades que o próprio Josué de Castro mantinha contato, como D. Hélder Câmara.

Uma influência que remete à questão do caráter humanitário da obra de Josué de Castro, que certamente também tem raízes na teologia, na ética e no modo de agir cristão.

3.3. A Fome como Fenômeno Social

O conceito da fome como fenômeno ligado às estruturas políticas e sociais, e mesmo econômicas, defeituosas representou uma idéia que amadureceu ao longo das obras que Josué de Castro escreveu e esteve presente, mesmo que de forma ainda tímida, desde os primeiros escritos. *"A fome pode intervir como força social, capaz de modificar a conduta e o comportamento do homem, agindo, assim, em consequência, como um fator de desajuste entre indivíduos, povos e nações"* (CASTRO, 1996: 53 e 54).

Nos primeiros escritos, o autor lança mão de temas ausentes na discussão clínica da nutrição como raça, evolução social e identidade nacional:

Se a maioria dos mulatos se compõe de seres estiolados, com déficit mental e incapacidade física, não é por efeito duma tara racial, é por causa do estômago vazio. Não é mal de raça, é mal de fome. É a alimentação insuficiente que não lhe permite um desenvolvimento completo e um funcionamento normal. Não é a máquina que seja de ruim qualidade; e se o seu trabalho rende pouco, ela estanca e pára a cada passo e se despedaça cedo é por falta de combustível suficiente e adequado. Daí a importância do estudo científico da alimentação e o interesse dos verdadeiros sociólogos em conhecerem os hábitos alimentares de cada povo, para melhor esclarecimento de sua formação e evolução econômico-sociais. Também o higienista não pode lançar as bases duma campanha eficaz de melhoramentos sanitários do nosso meio sem um conhecimento perfeito das fontes locais de alimentação e do seu aproveitamento pelo povo. (1968a: 67 e 68).

A concepção incipiente de fome influenciava-se por duas doutrinas muito presentes no final do século XIX: o positivismo e o evolucionismo (MAGALHÃES, 1997). No que se refere ao positivismo, o fato social de maior importância para Castro, a fome, tinha algumas explicações nos modelos teóricos da Biologia, o que caracteriza bem o pensamento positivista do maior expoente dessa doutrina, a saber, Auguste Comte que, entre outras idéias, afirmava ser a sociedade passível de ser estudada utilizando-se da mesma lógica de investigação usada pelas Ciências Naturais. De certo modo Josué de Castro cai nesta armadilha ao falar sobre a questão da fome.

Ao privilegiar o social para a explicação do fenômeno da fome, Josué de Castro não se desprende de conceitos de sua área de formação: a medicina. É a partir dela que agrega outras teorias e métodos para uma compreensão maior do seu principal objeto de estudo. As Ciências Sociais surgem, na obra de Castro, sem excluir os conhecimentos médicos, biológicos e nutricionais adquiridos.

Daniel Pécaut, ao discorrer sobre a dinâmica da interação entre intelectuais e o poder no pós-30, observa uma coincidência com as posições assumidas por uma fração considerável das elites políticas e militares brasileiras: o positivismo e outras doutrinas de organização social não são encarados como 'idéias', mas como princípios que sustentam práticas políticas (1990: 59).

Já a influência do evolucionismo pode-se sentir na forte crítica que Castro faz à teoria racista predominante no Brasil até os anos 30 e 40. Em outras palavras, a influência que recebe do evolucionismo o faz contradizer essa linha de pensamento que proporcionou à Alemanha de Hitler a pior fase na História da

humanidade. Para o teórico pernambucano a tese da suposta evolução das raças poderia ser derrubada pelas explicações relativas a questão alimentar. É a tese “mal de fome e não de raça” tão bem explicitada por Eronides Lima em sua tese de doutorado que recebe o mesmo título.

Passado os escritos iniciais, o conceito desta calamidade social passa por um processo de ruptura, ganhando novos contornos, principalmente a partir da obra *Geografia da Fome*. Aqui, a fome não é apenas vista como fenômeno puramente social ou biológico, mas também histórico:

A fome no Brasil, que perdura, apesar dos enormes progressos alcançados em vários setores de nossas atividades, é consequência, antes de tudo, de seu passado histórico, com os seus grupos humanos, sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. Luta, em certos casos, provocada e por culpa, portanto, da agressividade do meio, que iniciou abertamente as hostilidades, mas, quase sempre, por inabilidade do elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para os seus planos de aventura mercantil. (...) É o ‘fique rico’, tão agudamente estigmatizado por Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro Raízes do Brasil. (1992: 280 e 28).

Além disso, devido a uma postura mais crítica que assume nos anos 40, o conceito de fome também recebe um novo contorno: o caráter subversivo. O conceito passa a ter também um caráter crítico, como resultado direto do processo do desenvolvimento do sistema capitalista (MAGALHÃES, 1997).

Com essa postura mais arrojada, em contraste com seus primeiros escritos, Josué de Castro chega a afirmar que a fome não é mais do que a mais trágica expressão do desenvolvimento dos países mais ricos que se sustentam na exploração dos países mais pobres, provocando-lhes não só a fome quantitativa, aguda ou manifesta, mas também a fome qualitativa ou oculta.

A fome aguda – também denominada de total, global, epidêmica ou quantitativa – seria, então, aquela menos comum e mais fácil de ser observada. Refere-se à “verdadeira inanição que os povos de língua inglesa chamam de *starvation*, fenômeno, em geral, limitado a áreas de extrema miséria e a contingências excepcionais...” (1992: 37).

Já o outro tipo de fome, denominada fome crônica – também conhecida como parcial, oculta, qualitativa, específica, endêmica ou latente – refere-se a um

fenômeno muito mais freqüente e mais grave, segundo o escritor, pois a falta permanente de determinados elementos nutritivos, nos regimes alimentares habituais dos povos subdesenvolvidos e até de uma pequena parcela dos desenvolvidos, provoca a morte lenta de vários grupos humanos no planeta, apesar de comerem todos os dias.

Esse tipo de fome é mais perverso que a fome global, determinada pela incapacidade da alimentação diária fornecer um total calórico correspondente ao gasto energético realizado pelo trabalho do organismo, porque age sorrateiramente, sem que as pessoas percebam seu malefício. Ela é caracterizada pela ausência ou presença em quantidades exageradas de certas substâncias alimentares, como os sais minerais, as vitaminas, as proteínas, gorduras, entre outros. Ela é proveniente de uma má-alimentação – monotonia ou desequilíbrio alimentar – representando o aspecto qualitativo da questão. E é justamente neste aspecto das fomes parciais, em sua infinita variedade, que se detém tanto em Geografia como em *Geopolítica da Fome*.

Esse tipo de fome, explica o teórico pernambucano, é fruto da nossa própria civilização que, através dos tempos, sacrificou pouco a pouco a variedade pela quantidade, restringindo o abastecimento regular das coletividades às substâncias de maior rendimento alimentar e de produção e conservação relativamente mais fáceis (1968b, vol. 1: 82).

Apesar do autor se preocupar com o aspecto coletivo da fome, seja parcial ou total, também se preocupou com seu aspecto psicológico. As conseqüências psicológicas do fenômeno da fome vão servir para que Josué de Castro compreenda as outras faces do fenômeno.

Os aspectos psicológicos servem para explicar alguns comportamentos tomados pelos famintos nos momentos de grave supressão alimentar. Toma o exemplo de sua região, o Nordeste, quando sofre as tão castigadas secas que trazem fenômenos sociais até então não encontrados nos períodos de chuva e de fartura⁸. A fome global traz novos comportamentos sociais para o sertanejo:

⁸ Consultar a respeito das secas no Nordeste a obra de Marco Villa (2000) que traz um histórico do fenômeno, bem como alguns aspectos políticos, sociais resgatados principalmente na mídia sobre o maior flagelo brasileiro.

De início a fome provoca uma excitação nervosa anormal, uma extrema irritabilidade e principalmente uma grande exaltação dos sentidos (...) fundamentalmente o sentido da visão. (...) Em seguida a esta fase de exaltação, vem a fase de apatia, de tremenda depressão, de náusea e de dificuldade de concentrar-se. (...) Nestes limites já bem perigosos para a segurança do espírito, a personalidade se vai desagregando, se esfumando e apagando as suas reações normais a inúmeras outras solicitações do meio exterior, sem correlação com a fome. Nesta desintegração do eu desaparecem as atividades de autoproteção, de controle mental e dá-se, finalmente, a perda dos escrúpulos e das inibições de ordem moral. (1992: 246, 248 e 249).

Isso explica os tipos tão significativamente inseridos, por suas raízes culturais, na vida sertaneja: o beato fanático e o cangaceiro cruel. Muitas vezes se constituem numa só personalidade: o beato-cangaceiro. Exemplos que se encontram nas figuras de Antônio Conselheiro, Lampião, Bento da Cruz, entre outros. Tais personalidades, explica Castro, traduzem a vitória da exaltação moral que faz apelo às forças sobrenaturais a fim de dominar o instinto desordenado da fome⁹.

A exacerbação de elementos divinos e a violência sem justificativa aparente são caminhos possíveis a se trilhar quando o indivíduo se vê corrompido por momentos repetidos de supressão alimentar. O sagrado representa uma força sobrenatural capaz de vencer a tudo e a todos e a violência, por sua vez, representa o aspecto anti-social, desagregador das normas sociais em vigência.

Anormalidades psíquicas afloram quando o indivíduo se encontra nessa situação. A loucura, para Josué de Castro, está muito próxima da fome e ela se manifesta nesses dois caminhos ou se dão ambos conjuntamente. O apelo exagerado ao sagrado e à violência são comportamentos individuais que se tomam tipologias sociais do beato e do cangaceiro.

Portanto, com Castro a fome passou a ser vista não apenas como um instinto natural em todos os seres vivos, ou seja, um apetite, vontade de comer ou mesmo como sinônimo de subalimentação, impossibilidade comer, de satisfazer este instinto. Ela ganhou um novo significado, um novo *status*:

⁹ Roger Bastide também trabalha com esta questão. Exemplo disso é o artigo que escreve *O Messianismo e a Fome* publicada pela ASCOFAM, em homenagem ao cinquentenário de Josué de Castro (*O Drama Universal da Fome*, 1958. p. 123-131). Ampliando a questão, sua discípula, Maria Isaura P. de Queiroz, escreve *O Messianismo no Brasil e no Mundo*.

Ora, a fome na acepção rigorosamente científica do termo, não compreende apenas a inanição, mas sim todas as modalidades de deficiência alimentar, formas visíveis e formas ocultas, estas reveladas pelos exames laboratoriais ou pelos coeficientes de mortalidade de numerosas doenças, que não passam afinal de disfarces da fome. Assim consideradas, a fome constituiu um fenômeno universal, a que não escapam os Estados Unidos, a Inglaterra e outros países desenvolvidos. A fome é para mim a expressão biológica de males sociológicos... (in Anna M. de CASTRO, 1984: 115).

3.4. O Pensamento de Esquerda

Uma das claras questões que se sobressai quando se lê a obra de Josué de Castro é sem dúvida a influência do pensamento de esquerda, especialmente a influência marxista, que surgirá no Brasil de forma mais sistemática a partir da fundação do Partido Comunista Brasileiro em 1922. Antes disso, praticamente não havia marxismo e marxistas no País, o que vai ocorrer somente a partir do final dos anos 50 quando textos marxistas deixam de ser “manifestações isoladas” (RICUPERO, 2000).

Apesar de ter trabalhado com Getúlio Vargas, considerado por muitos como um ditador, pode-se afirmar que Josué de Castro foi um homem de esquerda, tanto nas idéias quanto nas ações. Como o mesmo afirmava, “*Se quer que eu dê alguma fórmula que me defina, direi que sou um homem de esquerda que busca a mudança e luta contra o status quo, qualquer que seja ele*”. (in SILVA, 1998: 154).

Teve bons relacionamentos com figuras de destaque do PCB, como Alberto Passos Guimarães, Nelson Werneck Sodré e Jorge Amado. Não obstante, é certo afirmar que Josué de Castro não era um marxista, tanto nas idéias quanto nas ações¹⁰, apesar de alguns jornais insistirem em chamá-lo de “notório comunista”¹¹.

¹⁰ Josué tinha uma admiração pelo modelo socialista de gestão de políticas voltadas para o social, principalmente políticas em alimentação, mas nem por isso pregava a conversão do Brasil para o socialismo ou comunismo. Era contra o dogmatismo das idéias socialistas e costumava dizer: “ditadura? Nem do proletariado”. Pregava antes uma reforma profunda no País que enfatizasse a reforma agrária, a distribuição de renda, a ampliação do saneamento básico, a educação e a saúde da população brasileira. No fundo, achava que nem o capitalismo nem o socialismo eram as melhores maneiras de organização da sociedade. Ambas tinham falhas.

¹¹ De acordo com as pesquisas de Tânia Silva (1998: 437) a Cruzada Brasileira Anti-Comunista, a qual participavam políticos e personalidades conservadores, teve nos anos 60 o apoio de jornais como a Tribuna da Imprensa e Os Diários Associados que lhe endereçavam fortes críticas.

Mas também não se pode dizer que ele não foi influenciado, em sua obra, por esse pensamento que marcou profundamente a história das idéias no mundo, principalmente no século XX. Numa entrevista concedida em 1965, no Chile, afirmava:

Não sou marxista. Se Marx vivesse hoje mudaria a metade de suas conclusões. A Igreja ganha nisto dos marxistas, pois tem reconhecido que a metade de suas proposições estavam erradas. Sobretudo eu tenho medo do dogmatismo. Não se pode saber o que vai ocorrer. Seguramente no Brasil as forças de resistência às mudanças serão maiores, tanto internas como externas. (in SILVA, 1998: 162).

Segundo o sociólogo José Arlindo Soares¹², Castro divergia do marxismo como também dos quatro grandes paradigmas ou correntes de pensamento existentes em sua época seguidas por intelectuais, tecnocratas e burocratas estatais: marxismo, keynesianismo, social-democracia e o liberalismo. Todas tinham um ponto em comum: partir de concepções da economia para explicar a realidade social. Mais precisamente, partiam da lógica da organização dos fatores de produção.

Josué de Castro não seguiu nenhum paradigma desses, não procurou conceitos econômicos como ponto de partida para se compreender o mundo de sua época, isto é, não se baseou apenas na lógica da economia, ao contrário, guiava-se mais pela lógica social e política para a explicação do mundo e do Brasil.

Essa é a conclusão a que chega Taranto, segundo o qual o erro das concepções desenvolvimentistas encontrada por Castro seria identificar

o desenvolvimento da sociedade na sua totalidade com o crescimento de somente variáveis econômicas. É necessário, ao contrário, definir os fins do desenvolvimento em termos não somente quantitativos. Desenvolvimento e crescimento (econômico) são dois conceitos diferentes por dimensão e qualidade, dado que o primeiro incorpora o segundo. (1993: 103).

Para Castro não era a lógica do mercado que iria resolver a questão do subdesenvolvimento,

¹² Em depoimento prestado no cinquentenário da obra *Geografia da Fome* na sala Alberto Nepomuceno do Teatro Nacional de Brasília (27 a 29 de novembro de 1996).

De fato o conhecimento exato da situação alimentar dos povos, dos recursos de que poderão dispor para satisfazer suas necessidades de nutrição, é absolutamente indispensável para que se leve a bom termo a revolução social que se processa com incrível velocidade nos dias em que vivemos. Revolução que, segundo se vislumbra pelas transformações já processadas, está criando universalmente um novo sistema de vida política, que poderemos chamar, como sugere Julian Huxley (On Living in a Revolution, 1944) a era do homem social, em contraposição a essa outra era que terminou com a Segunda Guerra Mundial, a era do homem econômico. (...) É a tentativa dada vez mais promissora de pôr o dinheiro a serviço do homem e não o homem escravo do dinheiro. (CASTRO, 1992: 38).

Não que Josué de Castro explicasse o fenômeno da fome descartando o arcabouço teórico-metodológico da Economia, mas sem dúvida a solução que encontrava girava em torno da lógica social e política.

Voltando à questão do marxismo, nas análises e obras de Josué de Castro, particularmente sobre colonialismo¹³ não poderiam faltar pontos em comum com a teoria marxista. Conforme Giuseppe di Taranto (1993):

Josué de Castro considera que o capitalismo comporta a dominação dos povos que se encontram em uma fase pré-capitalista, e que a expansão colonial e o comércio de monopólio têm sido funcionais à acumulação e ao desenvolvimento nos países industrializados; recusa, entretanto, as soluções do tipo revolucionário, o que é coerente com a sua natureza de burguês progressista, repleto de humanitarismo. (1993: 54).

Outro elemento que aproxima Castro do pensamento de esquerda e marxista refere-se à discussão dos modos de produção que existia no Brasil, país periférico no sistema capitalista mundial.

Ao discorrer sobre o modo de produção do ciclo do açúcar implementado pelos colonizadores portugueses que teve forte repercussão sobre o regime de terras no Brasil e que, inclusive, manifesta-se ainda hoje, o teórico da fome observava três regimes econômicos diferentes que caracterizam esse modo de produção: o regime feudal da propriedade, o regime escravista do trabalho e o

¹³ O tema do colonialismo em Josué de Castro deve-se muito a Frantz Fanon, que com sua obra *Os Condenados da Terra* publicada em 1961 representou uma pedra angular na luta pelo anticolonialismo por meio de uma ideologia revolucionária e esclarecedora para os países do Terceiro-Mundo. Uma obra sociológica e psicológica, aliando o processo de colonização à identidade cultural: "o processo de descolonização é um fenômeno que acontece, antes de tudo, na consciência do colonizado".

regime capitalista do comércio. Conceitos amplamente marxistas, como se pode notar.

Conforme Bernardo Ricupero (2000), a geração de 30, que inclui Josué de Castro, estava preocupada em responder o que seria o Brasil e nesse processo era fundamental entender nosso passado colonial. Daí decorrem duas linhas dominantes na caracterização da colonização:

A primeira considera a formação econômico-social da época da colônia como feudal, enquanto a segunda enfatiza sua ligação com o mercado externo. Ambas as interpretações, entretanto, subdividem-se em diversas outras. Assim, na tese feudal aparece tanto uma explicação tradicional, que acentua os aspectos jurídico-formais similares entre a Europa medieval e a América portuguesa – tais como as cartas de doação e os forais – uma interpretação que vê a sociedade colonial como patriarcal e assemelhada, de alguma forma, ao feudalismo, e finalmente, a visão do PCB e de intelectuais ligados a ele, que presta especial atenção ao papel do latifúndio na Colônia. (p. 150 e 151).

Nas três explicações da tese feudal encontramos Francisco Varnhagen, Capistrano de Abreu, Nestor Duarte e Josué de Castro como representantes. Já a explicação da sociedade colonial como sociedade patriarcal está presente em Oliveira Viana e Gilberto Freire e a última tendo Alberto Passos e Nelson Sodré como expositores. Josué de Castro entendia ser um elemento essencial na definição do modo de produção colonial: o regime feudal de propriedade. Insistia na idéia de que os grandes latifúndios, denominados Capitânicas e implementados desde o século XVI no Brasil, eram como verdadeiros feudos, *“estruturavam-se, assim, tanto a propriedade como o Estado, sob os mesmos moldes e princípios que regiam os domínios feudais: grandes extensões territoriais entregues a senhores dotados de poderes absolutos sobre as pessoas e as coisas.”* (Idem: 125).

Em contraposição à tese feudal surge, a partir dos anos 30, a abordagem que acentua a ligação do Brasil Colônia com o mercado externo inaugurada, ainda de acordo com Ricupero, por Caio Prado Jr e continuada, de outras formas, por Roberto Simonsen, Celso Furtado, Raymundo Faoro, os dependentistas e os marxistas uspianos.

Para Caio Prado Jr, em *Evolução Política do Brasil*, “*poderíamos falar de um feudalismo brasileiro apenas como figura retórica, mas absolutamente para exprimir um paralelismo que não existe, entre nossa economia e a da Europa medieval*” (in RICUPERO, 2000: 107 E 106).

Prado Jr não chega a considerar o Brasil capitalista desde sempre, mas chama a atenção para a questão fundamental do período colonial: o peso dos fatores externos na sociedade brasileira então em formação.

Castro não leva em consideração que o regime de propriedade colonial muito se difere do regime feudal europeu. No feudalismo não existia uma produção exclusivamente voltada para o mercado externo como no sistema colonialista, a que o Brasil é submetido desde os seus primórdios. No sistema feudal a terra servia praticamente para a própria subsistência de seus arrendatários. Segundo Furtado (1991):

O feudalismo é um fenômeno de regressão que traduz o atrofiamento de uma estrutura econômica. Esse atrofiamento resulta do isolamento imposto a uma economia, isolamento que engendra grande diminuição da produtividade pela impossibilidade em que se encontra o sistema de tirar partido da especialização da divisão do trabalho que lhe permitem o nível da técnica já alcançado. Ora, a unidade escravista (...) pode ser apresentada como um caso extremo de especialização econômica. Ao inverso da unidade feudal, ela vive totalmente voltada para o mercado externo. (1991: 50).

3.5. A Questão do Subdesenvolvimento

O subdesenvolvimento é uma temática central para se compreender a obra de Josué de Castro. É uma temática que, do ponto de vista sociológico, faz parte do conjunto das obras do autor mais amadurecido, experiente. É a segunda fase, como afirma Magalhães (1997), que vai de meados da década de 40 até seus últimos dias de vida.

Mas antes de abordar a temática propriamente dita, vale observar que o conceito de subdesenvolvimento, que marcou a história das idéias no Brasil, é um conceito, de acordo com Horário GONZALEZ (1985), “etéreo, difuso e muito abrangente”. Usado por vários autores de diferentes matizes ideológicas e de

diferentes áreas do conhecimento: economistas, sociólogos, cientistas políticos, estudiosos das relações internacionais, historiadores, geógrafos. No entanto, a origem do termo subdesenvolvimento como categoria de análise dos países periféricos pode ser datado da década de 50 (GONZALEZ, 1985: 20). Antes disso, autores como Lênin, Rosa Luxemburgo, Trotsky, Antonio Gramsci e mesmo Marx denominaram de diversas formas a vinculação entre os países capitalistas avançados e as zonas subordinadas de múltiplas formas a eles. Mas só foi na década de 50, ainda de acordo com Gonzalez (1985), que a palavra teve seu momento áureo em que foi sistematizada e amplamente discutida e utilizada. *“Toda uma geração de políticos reformistas e quase todas as elites ‘modernizadoras’ adaptaram-na como palavra de ordem, como bandeira desfraldada em jornadas de agitação, como formulação ideológica e, enfim, como análise rigorosa da realidade social”.* (p. 22).

Foi a época que surgiram teóricos do subdesenvolvimento, tais como (GONZALEZ, 1985: 29):

- André Gunder Frank, que enfatizou o permanente reprocessamento da relação centro-periferia;
- Ives Lacoste¹⁴, para quem o subdesenvolvimento é uma superposição de sintomas (desemprego, situação alimentar etc.) e consequência das forças produtivas nacionais que se pode estudar com índices estatísticos de alimentação, natalidade etc.;
- Rajnar Nurske, que propôs o conceito de “círculo vicioso da pobreza”;
- Walt W. Rostow, que deu uma célebre, porém pobre, teoria das “etapas do desenvolvimento” linearmente colocadas do tradicional até a fase do consumo de massas;
- Raul Prebisch, cujas teses partem das análises das condições de comercialização dos produtos produzidos em realidades econômicas pobres e vendidos para grandes mercados centrais.

¹⁴ Lacoste deve muito de sua geografia a Josué de Castro, mas infelizmente não chega a citá-lo. A relação de ambos, não só pessoal, mas no campo das idéias, vale certamente maior discussão.

São esses autores que foram acolhidos parte de Josué de Castro. Sua obra está recheada de exemplos que figuram esses autores. Seu conceito de subdesenvolvimento é parte fruto do diálogo que mantém com eles.

Relacionando a fome com a questão desenvolvimentista, Josué de Castro afirmava que não havia como esconder que a fome, nas suas diferentes formas – quantitativa e qualitativa – é sempre um produto direto do subdesenvolvimento e que o subdesenvolvimento não é um fatalismo provocado pela força das coisas, mas um acidente histórico provocado pela força das circunstâncias. (CASTRO, 1996: 39).

Essa idéia fazia parte da postura crítica assumida pelo autor a partir dos anos 40. Era uma postura que reivindicava os direitos dos países do terceiro mundo a terem as mesmas condições de vida que os países do norte. Devido mesmo a essa posição reivindicatória e alarmista, característica da esquerda, Josué de Castro passa a ser conhecido como “o advogado do terceiro mundo”¹⁵.

“O que caracteriza por excelência o subdesenvolvimento é o desnível, é a disparidade entre os níveis de produção, de renda e de capacidade de consumo entre diferentes camadas sociais e entre diferentes regiões que compõem o espaço sócio-geográfico da nação” (CASTRO, 1968d: 66). Promover o desenvolvimento econômico e social significa, então, procurar atenuar esses desníveis. E a principal questão a ser resolvida seria o equiparamento das indústrias em ritmo acelerado ou responder aos níveis de vida de suas populações, a satisfação das necessidades básicas.

Esse dilema dos países em vias de se desenvolver era simbolizado por Castro na expressão “pão ou aço”. *“Pão para os homens famintos e impacientes ou aço para as máquinas que depois alimentariam satisfatoriamente os homens”* (Idem, p. 69). A atenção voltada, quase que exclusiva, ao setor industrial, principalmente após os anos 30, sofreu uma forte crítica de Josué de Castro. O desnível entre as políticas industriais e agrícolas, costumava afirmar o autor, constitui a mais grave distorção na dinâmica do desenvolvimento econômico e o

¹⁵ Sobre o conceito de terceiro-mundo consultar a obra de Tullo Vigevani (1990), que traz um panorama do conceito desde 1956 quando foi cunhada pelos franceses Alfred Sauvy e Georges Balandier. Um conceito que influenciou muito Josué.

principal fator de estrangulamento da industrialização, objetivo maior das políticas desenvolvimentistas. Como bem explicava:

Através da escassez das matérias-primas e do alto custo de sua produção, a agricultura se constitui indiscutivelmente como um fator de estrangulamento de um largo setor das indústrias de transformação. Idêntico efeito ocorre em face da escassez e dos altos preços dos produtos de subsistência, impondo o estabelecimento de níveis de salários para os trabalhadores da indústria que oneram sobremodo o custo da produção industrial, sem que ao menos permitam ao trabalhador a obtenção de um tipo de dieta racional capaz de melhorar os seus índices de produtividade. (Idem, p. 67).

Esse atraso do setor agrícola, percebido por Josué de Castro como uma das principais causas do nosso subdesenvolvimento, era fruto, em grande medida, do “arcaísmo das estruturas agrárias” existentes nos países mais pobres. O Brasil, concebido como o grande laboratório dos fenômenos sociais do terceiro mundo, era o principal exemplo utilizado pelo autor para demonstrar essa idéia.

Numa clara crítica a visão liberal, Josué de Castro afirmava:

Constitui grave risco contar com as forças do automatismo para corrigir esta distorção, baseando-se na premissa de que o progresso industrial, ao atingir certo nível, provocará automaticamente o progresso rural. Falsa premissa no campo da realidade social que apenas perdura como uma sobrevivência dos princípios da economia liberal. (1996: 79).

Dessa maneira, a solução encontrada para este dilema seria implementar uma nova concepção do desenvolvimento econômico que levasse em conta os fatores humanos, que reabilitasse a alimentação como prioridade. O desenvolvimento verdadeiro estaria na melhoria das condições de vida das populações mais abastadas, que sofrem com os desníveis de todas as ordens.

Outra solução para o dilema do pão ou aço diz respeito a uma mudança radical das velhas estruturas agrárias que subsistem desde os tempos da colonização, tanto no Brasil como em outras partes do Terceiro Mundo. Essa mudança, segundo o teórico da fome, diz respeito à implementação de uma verdadeira reforma agrária, entendida em termos modernos:

Concebemos a reforma agrária como um processo de revisão das relações jurídicas e econômicas, entre os que detêm a propriedade agrícola e os que trabalham nas atividades rurais. Traduz, pois, a reforma agrária uma aspiração

de que se realizem, através de um estatuto legal, as necessárias limitações à exploração da propriedade agrária, de forma a tornar o seu rendimento mais elevado e principalmente melhor distribuído em benefício de todas a coletividade rural. (1996, p. 87).

Entretanto, o teórico pernambucano notava também que não era só a infraestrutura agrária que estava superada, mas também os processos de distribuição da produção agrícola, com sua rede interminável de intermediários e atravessadores. Assim, o problema alimentar também era um problema de distribuição da produção de alimentos.

Outra contribuição deixada por Castro sobre a questão do desenvolvimento refere-se à idéia de mito¹⁶. Baseando-se nas concepções econômicas de Lord Keynes, acreditava-se que maximizando a produtividade da mão-de-obra e do capital, chegar-se-ia a promover a generalização do progresso e da riqueza. Esta distribuição da riqueza se faria automaticamente, pela força da "mão-invisível". Infelizmente, como afirmava Castro, essa teoria do *laissez-faire* nunca agiu no interesse da humanidade e a mão visível dos grupos dominantes e privilegiados sempre monopolizou os benefícios, deixando na miséria as grandes massas marginalizadas dos países mais pobres. Daí a percepção de que o subdesenvolvimento não é a ausência de desenvolvimento, mas o produto de um tipo universal de desenvolvimento mal conduzido. Era o mito do desenvolvimento.

3.6. A Dualidade como Instrumento de Interpretação do Brasil

Hoje em dia o paradigma mudou, já não falamos mais de desenvolvimento, mas de globalização, o que muitos autores, um deles Manuel Correa de Andrade, percebem-na como não muito diferente do conceito empregado por Lênin de imperialismo. A mudança de paradigma ocorreu com uma forte crítica à categoria analítica muito utilizada pelos teóricos do subdesenvolvimento: a dualidade.

O texto de Francisco de Oliveira, denominado *A Economia Brasileira: crítica à razão dualista* e publicado inicialmente em 1972 pelo Centro Brasileiro de

¹⁶ Consultar a obra de Celso Furtado denominada justamente de *O Mito do Desenvolvimento* (1974).

Análise e Pesquisa (CEBRAP), representa um marco nessa transição. A crítica centrava-se na utilização da categoria teórico-metodológica do subdesenvolvimento por ser pobre e por demais abrangente para explicar a complexa economia brasileira e os setores igualmente complexos da indústria e da agricultura.

No plano teórico, o conceito do subdesenvolvimento como uma formação histórico-econômica singular, constituída polarmente em torno da oposição formal de um setor 'atrasado' e um setor 'moderno', não se sustenta como singularidade: esse tipo de dualidade é encontrável não apenas em quase todos os sistemas como em quase todos os períodos. (...) de fato, o processo real mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado 'moderno' cresce e se alimenta da existência do 'atrasado', se se quer manter a terminologia. (OLIVEIRA, 1981: 12).

A dualidade “moderno” versus “atrasado” antes de representar uma oposição no Brasil significava uma “simbiose” em que ambos dependiam um do outro para sobreviverem. Os contrários na verdade não se excluíam, completavam-se. A dualidade do modelo urbano-industrial e agrário-exportador era apenas aparente, pois segundo Oliveira entre os dois setores existe e existiu a partir dos anos 30 uma integração dialética, presente no conceito de “Pacto Estrutural” entre a burguesia empresarial industrial e a agrário-exportadora.

A burguesia urbana mantinha as condições de reprodução das atividades agrícolas, não excluindo totalmente as classes proprietárias rurais nem da estrutura do poder nem dos ganhos da expansão do sistema, já que as produções agropecuárias eram as únicas a geraram divisas antes dos anos 30. Como contrapartida, a legislação trabalhista não afetou as relações de produção agrária, preservando um modo de acumulação adequada à expansão do setor urbano-industrial. (OLIVEIRA, 1981: 40).

Assim, a especificidade do modelo de desenvolvimento capitalista no Brasil estaria, ao contrário do modelo clássico, em não requerer a destruição completa do antigo modo de acumulação.

O caráter dual das sociedades subdesenvolvidas foi, até os anos 70, o problema e o tema nuclear das teorias desenvolvimentistas. Como observam José Carlos Durand e Lia Machado (1975), essa dualidade representou uma categoria apenas descritiva de nossa realidade social,

econômicas e sociais encontram-se no interior do Brasil entre regiões, dentro das regiões, no meio urbano ou no meio rural.

O autor complexifica a questão, mas não chega a sair dela. Permanece preso às concepções da época. Não se pode, porém, esquecer que o dualismo como forma de interpretação do Brasil teve seu mérito na história das idéias sociais. Conforme GONZALEZ sinaliza, as teses dualistas são “*um empecilho para pensar as sociedades subdesenvolvidas, mas também são a possibilidade de estimular um saber sobre a história do capitalismo nas periferias*” (1985: 119).

3.7. Crítica a Robert Malthus e a seus Discípulos

Boa parte dos escritos de Josué de Castro recorrem ao tema da crítica a Robert Malthus e a seus contemporâneos. É uma temática que aparece repetidas vezes em vários dos seus escritos, principalmente em *Geopolítica da Fome*. Como já mencionado, o autor influenciou-se muito, quando se formava em medicina e no início de carreira, com as idéias em torno da medicina higiênica, política pública que substituiu e lutou contra a tutela meramente jurídico-administrativa herdada da Colônia e que permanecia na monarquia (Jurandir COSTA, 1983).

Meditante o discurso apresentado pelos higienistas, o controle da natalidade¹⁹ e a busca de uma boa alimentação ou de um “padrão dietético racional”, como afirmava Castro, passaram a fazer parte das normas de higiene pública do Estado brasileiro no período republicano.

Com relação ao controle de natalidade, um dos objetivos das políticas públicas higienista, Robert Thomas Malthus (1766-1834) foi um importante teórico que inscreveu definitivamente a questão populacional nas teorias econômicas. O economista britânico legitimou o discurso sobre o controle da natalidade em 1789, quando aos 30 anos publica a primeira edição da obra a qual mais se associou seu nome *An Essay on the Principle of Population as it Affects the Future Improvement of Society: with Remarks on the Speculations of Mr. Godwin, M. Condorcet, and Other Writers*. Sua principal tese consistia que o crescimento da

¹⁹ Condorcet foi o primeiro a colocar essa questão do controle da natalidade.

população tenderia a exceder o crescimento dos meios de subsistência, sendo a fome e outras calamidades coletivas fruto dessa tendência.

Michel Foucault (1996) afirma que o estudo e a criação de discursos sobre o controle da natalidade levaram ao desenvolvimento de vários contextos de poder e de conhecimento. Um deles dizia respeito à família, que deveria seguir um padrão específico, na qual a prole não deveria ser muito grande. Segundo Foucault, a partir desse preceito, o sexo no casamento deveria ser responsável e auto-controlado; ordenado de modo distinto e específico a fim de controlar o número da prole.

Dessa forma, o discurso dos malthusianos sobre o controle da natalidade, para Foucault, foi parte de alguns processos distintos envolvidos na “formação e consolidação das instituições sociais modernas”. Os Estados modernos dependem do controle meticuloso das populações através do tempo e do espaço. Tal controle foi gerado pelo desenvolvimento de uma “anátomo-política do corpo humano” – tecnologias do controle corporal que visam ao ajuste, mas também à otimização das aptidões do corpo.

A higienização nas cidades brasileiras, estratégia do Estado moderno republicano, esbarrava freqüentemente nos hábitos e condutas que repetiam a tradição familiar e levava os indivíduos a não se subordinarem aos objetivos do Governo. Assim, a família passou a ser o alvo prioritário das campanhas de higiene e do próprio Estado, já que os primeiros núcleos urbanos foram formados por senhores de engenho, que tinham como parâmetro a organização familiar.

Esse discurso sobre o controle da natalidade, renovado por William Vogt numa linguagem mais ecológica em *Road to Survival*, publicado em 1948, foi fortemente criticado por Josué de Castro que não apenas se opôs a Malthus como também aos neomalthusianos, pois também se fundamentavam em previsões “catastróficas” da impossibilidade de se fornecer uma quantidade de alimentos suficientes que acompanhasse o ritmo progressivo do crescimento da humanidade.

Josué de Castro demonstrou três erros dessa teoria. O primeiro erro encontra-se na própria História, que pelos fatos desmentiu as previsões de

Malthus. Até a época de Castro não se confirmou um aumento da fome no mundo, como previa a teoria malthusiana. Outro erro apontado por Castro estaria no fato de Malthus considerar o crescimento da população uma variável independente, como um fenômeno isolado no conjunto das realidades sociais, como se o crescimento da população estivesse separado de condicionantes sócio-econômicas. Por fim, o terceiro erro consistia em admitir que a terra fixe um limite intransponível para a população humana (SEPPILLI in ASCOFAM, 1958: 290), esquecendo que a ciência é capaz de em muito aumentar a produção de alimentos através do emprego de conhecimentos tecnológicos. Não só se pode aumentar a área cultivada como também a própria produção de alimentos por meio de uma maior produtividade advinda do uso de técnicas biológicas, como se observa atualmente.

Contrariando os argumentos de Malthus, Castro vai demonstrar que é justamente a fome que acarreta o crescimento da população. É fato conhecido que os coeficientes de natalidade mais altos do mundo se encontram em países subdesenvolvidos da Ásia, África e América Latina. Segundo Castro, esses altos coeficientes de natalidade são explicados pelo princípio da “teleonomia” da Biologia. Sempre que uma espécie está ameaçada, aumenta a sua capacidade reprodutiva e a sua multiplicação para neutralizar o fator de extinção, como uma espécie de proteção da vida.

O autor não restringe o fenômeno da fome a uma mera questão de controlar a natalidade, como sustentavam os neomalthusianos. Esse controle é um mero paliativo, pois, dessa forma, não se combate a raiz dos reais problemas que causam a superpopulação e as calamidades dela decorrente. O alvo, portanto, deveria ser as causas e não as conseqüências.

Observou que onde a fome se fazia menos presente, nos países ricos, o controle da natalidade não precisava ser imposto, acontecia naturalmente. Chegando a conclusão de que a política populacional servia apenas para os países em desenvolvimento, como um castigo para a já deteriorada situação dos países pobres. No fundo, eram as marcas da dominação daqueles países que não gostariam de distribuir melhor as riquezas, ou melhor, de perder alguns privilégios.

3.8. Uma Nova Abordagem Metodológica

Um outro pressuposto do pensar sociológico de Josué de Castro, de importante contribuição para as Ciências Sociais, refere-se a uma nova abordagem metodológica apresentada inicialmente em *Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana* e cristalizada em *Geografia da Fome*. Baseava-se na necessidade de se conhecer quantas e quais eram as pessoas que passavam fome nas diferentes partes do Brasil, bem como determinar suas causas e conseqüências.

Para isso, utilizou-se do geoprocessamento e da multidisciplinaridade como dois elementos basilares de sua metodologia. O primeiro consistia no mapeamento das calamidades sociais de um ponto de vista processual, isto é, um fenômeno tendo uma ou várias causas, um desenvolvimento e um ou mais resultados. Já o uso da multidisciplinaridade teria fins de explicar seu principal objeto de estudo, a fome, por meio da combinação e da relação dos diferentes conhecimentos científicos: a Antropologia, a Sociologia, a Geografia, a Economia, a Ciência Política, as Relações Internacionais, o Direito, a História, a Psicologia, a Fisiologia, a Nutrição, a Medicina, a Saúde Pública, a Biologia, a Química, a Estatística, enfim, campos relacionados aos problemas da alimentação.

O primeiro elemento metodológico do geoprocessamento se diferenciou um pouco do que era empregado nas décadas de 30 e 40, concebido somente em termos econômico-estatísticos, utilizando-se muito da média para se analisar uma sociedade: média do PIB *per capita*, média de idade da população etcetera que figuravam nos argumentos a favor da teoria do progresso a todo custo, contabilizando somente os ganhos, esquecendo-se das perdas. Para Castro, esse instrumento estatístico mascarava uma realidade heterogênea, desigual e injusta como a brasileira, o que naturalmente não explicava por si só a natureza dos fenômenos sociais, fazendo-se necessário uma complementação.

A fome, como um fenômeno essencialmente social, precisava, para seu entendimento mais amplo, ser analisada através do estudo de sua distribuição em diferentes regiões do Brasil e do mundo, compondo um “mosaico” que revelasse

as diferentes composições, texturas, cores, enfim, o contraste entre as áreas de fome e os lugares onde não era negada a condição humana.

Para tanto o sociólogo pernambucano lança mão do uso moderno da Geografia para compreender a fome:

Só a Geografia, que considera a terra como um todo, e que ensina a saber ver os fenômenos que se passam em sua superfície, a observá-los, agrupá-los e classificá-los, tendo em vista a sua localização, extensão, coordenação e causalidade pode orientar o espírito humano na análise do vasto problema da alimentação... (1937: 25 e 26).

Paul Vidal de La Blache (1845-1918), quem melhor personificou a “escola francesa” ganhando foros de oficialidade na França com a cátedra de geografia na Sorbonne em 1900, será a referência para o método de Josué de Castro. Uma escola que se apoiou no funcionalismo de Émile Durkheim que dirá, no seu *Les Règles de la Méthode Sociologique*, que

a sociedade é um todo unido, formado de partes, cumprindo cada parte função de conferir à sociedade como um conjunto, uma unidade solidária, estável e harmônica. Qualquer parte que esteja em disfunção deve ser reintegrada, por isto havendo na sociedade mecanismos de controle. A dinâmica das relações na sociedade tem sua origem na competição, que pode caminhar para conflitos, cabendo aos mecanismos de controle promover o ajustamento do que estiver em dissonância. (...) Essa concepção de totalidade, quebrada em partes, mas partes interatuantes com fins solidários, partes funcionais e autônomas, parecerá produzida por encomenda pelos geógrafos franceses. Por isso o casamento da geografia com o pensamento funcionalista será duradouro e feliz até a década de 50... (MOREIRA, 1981: 36 e 37).

Nesse sentido, a região passa a ser uma categoria analítica de extremo valor. Como afirma Lima, “a região foi concebida como uma unidade organizacional autônoma, mas estendida ao nacional sem as devidas mediações. O nacional era, em si, a soma dos defeitos e virtudes regionais” (2000: 65).

O uso da geografia lablachiana foi de extrema importância para determinação da tese ‘mal de fome e não de raça’ que surgiu no pensamento social brasileiro, de forma mais sistematizada, nos anos 30. Especificamente o período de 1934 a 1939 marca o surgimento dessa tese, no grupo de intelectuais nutricionistas que incluía Josué de Castro. O emprego do método geográfico foi um dos métodos utilizados pelos intelectuais nutricionistas para fundamentar

razões contrárias às teses racistas. Outros métodos fundamentaram-se não na categoria região, mas no trabalho e no indivíduo como demonstra Eronides Lima (2000).

É a partir do método geográfico lablachiano, particularmente dos mapeamentos das calamidades sociais, portanto, que Josué de Castro e outros teóricos que o seguiram, puderam melhor entender a fome, manifestada e caracterizada de maneiras diferentes em cada região. Ela é particular a cada área, mas obviamente com algumas características comuns em todas elas. O Nordeste do Brasil era para ele um laboratório para se desvendar os mistérios da fome e dele tirar soluções para outras áreas crônicas da África e da Ásia.

E esse perfil geográfico e populacional dos esfomeados, traçado inicialmente pelo teórico, é extremamente atual para os métodos sociológicos. Apesar de assistirmos a uma grande modificação no Brasil com as migrações e os êxodos rurais, modificando o mosaico populacional nestes últimos 40 anos, ainda é plenamente possível traçarmos uma geografia da fome entre a população nacional. Basta observar os estudos do IPEA e seus mapas da fome dos anos 90, em particular os estudos de Anna Maria Peliano (1993).

De acordo com Francisco de Vasconcelos (1994), o mapa da fome de Josué de Castro constituiu o primeiro mapa, sendo realizados outros posteriores: em 1962 a Fundação Getúlio Vargas lança o segundo; em 1974/75 é lançado o terceiro mapa que se denominou Estudo Nacional de Despesas Familiares (ENDEF); em 1989 aparece o quarto mapa através dos resultados da Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (PNSN) realizada pelo IBGE/ INAN; e em 1993 o IPEA lançou consecutivamente o quinto e sexto mapa da fome. O que demonstra a atualidade do método iniciado por Josué de Castro.

Explicitando um pouco mais essa nova abordagem do autor, para Josué de Castro a análise científica se faz em três etapas: a primeira corresponde a análise relativa à realidade quantitativa e qualitativa dos fenômenos coletivos, com todas as suas conseqüências sobre o organismo, e mesmo sobre a personalidade humana, de acordo com a sua distribuição em cada região a ser estudada.

Como os métodos de observação e de coleta de dados tendem a serem escassos, Castro reserva parte à “imaginação criadora”, que segundo ele é a única capaz de suprir essa deficiência. Ela baseia-se no emprego do método indutivo, para verificar a fundamentação da hipótese de trabalho, e do método comparativo, em escala nacional ou internacional, permitindo “*a mensuração dos níveis de consumo observado em um certo número de grupos de população e o estabelecimento de quadros de concordância entre estes níveis de consumo e os diferentes fatores susceptíveis de orientá-los: renda disponível, produtividade do trabalho, equipamento técnico, etc*”. (CASTRO, 1968d: 73).

Nessa etapa, tem uma influência grande de Wright Mills que lançou a idéia da “imaginação sociológica”, numa obra que recebe o mesmo título (1965), que consistia em relacionar “as perturbações pessoais originadas no meio mais próximo” e “as questões públicas da estrutura social”. De forma mais simples, corresponde a relacionar questões cotidianas e individuais a questões macro-estruturais.

A terceira e última etapa corresponde ao multicausalismo, isto é, um fenômeno, como a fome, possui várias causas, com condicionantes locais, específicos à área ao qual se restringe. Causas que são políticas, econômicas, culturais e sociais. Todas influenciando na constituição do fenômeno.

Como as causas são específicas a cada localidade o cientista teria que ter um maior contato com seu objeto de estudo, isto é, o pesquisador teria que conhecer as possibilidades e desvantagens do meio, assim como o próprio habitante da região a ser estudada.

O segundo elemento do método de Castro, que merece uma melhor apreciação, é a questão da multidisciplinaridade. Questão que sempre esteve presente na vida intelectual do teórico da fome. Pode-se até dizer que ela permeou toda a sua obra. Esta passagem é bem ilustrativa da questão:

Para que se obtenha um proficuo conhecimento de sua essência é necessário recorre-se aos princípios científicos de múltiplas disciplinas. Para ser estabelecida uma alimentação racional fundada sobre princípios rigorosamente científicos (...) são precisos, de um lado, estudos aprofundados da fisiologia da nutrição, dos caracteres físicos e morais do povo dessa região, de sua evolução demográfica, de sua capacidade e resistência orgânica e, de outro lado, estudos

das condições físicas do meio, das suas condições econômicas, da organização social e dos gêneros de vida dos seus habitantes. Abarca, assim, o estudo da alimentação, capítulos de Biologia, de Antropologia, física e cultural, de etnografia, de patologia, de Sociologia, de Economia política e mesmo de História. (1937: 22 e 23).

Castro aponta uma dificuldade no estudo da fome que diz respeito ao pouco conhecimento que temos do problema em conjunto. A maior parte dos estudos científicos sobre a questão alimentar, afirma, limita-se a um dos seus aspectos parciais, projetando uma visão unilateral do problema.

Esta limitação de visão representa uma contingência forçada da civilização ocidental. Desde os meados do século XIX vem desenvolvendo-se entre nós um tipo de ensino universitário, não mais preocupado em transmitir uma imagem unitária do mundo, mas em fornecer estereótipos de suas realidades parciais, didaticamente mutiladas, no suposto interesse das ciências. O tremendo impacto do progresso científico acabou por fragmentar a cultura, por pulverizá-la em pequenos grãos de saber. (1968b, 1 vol.: 55).

Essa crítica também é feita, atualmente, por Edgar Morin que propõe um novo olhar sobre o conhecimento com sua proposta de “pensar complexo” (in NASCIMENTO e PENA-VEGA, 1999). Morin afirma que a Ciência passa por uma crise já que seus fundamentos não mais conseguem dar respostas aos problemas atuais. Os fundamentos da ciência “tradicional” foram postos a prova por mudanças sociais profundas do século XX e não conseguiram dar respostas satisfatórias.

Segundo o pensador francês, esses fundamentos seriam três. O primeiro corresponderia à ordem: o universo era visto como sendo ordenado naturalmente, bastava descobrir suas leis. O segundo fundamento é o da separação: para se conhecer o todo, de acordo com Descartes, era preciso separar e estudar as partes. O que significa também que o observador está inteiramente separado de sua observação. Por fim, o último fundamento seria o da razão que significava obediência aos princípios da dedução ou indução, seguindo uma causalidade linear e a idéia de causa e efeito.

Era assim que o saber se organizava. Mas com as transformações do século XX – duas grandes guerras, a corrida armamentista, a Revolução Verde, o crescimento populacional – há uma ruptura epistemológica em que a ciência

“tradicional” se depara com alguns problemas. O primeiro deles seria o surgimento das idéias de desordem e de incerteza como categorias do pensar. É a renovação epistemológica a que se referem Bachelard e Popper continuadas por Holton e Khun.

Para Castro, as paisagens de todo o mundo mudaram radicalmente pela influência da tecnologia. Ou o homem muda sua forma de pensar ou desaparece, já afirmava Einstein, que criou a Teoria da Relatividade introduzindo essas categorias da incerteza e da desordem na ciência e que muito o influenciou²⁰. Isto é, Josué de Castro também incorporou no seu pensamento essas duas categorias: “*vivemos uma época de descontinuidade e não de continuidade*” (1996: 116).

O segundo problema apontado por Morin se refere ao da separação, com o surgimento da Ecologia²¹ gera-se o conceito de ecossistema (diferentes interações entre diferentes seres vivos, animais, vegetais, unicelulares) que contradiz frontalmente com a idéia de separação. A teoria do sistema que cria visões do átomo, das moléculas, da biosfera, da sociedade, do homem como sistemas, sub-sistemas e polissistemas fazem com que o objeto da ciência se transforme e seja tomado não mais como algo isolado.

Contextualizar, globalizar, detectar um fenômeno e articulá-lo em nossa realidade, empírica ou teórica, eis que fazia com o fenômeno da fome ao propor seu método geográfico e sócio analítico das regiões afetadas por essa calamidade.

Morin procura solucionar a crise da ciência “tradicional” não substituindo a certeza pela incerteza, a separação pela inseparabilidade ou a lógica clássica por uma outra coisa qualquer. Trata-se de saber como fazer dialogar as categorias de

²⁰ Josué de Castro tem Albert Einstein como referência.

²¹ Em 1866, o biólogo alemão Ernest Haeckel, em sua obra *Morfologia Geral dos Organismos*, propôs a criação de uma nova disciplina científica que teria por função estudar as relações entre as espécies animais e o seu ambiente orgânico e inorgânico. Para denominá-la, utilizou a palavra grega *oikos* (casa) e cunhou o termo Ecologia (estudo da casa). Mas só foi em meados do século XX que essa disciplina se desenvolveu, formulando conceitos, criando uma nova linguagem e se subdividindo em várias ecologias naturais: marinha, florestal etc. Já a Ecologia Social somente iniciou a partir de 1960 com a publicação do livro *Primavera Silenciosa* da bióloga americana Rachel Carson. Uma obra que abriu a discussão da ecologia para a opinião pública e para sociólogos, economistas, agrônomos, médicos etc. (LAGO e PÁDUA, 1991).

certeza e incerteza, separação e inseparabilidade. Mantêm-se as regras da lógica clássica, mas é também necessário transgredi-la.

Essas idéias estavam presentes em Josué de Castro ao criticar a "civilização dos especialistas" e ao ter consciência de que as realidades científicas, não só no mundo da Sociologia, mas mesmo no terreno mais sólido da natureza física, são sempre produtos da interação entre os próprios fatos e o ato de observar do pesquisador. Assim sendo, a compreensão total do fenômeno social, seja ele qual for, não é inteiramente possível, mas apenas desejável.

Antônio Lago e José Augusto Pádua (1991) identificam Morin e Josué de Castro com o projeto ecologista: um novo modo de pensar e agir composto também por outros intelectuais e não-intelectuais a partir dos anos 60. Um movimento social que se baseou e que se baseia na idéia de que o atual modelo de civilização é insustentável para a humanidade.

Como artífice desse movimento Josué de Castro deu importantes contribuições, por exemplo, ao participar da primeira conferência mundial, organizada pela ONU, sobre o meio-ambiente, realizada em Estocolmo em 1972.

3.9. O Ecologismo como um Novo Modelo de Civilização

A questão ambiental e ecológica em Josué de Castro está diretamente relacionada com seu método, particularmente com o segundo elemento que o constitui, ou seja, a multidisciplinaridade.

A multidisciplinaridade, consoante Morin, faz parte de sua proposta do "pensar complexo", segundo o qual "a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional". Essa nova maneira de se pensar teria os seguintes postulados:

Pede-nos que pensemos sem nunca encerrar os conceitos, que quebre as esferas fechadas, que estabeleçamos as articulações entre o que está desconjuntado, que tentemos compreender a multidimensionalidade, que pensemos com singularidade, com a localização, com a temporalidade, que não esqueçamos nunca as totalidades integradoras. (MORIN, 1994: 150).

Parece até que Morin escreveu esses postulados tomando como base a *Geografia da Fome* e a *Geopolítica da Fome*. São postulados que descrevem a maneira como Josué de Castro analisou a questão da fome no Brasil e depois no mundo. São essas “totalidades integradoras” e a articulação entre o que aparentemente está desconjuntado que marca a postura do pensar em Castro.

O conceito de meio-ambiente do intelectual pernambucano, por exemplo, não é tomado isoladamente. Como demonstra em seu artigo *Subdesenvolvimento: causa primeira de poluição*, mas inclui um conjunto de elementos:

O meio não é apenas o conjunto de elementos materiais que, interferindo continuamente uns nos outros, configuram os mosaicos das paisagens geográficas. O meio é algo mais do que isso. As formas das estruturas econômicas e das estruturas mentais dos grupos humanos que habitam os diferentes espaços geográficos também são partes integrantes dele. (...). Uma análise correta do meio deve abarcar o impacto total do homem e de sua cultura sobre os elementos restantes do contorno, e o impacto dos fatores ambientais sobre a vida do grupo humano considerado como uma totalidade. Desse ponto de vista o meio abrange aspectos biológicos, fisiológicos, econômicos e culturais, todos combinados na mesma trama de uma dinâmica ecológica em transformação permanente. (1996: 110).

Nesse mesmo artigo critica frontalmente a posição do relatório do MIT, apresentado ao Clube de Roma²² e que definia limites de crescimento, avaliados segundo os efeitos nocivos da civilização tecnológica e industrial, isto é, propunha a inviabilidade da continuação futura do atual modelo de crescimento, fixando um ponto de estabilização da população e da economia mundiais. Castro assinalava que

O erro mais grave do relatório do MIT é omitir, entre os fatores que determinam o crescimento, o problema das estruturas econômicas, sociais e políticas. (...). Omitindo o homem e sua cultura, o projeto torna-se alienado, porque não leva em conta as realidades do mundo atual e, por conseguinte, o modelo do mundo de amanhã. Se o Terceiro-mundo, na sua maior parte, recusa as conclusões deste

²² Fundado em 1968, o Clube de Roma reunia economistas, industriais, banqueiros, chefes-de-estado, líderes políticos e cientistas de vários países para analisar a situação mundial e apresentar previsões e soluções para o futuro. Foi fundada pelo industrial e economista italiano Aurélio Peccei (1900-1983) e pelo químico Alexander King (1909-1994). O primeiro relatório dessa organização foi publicado em 1972 com o título de *Os Limites do Crescimento*, tratando de temas como esgotamento de recursos naturais, crise energética, crescimento populacional, escassez de alimentos, desemprego em massa e poluição ambiental.

relatório é porque desconfia da prescrição sobre a interrupção do crescimento, interrupção apenas para as regiões pobres... (1996: 116).

O fato, porém, é que a publicação desse relatório teve grande repercussão e importância, pois divulgou de forma ordenada e objetiva os dados sobre a crise ecológica que atravessava, e que ainda atravessa, o mundo.

A crítica de Josué de Castro inscreve-se plenamente na solução teórica dada por Ignacy Sachs, economista polonês radicado na França e que estudou alguns anos no Brasil. É a teoria do “ecodesenvolvimento” que tem o grande mérito de deslocar o problema do aspecto puramente quantitativo, crescer ou não, para o exame da qualidade do crescimento, ou como afirma simplesmente Castro: “crescer é uma coisa; desenvolver outra. Crescer é, em linhas gerais, fácil. Desenvolver equilibradamente, difícil. Tão difícil que nenhum país do mundo conseguiu ainda. Desta perspectiva, o mundo todo continua mais ou menos subdesenvolvido”. (1996: 111).

De acordo com SACHS,

A atualidade do livro (Geografia da Fome) continua trágica no seu conteúdo descritivo, mas vou insistir, sobretudo, na sua atualidade metodológica, ou seja, sobre aquilo que muito orientou meu próprio trabalho, sua dupla sensibilidade social e ecológica. Combinar o social com o ecológico, está aí a contribuição pela qual Josué de Castro vai ficar na história da Ciência Social. Creio que o conceito de ecodesenvolvimento com o qual trabalho, ou seja, a tentativa de definir estratégias de desenvolvimento que sejam socialmente úteis, ecologicamente sustentáveis e economicamente viáveis, inscreve-se na linha direta da preocupação de Josué de Castro. (in MINAYO, 1985:135)²³.

Tanto Sachs, quanto Morin e Castro participam de um projeto, em que milhares de grupos ecologistas espalhados pelo mundo também participam, denominado por Lago e Pádua (1991) de Ecologismo. Consoante os autores:

O Ecologismo nasce da percepção de que a atual crise ecológica não se deve a ‘defeitos’ setoriais e ocasionais no sistema dominante, mas é consequência direta de um modelo de civilização insustentável do ponto de vista ecológico. Desta forma, o Ecologismo coloca que apenas uma mudança global nas estruturas econômicas, sociais e culturais pode encaminhar uma solução para a atual crise ambiental. Mais ainda, o Ecologismo se desloca também da perspectiva conservacionista ao colocar como objetivo não apenas a resolução

²³ Na época em que Josué de Castro faleceu estava organizando uma Academia Mundial de Ecologia, em que Sachs teve a oportunidade de participar.

da crise ambiental, como também a da própria crise social. Em outras palavras, ele considera o modelo dominante não apenas ecologicamente insustentável como também socialmente injusto. (LAGO; PÁDUA, 1991: 36).

Um movimento, portanto, que Josué de Castro ajuda a construir, representando um novo modelo de civilização,

Temos desde já que aplicar todo nosso esforço e ação em função da verdade, reconhecendo os grandes erros cometidos e apontando as contradições, as incoerências e as inconsistências da atual conjuntura econômica e social do mundo. A primeira missão a ser desempenhada por todos aqueles que desejam ser, não apenas espectadores da violenta transformação social que se processa no mundo, mas ativos participantes na construção de um mundo melhor, é a de disciplinar o seu pensamento em função da verdade. Da busca de verdades que possam esclarecer a realidade vigente e possam vir a captar de novo a confiança perdida dos que se tornaram céticos e descrentes do futuro, em face de tanta impostura e tanta mistificação com que se tentou por muito tempo justificar os erros e os fracassos da nossa civilização. (CASTRO, 1968b, vol. 2: 440).

Pode-se, portanto, afirmar que Josué de Castro é precursor do conceito tão em voga ultimamente de desenvolvimento sustentável ou de um desenvolvimento diretamente ligado às temáticas da Ecologia:

Os países subdesenvolvidos são presas da fome, da miséria, das doenças de massa, do analfabetismo. O Homem do Terceiro Mundo conhece essa forma de poluição chamada 'subdesenvolvimento'. E devo dizer que esta é a forma mais grave, mais terrível de todas. (...) O desenvolvimento traz consigo, de um lado, suas riquezas, suas novas fabricações e, de outro, seus dejetos. O Terceiro Mundo está no lado dos dejetos. (...) o subdesenvolvimento que sofrem é a secreção de um tipo de desenvolvimento, concebido sem respeito pela natureza e no qual o homem não passa de um instrumento da produção. (in SILVA, 1998: 163).

Assim, a questão ecológica em Josué de Castro é certamente um dos aspectos mais atuais no autor que, infelizmente, não teve muito tempo para maiores elucubrações a respeito dessa temática, pois veio a falecer um ano depois do relatório do MIT.

3.10. A Forma Ensaística

A questão metodológica da forma pela qual Castro expunha suas idéias ou a maneira como apresentava ao público seus temas é de fundamental importância

para se compreender a obra do autor. Em boa parte de suas obras a maneira como formula suas teorias e idéias se fazem sempre a partir de uma linguagem quase poética. Há uma passagem em Geografia da Fome:

O cultivo da cana-de-açúcar se processa num regime de autofagia: a cana devorando tudo em torno de si, engolindo terras e mais terras, consumindo o humo do solo, aniquilando as pequenas culturas indefesas e o próprio capital humano, do qual sua cultura tira toda a vida. (1996:142).

Segundo Tânia, Castro

transformou a fome em uma poética de vida. Não por ser poeta strictu sensu, mas por dar leveza ao tema, emoção a suas análises científicas, devanear com a sonoridade das palavras e das construções metafóricas sobre a fome, por ter vivido a utopia e a tragédia contidas na luta para acabar com este flagelo, é que é possível identificar uma poética da fome na totalidade de seus escritos. (1998: III).

Essa forma de expressão poética de Josué de Castro, como bem salienta Tânia Silva, pode ser caracterizada como uma forma ensaística de expressão, ou melhor, o “ensaio científico”, já que apresenta tanto elementos científicos – dados bibliográficos, apresentação sistemática de assuntos, citações de fontes etc. – quanto literários – subjetividade, emprego de adjetivos e metáforas etc.

Na Sociologia, o ensaio como forma de expor idéias não é algo novo, pelo contrário, o ensaio surge desde o início da própria Sociologia. Inclusive muito das análises sociológicas antes da institucionalização da Sociologia, com Durkheim na França no começo do século XX, foram feitas por escritores como Victor Hugo, Balzac, Baudelaire, entre outros. Com relação ao tema da fome, especificamente, escritores como Knut Hamsun, Panaït Istrati, Felekov, Alexandre Neverov, George Fink, e mais modernamente John Steinbeck, assim como no Brasil, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Rodolfo Teófilo, Euclides da Cunha e outros foram importantes para inserir o tema no debate das políticas públicas.

Georg Simmel foi pioneiro no uso do ensaio entre os sociólogos clássicos. Simmel tinha um estilo próprio de desenvolver suas idéias, uma característica que representa uma dificuldade para se conhecer os caminhos percorridos pelo seu

pensamento, já que seus ensaios muitas vezes não traziam referências dos autores com que dialogava.

Em todo caso, o ensaio é um elemento comum que liga Josué de Castro e Georg Simmel, se bem que este vai mais longe no emprego do ensaio como forma da expressão de suas análises sociológicas, filosóficas e psicológicas.

Nesse assunto deve-se destacar, particularmente, um estudo de Theodor Adorno denominado *O Ensaio como Forma* (1986). Nele o frankfurtiano defende a idéia de que a forma ensaística de exposição tem o seu valor, que não é tão assistemática e fortuita quanto parece.

Segundo Adorno, o ensaio possui certos aspectos positivos frente aos modos tradicionais de exposição de idéias científicas, como o tratado por exemplo. A forma ensaística desvincula a coerção exercida pelo método tradicional de se fazer Ciência. Ela dá mais liberdade ao autor, possui uma afinidade com a experiência espiritual aberta, no sentido de que não se faz necessário um *a priori* para iniciá-la e mesmo um fim último e conclusivo ao qual se pretende chegar. Essa forma deixa uma certa insegurança que a norma do pensamento científico estabelecido teme.

O ensaio, portanto, serve como um atrativo estético da expressão de suas idéias. A questão estética é algo importante para Castro, um apaixonado pelo cinema e pela pintura (Goya, Picasso etc.). Um dos últimos escritos de sua vida, por exemplo, foi o romance *Homens e Caranguejos*, uma autobiografia dos tempos da infância. A imaginação – ou emoção – e a razão são demais importantes para se desprezar uma das duas. São categorias não excludentes, que se somam e se completam em suas obras.

Mas essa forma de exposição não foi somente utilizada por sociólogos europeus, especialmente por Simmel e Walter Benjamin. No Brasil quem iniciou essa fórmula metodológica foi Paulo Prado com *Retrato do Brasil* publicado pela primeira vez em 1927.

Como se pode observar no segundo capítulo, Josué de Castro fazia parte da geração dos ensaístas dos anos 30, apesar de nessa época estar mais absorvido com seus trabalhos na área de nutrição e fisiologia. Outros fatores que

o influenciam nessa forma de expressão foram a Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo e o Movimento Regionalista de Recife. Ambos os movimentos traziam em seu bojo uma preocupação estética muito forte, imprimindo essa preocupação na obra de Castro.

Mas não foi só o movimento de 1922, em São Paulo, e o de 1926, em Recife, bem como a geração de 30 que influenciou Josué de Castro a escolher o ensaio como forma. Antes foi sua própria vivência nos bairros pobres da capital pernambucana. Como bem observa uma circular por ocasião do lançamento da obra *Homens e Caranguejos*:

Não é como romancista, nem como literato que Josué de Castro é conhecido. Nem propriamente como artista. Entretanto, por mais fria que seja a maneira própria de um cientista encarar os problemas do homem, cedo ou tarde ele é tocado nas suas entranhas pela vivência desses problemas. Em José de Castro, porém, o drama foi vivido antes da ciência. Na infância, fez ele próprio, nascer o cientista, que procurou analisar o fato, à procura de uma solução técnica. O que não bastou. Veio a hora da vivência, do impacto do problema que não tinha morrido, mas apenas esperava. Pacientemente. E a frieza da análise explodiu em romance, em poesia. (in SILVA, 1998: 441-42).

Ou como afirmou seu amigo de infância Jamesson Ferreira Lima, “sua vida virou uma obra de arte. O poeta que ele era, leva a cada homem e a todos o homens o desejo, a opção de viver no sentido dos horizontes da esperança, do ideal pelo qual se sacrificou, enfim, de criar como ele criou.” (in SILVA, 1998: 442).

Ambas as passagens remetem para uma questão essencial da escolha do ensaio em Josué de Castro: transpor o pensamento frio e calculista da ciência para formas da arte, acessíveis às grandes massas. Isto é, a concepção de ciência de Josué de Castro significava democratizar o conhecimento, trazer a todos os meandros e mistérios sociais, econômicos, culturais, médicos e psicológicos da fome. Com isso, a concepção de ciência em Josué de Castro tem um sentido prático muito forte e o ensaio serve de aproximação dos leigos com as descobertas e benesses da Ciência e do conhecimento.

A arte sempre foi uma característica marcante e permanente na obra e na vida de Josué de Castro. Prova disso são os contatos e as amizades que manteve com pessoas do meio cultural como: Mário de Andrade, influência que se exerceu

por meio de correspondências; Cecília Meireles, que escreveu conjuntamente com Castro a obra *A Festa das Letras*²⁴; Rachel de Queiroz, a quem dedicou o livro *Geografia da Fome*; o pintor Lula Cardoso Aires, que ilustrou a primeira versão; Portinari, que chegou a fazer um retrato seu²⁵; Jorge Amado; João Cabral de Melo Neto, Cícero Dias, entre outros. Uma arte que culmina no “ensaio científico” e no romance, como já citado, *Homens e Caranguejos* de 1967.

Castro concebe a Sociologia, portanto, de uma maneira inteiramente nova: anti-clássica e anti-acadêmica. É o que se pode perceber na introdução ao livro *Sete Palmos de Terra e um Caixão*. Ao falar sobre o estudo Castro faz uma ressalva que nos ajuda a clarear sua concepção acerca da Sociologia:

Não é este um ensaio de Sociologia clássica. De uma Sociologia acadêmica, espartilhada na camisa de força de uma metodologia que sempre tentou separar, no sociólogo, o investigador do homem, e limitando sempre a função do sociólogo à de um simples inventariante de tudo aquilo que se apresenta aos seus olhos, teleguiados por métodos de trabalho consagrados. O nosso estudo sociológico é o oposto deste gênero de ensaio. É um estudo de Sociologia participante ou comprometida. De uma Sociologia que não teme interferir no processo da mudança social com os seus achados e, por isto mesmo, não tem o menor interesse em encobrir os traços de uma realidade social, cuja revelação possa acarretar prejuízos a determinados grupos ou classes dominantes. (1969: 15).

Essa Sociologia participante, continua Castro, não deixa de ser científica por esse engajamento,

ao contrário, ela é bem mais científica do que a antiga Sociologia, que se presumia científica, mas não passava em seu falso cientificismo de um instrumento de inconsciente mistificação da realidade social, cujo contato direto ela sempre evitava (...). Desta forma, a antiga Sociologia era bem mais comprometida do que a Sociologia nova, cuja validade científica defendemos. Mas era comprometida com uma ideologia do imobilismo, de uma imagem estática da sociedade, considerada como uma coisa já feita, definitiva e perfeita, enquanto a nova Sociologia considera a estrutura social como um processo em constante e rápida transformação. (1969: 16).

²⁴ Esse livro insere-se na área da educação alimentar tão bem discutida por Eronides da Silva Lima em sua obra *Mal de Fome e Não de Raça*.

²⁵ Encontra-se na obra *O Drama Universal da Fome* da ASCOFAM.

Pode-se relacionar sua Sociologia com a de Florestan Fernandes, sua Sociologia Crítica, originada nos anos 50 quando assume a cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Na verdade, a cadeira de Sociologia I era uma instituição dentro de outra instituição. Sem quebrar a estrutura tradicional do padrão brasileiro de escola superior, conseguimos impedir que a 'cátedra' e o 'professor catedrático' exercessem uma função negativa na expansão quantitativa e qualitativa seja do ensino da Sociologia, seja da pesquisa sociológica, seja da comunicação com o mundo não-acadêmico. (...) Saímos do 'esplêndido isolamento acadêmico' para lutar por outro tipo de universidade, que se pusesse em dia com a pedagogia moderna, a era da ciência e a democracia. (in SOARES, 1997: 52 e 53).

Uma posição que se consolida nos anos 60 e 70, quando Florestan adota uma postura militante e propõe uma Sociologia politicamente engajada. Uma proposta que Josué de Castro também lança com sua Sociologia "participante" ou "comprometida". Ambos, portanto, comungam com os mesmos princípios de uma ciência engajada, participante e comprometida com a realidade e aos problemas nacionais.

Assim, essa concepção acerca da Sociologia e do fazer Ciência permeia suas obras, não apenas *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, como as suas duas mais importantes: *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*. Apesar destas obras se basearem no uso do método geográfico, mesclando conhecimentos nutricionais e fisiológicos, tinham como principal fundamento explicações sociológicas para o mal da fome.

A alimentação do brasileiro tem-se revelado, à luz dos inquéritos sociais realizados, com qualidades nutritivas bem precárias, apresentando, nas diferentes regiões do país, padrões dietéticos mais ou menos incompletos e desarmônicos. Numas regiões, os erros e defeitos são mais graves e vive-se num estado de fome crônica; noutras, são mais discretos e tem-se a subnutrição. Procurando investigar as causas fundamentais dessa alimentação em regra tão defeituosa e que tem pesado tão duramente na evolução econômico-social do povo, chega-se à conclusão de que elas são mais produto de fatores sócio-culturais do que de fatores de natureza geográfica. (1992: 58).

A Sociologia comprometida, então, serviria para intervir nesses fatores sócio-culturais de que fala o autor. É o sentido pragmático de se fazer ciência em

Josué de Castro, tomado como um dever do cientista para com a realidade de seu país de terceiro-mundo.

Uma característica que os intelectuais brasileiros, segundo Pécaut (1990), trazem desde o final do século passado, quando não se eximiam do engajamento político porque haviam tomado para si o papel de conhecer a realidade nacional e atuar na formação da sociedade. A tarefa do intelectual era construir a nação, revelando a identidade nacional por meio do conhecimento da realidade brasileira.

CAPÍTULO IV

A Atualidade de Josué de Castro

Apesar de todas as obras de Josué de Castro constituírem uma manifestação de um determinado período, algumas de suas idéias podem ser aproveitadas e aplicadas em um outro contexto, isto é, no contexto dos dias de hoje. Esse é o conceito de legado intelectual, em que idéias são passadas de uma geração a outra. E o que Josué nos deixou certamente é de grande riqueza, uma obra que em vários dos seus temas ainda resiste a prova do tempo.

Para Anna Maria de Castro (1993) os temas que Josué levantou estão todos em pauta. Os números da fome estão aí, ela grassa ainda entre estômagos, corpos e almas de vários brasileiros. O problema se repete, apesar do contexto ser diferente. Mas isso não impede de adotar soluções dadas por Josué: correção da má distribuição de renda, reforma agrária, combate à cultura do desperdício, incentivo à educação, enfim uma série de soluções bastante atuais.

No entanto, o que se busca neste capítulo concentra-se apenas na análise de suas teorias, conceitos, metodologia e menos nas propostas políticas e planos de ação, em geral encontrados em vários relatórios e estudos para organizações estatais e internacionais que fez durante toda sua vida.

Além do método, há que se citar também outras questões ainda não trabalhadas ou não suficientemente discutidas como a questão do subdesenvolvimento com caráter humanitário tão defendido por Josué de Castro a partir do final dos anos 40 e que se concretizou atualmente com o Índice de Desenvolvimento Humano criado pela ONU em 1990.

Como há várias questões atuais não trabalhadas e que se relacionam com as problemáticas tratadas por Josué de Castro, procura-se, como em outros capítulos, destacar as questões de cunho sociológico e não nutricional, biológico, geográfico ou outra qualquer. E dentre essas questões considera-se três discussões bastante pertinentes para se travar aqui, mas que não serão aprofundadas até porque o próprio Josué não o fez. Deixou apenas algumas pistas.

A primeira delas são os números da fome propriamente ditos. Trata-se do quadro atual da fome no país, ou seja, trata-se de demonstrar a fome depois de 29 anos da morte de Josué de Castro. Nada mais atual do que perceber o fenômeno no início deste século e traçar algumas considerações sobre o mesmo fenômeno no Brasil de Josué de Castro, principalmente a partir dos anos 40 e do Brasil de hoje.

Da interpretação dos números atuais da fome surge a segunda discussão que diz respeito à relação fome e exclusão social. Categorias que se entrelaçam nos discursos de economistas, cientistas sociais, historiadores, jornalistas, políticos que muitas vezes preferem substituir fome pela categoria mais abrangente e menos chocante de pobreza¹, em que outras privações, além da alimentação, encontram-se em jogo.

A terceira discussão, que também decorre desses números, é a representação social dos famintos, dos indivíduos que passam fome. A representação social dos famintos é mais uma possibilidade deixada por Josué de Castro para se pensar o fenômeno da fome. O que pensam, o que fazem, como sobrevivem esses famintos espalhados pelas grandes cidades e pelo interior do país, principalmente do Norte e Nordeste.

Todas essas questões articulam-se na Sociologia da Fome de Josué de Castro. É sabido que ele não aprofundou o debate acerca do que seria uma Sociologia da Fome, muito menos disse qual seria suas bases epistemológicas. Apenas a colocou como uma Sociologia engajada e comprometida com o Terceiro-Mundo; pragmática; solidária; preocupada com os processos de mudança; interessada nos perversos resultados do capitalismo; tendo o homem como valor absoluto e em primeiro lugar; estando aliada à Nutrição, Economia, Geografia Humana, História e à Antropologia, quando estas se interessam pela alimentação; que se utiliza não somente de dados estatísticos para caracterização dos famintos, mas de técnicas demográficas e de geoprocessamento, sempre

¹ Consultar uma importante obra, com discussões teóricas bastante atuais, já que publicado em 2000 pelo IPEA, organizado por Paulo Henriques e intitulado *Desigualdade e Pobreza no Brasil*.

articuladas à questão ecológica, não dando primazia nem ao biológico sobre o cultural nem o cultural sobre o biológico.

Numa carta escrita por Roger Bastide em 17 de fevereiro de 1947 encontra-se uma sugestão para uma Sociologia da Fome, uma espécie de complemento para a obra *Geografia da Fome*. Segundo Bastide fora Pitirim Sorokin não havia grandes elucubrações sobre a fome em seus aspectos sociais, como uma calamidade social, uma crise de graves conseqüências para a humanidade. Os efeitos psicológicos e sociais da fome no sertão chamavam particularmente a atenção de Bastide. Uma preocupação que se fundava na questão do fanatismo e do misticismo do homem do sertão nordestino, sujeito ao flagelo epidêmico da fome que assola ciclicamente a região com extensos períodos de seca. Um homem sujeito às interperes do clima para irrigar sua frágil estrutura econômica e social implantada na região.

Sem dúvida Pitirim Alexandrovich Sorokin² (1889-1968) exerceu influência na Sociologia da Fome de Josué de Castro. Em *Geografia da Fome* chega a citar quatro livros do autor: *Social Mobility*, *Rural Sociology*, *The Crisis of Our Age* e *Man and Society in Calamity*. Ambos sociólogos têm algo em comum: a fome como parte de suas vidas, principalmente na infância, em que Sorokin conhece essa dura realidade assim como Josué de Castro. Semelhança não só na vida como também na obra. Os autores dialogam principalmente partindo de temas em comum: a revolução, a guerra, as crises, a sociologia rural, as calamidades que afligem a humanidade e, enfim, a fome. Sorokin chega mesmo a escrever *Hunger as a Factor in Human Affairs*.

Sorokin também relaciona a fome com a violência, observa que quando numa sociedade coexistem a fome e a riqueza lado a lado há uma forte tendência para ocorrer surtos de violência e criminalidade. Essa relação será usada por Castro para desenvolver sua tese do caráter revolucionário da fome, já mencionado no terceiro capítulo³.

² Sociólogo de origem russa, erradicado desde 1922 nos Estados Unidos.

³ O diálogo entre Sorokin e Castro merece maior aprofundamento. Além dele existe ainda uma série de intelectuais que podem ser relacionados ao autor: Max Sorre, John Gerassi, Padre Joseph Lebet, Souza Barros.

4.1. Para um Desenvolvimento mais Humano

Vale observar que esse subcapítulo é apenas um complemento do capítulo III, especificamente do subcapítulo, sobre a questão do subdesenvolvimento. Por ser essa uma questão crucial para Josué de Castro e toda a geração de intelectuais dos anos 50, 60 e mesmo 70, amplia-se aqui sua discussão e atualização com as idéias e obra do economista indiano Amartya Sen, laureado com um Prêmio Nobel pela obra *Desenvolvimento como Liberdade*.

Até o surgimento do conceito de Desenvolvimento Humano, o indicador utilizado para se medir o desenvolvimento de uma cidade, região ou nação costumava ser a medida de PIB per capita. Para superar a limitação, e para garantir uma medida mais completa, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi criado, em 1990, pelos economistas Mahbub ul Haq e por Amartya Sen, laureado com o Prêmio Nobel de Economia em 1998 por suas idéias nas obras *Desenvolvimento como Liberdade*, mais recente, e *Poverty and Famines*, publicada em 1981.

Em *Desenvolvimento como Liberdade* Sen tem clara influência de Josué de Castro, principalmente porque sua teoria da liberdade como categoria central do desenvolvimento, medido não apenas pela riqueza tomada meramente como um dado quantitativo, mas pela quantidade e qualidade de liberdades econômica, política, social, civil, educacional, de saúde e cultural, baseia-se, entre outras, na idéia de Castro de desenvolvimento humanitário. Isto é, o desenvolvimento é encarado por ambos também em seus aspectos qualitativos, subjetivos, que captam as reais condições de vida do indivíduo.

Na verdade, quem inicialmente manifestou essa idéia foi o Padre Louis-Joseph Lebret, que concebia o progresso como crescimento e desenvolvimento de homens e mulheres, tomados individualmente, e a humanidade em geral. Trata-se da realidade de todas as pessoas e de toda a humanidade e tem uma dimensão pessoal, social, cultural, intelectual, moral, econômica, científica e espiritual. O nosso próprio desenvolvimento como indivíduos, segundo o autor, está profundamente conectado com o desenvolvimento dos demais. O pior mal que

bloqueia o "desenvolvimento humano", para Lebret, não é tanto a pobreza dos que não têm, mas a falta de consciência dos que têm.

Para Sen a liberdade e a erradicação da fome fazem parte do processo de desenvolvimento humano de qualquer nação. O verdadeiro desenvolvimento está em expandir as garantias mínimas de sobrevivência, unindo a expansão econômica e a melhoria dos dados sociais, como afirmaria Castro.

Não obstante, Sen vai mais longe com essa idéia, citando a fome como uma das fundamentais formas de privação de liberdade:

fomes coletivas continuam a ocorrer em determinadas regiões, negando a milhões a liberdade básica de sobreviver. Mesmo nos países que já não são esporadicamente devastados por fomes coletivas, a subnutrição pode afetar numerosos seres humanos vulneráveis. (2002: 29).

Sen também fala das novas abordagens sobre a questão da fecundidade, questão crucial do embate Castro e os neomalthusianos. Coloca a questão atual e sua solução como aumento da liberdade e da participação política da mulher. De certa forma, aceita a tese de que o desenvolvimento acaba com as altas taxas de fecundidade. O planejamento familiar compulsório como programa de governo, que Castro achava ser um erro de alvo para políticas públicas, acaba privando e retirando, para Sen, a liberdade de escolha das mulheres. Não é democrático, não é participativo. A cidadania se constrói, de acordo com o economista, expandindo as escolhas, a potencialidade e as oportunidades de cada um, seja em que campo for: saúde, econômico, político, cultural, social etc.

O IDH procura espelhar, além da renda, mais duas características desejadas e esperadas do desenvolvimento humano: a longevidade de uma população (expressa pela sua esperança de vida ao nascer) e o grau de maturidade educacional (que é avaliado pela taxa de alfabetização de adultos e pela taxa combinada de matrícula nos três níveis de ensino). A renda é calculada através do PIB real per capita, expresso em dólares e ajustado para refletir a paridade do poder de compra entre os países.

Assim a concepção que se tem hoje de desenvolvimento inclui certamente a idéia inicial de Castro de relativizar a idéia de progresso e ampliando-a para

aspectos não meramente econômicos, mas que expressassem as reais condições de vida dos indivíduos, que levasse em conta aspectos da alimentação, da habitação, do saneamento básico, da educação e da saúde.

Foi essa a luta de Castro e que teve êxito quando se concretizou um novo índice de desenvolvimento para medir as carências e necessidades de uma determinada população pesquisada.

4.2. Alguns Números da Fome no Brasil de Hoje

Segundo Homero Homem⁴ a obra de Josué de Castro resiste ao tempo, espraia-se dentro dele, torna-se mais aguda, mais comprovada. *“O que há dez anos, quando do aparecimento da Geografia da Fome era previsão, hoje tomou-se estatística: o panorama do problema alimentar no país ampliou-se em seus versos de carência e fartura”* (in SILVA, 1998: 431).

Pode-se afirmar exatamente o mesmo que Homero Homem passados 54 anos de *Geografia da Fome*, isto é, as estatísticas atuais da fome ainda encontram-se fortemente marcadas no brasileiro, em nossa identidade nacional. Ela está presente nas grandes, médias e pequenas cidades desse Brasil urbano, mas também no Brasil rural. Segundo o censo demográfico de 2000, realizado pelo IBGE, o País possui 137.755.550 de pessoas no meio urbano e 31.835.143 no meio rural, sendo que em 1970 esses números eram 52.097.260 e 41.037.586, respectivamente (IBGE: 2001).

Mas apesar dessa transição demográfica do Brasil rural para o urbano, a pobreza ainda é um fenômeno muito forte no meio rural. É ela que puxa a taxa total para cima, diferenciando-se bastante das taxas metropolitanas e urbanas.

⁴ Homero Homem de Siqueira Cavalcanti (1921-1990) nasceu no Rio Grande do Norte e é considerado, depois de Luís da Câmara Cascudo, o escritor potiguar que alcançou maior projeção no cenário das letras nacionais. Entre suas obras destacam-se: *Cabras das Rocas* (1966), *Menino de Asas* (1968), *O Assessor do Dia* (1976) e *O Luar Potiguar* (1983).

Tabela 1: Taxas da Incidência da Pobreza no Brasil, 1996.

Porcentagem De Domicílios		TOTAL	Condição De Pobreza Dos Domicílios	
			Acima Da Linha De Pobreza	Abaixo Da Linha De Pobreza
TOTAL		100%	62,98%	37,02%
Área de residência	Metropolitana	100%	69,53%	30,47%
	Outra urbana	100%	66,44%	33,56%
	Rural	100%	42,50%	57,50%

Porcentagem Da População		TOTAL	Condição De Pobreza Das Pessoas	
			Acima Da Linha De Pobreza	Abaixo Da Linha De Pobreza
TOTAL		100%	56,01%	43,99%
Área de residência	Metropolitana	100%	64,35%	35,65%
	Outra urbana	100%	60,17%	39,83%
	Rural	100%	33,39%	66,61%

Exclui as áreas rurais da região Norte e os domicílios que declararam alguma fonte de renda mas não declararam o valor.

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), IBGE, com tabulação especial para este trabalho.

Do Brasil que Josué de Castro viveu e refletiu (anos 30 aos 70) para o Brasil de hoje as mudanças ocorridas podem ser resumidas como um processo de reais melhorias nos padrões de vida de nossa população, principalmente na questão alimentar. A Tábua Completa de Mortalidade para ambos os sexos de 2000, por exemplo, também conhecida como Tábua de Vida⁵, demonstra que, ao momento do nascimento, a expectativa de vida estimada é de 68,6 anos (IBGE, 2001).

Na última década a esperança de vida ao nascer da população brasileira experimentou um ganho de 2,6 anos, ao passar de 66 anos em 1991, para 68,6 anos em 2000 (Tabela 2). Um importante indicador de nossas reais melhorias sociais, econômicas e de saúde se comparado à década de 60 em que essa expectativa não chegava aos 60 anos (IBGE, 2001).

⁵ Algo diretamente ligado à fome, pois ao se alimentar bem se vive mais e ao se alimentar precariamente se vive menos.

Tabela 2: Expectativa de Vida ao Nascer 1991-2000.

Anos de referência	Ambos os sexos	Homens	Mulheres
1991	66,0	62,6	69,8
1998	68,1	64,4	72,0
1999	68,4	64,6	72,3
2000	68,6	64,8	72,6

Fonte: IBGE, Síntese de Indicadores Sociais de 2000, 2001.

Dados que manifestam que o brasileiro está comendo mais e melhor, pois sem reais melhorias na alimentação a expectativa de vida certamente não subiria ao longo do tempo.

Um outro dado muito importante que também demonstra a melhoria de nossas condições de vida é a taxa de mortalidade infantil, pois ela representa a categoria mais vulnerável de uma população. É essa faixa etária que mais se recente das precariedades sócio-econômicas. Uma taxa que diminuiu bastante nessa última década, como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 3: Mortalidade Infantil por Regiões do Brasil (taxa por 10.000 nascidos), 1992, 1997 e 1999.

Regiões	1992	1997	1999
Brasil	43	37,4	34,6
Norte	40,4	36	34,1
Nordeste	68,4	58,3	53
Sudeste	30	26,1	24,4
Sul	24,9	24	20,7
Centro-Oeste	28,6	27	24,5

Fonte: IBGE, PNAD, 1992, 1997, 1999.

No entanto, essa taxa não esclarece se as causas da mortalidade são provocadas pela fome ou não. Entre os cerca de 12 milhões de crianças de menos de cinco anos que morrem a cada ano nos países em desenvolvimento, estima-se que a desnutrição cause pelo menos 55% dos casos (FAO, 2001).

Como já se pode notar os dados sobre fome não são facilmente contabilizados, pois a fome não é diagnóstico registrado nos prontuários de atendimento ou nos certificados de óbito, o que dificulta muito sua estatística.

Um dado freqüentemente utilizado como indicador do estado nutricional de uma comunidade é o crescimento das crianças. São os indicadores antropométricos, geralmente medido pelas relações: altura-idade, que medem essencialmente os retardos de crescimento a longo termo; peso-altura, que dão uma idéia da massa corporal e refletem os problemas de crescimento agudos; e a relação peso-idade, que constitui uma síntese da estatura e da massa corporal.

No Brasil, os dados antropométricos de que dispomos se encontram nas seguintes pesquisas:

- Estudo Nacional de Despesa Familiar (ENDEF): uma pesquisa nutricional de âmbito nacional levada a cabo pelo IBGE, com a assessoria da FAO, entre agosto de 1974 e agosto de 1975, baseado em uma probabilidade nacional com 55.000 domicílios selecionados de distritos urbanos e rurais das cinco regiões geográficas do país: Norte, Nordeste, Sul, Centro-Oeste, Sudeste. As áreas rurais do Norte e do Centro-Oeste, que em 1980 representaram 2,3% e 2,7% da população total respectivamente, não foram incluídas na amostra;
- Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição (PNSN): realizada entre junho e setembro de 1989 pelo IBGE, em convênio com o extinto INAN, em colaboração com o IPEA, com uma população representativa de 14.455 domicílios selecionados dentro das cinco regiões geográficas previamente mencionadas do país, excluindo a área rural do Norte;
- Pesquisa Nacional Demografia e Saúde (PNDS): uma pesquisa realizada pela Sociedade Civil Bem-Estar Familiar (BEMFAM) como parte mundial de Pesquisas de Demografia e Saúde (DHS), levada a cabo em 1996 em 14.252 domicílios, colecionando dados de antropometria de crianças abaixo de cinco anos e mães, entre 15 e 49 anos, que tinham tido as crianças nos cinco anos que precederam a

deficitários e nossos hábitos alimentares defeituosos, é que nossa estrutura econômico-social tem agido sempre num sentido desfavorável ao aproveitamento racional de nossas possibilidades geográficas. (in TARANTO, 1993: 130).

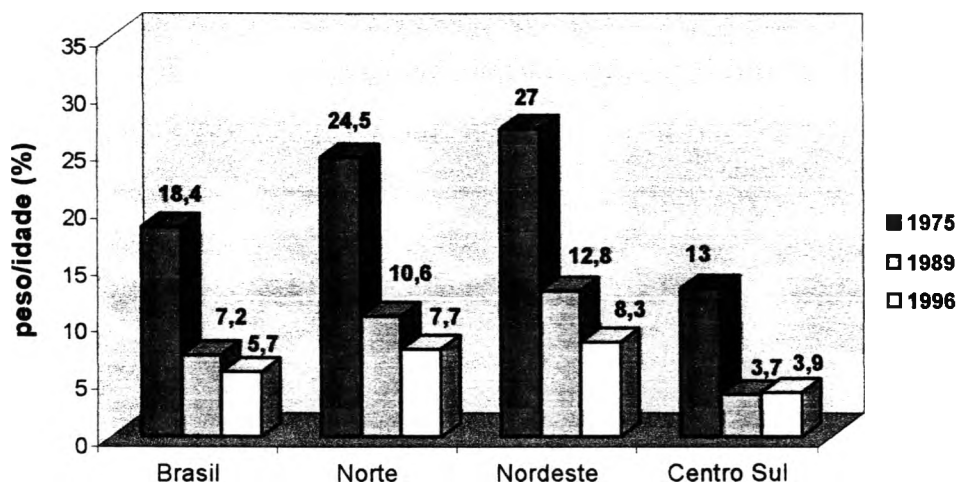
Voltando aos dados da antropometria de crianças abaixo de cinco anos, o que se percebe também é uma melhoria importante entre 1975 e 1996 no seu estado nutricional.

Devido a não diferença significativa entre as regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste os dados foram agrupados em uma macro-região denominada de Centro-Sul. Assim, a comparação dos dados antropométricos foram realizados em três regiões e uma macro: Norte, Nordeste e Centro-Sul.

Com relação ao déficit ponderal (relativo ao peso) de 1996 a prevalência mais alta foi encontrada no Nordeste, com 8,3%, e a menor no Centro-Sul, com 3,9%. Todas as regiões apresentaram, entre 1975 e 1996, uma diminuição praticamente igual: 68% no Norte, 69% no Nordeste e 70% no Centro-Sul, sendo mantidas as diferenças existentes entre elas naquele período. O Centro-Sul já havia, em 1989, alcançado uma baixa prevalência (3,7%) e assim não apresentou melhoria adicional, enquanto para o Norte e Nordeste as tendências de recuo continuaram depois de 1989 (Figura 2).

Em nível nacional, uma significativa diminuição ocorreu na prevalência de déficit ponderal entre crianças abaixo de cinco anos, que passou de 18,4%, em 1975, e 7,1%, em 1989, para 5,7% em 1996 (Figura 2).

Figura 2: Evolução da Prevalência Ponderal em Crianças Menores de 5 Anos por Grandes Regiões. Brasil, 1975, 1989 e 1996.



Fonte: ENDEF, 1974/5; PNSN, 1989; PNDS, 1996.

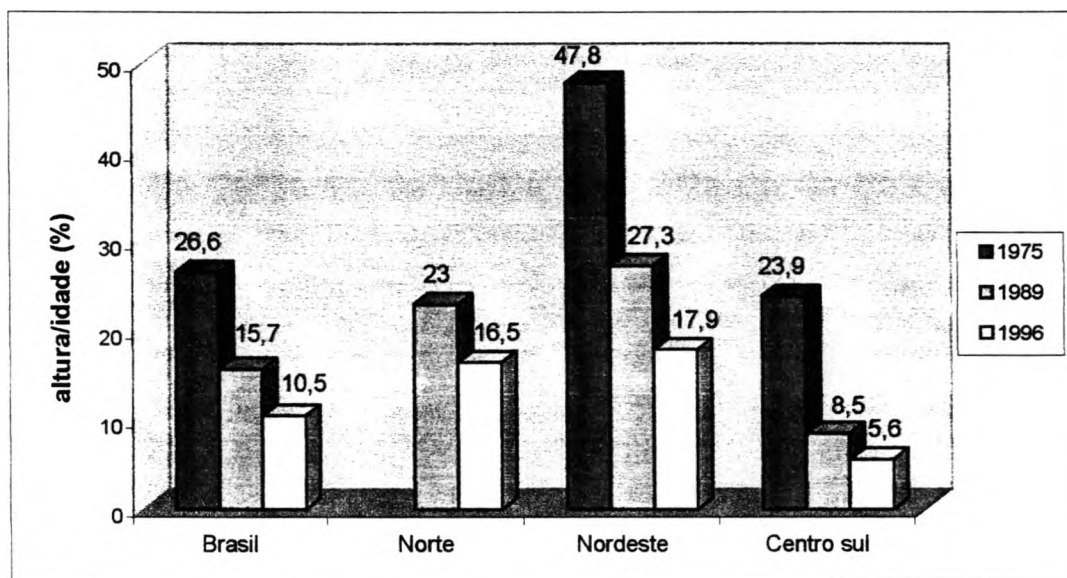
De todas as regiões do Brasil, como se pode observar, a região Nordeste apresenta o pior índice e entre os nove estados que compõem a região Nordeste, Maranhão e Piauí têm os piores resultados: em 1996 a prevalência mais alta de déficit ponderal em crianças abaixo de cinco anos era de 18,4% e 12,5%, respectivamente, enquanto em outros Estados da Federação esse déficit não passava de 10%. Nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe a prevalência em 1996 variou de 5,4% a 9,6% (BEMFAM-PNDS, 1996).

Dos dados disponíveis nas pesquisas do ENDEF, PNSN e PNDS, percebe-se que o déficit estatural (retardo de crescimento) em 1996 correspondeu ao problema nutricional principal que afeta as crianças abaixo de cinco anos. A prevalência de 10,5% em nível nacional de 1996 ainda permanece alta para os padrões internacionais.

Em 1996 havia ainda uma diferença importante entre regiões, sendo a prevalência mais alta do retardo encontrado no Nordeste (17,9%) e o mais baixo no Centro-Sul (5,6%). As altas desigualdades entre regiões em 1975 e 1989 mostraram diminuição de 64% para o Centro-Sul e 43% para o Nordeste,

enquanto no período de 1989 e 1996 houve uma inversão dessas taxas, com 41% de diminuição para o Centro-Sul e 57% para o Nordeste (Figura 3).

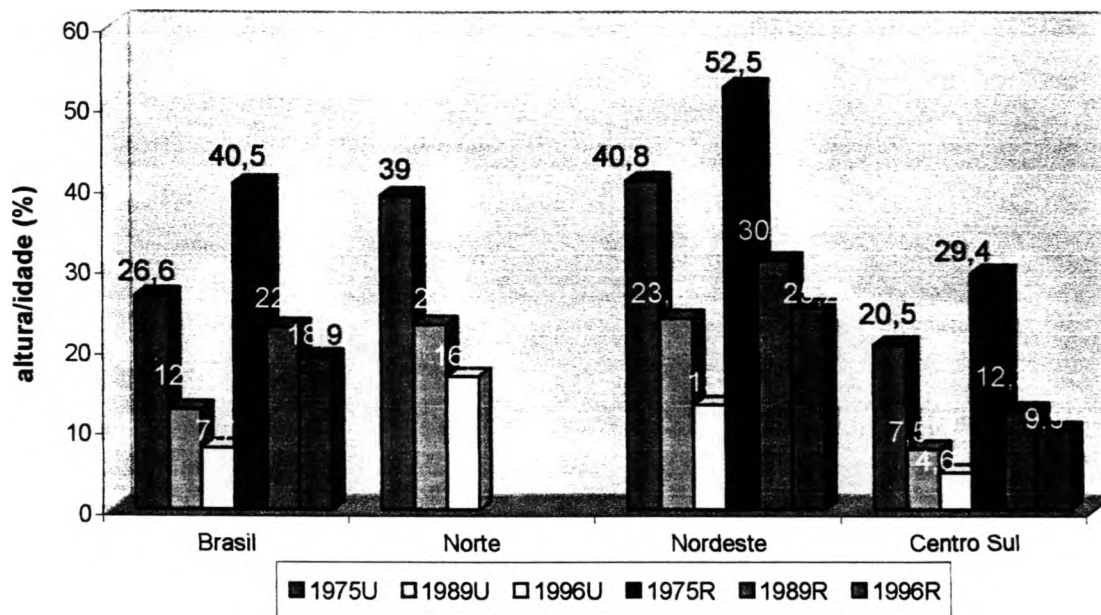
Figura 3: Evolução da Prevalência de Déficit Estatural em Crianças Menores de 5 Anos por Grandes Regiões. Brasil, 1975, 1989 e 1996.



Fonte: ENDEF, 1974/5; PNSN, 1989; PNDS, 1996.

Enfocando a situação na área rural e urbana de cada região a prevalência mais alta em 1996 se manifestou no Nordeste rural com 25,2% (Figura 4). A comparação com os dados de 1975 revelou uma expansão das desigualdades que existem entre populações urbanas e rurais, tanto no Nordeste quanto no Centro-Sul. O que demonstra que a fome é um fenômeno essencialmente rural. Não se pode inferir, no entanto, se essa desigualdade entre área urbana e área rural, dentro de cada região, é devido a uma melhoria no estado nutricional dos mais ricos ou a uma degradação no estado nutricional dos mais pobres.

Figura 4: Evolução da Prevalência de Déficit Estatural em Crianças Menores de 5 Anos, segundo Estratos Urbanos e Rurais, por Grandes Regiões. Brasil, 1975, 1989 e 1996.



Fonte: ENDEF, 1974/5; PNSN, 1989; PNDS, 1996.

Além disso, como demonstram também os outros gráficos (figuras 2 e 3), a disparidade entre as regiões, em 1996, ainda é bastante expressiva. A taxa do déficit estatural de crianças menores de cinco anos do interior do Nordeste, em 1996, assemelha-se à mesma taxa da macro-região Centro-Sul – com uma diferença de apenas 4,2% – de 1975, ou seja, as taxas de desenvolvimento humano do Nordeste encontram-se com um atraso de cerca de 20 anos.

Uma disparidade e desigualdade intra e inter regionais que Castro, apesar de não dispor quantitativa e qualitativamente de dados e análises sociais como nós temos hoje, já percebia.

Outro aspecto do nosso desenvolvimento, pouco favorável à melhoria das condições alimentares, tem sido o relativo abandono a que foram relegadas as regiões mais pobres do país, onde a fome grassa na mais alta proporção. (...). A filosofia do desenvolvimento brasileiro nos últimos anos foi concebida dentro desta idéia de desenvolver mais o já desenvolvido e não de integrar no sistema econômico as atuais áreas marginais, tais como o Nordeste e a Amazônia. (CASTRO, 1992: 284).

4.3. Fome e Exclusão Social

Sem dúvida, os anos 1990 foram de suma importância para a consolidação problemática da fome na agenda política do País, mediante a publicação do Mapa da Fome pelo IPEA e pela campanha de Herbert de Souza por exemplo, e mesmo do mundo, devido à Cúpula Mundial de Alimentação promovida pela FAO e pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1996, realizada em Roma, da qual o Brasil esteve representado.

Da cúpula saiu uma Declaração e um Plano de Ação objetivando o combate à fome no mundo. Os países participantes reconheceram o direito de toda pessoa a ter acesso a uma alimentação sadia e nutritiva e assumiram o compromisso de realizar um esforço especial para erradicar a fome em todos os países, tendo como meta imediata reduzir à metade o número de pessoas atingidas pela desnutrição até o ano 2015.

Na época, estimava-se que mais de 800 milhões de pessoas no mundo estivessem atingidas pela desnutrição. Pelos dados do último relatório da FAO, denominado *Relatório da Insegurança Alimentar no Mundo (2000)*, demonstram que a meta, anteriormente referida, ainda está longe de ser atingida. Para tanto deve reduzir em média 20 milhões de pessoas desnutridas no mundo anualmente, no período de 1997 a 2015 (FAO, 2000), o que não vem ocorrendo.

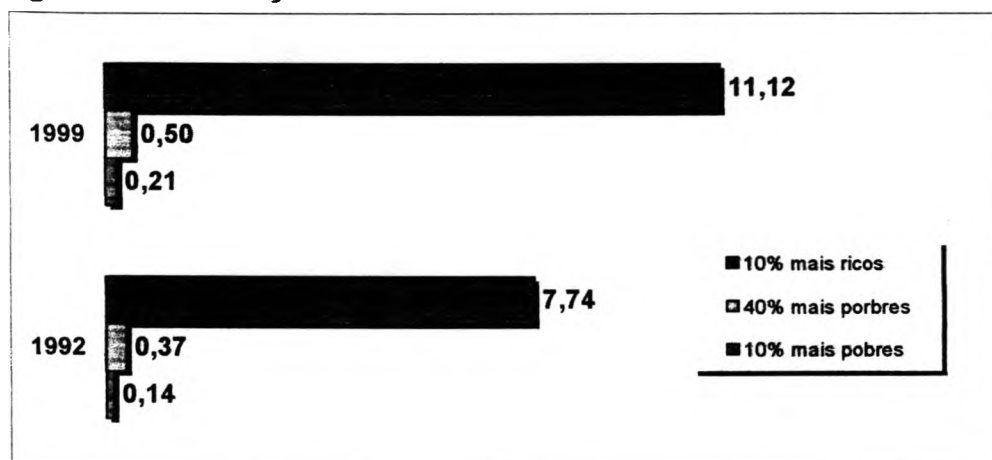
No Brasil, segundo dados do IPEA (BARROS; HENRIQUES; MENDONÇA, 2001) em 1999 havia 14,5% da população brasileira vivendo em famílias com renda inferior à linha de indigência e 34,1%, com renda inferior à linha da pobreza. Isso corresponde a 22 e 53 milhões de pessoas respectivamente. Comparado ao ano anterior, houve um pequeno aumento: em 1998 havia 21,7 milhões de indigentes e 50,3 milhões de pobres, ainda segundo o estudo. O que equivale dizer que são 53 milhões de pessoas passando fome. Não têm até, algumas vezes, o mínimo para se sustentar em pé. Uma fome que se manifesta seja em termos quantitativos – ou como Josué de Castro afirmava, uma fome crônica, aguda – seja em termos qualitativos, isto é, uma alimentação monótona, faltando

alguns nutrientes essenciais. No caso do Brasil, as carências nutricionais mais significativas são as de ferro, iodo e vitamina A⁷.

Ao todo são 53 milhões os brasileiros que passam fome de uma forma ou de outra. No entanto, ao se analisar a renda *per capita* do Brasil com a de outros países, não se pode considerá-lo um país pobre: a comparação internacional quanto a renda *per capita* coloca o Brasil entre o terço mais rico dos países do mundo. Apenas 36% dos países do mundo possuem renda *per capita* superior a do Brasil, mas o seu grau de pobreza é significativamente superior à média dos países com renda *per capita* similar à brasileira. São 53 milhões de pessoas, portanto, número que ultrapassa as populações somadas do Chile e da Argentina (52 milhões).

Cerca de um terço da população brasileira se vê renegada de seu mais básico direito: o de se alimentar. Um dado que nos alerta o quanto ainda precisamos melhorar, apesar das melhorias já alcançadas. Um Brasil que ainda se encontra com uma forte desigualdade e uma das piores distribuições de renda do mundo. Aparentemente piorando a cada ano (Figura 5).

Figura 5: Distribuição de Renda 1992 e 1999.



Fonte: BARROS; HENRIQUES e MENDONÇA, 2001.

A renda média dos 10% mais ricos do país é 28 vezes maior do que a renda média dos 40% mais pobres. Nos EUA, por exemplo, a proporção é de 5

⁷ São essas carências que o Ministério da Saúde focaliza em suas ações no combate aos males da nutrição no País.

vezes; na Argentina, 10 vezes e na Colômbia, 15 vezes. Como adverte o sociólogo Emir Sader: “os tempos de hegemonia neoliberal significam do ponto de vista social, isso, tempo de exclusão de direitos” (in SILVA, 1998: 484). Dados que fortalecem os argumentos dos teóricos da Exclusão Social, que segundo Francisco Oliveira (1981) tomou-se condição vital do dinamismo do sistema capitalista pós-ano 1964, quando essa característica já vinha se firmando.

A crítica de Castro aos neomalthusianos insere-o no atual discurso da exclusão social. Quando Vogt afirma que se o mundo estava condenado a perecer de fome, numa epidemia total, era porque os homens não controlavam de maneira adequada os nascimentos de novos seres humanos, o que resulta na atribuição da culpa da fome aos próprios famintos.

A teoria neomalthusiana é, em última análise, uma teoria do faminto-nato, explica Josué de Castro. O faminto passa fome porque é faminto-nato, como o criminoso da antiga teoria lombrosiana mata e rouba por ser criminoso-nato. Como os criminosos-natos, merecem os famintos um castigo exemplar, e, por isto, os neomalthusianos os condenam ao extermínio, individualmente, levando-os a morrer de inanição, e, coletivamente, controlando-lhes os nascimentos, até que desapareça do mundo a raça dos famintos-natos, desses criminosos-natos, culpados do crime masoquista de criar a fome e sofrer suas conseqüências... (CASTRO, 1968b, 1 vol.: 62).

Essa atribuição de culpa faz parte de um dos postulados do conceito de exclusão social moderna que se refere ao deslocamento da definição de “grupo social desnecessário” para um grupo que pode estar sujeito à extinção ou que deve ser eliminado até fisicamente. Como bem explica Elimar Nascimento:

No caso do Brasil, é sob o signo da exclusão social que se ergue a sua história desde os seus primórdios. Escravos e camponeses, para não citar os nativos, são os objetos primeiros e clássicos de nossa exclusão social. Com uma diferença marcante em relação à contemporaneidade: eram excluídos economicamente necessários, ou seja, ocupavam uma posição de centralidade na economia de suas épocas. Não existiria economia colonial, não fossem os escravos, não existiria industrialização sem a ‘acumulação primitiva’ propiciada pelos camponeses, oferecendo alimentos, insumos e mão-de-obra barata para as cidades. Porém todos eram indivíduos despidos de direito, com gravidade no caso do escravo. Hoje ocorre o inverso e de forma paradoxal, tendo em vista que ao movimento de inclusão política – pela primeira vez no país todos votam e podem ser votados – corresponde um movimento de exclusão econômica – cada vez menos as pessoas destituídas de qualificação têm possibilidades de ingressar no mercado de trabalho moderno. (1993: 110).

De acordo com Sarah Escorel a exclusão social envolve múltiplas dimensões: econômica, política, social, cultural, ética e desumanizadora. Da dimensão econômica⁸, já abordada por Elimar Nascimento, junta-se a política, que significa dizer que *“o espaço da cidadania é deformado pela lógica do favor, do privilégio e da arbitrariedade numa democracia em que ninguém é cidadão já que os grupos dominantes são senhores com privilégios e os dominados são vassallos ou necessitados a serem amparados”* (ESCOREL, 1994: 39).

Já a dimensão social se dá pela nova configuração espacial das grandes cidades, em que se estabelece uma divisão entre os “amuralhados e os famintos”, como afirma Elimar Nascimento (1994). Uma configuração que revela a ameaça social dos miseráveis. Ao que leva pensar sobre o caráter revolucionário da fome, como observava Josué de Castro.

A dimensão cultural e ética se manifesta pela constituição de estereótipos sociais sobre a pobreza: *“Os pobres já foram objeto de pena e objeto de indiferença. Hoje em dia são tratados como objetos de medo e objetos de eliminação. Nesse processo se revela uma ética social presidida pela banalização do mal e pela indiferença em relação à miséria”* (Idem: 40).

Por fim, a dimensão desumanizadora da exclusão social se revela na questão da alteridade, *“não há o não-relacionamento do outro como diferente (diverso, plural) e igual portador de interesses, desejos e direitos legítimos. Essa lógica se expressa numa normatividade excludente na qual alguns grupos sociais não são reconhecidos e também são expulsos das regras igualitárias de reciprocidade”* (Ibid).

Em síntese, era o que Herbert de Souza afirmava, *“a fome é exclusão. Da terra, da renda, do emprego, do salário, da vida e da cidadania. Quando uma pessoa chega a não ter o que comer, é porque tudo o mais lhe foi negado. É uma espécie de cerceamento moderno ou exílio. A morte em vida. O exílio da Terra. A alma da fome é política”* (1993).

⁸ Consultar Forrester sobre a dimensão econômica, que tece esclarecedoras considerações sobre o desemprego e novas formas de organização do capitalismo.

4.4. A Representação Social dos Famintos

Quando Castro se aproximou da Antropologia, por meio da indicação de Roquete Pinto para assumir a cadeira na Universidade do Distrito Federal, na época Rio de Janeiro, percebeu a importância da questão cultural como um importante fator para a explicação da sociedade brasileira.

Porém, no que se refere à questão alimentar, são as receitas, modos de comer, horários das alimentações, alimentos prediletos para a refeição do brasileiro, enfim, uma série de hábitos e costumes que Castro passa a incorporar na sua obra como dados para a análise da fome no Brasil, além dos que já usava: a estrutura e a organização da produção agrícola, da distribuição dos alimentos, da indústria alimentar, da distribuição de renda, enfim, da estrutura sócio-econômica da sociedade brasileira em suas várias regiões.

Em todo caso, a preocupação cultural, especificamente o enfoque sobre a manifestação dos hábitos alimentares da população brasileira, culminou em *Geografia da Fome*, que representou o auge dessa abordagem a partir do momento em que caracteriza e identifica os hábitos alimentares de cada habitante localizado em uma das cinco regiões de fome: o Norte, o Nordeste açucareiro, o sertão do Nordeste, o Centro-Oeste e boa parte do Sudeste e o Sul com pequena parte do Sudeste.

O que pretendemos é pôr ao alcance da análise sociológica certos elementos do mecanismo biológico de ajustamento do homem brasileiro aos quadros naturais e culturais do país. (...). Não temos a pretensão e investigar a fundo, numa sondagem definitiva, a influência de todos os fatores dessa categoria: raça, clima, meio biótico, etc., que constituem a base orgânica da estrutura social dos nossos grupos humanos. Estudando, porém, os recursos e os hábitos alimentares de várias regiões, teremos forçosamente que levar em consideração todos esses fatores ecológicos que participam ativamente na interação do elemento humano e dos quadros geográficos brasileiros. (1992: 40).

Essa preocupação cultural teria se aguçado ainda mais se tivesse aceito o convite de Luís da Câmara Cascudo, um dos maiores folcloristas do País, para participar da empreitada de escrever com ele a História da Alimentação no Brasil.

Josué de Castro deixou algumas pistas para se pensar a fome por meio da representação social dos famintos. Isto é, o que pensam, como agem, o que

sentem e quais estratégias de sobrevivência desses famintos. Por meio disso, percebia o grau de adaptação e ajustamento do homem aos variados ecossistemas das regiões de fome no Brasil.

Aprofundando um pouco mais os dilemas que envolvem a representação social do faminto, Maria de Freitas (2002) analisou dez famílias de uma comunidade em Salvador para uma descrição minuciosa da condição de faminto. Trata-se de um estudo etnográfico da fome cujo objetivo foi compreender o fenômeno a partir do ponto de vista de atores sociais que vivem em condições de extrema pobreza.

Partindo de uma abordagem fenomenológica, Freitas traduz o discurso da fome num contexto em que surge como uma experiência e vivência compartilhada entre o “eu faminto” e o “outro faminto”. Em outras palavras, a fome não é uma construção solitária, mas parte de uma intersubjetividade dinâmica entre os que passam fome e encontra-se constantemente associada a outros fenômenos significativos para o mundo do faminto: violência, desemprego, tráfico de drogas, etc.

Outra conclusão importante a que chega Freitas em seu artigo *Uma Abordagem Fenomenológica da Fome* refere-se à fatalidade da fome que não se reduz ao conglomerado de sensações físicas (“dor no peito”, “fraqueza nas pernas” etc.).

Para os moradores do bairro onde foi realizada a etnografia, a condição de fome nem sempre é percebida por eles como uma produção da pobreza, mas antes, é vista como um fatalismo que habita o seu mundo. Com isso, o faminto analisa este fenômeno como um fantasma a rondar sua casa e seu corpo. (...). A identidade de faminto corresponde a este tipo de sofrimento expresso, ou seja, ele não segue as regras da gramática da clínica, e externaliza ao outro o que concebe gramaticalmente em seu mundo. Para os atores sociais a fome é ‘uma criatura’, ou ‘um demônio’, ou ‘um vento’, que anda pelo bairro, assusta, provoca dor e pode matar quem a percebe e sente. (...) o faminto a elege como uma terceira pessoa (um signo), um ente, que habita em seu horizonte. (2002: 57,58 e 62).

O “ente” relatado nas falas dos famintos de Salvador fazem parte das loucuras da fome, como já comentava Josué de Castro em *Geografia da Fome*. A fome não é causa direta das doenças da loucura, mas pode ser a gota d’água

para que ela se manifeste. A fome acirra os distúrbios mentais, como a demência por exemplo, caracterizada por uma dieta monótona, deficiente em vitaminas do complexo B e de alguns sais minerais que por um longo período de tempo podem evoluir para esse estado, parecido com o da loucura, com perda de memória, mania de perseguição e surtos violentos. Traços marcantes na época de seca no Nordeste (REBELLO, 1998 e VILLA, 2000).

A fome causa não só loucuras e distúrbios mentais, mas mais do que isso, causa uma subespécie humana, pessoas com condições físicas e intelectuais muito abaixo das consideradas normais. Essa parece ser a conclusão a que chegou um grupo de médicos e sociólogos uruguaios ao estudarem a situação do País no início dos anos 90. Para o sociólogo Alberto Nuti,

pobres, famintos, incapazes de progredir, os desnutridos só poderão legar a seus filhos sua própria incapacidade, sua própria pobreza, sua própria fome. Assim se fecha o ciclo que transmite, multiplica e perpetua a desnutrição. Em consequência dessa situação, crescerá o número de uruguaios de segunda classe, mental e fisicamente subdesenvolvidos, nascidos para obedecer aos bem-alimentados. (in PIERRE e POSSAMAY, 1993: 168).

São os “homens-gabiru” de que fala Tarciana Portela, co-autora de *Homem-Gabiru: catalogação de uma espécie*,

O homem-gabiru é o homem comido pela fome. Ele pode estar na cidade, nas metrópoles, ele pode estar no sertão, ele pode estar em todo lugar. A gente fez um paralelo com o rato, porque é um bicho que se prolifera sem controle. É um bicho que dá nojo, é um bicho que se quer exterminar, que causa pânico, que causa pavor, que causa doenças, porque também essas são as sensações que os seres famintos causam nos cidadãos que comem todos os dias. (PORTELA; AAMOR; PASSAVANTE, 1996: 11).

É a nova versão do homem-caranguejo, tão preconizada por Josué de Castro no *Ciclo do Caranguejo*. São novas táticas de sobrevivência num meio tão adverso como na caça ao caranguejo quanto na busca de alimentos e outros objetos de valor no lixo. As táticas, porém, a fome permanece.

Esmiuçando melhor essas novas táticas de sobrevivência, Marcel Bursztyn (2000) tipificou 12 grupos de população de rua por meio de uma pesquisa realizada nos meses de maio e junho de 1996, no Distrito Federal com 150 famílias que chegaram no “novo eldorado” depois de 1995, isto é, com menos de

um ano e meio. Foram eles: catadores de lixo seco; trabalhadores de rua (flanelinhas); albergados; catadores nômades; sem-lixo e sem-teto, mais ou menos sedentários; sem-lixo e sem-teto errantes; catadores complementares; andarilhos; pivetes; foras da lei; *hippies* e pedintes de Natal. Todos com uma característica em comum: passam fome quantitativa, qualitativa ou ambas conjugadas. Por isso a procura de alimentos ocupa a maior parte de seu tempo e de suas ações. Diz ele:

Hoje, temos um crescente contingente de migrantes que são perambulantes, vira-mundos: circulam pelo país, sem rumo e sem futuro, permanecendo apenas durante o período em que conseguem alimentação. Migram de um lugar a outro, não mais em busca de uma nova vida, como aqueles que se dirigiam a São Paulo (...). Agora, mais do que qualquer atrativo, o que motiva a perambulação é a próxima refeição. (BURSTYN, 2000: 255).

Como explica Cristovam Buarque, que chegou a trabalhar no grupo de Josué de Castro de Ecologia Humana na Universidade de Vincennes e que criou, quando reitor da Universidade de Brasília, um prêmio científico Josué de Castro,

estamos diante da primeira geração de migrantes claramente excluídos: os modernômades, que migram sabendo que continuarão nômades mesmo depois de chegarem aos seus destinos. Migrantes permanentes que viverão do que sobra na modernidade... São modernômades – nômades criados pela modernidade – e lixíveros – porque vivem do lixo dos sedentários da modernidade. (in ARAÚJO; BURSZTYN, 1997: 11).

Conforme Buarque (in BURSZTYN, 2000), o lixo é ponto em comum entre o mundo dos pobres, principalmente miseráveis ou indigentes – como define a Economia – e o mundo dos ricos, dos que podem se alimentar a toda hora. O lixo representa o encontro desses mundos tão diferentes que coexistem numa sociedade tão desigual como a brasileira.

Representa também a cultura do desperdício, pois segundo Calderoni (1997), somente 39% da produção agrícola brasileira vira comida no prato de alguém. O resto fica no meio do processo. Temos “insuficientes meios de transporte e de armazenagem dos produtos” (1992: 303) agrícolas, afirmava Castro. Uma perda, ainda consoante Calderoni, de 8%. Mas também desperdiçamos no plantio e na colheita (20%), na indústria (15%), no varejo (1%)

e com o consumidor (17%). São 39.000 toneladas de comida em condições de ser aproveitada todo dia, desperdiçada em mercados, feiras, restaurantes, quitandas, padarias, açougues, fazendas, indústrias. Uma quantidade suficiente para dar café, almoço e jantar diariamente a 19 milhões de pessoas.

Como se não bastasse, os famintos de hoje nem sempre são facilmente percebidos, apesar da pobreza ter se tomado cada vez mais urbana e com isso cada vez mais visível (Elimar NASCIMENTO, 1993). Surge uma nova roupagem para a fome, um novo disfarce dos esfomeados, o seu outro lado perverso: o sobrepeso e a obesidade⁹, que faz parte dos novos e perversos hábitos alimentares da população brasileira. É a outra face da moeda, como já alertava Josué de Castro.

Segundo Carlos Augusto Monteiro, em *Velhos e Novos Males da Saúde no Brasil*, a obesidade é um problema crescente de nossa realidade de país subdesenvolvido.

A tendência de ascensão da obesidade em países desenvolvidos e em desenvolvimento tem sido atribuída a rápidos e intensos declínios no dispêndio energético dos indivíduos... Igualmente importante para muitos países pode ter sido o aumento progressivo no consumo de gordura e na densidade energéticas das dietas. (MONTEIRO: 2000).

A Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição identificou o sobrepeso e a obesidade como um grave problema de saúde pública no Brasil: existia algo em torno de 1,5 milhão de crianças obesas. Entre os adolescentes, o percentual da população com diagnóstico de obesidade chegava a 12%, enquanto 25% apresentavam sobrepeso. Nos adultos, a obesidade afetava, na época, 6% das mulheres e 13% dos homens (COITINHO et al., 1991).

Um problema que não se encontrava somente nos estratos de maior renda, mas também nos de menor (igual ou inferior a meio salário-mínimo per capita), *“em geral, quanto maior é a renda, maior a prevalência de excesso de peso. Contudo,*

⁹ O sobrepeso e a obesidade são definidos pelo índice de massa corporal (IMC=peso em quilos/estatura em metros), estabelecido inicialmente pelo francês Quetelet no final do século XIX. O IMC tem sido reconhecido internacionalmente como um indicador que, isoladamente, permite a melhor avaliação do estado nutricional de adultos, a nível epidemiológico. Seguindo o índice, o sobrepeso representa o IMC de 25 a 29,99 e a obesidade superior a 30.

o problema já é bastante grave na baixa renda, onde 16% dos homens e 30% das mulheres apresentam sobrepeso ou obesidade” (COITINHO et al., 1991: 7).

Isso se dá, entre outros fatores, pelo fato de que o pobre come alimentos pobres nutricionalmente, com alto teor de gorduras saturadas, não variando sua alimentação até porque não tem condições financeiras e não dispõe de informações suficientes sobre uma alimentação saudável. Esta parece ser a nova tônica da fome no Brasil: pais gordos e filhos desnutridos.

Claro que parte dos motivos que levam à obesidade na população brasileira refere-se à modernização do Brasil que trouxe mudanças na estrutura demográfica do País, com a urbanização e o aumento na expectativa de vida. E no declínio no gasto energético dos indivíduos, quer por predomínio de ocupações que demandam menor esforço físico em decorrência do avanço tecnológico e da urbanização, quer como resultado da diminuição da atividade física associada ao lazer.

A fome liga-se ao sobrepeso e à obesidade justamente porque com os novos hábitos alimentares do brasileiro aumenta-se, progressivamente, o consumo excessivo de gordura bem como a densidade energética da alimentação, sem, no entanto, variar a alimentação para suprir as necessidades de micro nutrientes: cálcio, ferro etc. A monotonia alimentar e o sobrepeso causam uma aparência de saúde plena, mas o que realmente ocorre é a fome oculta, como caracterizava bem Josué de Castro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos novos contornos da fome: obesidade e sobrepeso; aumento do número de famintos urbanos em termos absolutos; disparidade das condições alimentares do meio urbano e rural, além de muitas outras, o fenômeno da fome ainda se faz presente. Não dá para perder a capacidade de nos espantar com o flagelo da fome no País, que ainda é de enormes proporções e conseqüências.

Apesar das melhorias nos números da fome, o quadro ainda é grave, com indivíduos em condições de sobrevivência extremamente precárias, chegando a serem quase uma “sub-raça”: raquíticos e nanicos, diminuindo sua estatura a cada geração; magros, sem vitalidade, deformados, sujeitos a doenças com curas simples; “homens gabirus”, isto é, aqueles que vivem de lixo nas pequenas, médias e grandes cidades espalhadas pelo país afora, sem esquecer o meio rural.

São homens que já nascem para morrer, sem esperança a não ser em Deus, na sua percepção, o único capaz de ajudá-los. São os sem identidades, sem registro, sem-teto, sem-endereço, sem-educação, sem-cidadania. Para o Estado simplesmente não existem.

São nômades, migrantes invasores em seu próprio país, em busca do que comer. Vagam pelas ruas com cachorros, quem sabe uma carroça ou um carrinho de super-mercado, alguns invadem áreas públicas outros morrem atropelados, outros brincam nas águas de chafarizes e lagos artificiais.

Envergonham-se do que são. Socializam-se com o resto da sociedade quase que apenas para pedir. São mendigos, pedintes, esmoleiros de toda ordem. Têm como ponto de referência os semáforos, as proximidades com bancos, restaurantes e outros lugares em que tenham oportunidade de receberem uma moedinha. Não têm noção da violência social que sofrem. Entre alguns a fome já tirou o pouco da razão que tinham.

São também aqueles perdidos no interior desse vasto Brasil afora. Sobrevivendo em função das condições biológicas do meio. Dependentes da chuva, do rio, do mar e do solo.

São esses que ninguém os vê, não são notados a não ser por olhares mais sensíveis, ninguém os quer por perto, são incômodos, são peças descartáveis no jogo da vida. Não podem entrar em vários locais como restaurantes, bares, lanchonetes, *shoppings centers*, lojas, bancos etc. Estão confinados às ruas ou perdidos no interior desse Brasil.

São esses para quem Josué de Castro dedicou sua vida intelectual, política, artística e pessoal. Foram esses que ele transformou em objeto de pesquisa, em uma nova questão científica, mas não só, incorporou-os aos olhares da Ciência, da academia, do Estado e das ONG's. Colocou-os no centro da responsabilidade social do mundo, para quem a humanidade deve dar atenção.

São esses que Josué de Castro procurou descortinar ao mundo. Procurou fazer deles não apenas números, sendo que muitos até não são nem computados nas estatísticas oficiais que têm dificuldade para numerá-los.

A grande mensagem que nos deixou foi certamente a que não podemos viver bem sem que todos vivam bem. Não podemos deixar de nos espantarmos com uma barbárie tão grande como a fome num mundo em que o homem tem a capacidade de ir à lua, em que milhões são gastos na indústria da guerra, na indústria do supérfluo, em que a cultura do desperdício ainda impera como lógica do sistema capitalista.

De acordo com Castro, graças aos progressos da ciência e da técnica, surgiu pela primeira vez na história, no século XX, um tipo de sociedade na qual a miséria pode ser suprimida e com ela a fome. Temos condições de erradicar por completo o fenômeno da fome, que pode apresentar-se através da inanição – falta quantitativa de alimentação – ou pela fome “oculta” – repetição monótona de alguns alimentos, que segundo o autor é o pior tipo de fome. A percepção, portanto, de que a fome é uma criação humana contra a própria humanidade, o qual pode, por sua vez, ser por nós vencida foi sem dúvida sua grande contribuição para a Ciência.

Partindo dessa conclusão, pode-se chegar a uma outra: procurar entender os marginalizados do pensamento social brasileiro significa também procurar entender o país que tanto marginaliza. O país da desigualdade trata

discriminadamente os intelectuais que não estão na moda, que não estão inseridos na ideologia do Estado.

Não só Castro, mas outros pensadores latino americanos, especialmente sul americanos, têm grandes contribuições a dar. Basta a devida atenção. Descobrir nosso próprio modo de pensar os problemas dessas sociedades, numa sociedade em que impera os esquecimentos.

Resgatar a memória de Josué de Castro foi certamente uma tarefa a que se propôs a dissertação. Como afirma Simson (1999), memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos).

Existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado. Há também aquilo que denominamos de memória coletiva que é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de lugares da memória que são os monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade. (1997: 01).

Foram nessas memórias coletivas que se procurou imprimir a obra e a vida de Josué de Castro. Elas devem ser cultivadas a fim de se preservar a grande contribuição do autor sobre a interpretação do Brasil.

Na sociedade ocidental atual, o ritmo acelerado do trabalho urbano somado a facilidade e rapidez dos meios de comunicação (criados pelos constantes avanços tecnológicos) colocam o homem comum frente a uma quantidade avassaladora de informações. Tais fatos criam quase a obrigação de consumir a informação de forma acrítica, sem maior cuidado seletivo, perdendo-se portanto uma das mais importantes funções da memória humana: a capacidade seletiva, que representa a capacidade de escolher aquilo que deve ser preservado, como lembrança importante e aqueles fatos e vivências que podem e devem ser descartados. A perda do exercício desse poder de seleção nas sociedades atuais

constitui o fator fundamental para a formação do que os profissionais da informação chamam de sociedades do esquecimento¹.

Nessa virada de século, acompanhando um movimento geral na sociedade ocidental, tem-se explicitado uma forte necessidade de lembrar. Quando se vive de maneira tão acelerada a ponto de ser impedido até de "sentir o tempo passar", como se diz popularmente, a busca do legado de Josué de Castro possibilita aos leitores, habitar esse tempo e vivê-lo plenamente, numa relação que pode ser criativa e transformadora.

Retomando Simson,

O ato de lembrar em conjunto, isto é, o ato de compartilhar a memória, é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos - porque alicerçadas numa bagagem cultural comum - e, talvez por isso, conduza a ação. Portanto, a memória compartilhada é tanto forma de domar o tempo, vivendo-o plenamente, como empuxo que nos leva a ação, constituindo uma estratégia muito valiosa nestes tempos em que tudo é transformado em mercadoria, tudo possui valor de troca. Essa memória compartilhada, enquanto desejo latente do homem pós-moderno, que entretanto se realiza numa relação não inserida na lógica de mercado, nos leva a construir redes de relacionamentos nas quais é possível focalizar em conjunto aspectos do passado, envolvendo participantes de diferentes gerações de um mesmo grupo social. Nesse processo utilizam os 'óculos do presente', para reconstruir vivências e experiências pretéritas o que nos propicia pensar em bases mais sólidas e realistas nossas futuras ações. (Ibid).

Esse mergulhar conjunto e compartilhado no passado nos faz emergir mais conscientes dos problemas contemporâneos e, geralmente, nos conduz naturalmente a ações conjuntas e politicamente conscientes, visando sua superação.

As discussões mais profundas e sistemáticas sobre Josué de Castro só agora estão sendo realizadas na academia. Faz-se necessário discuti-lo, sobretudo atualizar o tema da fome ao qual dedicou toda sua vida, bem como aprofundar o caminho da multidisciplinaridade e da consciência e, por fim, dos estudos ecológicos.

¹ Na verdade há uma seleção, pois não retemos tudo que nos chega, mas uma seleção criada pelo outro, pela mídia, que põe e retira o que devemos ver, ouvir, conhecer a cada momento.

BIBLIOGRAFIA

- L'ABBATE, Solange. **Fome e Desnutrição: os descaminhos da política social**. 1982. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ABRAMOVAY, Ricardo. A Atualidade do Método de Josué de Castro e a Situação Alimentar Mundial. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, São Paulo, v. 34, n. 3 e 4, p.81 a 102, jul./dez. 1996.
- _____. **O que é Fome?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ABREU, Alzira Alves de et al. (org.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 2001.
- ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. **Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos**. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE, 1983.
- ADORNO, Theodor W. **Sociologia**. Gabriel Cohn (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1986.
- AGUIAR, Ronaldo Conde. **O Rebelde Esquecido: Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000a.
- _____. **Pequena Bibliografia Crítica do Pensamento Social Brasileiro**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Marco Zero, 2000b.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- AMARAL, Francisco Pompêo do. **Discriminação e Mistificação em Alimentação**. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.
- ANDRADE, Manuel Correia de. Atualização do Pensamento de Josué de Castro. **Conjuntura Alimentos**, São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento/ Governo do Estado de São Paulo, v. 5, n. 2, jun. 1993.
- _____. Josué de Castro: o Homem, o Cientista e o seu Tempo. In: Anna Maria de Castro (org.). **Fome, um Tema Proibido: últimos escritos de Josué de Castro**. 3 ed. Recife: Instituto de Planejamento de Pernambuco, Companhia Editora de Pernambuco, 1996.
- _____. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 4 ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.
- _____. **Pernambuco Imortal: Evolução Histórica e Social de Pernambuco**. Recife: CEPE, 1997.

ANTUNES, Ricardo; FERRANTE, Vera B.; MORAES, Reginaldo (orgs.). **Inteligência Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Relendo a Geografia da Fome**. In: SEMINÁRIO DE COMEMORAÇÃO AO CINQUENTENÁRIO DA GEOGRAFIA DA FOME: os Desafios de Combate à Pobreza. **Anais**. Recife: Centro Josué de Castro. Recife, 1996.

ARAÚJO, Carlos Henrique & BURSZTYN, Marcel. **Da Utopia à Exclusão. Vivendo nas Ruas de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond; Brasília: CODEPLAN, 1997.

ARAÚJO, Maria Celina d'. **Sindicatos, Carisma e Poder: o PTB de 1945-65**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Ensaio sobre o Desenvolvimento Brasileiro: heranças e urgências**. Rio de Janeiro: Revan/ Observatório, 2000.

ARENDT, Hannah. **Homem em Tempos Sombrios**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

_____. **A Condição Humana**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ARRUDA, Bertoldo K. Grande de. "Geografia da Fome": da lógica regional à universalidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 545-9, jul./set. 1997.

ASCOFAM. **O Drama Universal da Fome**. Rio de Janeiro: ASCOFAM/ MEC, 1958 (Simpósio Comemorativo dos cinquenta anos de Josué de Castro).

AZEFEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1944.

BACHELARD, Gaston. **O Novo Espírito Científico**. Lisboa: Edições 70, 1986.

BARROS, André Luiz. **As Letras Vivas do Arauto da Miséria**. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1996. Caderno B, p. 01 e 02.

BARROS, Souza de. **Prefácio**. In: Alain Tobelem. **Josué de Castro e a Descoberta da Fome**. Rio de Janeiro: Leitura, 1974.

BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo e MENDONÇA, Rosane. **A Estabilidade Inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil**. Textos para Discussão, nº 800. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. 24 p.

BASTIDE, Roger. **Brasil, Terra de Contrastes**. São Paulo: DIFEL, 1959.

_____. **Sociologia**. Maria Isaura Pereira de Queiroz (org.). **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1983.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. O que é uma Instituição Social? In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

BITTENCOURT, Sonia Azevedo & MAGALHÃES, Rossana Ferrari. Fome: um Drama Silencioso. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Os Muitos Brasis: Saúde e População no Brasil na Década de 80**. Rio de Janeiro: ABRASCO; São Paulo: Hucitec, 1995.

BIRMAN, Patrícia e BOMENY, Helena e. (org.) **As Assim Chamadas Ciências Sociais: formação do cientista social no Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ: Relume Dumará, 1991.

BOMENY, Helena. **Darcy Ribeiro: Sociologia de um indisciplinado**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BOSI, Maria Lúcia M. **Face Oculta da Nutrição: Ciência e Ideologia**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Editora UFRJ, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **Lições de Aula**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Le Métier de Sociologue**. Paris: Mouton/ Bordas, 1968.

BOYD-ORR, John. **O Dilema do Homem Branco**. Lisboa: D. Quixote, 1965.

_____. **Food, Health and Income**. Nova York: [s.n.], 1936.

BRASIL. Ministério da Educação. VII Exposição de Obras Raras. **Anísio S. Teixeira: Centenário de Nascimento (1900-200)**. [Folheto]. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN). **Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição: Resultados Preliminares**. Brasília, 1990.

BUARQUE, Cristovam R. Josué Betinho de Castro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1993. p. 11.

BURSZTYN, Marcel. (org.) **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CALLADO, Antônio. **Famintos na Terra de Canaã**. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1993.

CALDERONI, Sabetai. **Os Bilhões Perdidos no Lixo**. São Paulo: Humanitas, 1997.

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1965.
- _____. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 9 ed. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2001.
- CARNEIRO, Edison; PINTO, Luiz Aguiar Costa. **As Ciências Sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: CAPES, 1955.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. v. I e II. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983.
- CASTRO, Anna Maria de. **Nutrição e Desenvolvimento - Análise de uma Política**. 1977. Tese (Livre-Docência em Sociologia) - Instituto de Nutrição da UFRJ, Rio de Janeiro.
- _____. Josué de Castro e a Descoberta da Fome. **Revista da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, fase VII, ano III, nº 9, p. 77 a 85, out./ nov./ dez. 1996.
- _____. Fome: Um Combate de Toda a Vida. **Ecologia e Desenvolvimento: Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, ano 2, nº 33, novembro de 1993.
- CASTRO, Moacir Werneck de. **Fome e Seca: história e atualidade**. Rio de Janeiro: JORNAL DO BRASIL, 24 de abril de 1993. p. 11.
- CASTRO, Josué de. **O Problema da Alimentação no Brasil**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1934.
- _____. **Alimentação e Raça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- _____. **A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana**. Porto Alegre: Globo, 1937.
- _____. **Fisiologia dos Tabus**. Rio de Janeiro: Edições Nestlé, 1939.
- _____. **Ensaio de Geografia Humana**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- _____. **Documentário do Nordeste**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1968(a).
- _____. **Geopolítica da Fome**. 8ª ed. 2 volumes. São Paulo: Brasiliense, 1968(b).
- _____. **Ensaio de Biologia Social**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1968(c).
- _____. **O Livro Negro da Fome**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1968(d).
- _____. **Homens e Caranguejos**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1968(e).
- _____. **Sete Palmos de Terra e um Caixão**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- _____. **Geografia da Fome**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.
- CHACON, Vamireh. **História das Idéias Sociológicas no Brasil**. São Paulo: Grijalbo; USP, 1977.
- _____. **A Construção da Brasilidade: Gilberto Freyre e sua geração**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Marco Zero, 2001.
- CHICO Science¹ e Nação Zumbi. **Da Lama ao Caos**. Rio de Janeiro: Sony Music Brasil, 1994. (Acompanha texto. CD).

¹ Nome não artístico é Francisco de Assis França.

_____. **Afrociberdelia**. Rio de Janeiro: Sony Music Brasil, 1996. (2 CDs).

COELHO, Tânia. **Fome: um combate de toda a vida**. Vol. 2, nº 33. S/l.: ECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO, novembro de 1993.

COITINHO, D. C.; LEÃO, M. M.; RECINE, E.; SICHIERI, R. **Condições Nutricionais da População Brasileira: adultos e idosos**. Brasília: Ministério da Saúde - INAN, 1991.

COSTA, Christiane, FRANÇA, Valdo (org.). **Alternativas contra a Fome: soluções nutritivas, baratas e regionais para combater a fome**. São Paulo: Pólis, 1993.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DAHRENDORH, Ralf. **Ensaio de Teoria da Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974².

DURAND, José Carlos G.; MACHADO, Lia Pinheiro (org.). **Sociologia do Desenvolvimento II**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

_____. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ESCOREL, Sarah. Exclusão Social e Saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, nº 43., p. 38-43, jun. 1994.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil**. Coleção Sociologia Brasileira, v. 7. Petrópolis: Vozes, 1977.

FLADRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo (org.). **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FREITAS, Maria do C. Soares de. Uma Abordagem Fenomenológica da Fome. **Revista de Nutrição**, Campinas, vol. 15, nº 1, p. 53-69, janeiro-abril de 2002.

FREIRE, Gilberto de Melo. **Nordeste**. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympico, 1967.

_____. **Mucambos do Nordeste**. 2. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1967.

_____. **Casa Grande & Senzala**. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

² Consultar principalmente o capítulo A Origem da Desigualdade entre os Homens.

_____. **Manifesto Regionalista**. Fátima Quintas (org.). 7 ed. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1996.

FONSECA, Cristina. **Duas Águas**. [Documentário]. São Paulo: Tv Cultural/Fundação Padre Anchieta, 1997.

FORRESTER, Viviane. **O Horror Econômico**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **O Que é um Autor?** Portugal: Veja, 1992.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1972

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991.

_____. **Economia**. Franciso de Oliveira (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O Mito do Desenvolvimento**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Estudo Nacional da Despesa Familiar-ENDEF**. Rio de Janeiro, 1975.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais 2000**. Rio de Janeiro, 2001.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GEORGE, Susan. **O Mercado da Fome**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GONZALES, Horácio. **O que são Intelectuais?** 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **O que é Subdesenvolvimento?** São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

GRAWITZ, Madeleine. **Méthodes des Sciences Sociales**. 10 ed. Paris: Dalloz, 1996.

GUÉRIN, Michel. **O que é uma Obra?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

GUSMÃO, Murilo. **Arthur Ramos: o homem e a obra**. Maceió: DAC-SENEC; DAC-MEC, 1974.

HENRIQUES, Ricardo (org.). **Desigualdade e Pobreza no Brasil**. Brasília: IPEA, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

IANNI, Octávio. **A Idéia de Brasil Moderno**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1992.

_____. **Sociologia da Sociologia**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.

JOSUÉ de Castro, cidadão do mundo. Direção de Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Bárbara Produções, 1995. 50 min., color. (Documentário. Fita de vídeo - VHS).

KAFKA, Franz. **Um Artista da Fome & A Construção**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

KOWARICK, Lúcio. **Capitalismo e Marginalidade na América Latina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LAGO, Antônio & PÁDUA, José Augusto. **O que é Ecologia?** 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAMBERT, Jaques. **Os Dois Brasis**. Rio de Janeiro: INEP/CBPE, 1959.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro: história de uma Ideologia**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1969.

LIMA, Eronides da Silva. **Mal de Fome e Não de Raça: gênese, constituição e ação política da educação alimentar: Brasil 1934-1946**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.

LIMA, Jameson Ferreira. Significado Cultural de Josué de Castro. **Anais do VII Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores**, [s/l.], 15 a 18 fev. 1978.

_____. Josué de Castro – Um Mundo sem fome. **Oficina de Letras**, [s/l.], Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, nº 5, mar. 1995.

LINHARES, Maria Y. Leite. Biografia. In: CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

_____. Josué de Castro: a Luta contra a Fome sem Assistencialismo. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 17, nº 100, p. 12 a 14, maio/ jun. 1994.

LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ, UCAM, 1999.

LINHARES, Maria Y. Leite; SILVA, Francisco C. T. da. **História da Agricultura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LOPEZ, Telê P. Ancona. **Mário de Andrade: ramais e caminhos**. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

LUZIO, Nildo Wilson. **Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB): interpretação do Brasil pela superação das teorias raciológicas e adoção do Nacionalismo**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília.

MADEIRA, Maria Angélica; VELOSO, Mariza. **Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Descobertas do Brasil**. Brasília: UnB, 2001.

MAGALHÃES, Rosana. **Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. V. 6 e 7. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1978.7

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Chico Alencar (comentador). Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

MARZAGÃO, Augusto. O Homem dos Excluídos. **Folha de São Paulo**, São Paulo cad. 1, Tendências/Debates, p. 3, 4 de setembro de 1997.

MAUROIS, André. **Aspects de la Biographie**. Paris: Au Sans Pareil, 1930.

MELO, Manuel Palácios da Cunha e. **Quem Explica o Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

MELOTTI, Umberto. **Sociologia del Hambre**. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.

MICELI, Camine. O Precursor da Luta Contra a Fome. **Cadernos do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, v. 20, nº 183, mar. 1995. Suplemento, p. 6 e 7.

MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 1. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

_____. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MILLS, Charles Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Raízes da Fome**. Petrópolis: Vozes/FASE, 1985.

MONTEIRO, Carlos Augusto (org.). **Velhos e Novos Males da Saúde no Brasil**. São Paulo: Hucitec; NUPENS/ USP, 2000.

MONTENEGRO, Olívio. **Retratos e Outros Ensaio**s. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

MORAES, Reginaldo; ANTUNES, Ricardo; FERRANTE, Vera B. (org.) **Inteligência Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOREIRA, Roberto Sabato C. **Identidade e Pensamento Social no Brasil**. 1993. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Portugal: Europa-América, 1994.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Projetos Nacionais e Exclusão Social. **Revista Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, IPEA, nº 10, 1993.

_____. A Nova Questão Social. **Proposta**, Rio de Janeiro, FASE, ano 22, nº 61, 1994.

_____. A Fome e o seu Médico. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 3, 15 maio 1997.

_____; PENA-VEGA, Alfredo (org.). **O Pensar Complexo**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. **Josué de Castro: o Teórico do Mangue**. 1999. Monografia (Graduação em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.

_____. **O Segredo em Simmel**. Brasília: Departamento de Sociologia da UnB, 2000. (Trabalho apresentado para a disciplina Sociologia do Conhecimento – mimeo).

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismo e Anti-Humanismos**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A Sociologia do Guerreiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA-FAO. **A Situação Mundial da Alimentação e da Agricultura 2001**. Roma, 2001.

_____. **Relatório da Insegurança Alimentar no Mundo**. Roma: SOFI, 2000.

ORTIZ, Renato. Notas sobre as Ciências Sociais no Brasil. **Novos Estudos**, São Paulo, CEBRAP, nº. 27, p. 163-175, 1990.

- PÉCAUT, Daniel. **Os Intelectuais e a Política no Brasil**. São Paulo: Ática, 1990.
- PELIANO, Anna Maria T. M. (org.) **O Mapa da Fome: subsídios à formulação de uma política de Segurança Alimentar**. Mar/93. (mimeo).
- PORTELA, Tarciana; AAMOR, Daniel; PASSAVANTE, Zélito. **Homem-Gabiru: catalogação de uma espécie**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **A Formação do Brasil Contemporâneo**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- PRADO, Paulo. **Retratos do Brasil**. 8 ed. Carlos Augusto Calil (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 46 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina e a Contribuição Européia: o Caso Brasileiro. **Revista Ciência e Cultura (SBPC)**, São Paulo, v. 41, nº4, p. 378-88, 1989.
- _____. A Sociologia Brasileira na Década de 40 e a Contribuição de Roger Bastide. **Revista Ciência e Cultura (SBPC)**, São Paulo, v. 29, nº12, p. 1353-61, 1989.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- _____. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- RICUPERO, Bernardo. **Caio Prado Jr. e a Nacionalização do Marxismo no Brasil**. São Paulo: USP; FAPESP; Ed. 34, 2000.
- ROCHA, Glauber. Uma Estética da Fome. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, n.º 4, p. 165-187, 1965.
- ROUANET, Sergio Paulo. **Mal-Estar na Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SACHS, Ignacy. **Espaços, Tempos e Estratégias do Desenvolvimento**. São Paulo: Vértice, [s/d].
- SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SILVA, Tânia Elias M. Josué de Castro – Cidadão do Mundo. **Universidade e Sociedade**, São Paulo, nº. 12, ano VII, p. 130 a 137, fev. 1997.

_____. **Um Olhar Antropológico sobre a Cultura Brasileira: a contribuição de Josué de Castro**. Aracaju: Departamento de Ciências Sociais da UFS, 2000.

_____. **Josué de Castro: para uma poética da fome**. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. **Evolução e Perspectivas da Mortalidade Infantil no Brasil**. **Estudos e Pesquisas**, Rio de Janeiro, IBGE/ Departamento de População e Indicadores Sociais, nº 2, 1999.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (org.). **Os Desafios Contemporâneos da História Oral**. Campinas: CMU/UNICAMP, 1997.

SOARES, Eliane Veras. **Florestan Fernandes: o militante solitário**. São Paulo: Cortez, 1997.

SOCIEDADE CIVIL BEM-ESTAR FAMILIAR-BEMFAM. **Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde de 1996**. São Paulo, 1997.

SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO. Recife, ano 5, dez. 1994. **Anais**. Número especial.

SOUZA, Herbert de. **A Alma da Fome é Política**. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1993. Caderno Fome.

TARANTO, Giuseppe A. di. **Sociedade e Subdesenvolvimento na Obra de Josué de Castro**. Tradução de Maria de Fátima Mendes Leal. Belém: CEJUP, 1993.

TAVARES, Luís Carlos Ramos. **A Inserção da Obra de Josué de Castro no Pensamento Geográfico**. 1997. Monografia (Graduação em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome: cenas da seca no Ceará**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

TOBELEM, Alain. **Josué de Castro e a Descoberta da Fome**. Rio de Janeiro: Leitura, 1974.

VALENTE, Flávio Luiz S. Valente (org.). **Fome e Desnutrição, Determinantes Sociais**. São Paulo: Cortez, 1986.

VASCONCELOS, Francisco de A. Guedes de. **Do Homem-Caranguejo ao Homem-Gabiru: uma interpretação da trajetória da fome no Brasil**. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, nº 44, p. 9-13, set. 1994.

_____. **Fome, Eugenia e Constituição do Capo da Nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freire, Josué de Castro e Nelson Chaves**.

História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. VIII, nº 2, p. 315-39, jul./ago. 2001.

VIEIRA, Luiz Renato. **Consagrados e Malditos: os intelectuais e a editora Civilização Brasileira**. Brasília: Thesaurus, 1998.

VIGEVANI, Tullo. **Terceiro Mundo: conceito e história**. São Paulo: Ática, 1990.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e Morte no Sertão**. São Paulo: Ática, 2000.

VOGT, William. **O Caminho da Sobrevivência**. São Paulo: Nacional, 1951.

ANEXO

OBRAS DE JOSUÉ DE CASTRO³

1 – LIVROS

1.1. EM LÍNGUA PORTUGUESA

- O Problema da Alimentação no Brasil: seu estudo fisiológico. 1932. Monografia (Livre-docência em Fisiologia) – Faculdade de Medicina, Recife⁴.
- A Questão do Salário Mínimo. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio/ Departamento de Estatística e Publicidade, 1935⁵.
- Alimentação e Raça. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. 182p⁶.
- A Alimentação Brasileira À Luz da Geografia Humana. Porto Alegre: Globo, 1937. 176p.
- Documentário do Nordeste. São Paulo: José Olympio, 1937. 215p.
- Fisiologia dos Tabus. São Paulo: Melhoramentos/ Nestlé, 1938. 62p.
- Geografia Humana: estudo da paisagem cultural do mundo. Porto Alegre: Globo, 1939. 232p.
- Geografia da Fome. O Dilema Brasileiro: Pão ou Aço. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.
- Função Social das Universidades. Rio de Janeiro: SN, 1948. 11p.
- Geopolítica da Fome: Ensaio sobre os Problemas de Alimentação e de População do Mundo. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1951. 416p.
- A Cidade do Recife: Ensaio de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954. 167p.
- Três Personagens: Einstein, Fleming, Roosevelt. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1955. 93p.
- Ensaio de Geografia Humana. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- Ensaio de Biologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1957. 283p.
- O Livro Negro da Fome. São Paulo: Brasiliense, 1960. 178p.
- Sete Palmos de Terra e um Caixão: Ensaio sobre o Nordeste, Área Explosiva. São Paulo: Brasiliense, 1965. 223p.
- Homens e Caranguejos. [Romance]. São Paulo: Brasiliense, 1967. 177p.
- A Explosão Demográfica e a Fome no Mundo. Portugal: Edições Itáu, 1968. 34p.
- Estratégia do Desenvolvimento. Lisboa: Seara Nova, 1971.
- Fome, um Tema Proibido: Últimos Escritos de Josué de Castro. Anna Maria de Castro (org.). 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

³ Todas as obras do autor estão classificadas cronologicamente.

⁴ Publica posteriormente em 1939, pela editora Nacional (São Paulo) com prefácio de Pedro Escudero.

⁵ Essa obra faz parte do apêndice de *Alimentação e Raça* que ganha outro título: *Inquérito Sobre as Condições do Trabalho Agrícola no Brasil*.

⁶ Inclui também o inquérito *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife* que foi realizado em 1932.

Fome, um Tema Proibido: Últimos Escritos de Josué de Castro. Anna Maria de Castro (org.). 3 ed. Recife: Instituto de Planejamento de Pernambuco: Companhia Editora de Pernambuco, 1996⁷.

1.2. EM IDIOMA ESTRANGEIRO⁸

Science et Technique. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Moderna, 1937. 179p⁹.

Alimentazione e Acclimatazione Umana nei Tropici. Milano: [s.n.], 1939.

La Alimentación en los Trópicos. México: Fondo de Cultura Económica, 1946. 204p.

El Problema de la Alimentación en América del Sur. Séries da UNESCO, I vol. Buenos Aires: Sudamericana, 1950. 65p.

El Hambre: Problema Universal. Argentina: Pléyade, 1969.

Mensajes. (Publicação Póstuma). Bogotá: Colibri/ Italgaf, 1980.

2 – ESTUDOS E PUBLICAÇÕES EM CO-AUTORIA E/OU COLETÂNEAS

_____; COUTINHO, O. Therapêutica do Diabete. In: DIAS, A. Diabetes. Rio de Janeiro: [s.n.], 1936.

_____; BARRETO, J. de Barros, CASTRO, A. de. Inquérito sobre as Condições da Alimentação Popular no Distrito Federal. Rio de Janeiro: [s.n.], 1937.

_____; MEIRELES, Cecília Grilo. (Desenhos de João FAHRION). Festa das Letras. Porto Alegre: Globo, 1937¹⁰.

_____; SILVA, Irene. Resistência Dentária e Fator Racial. Rio de Janeiro: Arquivos de Medicina Legal e Identificação, ano VIII, nº 16, julho de 1938. p. 197 a 217.

_____; MATOSO, Ítalo V. A Iodetação do Sal na Profilaxia do Bócio Endêmico. São Paulo: Resenha Clínico-Científica, ano XVI, nº 8, 1946. p. 317 a 323.

_____ et al. Os Alimentos Bárbaros dos Sertões do Nordeste. Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Nutrição, fevereiro de 1947.

_____; LUZ, H. de Souza, BORGES, P. Pesquisa sobre Estado Nutritivo dos Escolares no Distrito Federal. N.º 1. Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Nutrição, 1949.

_____; LUZ, H. de Souza, PECHNIK, E. Novas Pesquisas sobre a Mucunã. Vol. 11. Rio de Janeiro: Instituto de Nutrição, 1949.

_____; BORGES, P. Alimentação e Colonização do Brasil Central. S.l.: Congresso de Imigração, 1949.

_____; PECHNIK, E. Valor Nutritivo da Mistura de Milho com Leite. Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Nutrição, 1950¹¹.

⁷ Acrescida do texto de Manoel Correia de Andrade, denominado *Josué de Castro: o homem, o cientista e o seu tempo*. A primeira edição é de 1983 pela editora Vozes, não mudando nada na segunda edição. A edição da Vozes traz algumas reportagens que a edição pernambucana retirou.

⁸ Inclui somente livros que não existem em língua portuguesa.

⁹ Elaborado para a exposição de Paris.

¹⁰ Este livro também recebe o título de *O ABC das Letras*.

¹¹ Publicado também nos Arquivos Venezuelanos de Nutrição, volume 11, número 2, Caracas, 1951.

_____; SANTOS, W. Carência Alimentar e Verminose na América Latina. N.º 3, vol. XIII. México: AMERICA INDIGENA, 1953.

_____. (org.). *Hunger and Food. Science and Mankind*. Londres: World Federation of Scientific Workers, 1958.

_____; FURTADO, Celso. Operação Nordeste: Dois Nomes e Duas Opiniões. N.º 278. Rio de Janeiro: OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO, maio de 1959.

_____ et al. Proteínas para a América Latina. Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Nutrição, v. 16, n.º 2, jul/dez de 1960. p. 19 a 49.

_____; ROULLET, O. *La Faim: Problème Universal*. Artigo. N.º 2. S.I.: LES GRANDES ENQUÊTES, 1961.

_____; GUERNIER, Maurice. *Un Plan Pour le Tiers Monde*. Paris: LE MONDE, 08 de março de 1967.

_____; HOROWITZ, Irving; GERASSI, John (org.). *Latin American Radicalism: A Documentary Report on Left and Nationalist Movements*. Nova Iorque: Vintage Books, 1969.

_____; BUÉ, Alain; ZANONI, Magda. *Ecologie Humaine du Tiers Monde*. Paris: [s.n.], 1970.

_____; PAIM, Gilberto; SOUZA, Nelson de Mello. *La Révolution Sociale Brésilienne*. [s.n.t.].

Deficiências Alimentares no Brasil: as Carências Protéicas e Mineraias. In: BERLE, Beatrice (org.). *Problemas de Medicina Prática e Preventiva no Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

Documentos. Lisboa: [s.n.], 1964.

Où en Est la Révolution en Amérique Latine? (Debate público com Claude Julien, Juan Arrocha e Mário Vargas Llosa). S/ref.: [s.n.], 1965.

A Luta Contra a Fome no Nordeste. In: *O Subdesenvolvimento Econômico*. Lisboa: Presença, 1966. p. 163 a 177.

O Drama do Terceiro Mundo. Espanha: Publicações Don Quixote, 1970.

O Brasil na Encruzilhada. Espanha: Publicações Don Quixote, 1970.

América Latina y los Problemas del Desarrollo. (Publicação Póstoma). [s/l.]: Monte Ávila, 1974.

3 – PREFÁCIOS DE LIVROS

S/título. In: MARIANI, G. A Questão Sexual. Rio de Janeiro: s/ ed., 1936.

S/título. In: ALMEIDA, José Américo de. A Paraíba e seus Problemas. Rio de Janeiro: [s.n.], 1937.

S/título. In: RAMOS, Artur. Loucura e Crime. Rio de Janeiro: [s.n.], 1937.

S/título. In: ABREU, M. de. Recenseamento Torácico. Rio de Janeiro: [s.n.], 1938.

S/título. In: BARRETO, J. de Barros. Mortalidade Infantil. Rio de Janeiro: [s.n.], 1938.

S/título. In: ANDRADE, Mário de. Namoros com a Medicina. Rio de Janeiro: [s.n.], 1939.

Pela Boca Morre o Peixe. ZARATINI, Z. Coquetéis Vitaminosos e Alcolóicos. Rio de Janeiro: [s.n.], 1944.

Problème d'Écologie Tropicale. In: RAMOS, Arthur. *Métissage au Brésil*. Paris: [s.n.], 1952.

S/título. In: PAULO, R. D. de Garcia. Alimentos-Composição-Valor Nutritivo e Diético. Rio de Janeiro: [s.n.], 1953.

S/título. In: d'HEROUVILLE, O. O Mercado Mundial de Cereais. Paris: [s.n.], 1955.

S/título. In: PASSERI, G. *Il pane dei Carcamano*. Florença: [s.n.], 1958.

S/título. In: ROULLET, O. *Des Enfants ont Faim*. Paris: [s.n.], 1961.

S/título. In: MONTVALON, Robert de. *Un Milliard d'Analphabètes*. Paris: [s.n.], 1963¹².

S/título. In: RUIZ, R.G. *América Latina – Anatomia de una Revolución*. Madrid: [s.n.], 1966.

S/título. In: ASTURIAS, Miguel Angel. *Latino América y Otros Ensayos*. (Somente o prólogo é de Josué de Castro). Madrid: Guadiana de Publicaciones, 1968.

S/título. In: CANALE, J. S. & MOUCHEL, J. C. *La Faim dans le Monde*. Paris: [s.n.], 1969.

S/título. In: ANGELOPOULOS, A. *Le Tiers Monde Face aux Pays Riches. Perspectives pour l'An 2000*. Paris: [s.n.], 1972.

4 – PROJETOS E RELATÓRIOS

Condições de Vida das Classes Operárias no Recife. Recife: Departamento de Saúde Pública, 1933.

et al. Relatório do Brasil à 3ª Conferência Latino-Americana de Nutrição de 1953. Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Nutrição, tomo 10, nº 1, jan/fev/mar de 1954. p. 9 a 43.

Saúde e Alimentação. (Cannes, Segunda Conferência Internacional sobre a Influência das Condições de Vida e do Trabalho sobre a Saúde, setembro de 1957). Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Nutrição, v. 14, nº 2, jul/dez de 1958. p. 153 a 162.

S/título. S/l.: Missão Ema Reh, 13 de maio de 1959.

S/título. (Relatório ao então Ministro das Relações Exteriores Horácio LAFER). Rio de Janeiro: X Conferência da FAO, 21 de janeiro de 1960.

S/título. (Pedido de doação de café do Brasil para ser empregado na campanha contra a fome). S/ref.: [s.n.], 1960.

Economic and Social Rights. Paris: Relatório Final da *Internacional Governamental Conference*, 22 de setembro de 1968.

Missão à América Central. (Visita à Costa Rica, Nicarágua, Honduras, Guatemala, El Salvador e Estados Unidos). S/l.: [s.n.], 1970.

Concernant une Action Conectée Multinationale pour la Défense de l'Écosystème Amazonien. Vincennes (França): [s.n.], junho de 1972.

Utilização de Terras nas Áreas de Monocultura Intensiva. [Projeto de Lei]. S/ref.

Define os Casos de Desapropriação por Interesse Social e Dispõe sobre sua Aplicação. [Projeto de Lei]. S/ref.

A Luta Mundial contra a Fome. S/ref.

A ASCOFAM no Brasil e suas Principais Realizações. [Relatório]. S/ref.

Desenvolvimento Econômico de Bem-Estar Social no Brasil. S/ref.

O Problema da Alimentação no Brasil. S/ref.

Resoluções Relativas a Assuntos Africanos. S/ref.

¹² Citada com o título *La Faim de Savoir*, na Revista *Terre Entière*, número 2, Paris, 1965.

Cria o Fundo Especial de Acesso à Terra e Dá Outras Providências. [Projeto de Lei]. S/ref.

S/título. [Parecer ao Ministério da Agricultura]. S/ref.

S/título. (Relacionado aos problemas alimentares da província de Cabo Verde). S/ref.

S/título. [Relatório]. Genebra: Conferência do Comitê das Dezoito Potências sobre o Desarmamento, s/d.

S/título. [Relatório com a participação de Josué de Castro]. *SI.: // Comitato Italiano, s/d.*

S/título. *SI.:* Fundação Latino Americana de Combate à Fome, s/d.

S/título. (Sobre cursos promovidos pela Escola Internacional de Verão). [Relatório]. Santiago: Universidade do Chile, [s.d.].

5 – ARTIGOS PRODUZIDOS E/OU PUBLICADOS¹³

5.1. EM LÍNGUA PORTUGUESA

A Doutrina de Freud e a Litteratura Moderna. Recife: REVISTA DE PERNAMBUCO, 1925.

Arte e Sciencia. Rio de Janeiro: s/ref, agosto de 1927.

Um Poeta Americano. Rio de Janeiro: [s.n.], 1927.

O Esnobismo, a Guerra e a Pintura. [s.l.]: DIÁRIO DA TARDE, 28 de janeiro de 1928.

O *Spleen* de Misiritão. Recife: Revista PARA TODOS, 08 de dezembro de 1928. (Crônica).

Dança de Subúrbio. [s.l.], 1928. (Crônica).

Pensamentos da Broadway¹⁴. Recife: A PROVÍNCIA, 1928.

A Arte Silenciosa. N.º II. [s.l.]: Semanário PARAMOUTH, 1928.

México – Brasil. . [s.l.]: [s.n.], 1928.

S/título. In: Cartazes. Recife: DIÁRIO DA TARDE, 26 de janeiro de 1929¹⁵.

Objetivas e Perspectivas. In: Cartazes. Recife: DIÁRIO DA TARDE, 29 de janeiro de 1929.

Cícero Dias e Kretschmer. In: Cartazes. Recife: DIÁRIO DA TARDE, 1929.

Colzas de Norte América. In: Cartazes. Recife: DIÁRIO DA TARDE, 20 de fevereiro de 1929.

S/título. [Crônica]. Recife: DIÁRIO DA MANHÃ, maio de 1929.

S/título. S/ref.: CORREIO DA MANHÃ, maio de 1929.

Renovação da Arte. Theatro Antigo, Theatro Novo. Recife: DIÁRIO DA MANHÃ, 26 de maio de 1929.

Estudos Americanos. Recife: DIÁRIO DA MANHÃ, 01 de agosto de 1929.

O Cinema e a Literatura. Recife: JORNAL DO COMMERCIO, 04 de agosto de 1929.

O Cinema e a Literatura. Recife: DIÁRIO DA MANHÃ, 04 de agosto de 1929.

¹³ Os documentos estão organizados na seguinte ordem: ano de publicação e documentos não datados.

¹⁴ É uma coluna que tem esse título na qual saem vários artigos de Josué de Castro.

¹⁵ É uma coluna que recebe esse título na qual saem vários artigos de Josué de Castro.

Maluquice e Urbanismo. [Crônica]. Recife: DIÁRIO DA MANHÃ, 1929.
 Cinema Brasileiro. Recife: DIÁRIO DA MANHÃ, 1929.
 Cinema Falado. Recife: DIÁRIO DA MANHÃ, 1929.
 A Civilização do Oriente. Recife: JORNAL PEQUENO, 1929.
 Tintas e Traços. Recife: [s/n.], 1929.
 O Chaplin-Club do Rio e o seu Jornal Puramente Cinematographico. Recife: JORNAL DO COMMERCIO, 1929.
 Agonia do Teatro I. S/ ref., 1929.
 Literatura Científica. Recife: O JORNAL, 1929.
 Escolas Cinematográficas. S/ref., 1929.
 A Revolução Mexicana vista de perto I. Recife: A PROVÍNCIA, 03 de maio de 1930.
 O Orador Público. Recife: A PROVÍNCIA, 06 de maio de 1930.
 Motivos Mexicanos. Recife: s/ref., 18 de maio de 1930.
 A Elite Brasileira. Recife: A PROVÍNCIA, 18 de maio de 1930.
 A Cozinha Moderna é uma Necessidade. Recife: DIÁRIO DA MANHÃ, 1930.
 Ensaio sobre o Leite. [Crônica]. Recife: A PROVÍNCIA, 1930.
 Metabolismo Basal e Clima. N.º II. Recife: REVISTA MÉDICA DE PERNAMBUCO, 1932.
 O Circo Britannico. Recife: DIÁRIO DA TARDE, novembro de 1933.
 Sociologia Pitoresca. São Paulo: REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1935.
 Hábitos Civilizados da Província. Rio de Janeiro: A MANHÃ, 27 de janeiro de 1935.
 O Ciclo do Caranguejo. São Paulo: A PLATÉIA, 30 de março de 1935.
 A Alimentação das Classes Operárias. Recife: DIÁRIO DA MANHÃ, 1935.
 O Folk-Lore Negro no Brasil. São Paulo: A PLATÉIA, 1935.
 Alimentação Racional do Povo – I. Rio de Janeiro: A MANHÃ, 1935.
 Alimentação Racional do Povo – II. Rio de Janeiro: A MANHÃ, 1935.
 Alimentação Racional do Povo – III. Rio de Janeiro: A MANHÃ, 1935.
 Alimentação Racional do Povo – IV. Rio de Janeiro: A MANHÃ, 1935.
 Alimentação Racional do Povo – V. Rio de Janeiro: A MANHÃ, 1935.
 Marafá. [Crônica]. Rio de Janeiro: A NAÇÃO, 25 de janeiro de 1936.
 Nossas Capitais – Recife Cidade Desigual. Rio de Janeiro: REVISTA CARIOCA, 15 de fevereiro de 1936.
 O Despertar dos Mocambos. Rio de Janeiro: DIÁRIO CARIOCA, 16 de fevereiro de 1936¹⁶.
 Introdução ao Estudo de Philosophia. Rio de Janeiro: A NAÇÃO, 23 de fevereiro de 1936.
 Mocambo: Habitação Higiênica. Rio de Janeiro: DIÁRIO CARIOCA, 08 de março de 1936.
 O Romance do Nordeste. Rio de Janeiro: DIÁRIO CARIOCA, 15 de março de 1936.
 Arte sem Tendências. S/ref., 12 de abril de 1936.
 A Poesia de Manoel de Abreu. Rio de Janeiro: A NAÇÃO, 14 de junho de 1936.

¹⁶ Também publicado em Recife, na Revista *Para Todos* em 16 de fevereiro de 1936.

O Moleque Ricardo. Rio de Janeiro: DIÁRIO CARIOCA, 01 de setembro de 1936.
Revalorização do Nordeste. Recife: DIÁRIO DA MANHÃ, 1936.
A Fraqueza dos Gigantes. Rio de Janeiro: REVISTA CARIOCA, 1936.
Banhos de Sol. S/ref., 1936.
Uma Obra de Divulgação Cultural. S/ref., 1936.
Os Preconceitos Mantidos Contra o Uso Liberal do Açúcar são Verdadeiros Tabus.
Rio de Janeiro: O JORNAL, 1936.
Independência Artística do Brasil. Rio de Janeiro: A NAÇÃO, 1936.
A Inteligência de Jorge de Lima. S/ref., 1936.
Documentário do Nordeste. S/Ref., 02 de abril de 1937.
Civilização e Clima. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 11 de abril de 1937.
Crônica de Saúde. Rio de Janeiro: A NAÇÃO, 1937¹⁷.
Geografia Científica e Filosófica. N.º I. S/ref.: Revista UNIVERSIDADE, 1938.
A Colonização Alemã no Brasil. N.º 33. Rio de Janeiro: OBSERVADOR
ECONÔMICO E FINANCEIRO, 1938.
A Luta contra a Malária. Rio de Janeiro: DIÁRIO CARIOCA, 08 de fevereiro de
1939.
Política Alimentar. SI.: A UNIÃO, 02 de abril de 1939.
Os Mocambos do Nordeste. São Paulo: O ESTADO DE SÃO PAULO, 07 de junho
de 1939.
Alimentação Racional. N.º 47, ano IV. Rio de Janeiro: OBSERVADOR
ECONÔMICO E FINANCEIRO, dezembro de 1939.
A Ciência Popular da Alimentação e a Falta de Divulgação Científica. Rio de
Janeiro: O JORNAL, 26 de julho de 1940.
Nem Anjo, nem Demônio. Rio de Janeiro: O JORNAL, 22 de setembro de 1940.
Vitamina para o Brasil. N.º 68. Rio de Janeiro: OBSERVADOR ECONÔMICO E
FINANCEIRO, 1941.
Pão de Guerra. São Paulo: Resenha Clínico-Científica, ano XII, nº 2, 10 de
outubro de 1943. p. 377 a 380.
O Regionalismo na Paisagem Cultural Brasileira. Rio de Janeiro: CORREIO DA
MANHÃ, 1944.
Indústria de Desidratação dos Alimentos. N.º 3. Rio de Janeiro: ESTUDOS
ECONÔMICOS, 1944.
O Uso Obrigatório do Sal Iodetado como Profilaxia do Bócio Endêmico. Vol. III. Rio
de Janeiro: ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO, junho de 1944.
Áreas Alimentares do Brasil. São Paulo: Resenha Clínico-Científica, ano XIV, nº 4,
abril de 1945. p. 102 a 109.
Metabolismo das Vitaminas nos Trópicos. São Paulo: Resenha Clínico-Científica,
ano XIV, nº11, 1945. p. 437 a 442.
América Indígena. Vol. V, nº 3. México: [s.n.], 1945¹⁸.
Metabolismo dos Sais Minerais nos Trópicos: Carências Minerais no Brasil. S/ref.:
MEDICINA, CIRURGIA E FARMÁCIA, outubro de 1945.
Comer e não Comer. Rio de Janeiro: A MANHÃ, 07 de novembro de 1945.

¹⁷ É uma coluna que tem este título de onde saem vários artigos de Josué de Castro.

¹⁸ Ampliado com um mapa geográfico alimentar e reeditado no *Boletim Geográfico*, 1949, n.º 65.

Metabolismo das Vitaminas nos Trópicos. N.º 11. São Paulo: Separata de Resenha Clínico Científica, novembro de 1945

O Primeiro Congresso Brasileiro de Problemas Médico-Sociais de Após Guerra. N.º 116. Rio de Janeiro: OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO, 1945.

Geografia da Fome. Separata da Revista Médico-Cirúrgica do Brasil. Rio de Janeiro: A Noite, 1946.

Um Livro que Não Foi Editado. N.º 38. Rio de Janeiro: Revista LEITURA, 1946.

O Olho de Deus. Recife: DIÁRIO DE PERNAMBUCO, fevereiro de 1948.

Fatores de Localização da Cidade de Recife (I). Recife: DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 12 de março de 1948.

Fatores de Localização da Cidade de Recife (II). Recife: DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 13 de março de 1948.

Fatores de Localização da Cidade de Recife (III). Recife: DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 23 de março de 1948.

Fatores de Localização da Cidade de Recife (IV). Recife: DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 01 de abril de 1948.

Alimentação e População. N.º 1. São Paulo: REVISTA DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, 1948.

O Espírito Geográfico na Filosofia Moderna. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 20 de fevereiro de 1949.

A Função Social da Ciência. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17 de abril de 1949.

Sonho e Realidade da UNESCO. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 24 de abril de 1949.

O Caminho da Perdição. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 15 de maio de 1949.

A Perspectiva Ideal de uma Cidade. São Paulo: CORREIO PAULISTANO, 27 de maio de 1949.

Aspirações e Deveres de uma Universidade Autêntica (I). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 05 de junho de 1949.

Aspirações e Deveres de uma Universidade Autêntica (II). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12 de junho de 1949.

A Fome: Uma Força Social que Pesa na Humanidade. Recife: JORNAL DO COMMERCIO, 09 de agosto de 1949.

Carta do Professor Josué de Castro. Recife: JORNAL DO COMMERCIO, 04 de setembro de 1949.

A Fome Mundial e o Neo-Malthusianismo. N.º 4, vol. 6. México: AMÉRICA INDÍGENA, outubro de 1949. p. 287-298.

A Luta contra a Fome. N.º 3. S/l.: REVISTA DAS NAÇÕES UNIDAS e Boletim Diplomático, 1949.

A Fome Mundial e o Neomalthusianismo. N.º 2. S/l.: SEXTO CONTINENTE, 1949.

O Problema da Alimentação na China. N.º 9-10. S/l.: PATOLOGIA GERAL, 1949.

As Raízes do Imperialismo Japonês (I). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 30 de abril de 1950.

As Raízes do Imperialismo Japonês (II). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 18 de maio de 1950.

As Raízes do Imperialismo Japonês (III). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 28 de maio de 1950.

As Raízes do Imperialismo Japonês (IV). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 11 de junho de 1950.

A História da Fome na Europa. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 09 de julho de 1950.

A Colonização Britânica nas Antilhas – I e II. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 28 de julho e 04 de setembro de 1950.

África: o Império Negro da Fome (I). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 10 de setembro de 1950.

África: o Império Negro da Fome (II). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 de setembro de 1950.

África: o Império Negro da Fome (III). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27 de setembro de 1950.

Alimentação e Nutrição na África. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 24 de outubro de 1950.

A História da Fome na Europa. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 25 de outubro de 1950.

A Europa dos Anos Decisivos. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 16 de novembro de 1950.

A Fome: Herança do Nazismo. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 21 de janeiro de 1951.

A Alemanha de Após-Guerra. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 18 de fevereiro de 1951.

O Espírito Geográfico na Filosofia Moderna. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 de maio de 1951.

Por Detrás da Cortina de Ferro. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 11 de julho de 1951.

A Seca. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1951.

Problemas de Ecologia Tropical. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17 de fevereiro de 1952¹⁹.

A Influência Holandesa na Paisagem Urbana do Recife. Rio de Janeiro: [s.n.], 1952.

Alimentação e Relações Humanas. S/ref., 1952-53.

Programa de 10 pontos para Vencer a Fome. Rio de Janeiro: MUNDO ILUSTRADO, 21 de março de 1953.

Frente Mundial Contra a Fome. N.º 3. S/ref.: Boletim da FAO, 1953.

Prefácio à Edição Popular de Geografia da Fome. Recife: JORNAL DO COMERCIO, 24 de maio de 1953.

Prognósticos da Crise Social. Recife: [s.n.], 09 de janeiro de 1955.

Crise Social e Desequilíbrio Econômico do Mundo. N.º 2. São Paulo: REVISTA BRASILIENSE, novembro/dezembro de 1955.

Pão ou Açúcar: dilema dos países subdesenvolvidos. Recife: Revista PARA TODOS, 1956.

A Estepe da Fome. (Nouvelles de Moscou). S/ref., maio de 1957.

¹⁹ Também é o Prefácio da obra de Artur Ramos, *O Problema da Mestiçagem no Brasil*.

Atualidade na China (I). Nasce do Fundo dos Séculos um Novo Espírito Criador. Rio de Janeiro: ÚLTIMA HORA, 17 de junho de 1957.

Atualidade da China (II). Tudo Parece Milagre: desde a comida à revolução social. Rio de Janeiro: ÚLTIMA HORA, 18 de junho de 1957.

Atualidade da China (III). Não vi em Pekim nem Mendigos nem Crianças com Cara de Fome. Rio de Janeiro: ÚLTIMA HORA, 19 de junho de 1957.

Impressões da Polônia. Rio de Janeiro: ÚLTIMA HORA, 22 de julho de 1957.

A Cidade do Recife. Recife: Revista PARA TODOS, setembro de 1957.

Livros que Mudaram o Mundo. Rio de Janeiro: O GLOBO, 30 de dezembro de 1957.

A Fome. N.º 1. Rio de Janeiro: Noticiário da ASCOFAM, 09 de dezembro de 1957.

A Fome. N.º 2. Rio de Janeiro: Noticiário da ASCOFAM, 01 de março de 1958.

O Cinquentenário do Professor Josué de Castro: Saúde e Alimentação. N.º 70. Recife: O MOMENTO, setembro/dezembro de 1958.

A Reforma Agrária: um Impeativo Nacional. N.º 152. Rio de Janeiro: REVISTA DO CLUBE MILITAR, 1958²⁰.

O Despertar dos Mocambos. N.º 15. Rio de Janeiro: Revista LEITURA, 1958.

Alimentação e População. N.º 17. *Sl.*: SELEÇÕES DEMOCRÁTICAS, 1958.

Enriquecimentos de Alimentos, Meta Vitoriosa da ASCOFAM. Rio de Janeiro: Noticiário da ASCOFAM, 01 de junho de 1959.

É um Ano Decisivo na Luta Contra a Fome. N.º 3 e 4. Rio de Janeiro: Noticiário da ASCOFAM, 07 de dezembro de 1959.

A Vitória da China contra a Fome. *Sl.*: ESTUDOS SOCIAIS, 1959.

A Significação Geopolítica de Brasília. Vol. 4, nº 42. Brasília: Revista BRASÍLIA, junho de 1960. p. 1.

Tragédia Alimentar do Nordeste Brasileiro. Recife: JORNAL DO COMMERCIO, 24 de novembro de 1960.

Um Prefácio à Sociologia da Fome. Recife: JORNAL DO COMMÉRCIO, 26 de fevereiro de 1961.

Desenvolvimento Econômico e a Fome no Brasil (I). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 26 de fevereiro de 1961.

Desenvolvimento Econômico e a Fome no Brasil (II). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 28 de fevereiro de 1961.

Desenvolvimento Econômico e a Fome no Brasil (III). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 03 de março de 1961.

Desenvolvimento Econômico e a Fome no Brasil (IV). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 04 de março de 1961.

Desenvolvimento Econômico e a Fome no Brasil. São Paulo: A GAZETA, 16 de março de 1961.

Desenvolvimento Econômico e a Fome no Brasil (I). Recife: JORNAL DO COMMERCIO, 26 de março de 1961.

Desenvolvimento Econômico e a Fome no Brasil (V). Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 05 de abril de 1961.

²⁰ Publicado também na Itália, pela editora Il Ponte, 1959, n.º 7-8.

O Nordeste Brasileiro: Problema Regional e Problema Nacional. In: Suplemento Especial – A integração do Nordeste. São Paulo: DIÁRIO DE SÃO PAULO, 28 de abril de 1961.

As Crianças têm Fome. Recife: JORNAL DO COMMERCIO, 14 de maio de 1961.

Uma Política de Combate à Fome na América Latina. V. 4, nº14. S/l.: REVISTA BRASILEIRA DE POLÍTICA INTERNACIONAL, junho de 1961. p. 70 a 86.

ASCOFAM no Plano Internacional e Nacional. N.º 5 e 6. Rio de Janeiro: Noticiário da ASCOFAM, 01 de julho de 1961.

O Brasil e o Mundo Afro-Asiático. N.º 36. São Paulo: REVISTA BRASILIENSE, julho/agosto de 1961.

Desarmamento e a Luta Contra o Subdesenvolvimento. S/l.: [s.n.], 1961.

O Dilema Brasileiro: Pão ou Aço. N.º 39. São Paulo: REVISTA BRASILIENSE, janeiro/fevereiro de 1962.

Israel Milagre da Ciência. S/l.: REVISTA ISTRAEL, 1963.

O Brasil Inspira Dois Documentos Históricos. S/ref., 1963.

Universidade Internacional do Desenvolvimento. Portugal: Semana Médica, 12 de outubro de 1964.

Universidade do Desenvolvimento. N.º 89, ano XXIII. Rio de Janeiro: Revista LEITURA, dezembro de 1964.

Papel da Biologia na Melhoria dos Níveis Alimentares das Regiões Subdesenvolvidas. São Paulo: Separata de Resenha Clínico-Científica, julho/agosto de 1968.

O Livro Negro da Fome. Portugal: O SEMANÁRIO, 1968.

O Ocidente contra a China. S/l.: [s.n.], dezembro de 1969.

A Integração da América Central. S/l.: [s.n.], 1970/71.

A China e o Ocidente. S/l.: CADERNOS DO SÉCULO XXI, 1971.

Só Temos uma Terra. S/l.: O CORREIO/ UNESCO, março de 1973.

Subdesenvolvimento e Poluição. N.º 1538. Portugal: Revista SEARA NOVA, dezembro de 1973.

Desenvolvimento Econômico e a Fome no Brasil (II). Recife: JORNAL DO COMMERCIO, s/d.

Uma Interpretação do Nordeste. Recife: Revista PARA TODOS, s/d.

A Colonização Britânica nas Antilhas – II. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, s/d.

Ainda os Anos Decisivos da Europa. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, s/d.

O Exemplo da China. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, s/d.

Cooperação Pacífica entre os Povos. S/ref.: ASCOFAM (mensagem), s/d.

A Luta Contra a Fome Universal. S/ref.

Intervencionismo Econômico e Nacionalismo. S/ref.

A Situação Alimentar no Mundo. S/ref.

A Conquista da Amazônia. S/ref.

Sovietização dos Estados Unidos? Intervenção do Estado na iniciativa particular Norte-Americana. S/ref.

Significação do Fenômeno Econômico Brasileiro. S/ref.

Incorporação do Agro Latino-Americano ao Século XX. S/ref.

O Problema da Alimentação no Mundo Moderno. S/ref.

O Prof. Josué de Castro e a Crítica Francesa. S/ref.

Porque sou pelo Governo Mundial. S/ref.
 Produção Pecuária. S/ref.
 O Nordeste e o Brasil. S/ref.
 Subdesenvolvimento e Fome na América Latina. S/ref.
 A Revolução Latino-Americana. S/ref.
 Compasso da China. S/ref.
 Crise Social e Desequilíbrio Econômico do Mundo. S/ref.
 O Brasil e seu Esforço de Emancipação. S/ref.
 Fome. (Possível verbete para uma Enciclopédia). S/ref.
 O Papel da ONU e da Assistência do PNUD ao Processo da Integração. S/ref.
 A Terrível Tragédia do Desenhista Thomás Perez Vasques. S/ref.
 Solo, Alimentação e Saúde. S/ref.
 A Fertilidade da Fome. S/ref.
 A Influência Negra na Alimentação do Brasileiro. S/ref.
 A Fome: A Grande Descoberta do Século XX. S/ref.
 A América Latina em 1984. S/ref.
 A América Latina em 1964: o Começo do Fim do Feudalismo. S/ref.
 Subsídios para o Discurso sobre a Batalha da Alimentação. S/ref.
 O Nordeste Brasileiro – Zona Demonstrativa da Campanha Mundial Contra a Fome. S/ref.

5.2. EM IDIOMA ESTRANGEIRO

America Libre. México: [s.n.], 1928.
The Patriot. S/ref., 1929.
Basal Metabolism in Tropical Climates. Rio de Janeiro: Arquivos de Medicina Legal e Identificação, ano VIII, nº 16, julho de 1938. p. 6 a 30.
Alimentazione et Acclimatazione Umana Nei Tropici. Milão: [s.n.], 1939.
Dietary Areas of Brazil. S/ref., 1945-1946 (?).
The Food Problems of Brasil. Vol. II, N.º 3. S/ref.: Revista NUTRITIONS, 1944.
Les Problèmes de l'Alimentation dans les Régions Tropicales. N.º 1-2-3, vol. XXXVI. S/l.: *Bulletin de la Société Scientifique d'Hygiène Alimentaire et d'Alimentation Rationnelle*, 1948.
Terre des Hommes, Terre de la Faim. N.º 38. Paris: ÉCONOMI E HUMANISME, 1948.
La Alimentacion en el Área Amazonica. N.º 2, vol. IX. México: AMERICA INDIGENA, 1949.
D'une Politique qui a Fait Faillite. S/ref., 1952.
Food Problems in the Amazon Area. Washington: XVIIth Congress International Geographical Union, 1952. p. 103-106.
Trois milliards des bouches à nourrir. N.º 45. Paris: CONSTELLATION, 1952.
The Fertility of Hunger. EUA: COLLIER'S, janeiro de 1952.
Can Chemicals Feed the Worlds? Vol. III, n.º II. S/ref.: ORGANIC FARMER, 1952.
Alerte à la Faim Qui Tue Plus d'Hommes que la Guerre! Paris: [s.n.], 26 de janeiro de 1953.
La Faim dans le Monde. Paris: LE CAHIERS ALBERT LE GRAND, outubro/novembro/dezembro de 1953.
Pax et Libertas. S/ref.: JAPAN WOMEN'S UNIVERSITY, maio de 1954.

Hunger and World Economic Inequality. Vol. I, n.º 12. Nova Delhi: Revista PEACE, agosto de 1954.

La Terre des Hommes. Paris: Revista HORIZONS, fevereiro de 1955.

El Camino de la Supervivencia de Nuestra Civilización. S/ref.: JUVENTUD DEL MUNDO, janeiro/fevereiro de 1955.

L'ONU: Tribune de la Coexistence. Paris: Revista HORIZONS, julho/agosto de 1955.

The Gamut of Hunger. Nova Iorque: A.A.V.V. *Adventures in Modern Literature*, 1956.

Libro Nero della Fame. Milão: IL CONTEMPORANEO, 09 de março de 1957.

La Faim. Paris: CORRESPONDANDE DE LA PRESSE, 18 de março de 1957.

Hungry Steppe Transformation of World Importance. S/ref.: MOSCOW NEWS, 11 de maio de 1957.

En Plein XXme Siècle Plus d'un Milliard d'Hommes Souffrent et Meurent de Faim. S/ref., 17 de abril de 1957.

Croisade Contre la Fame. Milão: IL CONTEMPORANEO, 1957.

La Nouriture et la Santé. Cannes: AMIEV, 27-29 de setembro de 1957.

La Faim. Effort de Création Internationale. N.º 20. Paris: FAIM ET SOIF, 1957.

Un Naziamericano: Lettera da Rio de Janeiro di Josué de Castro. N.º 3. Milão: IL CONTEMPORANEO, junho de 1958.

Alimentazione e Popolazione. N.º 3, ano I. Uruguai: ECONOMIA HUMANA/QUADERNOS LATINOAMERICANOS, 1958.

I problemi di Ulisse. Facc. XXX. S/ref., 1958.

Posibles Consecuencias del Desarme General. N.º 51. S/ref.: TIEMPOS NUEVOS, 1959.

Victoire sur la Faim. Número especial. Paris: Revista ECONOMIE ET POLITIQUE, janeiro/fevereiro, 1960.

El hambre, el Gran Descubrimiento del Siglo XX. N.º 10. Caracas: Revista POLITICA, 1960.

La Victoire d'Homme sur la Faim. Genebra: TRIBUNE DE GENÈVE, 27 de outubro de 1960.

Campagne Mondiale Contre la Faim. Paris: ASCOFAM, 1960 à 1965.

Hunger: the Great Discovery of the 20th Century. N.º 1. Genebra: Revista MIGRATION NEWS, janeiro/fevereiro de 1961.

La Fame nel Mondo. N.º 4. S/ref.: Revista MERCURIO, 15 de abril de 1961.

Desarrollo Económico y Lucha Contra el Hambre. N.º 5. Caracas: Revista MUNDO ECONOMICO, abril de 1961.

Le Développement Virtualités et Obstacles. S/ref.: TIERS-MONDE, outubro/setembro de 1961.

Un Homme sur Trois a Faim. N.º 29. S/ref.: L'ÉDUCATION NATIONALE, 1962.

Deux Hommes sur Trois ont Faim. (Comité Universtaire d'Information Pédagogique). Paris: Revista L'ÉDUCATION NATIONALE, 1962-63.

Un Fleau Fabriqué par l'Homme. Genebra: LA TRIBUNE DE GÈNEVE, 24 de março de 1963.

Où le Problème de la Faim Sera Resolu ou l'Humanite Perira. S/ref., 18 de março de 1963.

La Faim dans le Monde. N.º 5. S/ref.: PLANETE, 1963.

Dans la Lutte Contre la Faim, le Nord-Este du Brésil Relève le Défi. Paris: UNESCO, maio de 1963.

Le Bilan de L'Amérique Latine en 1964. Paris: LE MONDE, dezembro de 1964.

La Faim et la Paix Universelle. N.º 52. Paris: FAIM ET SOIF, 1963.

El hambre, el Medro, la Guerra. N.º 183. S/l.: INDICE, 1964.

L'Amérique Latine à l'Heure du Choix – Révolution ou Stagnations. N.º 123. Paris: LE MONDE DIPLOMATIQUE, 1964.

La Década Crucial. N.º 52. S/ref.: WAY FORUM, 1964.

La Co-existence de l'Homme avec l'Homme. N.º 09, ano 08. S/l.: Revista EURAFRICA ET TRIBUNE DU TIERS MONDE, setembro de 1964.

Formuler une Nouvelle Politique de Coopération Internationale. N.º 38-39. S/ref.: CROISSANCE DES JEUNES NATIONS, 1964.

Le Grand Partage. N.º 52. (S/ref.): WAY-FORUM, 1964.

Faim et Paix. N.º 1-2-3-4. (S/ref.): TRAVAIL SOCIAL, 1964.

La Surpopulation. S/ref., 1965.

Le Problème de la Faim dans le Monde. S/ref.: Bulletin Social des Industriels, janeiro de 1965.

Le Décalogue de la Lutte Contre la Faim. N.º 62-63. Paris: Revista FRANCE FORUM, março de 1965.

La Révolution Latino-Américaine. Bruxelas: Cercle d'Éducation Populaire, 12 de abril de 1965.

Une Jeunesse Revolutionnaire. Paris: TÉMOIGNAGE CHRÉTIEN, 27 de maio de 1965.

El Violento Drama del Hambre en América Latina. Vol. V. S/l.: Universidad Nacional de Ingeniería, maio-junho de 1965.

Amérique Latine: Les U.S.A. Démocratie Modéle, Enterrent la Démocratie. S/ref., 30 de julho de 1965.

Hora Crucial en América Latina. S/ref.: LOS 4 PUNTOS CARDINALES, 1965. p. 07.

L'Amérique Latine Sort de son Immobilisme. N.º 1. S/ref.: EURÁFRICA, 1965.

Une Nouvelle Conscience Politique Mondiale. N.º 9. S/ref.: ACTUALITÉS COMMERCE, 1965.

La Longue Plainte des Affamés. N.º 1132. Paris: TÉMOIGNAGE CHRÉTIEN, 17 de março de 1966.

La Grande Passion de l'Amérique Latine. N.º 10. S/ref.: Janus, 1966.

L'Amélioration des Plantes Contre la Faim dans le Monde. Paris: LES JOURNÉES INTERNATIONALES, 17-18 de maio de 1966.

A la Recherche de l'Amérique Latine. N.º 3. S/ref.: ESPRIT, 1966²¹.

Un Problème: Faim dans le Monde. N.º 260. (S/ref.): UNION AGRICULTURE, 1966.

Adonde va la América Latina? Dinâmica del Desarrollo; Cambios y Resistencias Sociales. Lima: [s.n.], 1966.

El Oro y América Latina. S/l.: PROPÓSITOS, 18 de maio de 1967.

²¹ O artigo é reproduzido em italiano com o título *Dove va l'America Latina?* N.º 6. S/ref.: Mercurio, 1966.

La Faim, Problème du Sous-Développement. Teerã: JOURNAL DE TEHERAN, 20 de maio de 1967.

Signification du Phénomène Économique Brésilien. N.º 31. S/ref.: TIERS-MONDE, 1967.

Des Hommes e des Crabes. N.º 261. S/ref.: DROIT ET LIBERTÉ, 1967.

L'Enciclyque et la Rrévolution Mondiale. N.º 72. Paris: FAIM ET SOIF, 1967.

Subdesarrollo y Hambre en America Latina. Santo Domingo: EL NACIONAL DE AHORA, 26 de dezembro de 1967.

Espirit Nouveau dans un Monde Nouveau. S/ref.: Simpósio Internacional Theilhard Chardin, 1967²².

América Latina: Por qué la revolución? N.º 62. S/ref.: CUADERNOS PARA EL DIÁLOGO, 1968.

Repenser le Monde. N.º 52-53. Paris: Revista CITÉS UNIES/ FÉDÉRATION MONDIALE DES VILLES JUMELLÉS SOUS L'EGIDE DU MONDE BILINGUE, janeiro de 1968.

La Formation Humaine Clé du Développement. Paris: LE MONDE DIPLOMATIQUE, 06 de março de 1968. p. 6 e 7.

A Formação Humana, Chave do Desenvolvimento. N.º 6. Madri: CUARDERNOS D. QUIXOTE, 1968.

Porqué se Subleva la Juventud. N.º 262. S/ref.: AHORA, 1968.

La Problematica del Subdesarrollo. El Hambre en los Problemas del Desarrollo. Caracas: VI Congresso Panamericano de Serviço Social, 16-22 de junho de 1968.

La Grande Crise du Tiers Monde. N.º 8. Bruxelas: Revista GÉNÉRALE BELGE, 1968.

Vivir en la Opulencia es Actualmente una Increible Temeridad. S/ref., 30 de outubro de 1968.

La Formaciòn Humana: llave del Desarrollo. Caracas: Revista ECONOMIA/ Universidade Central da Venezuela, 1968.

La Bomba H mort sur Explotar. Roma: IL GIORNO, 30 de junho de 1969.

Le Tiers Monde en l'an 2000. N.º 9. Quebec: Revista FORCES, 1969.

La Violence Peut Être une des Chances du Tiers Monde. Paris: LA PRESSE, 27 de setembro de 1969.

L'Occidente Risque d'Acculer la Chine à une Aptitude d'Hostilité Violente. N.º 189. Paris: LE MONDE DIPLOMATIQUE, 1969.

Vers la Deuxième Décennie du Développement. S/ref.: Revista CITÉS UNIES, abril/maio de 1970.

L'Amérique du Sud sur un Volcan. N.º 1-6. Paris: LE JOURNAL DE LA PAIX, 1970.

Defense de la Nueva China. N.º 261. S/ref.: INDICE, 1970.

Trouver de Quoi Manger. N.º 59. Paris: ALMANACH, 1970²³.

La Faim aux États Unies. Paris: LE MONDE, 17-18 de janeiro de 1971.

World Production and its Distribution. Vol. 184. S/ref.: Anais da New York Academy of Sciences, 07 de junho de 1971. p. 396-408.

²² Também publicado em *Univers*, n.º 5. S/ref., 1968.

²³ Prefácio à edição francesa de *Homens e Caranguejos*. Paris, 1966.

La Miséria y la Carrera Armamentista. (El siglo XX y la Paz). S/ref., janeiro de 1972.

L'Amazonie: un Patrimoine. N.º 23, 3º trimestre. S/l.: Revista L'AMÉNAGEMENT DU TERRITOIRE, 1972.

The Policy that Failed. Vol. I. S/ref.: Revista PROSPECTS, 1972.

D'une Politique qui a Fait Faillite. Vol. 11, N.º 1. S/ref.: PERSPECTIVE, 1972.

Le Tiers Monde et l'Europe. N.º 167. S/ref.: 30 JOURS D'EUROPE, 1972.

Pollutions: n.º 1 underdevelopement. N.º 2. S/ref.: SCIENTIFIC WORLD, 1973.

Una Política per il Terzo Mondo. Fasc. 2077, n.º I. S/ref.: NUOVA ANTOLOGIA, 1974.

Il Sottosviluppo. S/ref.: Revista HUMANITAS, 1974.

La Production Mondiale et sa Répartition. Paris: Université de Paris - Vincennes, s/d.

La Battaglier contro la Fame. Ano XI, V: V. Florença: PROBLEMI DI ULISSE, s/d. p. 52-57.

Fome e Liberdade. Marselha: Jornal SEMAINE, s/d.

L'Expérience de la Première Élection Transnationale. Numéro especial, n.º 10. S/ref.: MONDE UNIE, s/d.

La Faim, la Peur, la Guerre et les Idées du Papa. Paris: Revista L'ASSOCIATION FRANÇAISE DE LUTE CONTRE LA FAIM, s/d.

La Destruction du Tabou de la Faim. Vol. 2. S/l.: Revista NOUVELLE PERSPECTIVE, s/d.

La Chine existe-t-elle? ou Le Dialogue de la Chine et de L'occident. S/ref.

Desarmement et Développement. S/ref.

Enquete sur la Faim dans le Monde. S/ref.

General Disarmament and Underdevelopment. S/ref.

Disarmament and the Struggle Against Underdevelopment. S/ref.

Les Reformes Agraires et l'Expropriation des Terres. S/ref.

Ouvrir largement le Tiers-Monde à L'industrialisation. S/ref.

Devéveloppement et Structures Agraires en Amérique Latine. S/ref.

La Formation Humaine et le Problème du Sous-développement. S/ref.

The World's Most Widespread Disease. S/ref.

Un Appel à une Révolution Mondiale? S/ref.

Un Dialogue entre Civilisations: La Chine et l'Occident. S/ref.

Famine et Surpopulacion. S/ref.

L'Amérique Latine: Revolution or Stagnation. S/ref.

L'Enfant et La Faim dans Le Monde. S/ref.

La Faim: Problème Numero Un. S/ref.

Le Brasil et le Monde Afro-Asiatique. S/ref.

Le Fleau Nacional de la Faim – dernière decouverte de l'intelligentsia nord-americaine. S/ref.

L'Alimentation Tropicale. S/ref.

Le Nord-Est Bresilien, l'Amérique Latine et l'Alliance pour le Progres. S/ref.

Le Role de la Jeunesse dans la Reconstruction du Monde. S/ref.

Les Nouveaux Brontosaures. S/ref.

L'Amérique Latine et l'Or. S/ref.

Le Développement au Brésil. S/ref.

La Révolution Sociale Brésilienne. S/ref.
Le Phénomene Economique Bresilien. S/ref.

6 – POESIAS

Raça Preta. Rio de Janeiro: DIÁRIO DA MANHÃ, 1927.
Pequeno Poema. São Paulo: Revista ANTROPOFAGIA, 1928.
Poema. S/ref., 1929.
Estética Moderna. S/ref., 1929.
México. (Inédito). 29 de janeiro de 1930.
Puebla. (Inédito). 03 de fevereiro de 1930.
Noite do México. (Inédito). 08 de março de 1930.

7 – DISCURSOS, DECLARAÇÕES, REPORTAGENS, ENTREVISTAS, DEBATES, CONFERÊNCIAS, MANIFESTOS E MENSAGENS

7.1. EM LÍNGUA PORTUGUESA

Impressões do Prata I e II. Entrevista. Recife: Caravana Médica Brasileira, 1927.
Saudação aos Estudantes Mexicanos. México, 1929.
S/título. (Discurso pronunciado por ocasião da fundação da Faculdade de Filosofia do Recife). Recife, 1932.
Conferência no Instituto de Hygiene de São Paulo. São Paulo: 06 de junho de 1939.
O Problema Alimentar do Povo Brasileiro. São Paulo, Escola Normal Padre Anchieta, 06 de junho de 1939.
Os Fatores Biológicos na Marcha das Culturas. S/ref., 1939.
Política Nacional de Alimentação. Promovido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, 03 de julho de 1940.
A Decadência da Raça Humana é Conseqüência da Evolução Natural. S/ref.: Planalto, 1941.
S/título. Ao Ministro da Agricultura da Argentina, no almoço oferecido ao Diretor do Serviço da Alimentação do Brasil. S/ref., 22 de dezembro de 1942.
S/título. Para a instalação do Instituto de Tecnologia Alimentar. S/ref.: A NOITE, 09 de agosto de 1943.
Balanço Político de 1945. N.º 29. S/ref.: DIAS, 1945.
O Brasil Precisa de Imigrantes? N.º 8. S/ref.: REVISTA DO COMÉRCIO, 1946.
Duas Áreas de Fome: a Amazônia e o Nordeste. São Paulo, Biblioteca Municipal, 11 de abril de 1946.
S/título. Palestra como autor de Geografia da Fome. Rio de Janeiro: O JORNAL, 23 de março de 1947.
S/título. Referente à posse da Cátedra de Geografia Humana. Recife: JORNAL DO COMMERCIO, 18 de julho de 1948.
As Áreas Alimentares no Brasil. Rio de Janeiro, Conferência no Clube Militar, 04 de novembro de 1948.
Conferência sobre Floriano Peixoto. Rio de Janeiro, Clube Militar, s/d²⁴.
Conferência sobre o Tabu da Fome. Genebra, FAO, 1948.

²⁴ Provavelmente no ano de 1948.

Abertura da Segunda Conferência Latino-Americana de Nutrição. S/ref., 05 de junho de 1950.

Encerramento da Segunda Conferência Latino-Americana de Nutrição. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1950.

S/título. Sobre o lançamento de Geopolítica da Fome. S/l., 1951.

S/título. Referente à homenagem recebida da Academia Brasileira de Medicina Militar. Rio de Janeiro, 16 de abril de 1952.

S/título. Mensagem Radiofônica de Josué de Castro enviada ao Brasil por ocasião de sua eleição para Presidente da FAO. Genebra, 1952.

A Reforma Agrária é uma Necessidade Histórica. S/l., 22 de fevereiro de 1953.

O Combate ao Pauperismo: Arma Eficaz na Conquista da Paz Universal. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Relações Humanas, Jomal A NOITE, 20 de maio de 1953.

S/título. Conferência Geral da Organização de Alimentação e Agricultura da ONU. Genebra, 18 de novembro de 1953.

S/título. N.º 9475. Curitiba: O DIA, 21 de janeiro de 1954.

Aos Pobres Pertence o Reino da Terra. Estocolmo: Conselho Mundial da Paz, 1955.

A Coexistência Política e a Paz. Discurso pronunciado em Helsinque ao receber o Prêmio Internacional da Paz. Helsinque: [s.n.], 1955.

S/título. Nova série, n.º 11. Roma: Revista LATINA, novembro de 1955.

Fome: o Problema Fundamental da América Latina. S/l.: VISÃO, 20 de janeiro de 1956.

S/título. Sobre a visita à Polônia. S/ref., 1956.

A Fome Vai Devorar o Brasil? N.º 9. Rio de Janeiro: REVISTA DA SEMANA, 03 de março de 1956.

S/título. Sessão de Abertura do Curso de Alimentação, Nutrição e Dietética. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1956.

A Nova China, Desenvolvimento Econômico e Exigências Humanas. S/l., 28 de junho de 1957.

O Brasil Revelou ao Mundo as Cores da Fome. N.º 39. Rio de Janeiro: REVISTA DA SEMANA, 28 de setembro de 1957.

S/título. S/ref., 06 de novembro de 1957.

A China Hoje. Rio de Janeiro, ISEB, 28 de novembro de 1957.

O Nordeste é Antes de Tudo um Fraco. S/ref.: HOSPITAL, janeiro de 1958.

S/título. Sobre o dia do trabalho. Mensagem. Rio de Janeiro: [s.n.], 01 de maio de 1958.

Conferência na Assembléia Legislativa de Pernambuco. Recife, Assémbleia Legislativa, 13 de maio de 1958.

S/título. (Josué analisa a crise interna). São Paulo: A GAZETA, 06 de dezembro de 1958.

Sucessão Presidencial e Desenvolvimento Econômico. S/ref., 1958.

Operação Nordeste. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos do Brasil, 1958/9.

S/título. S/ref.: METROPOLITANO, 22 de fevereiro de 1959.

A Operação Nordeste. Rio de Janeiro: Associação de Geógrafos do Brasil, 1959.

S/título. Aos estudantes de Fortaleza. Mensagem. Rio de Janeiro: [s.n.], 16 de agosto de 1959.

O Problema da Reforma Agrária no Brasil. Rio de Janeiro: União Nacional dos Estudantes, 1959-1960.

Que Livros Têm Influenciado no Destino da Humanidade? N.º 24. S/ref.: SELEÇÕES DEMOCRÁTICAS, 1960.

A Significação Geopolítica de Brasília. Curso Extraordinário: Brasília e o Desenvolvimento Nacional. Rio de Janeiro, ISEB, 29 de março de 1960.

S/título. Pela soberania de Cuba. Mensagem. Rio de Janeiro: [s.n.], 22 de setembro de 1960.

Reunião do Jovem Mundial. S/ref., 1960.

Conferência sobre o Lançamento da Campanha Mundial contra a Fome. Genebra, FAO, 1960.

A Fome é a Vergonha do Mundo. N.º 185. Rio de Janeiro: MUNDO ILUSTRADO, 1961.

Sete Respostas para o Nordeste. N.º 8. Rio de Janeiro: MANCHETE, 1961.

Terceira Força para Combater a Guerra Fria. Rio de Janeiro: A NOITE, 06 de fevereiro de 1961.

Josué Acusa o Neo-Colonialismo dos EE. UU. pelos Alimentos para a Paz. Brasília: CORREIO BRAZILIENSE, 03 de março de 1961.

S/título. São Paulo: A GAZETA, 16 de março de 1961.

Alimentos para a Paz, apenas um bom negócio para os ianques. S/ref.: SEMANÁRIO, 25 de março a 01 de abril de 1961.

S/título. Enviado inicialmente ao então presidente Jânio Quadros sendo lido em praça pública no Rio de Janeiro e, posteriormente, enviado à Cuba. Manifesto. Rio de Janeiro, 18 de abril de 1961.

Fome e Subdesenvolvimento. Caruaru (PE), maio de 1961.

Representação do Brasil junto à ONU. S/ref., 1961.

Josué de Castro: fome é expressão biológica do subdesenvolvimento. N.º 185. Rio de Janeiro: MUNDO ILUSTRADO, 08 de julho de 1961.

Nacionalismo. Josué de Castro defende, na Câmara, a economia açucareira do nordeste. S/ref., 1961.

O Brasil na Luta Mundial Contra a Fome. São Paulo, Televisão Cultura (Canal 2), 13 de fevereiro de 1962.

Campanha Mundial Contra a Fome. Rio de Janeiro: Sétima Conferência Regional da FAO Para a América Latina, 17 a 27 de novembro de 1962.

S/título. Para a Comissão de Relações Exteriores do Senado. Brasília, 05 de dezembro de 1962.

O Problema do *Apartheid* na África do Sul. Roma: Conferência Geral da FAO, 20 de novembro de 1963.

Entrevista com Josué de Castro. Entrevista realizada com Pedro Bloch. Rio de Janeiro: Revista MANCHETE, 1963.

Conferência do Desarmamento. S/ref., 06 de maio de 1963; 27 de maio de 1963; 22 de agosto de 1963; 21 de janeiro de 1964.

S/título. Rio de Janeiro: JORNAL DO BRASIL, 22 de março de 1964.

Panorama Sócio-econômico da América Latina. S/ref., 25 de junho de 1964.

S/título. SI.: PROPÓSITOS, 03 de junho de 1965.

Visões do Terceiro Mundo. Genebra: [s.n.], 1966.

Um Homem Biologicamente Igual e Culturalmente Distinto. S/l.: A CAPITAL, 31 de março de 1970.

Josué de Castro e o Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: DIÁRIO POPULAR, 31 de março de 1970.

Josué de Castro (um Animal Pré-Atômico): Depois de uma Catástrofe só Escaparão os Caranguejos. Número 1612. Lisboa: Revista VISÃO MUNDIAL, 01 de maio de 1970. Pág. 33 a 37.

S/título. N.º 1701. S/l.: Revista SECULO ILUSTRADO, 29 de agosto de 1970.

Subdesarrollo. N.º 358. S/l.: A HORA, 21 de setembro de 1970.

O Homem Tem que Mudar. N.º 1612. Portugal: VIDA MUNDIAL, 1970.

Terra, Para Onde Vais? N.º 1521. Portugal: Revista SEARA NOVA, julho de 1972.

A Fome não é um Mal Necessário. N.º 1521. Portugal: SEARA NOVA, 1972.

Terríveis Manchas Negras Representadas por Grupos de População Subnutrida e Faminta. Recife: DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 06 de junho de 1974.

A FAO Penetrará na Essência dos Problemas Agrícolas do Mundo. S/l.: JORNAL DO DIA, 22 de dezembro de 19[?].

O Brasil e o Caso de Suez. Discussão do projeto de envio de tropas brasileiras para o Egito, de acordo com a proposição da Organização das Nações Unidas. Genebra, s/d.

Missão: Alimentos para a Paz. Discurso pronunciado no Conselho da FAO. Genebra, s/d.

Regionalismo e Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, s/d.

Abertura da 15ª Sessão do Conselho da FAO. Roma: FAO, s/d.

Brasília e o Nordeste. São Paulo: Revista SÃO PAULO, s/d.

Outra Vez Josué de Castro. S/l.: Revista INDICE, s/d.

O Nordeste Ameaçado. S/ref.

Cooperação Pacífica entre os Povos. S/ref.

Estratégia do Desenvolvimento (I). S/ref.

Estratégia do Desenvolvimento (II). S/ref.

Sobre a Política Internacional de Alimentação da FAO. S/ref.

Desarmamento e Subdesenvolvimento. S/ref.

Nutrição e Economia. S/ref.

Os Livros que Abalaram o Mundo. S/ref.

Libertemos o Mundo da Escravidão e da Miséria. S/ref.

Cooperação Pacífica entre os Povos. S/ref.

Geopolítica da Fome, Ensaios sobre os problemas de alimentação e de população do mundo. S/ref.

Conferência da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação. S/ref.

Dirigismo Econômico e Nacionalismo. S/ref.

Um Apelo para a Criação de uma Reserva Alimentar Contra a Fome. S/ref.

Abertura da Segunda Conferência Latino-Americana de Nutrição. S/ref.

A Carestia de Vida e a Batalha da Alimentação. S/ref.

A Fome: o Grande Problema Nacional. S/ref.

O Problema do Subdesenvolvimento. S/ref.

Alimentação e Defesa Nacional. S/ref.

Frente Parlamentar Nacionalista. Manifesto. S/ref.

Jornadas de Solidariedade à Cuba. Mensagem. S/ref.
 Josué de Castro – Cidadão do Mundo. S/ref.
 O Congresso de Goiânia e os Intelectuais Brasileiros. S/ref.
 A Crise Econômico-Social. S/ref.
 A ONU e a Criação de Reservas Alimentares. S/ref.
 Política Externa do Brasil. S/ref.
 O Problema da Alimentação e o Plano SALTE. S/ref.
 Fundação Latino Americana de Luta contra a Fome. S/ref.
 O Problema da Lepra no Brasil. S/ref.
 O Brasil e o Mundo Afro-Asiático. S/ref.
 A Fome Mundial – Problema Número Um. S/ref.
 Prosseguirá a Campanha Nacional de Alimentação Através da qual são Distribuídas Merenda aos Escolares. S/ref.
 O Brasil Iniciará a Produção de Proteínas Vegetais com a Colaboração das Nações Unidas. S/ref.
 Fome: a mais importante descoberta do Século XX. S/ref.
 A Fome no Brasil e no Mundo. S/ref.
 A Fome Estrangula o País e o Povo. S/ref.
 Carta dos Direitos do Homem de Libertar-se da Fome. S/ref.
 O Problema das Secas do Nordeste e o Desequilíbrio Econômico Nacional. S/ref.
 S/título. Sobre problemas brasileiros. São Paulo, Grêmio Politécnico, s/d.
 S/título. Sobre o problema do salário mínimo. Recife, Sindicato dos Bancários, s/d.
 S/título. Sobre Geografia da Fome. S/ref.: Rádio Popular de Las Palmas, s/d.
 S/título. Agradecimentos à Colaboração da ASCOFAM para o Hospital Pedro II. S/ref.
 S/título. Entrevista com Joseph Lebret. Manuscrito. S/ref.
 S/título. Sobre as perspectivas reais do desenvolvimento da Ciência no campo da Alimentação e da Agricultura. S/ref.
 S/título. Sobre a Contenção de preços dos gêneros de primeira necessidade. S/ref.
 S/título. Carta-circular do então deputado federal Josué de Castro pela formação do Bloco Parlamentar do Nordeste. S/ref.
 S/título. Em comemoração ao 90º aniversário de Sun-Yat-Sem. Mensagem. S/ref.
 S/título. Sobre o fenômeno social da seca. S/ref.
 S/título. Sobre recenseamento. S/ref.
 S/título. Sobre a crise econômico-social do Nordeste e do seu plano de desenvolvimento econômico. S/ref.
 S/título. S/ref., Conferência Brasileira de Imigração e Colonização, s/d.
 S/título. S/ref., Conferência da Campanha contra a Fome. S/ref.

7.1.1. DISCURSOS NO CONGRESSO NACIONAL

Diário do Congresso Nacional.

Rio de Janeiro: 19 de janeiro de 1951; 8 de março de 1955; 24 de março de 1955, p. 1441-1444; 21 de maio de 1955; 27 de maio de 1955; 2 de setembro de 1955; 02 de dezembro de 1955, recebe o título Desenvolvimento Econômico e Bem-Estar Social; 3 de dezembro de 1955; 24 de março de 1956, p. 1799, 1801 e 1802; 12 de agosto de 1956; 15 de novembro de 1956, p. 11240-11241; 11 de julho de

1957, p. 4707-4710; 31 de julho de 1957; 13 de dezembro de 1957; 22 de maio de 1958, p. 2207, 2679 e 2680; 7 de novembro de 1958; 8 de novembro de 1958, p. 6657 e 6658; 11 de novembro de 1958, p. 6447 e 6748; 25 de novembro de 1958, p. 7401; 11 de dezembro de 1958; 18 de março de 1959; 20 de março de 1959; 21 de março de 1959; 05 de maio de 1959, p. 1880; 7 de maio de 1959, p. 1893; 9 de maio de 1959, p. 1893 e 2119; 14 de maio de 1959, p. 2042; 22 de maio de 1959; 27 de maio de 1959; 28 de maio de 1959; 10 de junho de 1959; 17 de junho de 1959; 27 de junho de 1959; 30 de junho de 1959; 2 de julho de 1959, p. 3746; 3 de julho de 1959, p. 3816; 9 de julho de 1959, p. 3016.

Brasília: 1960, sem dia e mês, intitulado Reformulação no Panamericanismo²⁵; 6 de dezembro de 1960, p. 8973 e 8974; 9 de março de 1961, p. 1337; 11 de abril de 1961; 28 de abril de 1961; 28 de julho de 1961, p. 175; 5 de agosto de 1961; 27 de agosto de 1961, p. 6239; 29 de agosto de 1961; 6 de novembro de 1961; 17 de novembro de 1961, p. 8391; 12 de dezembro de 1961, recebe o título O Brasil na Luta contra a Fome; 3 de maio de 1962, p. 4871; 26 de novembro de 1962; 2 de setembro de 1963; 21 de outubro de 1963, recebe o título Fome: o Grande Desafio.

7.2. EM IDIOMA ESTRANGEIRO

La Scienza della Nutrizione e l'Autarchia Alimentare. N.º 2. S/ref.: L'ANTARCHIA ALIMENTARE, 1939.

Factores Biológicos da Civilização Brasileira. São Domingos: Universidade São Domingos, 1945.

Les Problèmes de l'Alimentation dans les Régions Tropicales. Vol. XXXVI, n.º 1-2-3. Paris: Société Scientifique d'Hygiène Alimentaire, 17 de outubro de 1948. p. 11-29.

S/título. Referente a posse da Catedra de Geografia Humana. Portugal: JORNAL A REPÚBLICA, 02 de novembro de 1948.

El Bienestar Social se Resume en la Alimentacion. Maracaibo (Venezuela): [s.n.], 20 de maio de 1951.

La Supuesta Pureza Latina no es Mal de Raza, es un Mal de Hambre. Maracaibo (Venezuela): DIÁRIO DE OCIDENTEe, 20 de maio de 1951.

Los Institutos de Nutricion y su Papel en la Política Nacional de Alimentacion. Venezuela, 25 de maio de 1951.

La Quadrature du Globe. Paris: LE MONDE, 01 de junho de 1952.

The Fertility of Hunger. S/ref., 1952.

Famine et Surpopulation. Paris: [s.n.], 12 de novembro de 1953.

La Anemia no es una Enfermedad de Ricos. S/ref.: EL NACIONAL, 21 de outubro de 1953.

S/título. Paris: LE FIGARO, 12 de outubro de 1954.

S/título. Roma: Conferência de la Organización de las Naciones Unidas para a Agricultura e a Alimentação, novembro de 1955.

La Geographie de la Faim comme Facteur de Déséquilibre Économique du Monde. Veneza, 13 de junho de 1955.

²⁵ Se esse discurso for anterior a 22 de abril de 1960, dia da primeira sessão do Congresso Nacional em Brasília, então o discurso foi proferido no Rio de Janeiro.

Le Monde est Menacé par le Déséquilibre entre les Nations Riches et les Nations Pauvres. S/ref.: AU SERVICE DU MONDE RURAL, 19 de novembro de 1955.

Naissance d'une Association pour Lutter contre la Faim. Paris: COMBAT, 19 de março de 1957.

La Famine ne doit pas Régner dans le Monde. S/l.: LES NOUVELLES DE MOSCOU, 28 de abril de 1957.

America Latina Vive una Revolucion con el Pueblo como Protagonista. S/l.: EL NACIONAL, 19 de maio de 1957.

Gli Sputnik Tra la Guerra e la Pace. Roma: IL CONTEMPORANEO, 16 de novembro de 1957.

Josué de Castro Engage la Lutte Conter la Faim du Monde. S/l.: INSTITUTIONS MONDIALES, novembro de 1957.

La Lutte Contre la Faim. N.º 21. S/l.: INSTITUTOS MONDIALES, 1957.

Gli Sputnik tra la Guerra e la Pace. N.º 26, série II, ano IV. Roma: IL CONTEMPORANEO, 16 de novembro de 1957.

La Famine ne doit pas Régner dans le Monde. S/l.: LES NOUVELLES DE MOSCOU, 28 de abril de 1957.

S/título. Roma: X Conferência da F.A.O., novembro de 1959.

To the Farmers of Czechoslovakia and the World. S/ref., 14 de dezembro de 1960.

Desnutricion cada Ano Mata a 40 millones de Personas. Santiago: EL SIGLO, 11 de janeiro de 1960.

El Hambre tiene una causa única: Colonialismo. N.º 4. Caracas: Revista MUNDO ECONOMICO, março de 1961.

Los Excedentes de EE. UU. Deben ser Utilizados para Fines Políticos. N.º 7. Caracas: Revista MUNDO ECONOMICO, julho/agosto de 1961.

El Colonialismo es la Causa Única del Hambre en Latinoamérica. N.º 4. S/l.: MUNDO ECONÔMICO, 1961.

Las Conquistas del Hambre. N.º 32. Bohemia: [s.n.], 1961.

Los Pueblos Preferem Guardar su Hambre con su Independência. N.º 7. S/ref.: MUNDO ECONÔMICO, 1961.

Problème de l'Amérique Latine. Genebra, Clube Americano, 20 de dezembro de 1962.

Réunion Extraordinaire pour la Proclamation du Droit de l'Homme a ne pas Avoir Faim. Roma: [s.n.], 14 de março de 1963.

Il Faut Faire la Révolution Pacifique. S/l.: TÉMOIGNAGE CHRÉTIEN, 29 de março de 1963.

S/título. Genebra, Conferência do Desarmamento, 30 de junho a 22 de agosto de 1963.

Desarmement et Lutte contre la Faim à l'age nucleaire. Genebra: [s.n.], 18 de outubro de 1963.

O Problema do Apartheid na África do Sul. Roma: Conferência Geral da FAO, 20 de novembro de 1963.

Cinquante Ans pour Apaiser la Faim du Monde. N.º 547. S/ref.: SCIENCE ET VIE, 1963.

Josué de Castro Parle des Pays Sous développés. N.º 3-4. S/ref.: ELAN, 1963.

I Problemi di Sfruttamento della Natura nei Prossimi Decenni. N.º 6. S/ref.: CIVILITÀ DELLE MACCHINE, 1963.

S/título. Entrevista de Josué de Castro sobre a Conferência Mundial sobre o Comércio e o Desenvolvimento. N.º 49. S/ref.: VIE AFRICAINE, 1964.

Armements. N.º 84-85. S/ref.: MONDE UNIE, 1964.

Allons-nous Reculer devant la Révolution Mental? N.º 240. S/ref.: PROBLÈMES AFRICAINS, 1964.

Les Autres ont Faim. S/l.: Jomal ARTS, 1-17 de janeiro de 1964.

La Coexistence de l'Homme avec l'Homme. N.º 8. S/ref.: EURAFRICA, 1964.

S/título. Conferência do Comité de Dezoito Potências sobre o Desarmamento. S/ref., 13 de fevereiro de 1964.

S/título. Genebra: Conferência Mundial sobre o Comércio e o Desenvolvimento, 21 de maio de 1964.

S/título N.º 49. S/ref.: Revista VIE AFRICAINE, julho de 1964.

Próximo Libro: Hambre y Paz. S/l.: ACCION, 20 de setembro de 1964.

Desarmament and non Alignment World. S/ref., 1964.

S/título. Discurso pronunciado no *Colloque Méditerranéen*. Roma, 06 de julho de 1964.

El Hambre, el Miedo, la Guerra. N.º 183. S/l.: Revista INDICE, 1964.

Josué de Castro: historia del hombre que inventó la palabra subdesarrollo. La Plata: EL DIA, 04 de junho de 1965.

S/título. Cidade do México: EL DIA, 23 de julho de 1965.

Declaraciones de Don Josué de Castro, presidente de la Asociación Mundial de la Lucha Contra el Hambre. S/ref.: LA MAÑANA, 04 de agosto de 1965.

El hambre se Acabará, el Hombre tiene Capacidad de Eliminare. S/ref., 04 de agosto de 1965.

Declaraciones de Don Josué de Castro, presidente de la Asociación Mundial de la Lucha contra el hambre. Valladolid: [s.n.], 06 de agosto de 1965.

Un Fenómeno Creado por el Hombre. Espanha: [s.n.], 07 de agosto de 1965.

La Década da la Emancipación. Caracas: EL NACIONAL, 16 de agosto de 1965.

La Faim et le Sous-developpment. S/ref., 1965.

La Juventud y el Mundo de Hoy. S/ref.: *Las Jornadas Europeas*, organizadas pela A.E.N.A. *Union-Par-européenne, la Diffusion Culturelle Atlantique*, 1965.

Rapport sur mon Voyage à Bruxelles. S/ref., 14 a 15 outubro de 1965.

Underdeveloppment phenomenon and its remedies. N.º 132. S/ref.: LUNEA, 1965.

L'Europe et l'Amérique Latine. Strasburgo: [s.n.], 1965.

Où en est la révolution en Amérique Latine? N.º 5. S/ref.: CAHIERS DU CENTRE D'ETUDES SOCIALISTES, 1965.

L'Éducation: Instrument de Lutte Contre la Faim dans le Monde. N.º 9. S/ref.: ACTUALITÉS COMMERCE, 1965.

Cicle Visages du Tiers-Monde. Grenoble: [s.n.], 02-08 de março de 1966.

Comité Catholique Contre la Faim. Rouen: [s.n.], 07 de maio de 1966.

Faim dans le Monde. N.º 15. S/ref.: AGRI 7 JOUTRS, 15 de abril de 1966.

La Faim dans le Monde. S/ref., 15 de abril de 1966.

Une Luer d'Espoir. N.º 42. S/ref.: SEPT-JOURS, 01 de julho de 1967. p. 23

Sobre el Centro Internacional para el Desarrollo. S/ref., 29 de novembro de 1967.

Après la Conférence d'Alger. N.º 12. S/ref.: JEUNE AFRIQUE, 1967.

La Science et la Faim. N.º 6. S/ref.: RAISON PRESENT, 1967.

Premiers Délégués au Congrès des Peuples: Josué de Castro et Jeanne Hasle. S/ref., 1967.

Le Problème de la Faim Peut Être et les Structures Sociales Actuelles. Montreal: LA PRESSE, 08 de junho de 1968.

L'Homme à l'Âge Atomique une Nouvelle Conscience Politique Internationale. N.º 2. Bruxelas: Revista UNIVERS/ ENERGIES, 01 de setembro de 1968.

S/título. N.º 5, publicação anual. Bruxelas: *Société Teillard de Chardin*, 12 de setembro de 1968.

Por qué se Subleva la Juventud. Madri: PUEBLO, 29 de outubro de 1968.

J'ai Peur pour L'Amérique. S/ref., 1968.

S/título. N.º 93. S/ref.: Revista CHRÉTIENNE DE CULTURE, 1968²⁶.

Ma Génération est Perdue. S/ref., 1969.

J'ai Peur de l'Explosion de Colère des Affamés. S/l.: ARTS, 7 de janeiro de 1969.

S/título. S/l.: L'ORIENT, 28 de agosto de 1969.

Michel Butor et Josué de Castro Nommés Professeurs Associés. Paris: LE FIGARO, 29 de setembro de 1969.

Geographie de L'Alimentation et de La Faim. Vincennes: [s.n.], 1969.

La faim. N.º 59. S/l.: POURQUOI?, 1969.

L'Occident Risque d'Acculer la Chine à une Attitude d'Hostilité Violente. Paris: LE MONDE DIPLOMATIQUE, 11 de dezembro de 1969.

Estratégia Global Del Desarrollo y Las Perspectivas del Tercer Mundo. S/ref., 07 de maio de 1970.

S/título. S/l.: Revista FEDERATION MONDIALE DE VILLE, junho de 1970.

Vivimos en una Epoca de Explosiones. México: PUEBLO, 01 de agosto de 1970.

S/título. Manuscrito. Portugal: [s.n.], 1970.

World Production and Distribution. Nova Iorque: [s.n.], 1970.

S/título. Discurso na Conferência O Homem Biológico no Ano 2000. Lisboa, Sociedade de Geografia, 1970.

Citoyenneté du Monde et Révolution Mondiale. Conferência. Paris: Associação dos Cidadãos do Mundo, 1970.

Al Tecer Mundo no le Basta el Desarrollo Tecnológico. S/ref.: 1970.

Tenemos que Hacer de los Niños Hombres Capaces de Sobrevivir al Cambio que Sufre la Naturaleza. S/l.: TRIBUNA MÉDICA, 16 de abril de 1971.

S/título. Discurso pronunciado no Quinto Congresso Internacional da AMIEVE. Havana, abril de 1971.

Federalism and Universal Planning. How is an effective and desirable world order possible? EUA: simpósio da *World Society*, 1971.

Josué de Castro habla. Portugal: TRIBUNA MEDICA, 1971.

S/título. Sessão inaugural. Cuba: V Congresso da Associação Médica Internacional para o Estudo das Condições de Vida e Saúde, 01 de janeiro de 1972.

La Surpopulation est un Faux Problème. N.º 1408. S/ref.: LES INFORMATIONS, 02 de maio de 1972.

Devéveloppement et Environnement. Nice: [s.n.], 04 de maio de 1972.

²⁶ Aqui Josué explica sua obra e seus propósitos.

La surpopulation est un faux problème. N.º 1408. S/l.: LES INFORMATIONS, 8 de maio de 1972.

Un Falso Problema. N.º 312. S/l.: Revista INDICE, 1972.

Una Voz del Tercer Mundo. N.º 508, ano XXVII. S/l.: Revista TRIUNFO, 24 de junho de 1972.

Des Tâches: Lutte Contre la Pollution, Donner un Sens à la Croissance, Prévoir une Autorité Mondiale. N.º 55-56. S/ref.: TERRE ENTIERE, 1972.

Faut il Limiter la Croissance? N.º 168-169. S/ref.: 30 JOURS D'EUROPE, 1972.

Adonde vá el Mundo? N.º 312. S/ref.: INDICE, 1972.

Josué de Castro en Caracas: la población del subdesarrollo és la de los estómagos vacíos. S/l.: EL NACIONAL, julho de 1972.

S/título. Discurso pronunciado no Sexto Congresso Internacional da AMIEVE. Havana, 1972.

Europe Meeting Club. Bruxelas: [s.n.], 13-15 de abril de 1976.

La Faim et la Paix: le développement et le désarmement. Paris: Conferência de Paris, s/d.

J'ai Peur de l'Explosion de Colère des Affamés. S/l.: Jomal ARTS, s/d.

Nadie Sabe Nada Sobre el Desarrollo. S/l.: EL NACIONAL, s/d.

Pas de Sécurité Politique sans Équilibre Économique. N.º 57. Paris: FAIM ET SOIF, s/d.

La Faim, la Peur, la Guerre et les Idées de Papa. S/l.: L'ASSOCIATION FRANÇAISE DE LUTE CONTRE LA FAIM, s/d.

Déclaration de Josué de Castro après Élection ou Congrès des Peuples. N.º 10. S/ref.: MONDE UNIE, s/d.

Josué de Castro e il Piano Verde. Itália: [s.n.], s/d.

La Geografía del Hambre. Santiago do Chile: [s.n.], s/d.

Problematics of Third World Development and Environnement. S/ref.

Le Problème de la Faim dans le Mond. S/ref.

Man and Hunger. S/ref.

L'Alimentation et la Santé. S/ref.

Science on the Struggle Against Hunger. S/ref.

Fighting Famine With a World Food Bank. S/ref.

La Révolution Latino-Américaine. S/ref.

La Tecnologia Agrícola y Alimenticia debe ser Patrimonio Común y Libre de Todos los Pueblos. S/ref.

Tactique des O.N.G. dans le Droit Economiques et Sociaux de L'Homme. S/ref.

Hunger in the World: problem number one. S/ref.

Disarmament and Développement. S/ref.

La Victoire de la Chine Contre la Faim. S/ref.

La Lutte Contre la Faim. S/ref.

To the Atomic Generation. S/ref.

El deseo de emancipación económica y la lucha contra el neo-colonialismo. S/ref.

Unidad y diversidad de America Latina. S/ref.

El hambre y el sub-desarrollo en America Latina. S/ref.

La Dinamica del Desarrollo en America Latina: Cambios y Resistencias Sociales. S/ref.

El Hambre y el Sub-desarrollo. Para quatro conferências. Venezuela: [s.n.] e s/d.

Conditions de Vie, Santé et Développement Économique. S/ref.
Debat sur l'Amérique Latine. S/ref.
Science et Faim: analyse scientifique des contributions aux solutions. S/ref.
Geography of Despair. S/ref.
Colloque sur la Condiçtion Humaine en Amérique Latine. Manuscrito. S/ref.
El Control de la Natalidad és un Aparataje Publicitario y la América Latina debe Poblarse. S/ref.
Une Mobilisation Mondiale contre la Faim. S/ref.
Josué de Castro: Du tourisme Qui coûte cher. S/ref.
Josué de Castro: entre el Hambre y la Verdad. S/ref.
El Geógrafo del Hambre. S/ref.
Josué de Castro: las dudas de un pacifista. S/ref.
Shcema du Raport sur le Milieu et l'Alimentation de l'Homme. S/ref.
Prospective du Tiers-Monde. S/ref.
Repenser le Monde. S/ref.
Le sol et la mer. S/ref.
Afirma Josué de Castro: Venezuela Há Mejorado su Situación, pero está Lejos de Ser un País Ideal. S/ref.
 S/título. Entrevista com André Prinaud. N.º 943. S/l.: Revista L'ASSOCIATION FRANÇAISE DE LUTE CONTRE LA FAIM, s/d.
 S/título. Como presidente do *Centre International pour le Développement.* Paris, s/d.
 S/título. S/l.: Jomal POLITIKAL, Agência de Notícias TANJUNG, s/d.
 S/título. S/l.: Jomal PORQUOI?, s/d.
 S/título. México: JORNAL EXELCIOR, s/d.
 S/título. S/l.: Revista Soviética, s/d.
 S/título. Manuscrito. Venezuela: [s.n.] e s/d.

8 – OBRAS INACABADAS E/OU PLANEJADAS

Survivre ou Périr Ensemble ou *Viver ou Périr Juntos.*
*Fome e Paz*²⁷.
 Estados Unidos: País Subdesenvolvido.
 A Estepe da Fome.
 Geografia do Desespero²⁸.
 O Desafio das Memórias Irreprimíveis.
 Biologia e Desenvolvimento.

²⁷ Livro que seria escrito em 1961, mas que ficou apenas como título de um artigo que se encontra no livro *Os Últimos Escritos de Josué de Castro*.

²⁸ O índice desse livro constitui-se em:

Prefácio. I. Diversidade e Unidade da América Latina: a entrada da América Latina na cena mundial. II. A Paisagem Humana do Desespero: demografia, sociologia e economia da América Latina.